



Departamento de Ciência Política e Política Públicas

Bairro, identidade, interacção:
Um olhar etnográfico sobre o Centro Social do Bairro 6 de Maio

Rita do Carmo Alves Figueirinhas

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Estudos Africanos

Orientadora:
Doutora Maria da Graça Índias Cordeiro, Professora Auxiliar com Agregação,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Junho, 2011

AGRADECIMENTOS

São imensas as pessoas a quem quero agradecer e que tornaram, de alguma forma, possível a realização desta dissertação.

As minhas primeiras palavras de agradecimento têm de ir, forçosamente, para as Irmãs Missionárias Dominicanas do Rosário que muito me ensinaram desde a minha estadia em Moçambique, a quem admiro verdadeiramente e com quem vou manter laços eternos de amizade, reconhecimento e apreço... Se elas não se tivessem cruzado no meu caminho não teria, provavelmente, frequentado este mestrado, nem realizado esta dissertação... agradeço-lhes por tudo o que são, pela sua entrega aos outros, pelo seu trabalho fantástico em Moçambique, na Venda Nova e por esse mundo fora...

Em particular à Irmã Deolinda, amiga fiel, prestável, disponível e preocupada, a ela devo a minha paixão pelo Bairro 6 de Maio e pela comunidade cabo-verdiana e a sua cultura... pelo incondicional apoio que me deu, pelo seu grande contributo para esta investigação, pela atenção, pelo carinho, pela relação que temos vindo a construir e pelo grande testemunho de vida...

Aos habitantes do Bairro 6 de Maio, aos funcionários e utentes do Centro, ao grupo de jovens, a todas as pessoas com quem conversei, que entrevistei, que me apoiaram e confiaram em mim, me receberam e acolheram na sua vida, no seu espaço, no seu quotidiano, por tudo o que me transmitiram e ensinaram...

À minha orientadora Graça Índias Cordeiro, pela simpatia, pelas palavras amigas que sempre me dirigiu, pelo incentivo e motivação que sempre me deu, pela confiança que depositou em mim, pela paciência, pela experiência e conhecimento que me transmitiu, pelas excelentes orientações, pela pessoa e profissional extraordinária que é, enfim, por tudo...

Ao Tiago Figueiredo pela disponibilidade em filmar a Festa do Padroeiro/Independência de Cabo Verde e em ceder essas imagens...

À minha “priminha”, às minhas “âmidas” do coração e aos meus colegas (e amigos) de trabalho, que ouviram os meus desabafos, as minhas angústias, me incentivaram e estiveram meses a fio a ouvir falar da tese, mostrando sempre o seu interesse pelo meu trabalho, contribuindo com ideias e sugestões, enfim, partilhando comigo cada fase do trabalho... em especial às amigas que fizeram a revisão do texto...

Ao meu noivo por todo o amor, paciência, tolerância, carinho e palavras de incentivo e de força que, ao longo destes dois anos e meio de mestrado sempre me dirigiu, especialmente neste fase da escrita da tese em que o tempo disponível para nós nem sempre foi o que gostaríamos... por toda a sua dedicação e apoio, por se ter tornado meu assistente de investigação em inúmeras circunstâncias...

À família e, em particular, aos meus pais que me educaram, contribuíram para a construção da pessoa que sou hoje, me apoiaram sempre em todos os momentos da minha vida e me ensinaram a lutar pela concretização dos meus sonhos...

E àquele meu “Amiguinho” especial, que sempre esteve presente na minha vida e, neste momento de trabalho e dedicação a esta investigação, não foi excepção...

... A todos o meu sincero Obrigado...

RESUMO

Esta dissertação de mestrado baseia-se numa abordagem etnográfica do Centro Social do Bairro 6 Maio, localizado no bairro que lhe dá o nome e dirigido pela congregação das Irmãs Missionárias Dominicanas do Rosário. O ponto de partida desta investigação foi as dinâmicas identitárias que ali se produzem e a influência que o Centro Social tem na sua construção. Os seus habitantes, na sua maioria de origem cabo-verdiana, vivem num habitat muito precário, associado a inúmeros problemas económicos e sociais, contudo, muitos manifestam uma ligação positiva ao seu espaço residencial. Esta investigação procurou mostrar as duas faces da moeda, desconstruindo estereótipos e preconceitos, salientando o papel do Centro não só na resposta às necessidades básicas da população, como também na estruturação da sua identidade cultural, através dos projectos e actividades (cíclicas e de rotina) que desenvolve. É particularmente importante o seu trabalho junto dos jovens, na medida em que procura apostar e capacitar jovens líderes, que possam ser exemplos positivos na comunidade. A esse propósito são aqui destacados vários casos de sucesso, integração e mobilidade social. O Centro Social surge, assim, como a instituição de referência do bairro, uma entidade que congrega as pessoas, procura promovê-las e capacitá-las; o Centro, o bairro e os seus habitantes são uma tríade que se funde e confunde, abraçando uma identidade assente nesta interacção.

Palavras-chave: cultura cabo-verdiana, identidade, sentimento de pertença, bairro, interacção local, jovens, *agency*.

ABSTRACT

This masters dissertation is based on an ethnographic approach to Centro Social do Bairro 6 Maio (a Social Centre), named after the district where it is located and which is run by the Irmãs Missionárias Dominicanas do Rosário (a Dominican Congregation of Missionary Sisters). This investigation draws from the dynamics of identity that are produced there and the influence that the Social Centre has in its construction. Its inhabitants, mostly of Cape Verdean origin, live in a very precarious habitat, associated with numerous social and economic problems. However, many show a positive place attachment. This research aimed to show both sides, deconstructing stereotypes and prejudices, pointing out the role of the centre not only in the basic needs of the population, but also in the structuring of its cultural identity, through projects and activities (cyclical and routine) it develops. It is particularly important their work with young people, as it seeks to bet on and bring awareness to young leaders, which can be positive examples in the community. Accordingly we draw attention to several cases of success, integration and social mobility. The Social Centre thus appears as the reference institution of the neighborhood, an entity that brings people together, tries to promote them and to train them, the centre, the district and its inhabitants are a triad that blends and mixes, embracing an identity based on that local interaction.

Key words: cape-verdean culture, identity, place attachment, neighborhood, local interaction, youth, *agency*.

ÍNDICE

Agradecimentos.....	v
Resumo.....	vii
Índice de Quadros.....	xi
Índice de Figuras.....	xiii
Índice de Fotografias.....	xv
Glossário de Siglas.....	xvii
Introdução.....	1
Justificação do tema.....	1
Objecto de estudo e organização narrativa.....	2
Percurso metodológico.....	5
Capítulo 1. O Bairro 6 de Maio – contextualização.....	9
1.1. Processos de globalização.....	9
1.2. Emigração cabo-verdiana para Portugal.....	9
1.3. A fixação dos imigrantes cabo-verdianos em “bairros de lata”.....	12
1.4. O Bairro 6 de Maio.....	14
Capítulo 2. O bairro entre a visão diabolizante e a visão romântica.....	21
2.1. O gueto.....	21
2.1. O bairro-aldeia.....	27
Capítulo 3. Centro Social do Bairro 6 de Maio: um “porto de abrigo”.....	31
3.1. A chegada das <i>Irmãs</i> ao bairro e o nascimento do Centro Social.....	31
3.2. Organização do espaço físico e dos recursos humanos.....	34
3.3. As actividades de rotina do Centro.....	35
3.3.1. Apoio à infância.....	36
3.3.2. Formação.....	37
3.3.3. Apoio Social.....	40
3.3.4. Grupo de Ajuda Fraternal e Feira da Roupas.....	41
3.3.5. Grupo de Idosos “Tesouros de Vida”.....	43
3.3.6. Grupos de Missão, Catequese e Rituais Religiosos.....	44
3.3.7. A música e a dança.....	47
3.4. As actividades cíclicas do Centro.....	48
3.4.1. Semana Africana.....	49
3.4.2. Festa do Padroeiro/Independência de Cabo Verde.....	50
3.4.3. Peregrinação Africana a Fátima.....	54
3.5. A relação de interacção entre o Centro e o bairro.....	56
Capítulo 4. Os “meninos” do Centro.....	61
4.1. O carácter dinâmico, múltiplo e flexível da identidade.....	62
4.2. A construção da identidade dos filhos dos imigrantes cabo-verdianos.....	63
4.3. Casos de sucesso e mobilidade social.....	67
4.4. Do Conselho de Bairro ao Projecto das Memórias – Os modelos do bairro.....	71
Notas Conclusivas.....	77
Bibliografia.....	81
Outras fontes.....	84
Sítios.....	84
Anexos (A, B e C).....	I
CV.....	XIX

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro A.1. Lista das Parcerias do Centro Social do Bairro 6 de Maio.....	I
Quadro A.2. Actividades de Rotina do Centro Social do Bairro 6 de Maio.....	II
Quadro A.3. Actividades da Semana de África – Ano Lectivo 2009-2010.....	III

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig.1.1. Freguesias do Concelho da Amadora.....	15
Fig.1.2. Mapa dos bairros “degradados” da freguesia da Venda Nova.....	16
Fig.B.1. Planta do Bairro 6 de Maio.....	IV
Fig.B.2. Organigrama Funcional do Centro Social do Bairro 6 de Maio.....	VII
Fig.B.3. Convite para a Festa do Padroeiro/Independência de Cabo Verde.....	VIII

ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS

Fotografias C.1-6. Passeio pelo bairro.....	IX
Fotografias C.7. Espaço Cultural.....	X
Fotografias C.8-11. O exterior do Centro Novo.....	X
Fotografias C.12-14. O pátio.....	XI
Fotografias C.15-17. O interior do Centro Novo.....	XI
Fotografias C.18-21. Capoeira.....	XII
Fotografias C.22-24. Feira da Roupa.....	XII
Fotografias C.25-28. Tesouros de Vida.....	XIII
Fotografias C.29-30. Grupo de Missão.....	XIII
Fotografias C.31-32. Missa dos 50 anos de Congregação da Ir. Isabel.....	XIV
Fotografias C.33-34. Desfile de Traje Africano.....	XIV
Fotografias C.35-36. Dia do Batuque.....	XIV
Fotografias C.37-38. Reunião do Grupo de Festas.....	XV
Fotografias C.39-42. Celebração Eucarística da Festa do Padroeiro/ Independência de Cabo Verde.....	XV
Fotografias C.43-46. Almoço e tarde cultural da Festa do Padroeiro/ Independência de Cabo Verde.....	XVI
Fotografias C.47-50. Peregrinação Africana.....	XVI
Fotografias C.51. Placard “Memórias do meu bairro”.....	XVII
Fotografias C.52-54. Almoço do Grupo do Nuno.....	XVII

GLOSSÁRIO DE SIGLAS

IMDR - Irmãs Missionárias Dominicanas do Rosário

AML - Área Metropolitana de Lisboa

IPSS - Instituição Particular de Solidariedade Social

PER - Programa Especial de Realojamento

ATL - Actividades de Tempos Livres

AJPAS - Associação de Jovens Promotores da Amadora Saudável

UNIVA - Unidade de Inserção na Vida Activa

PSP - Polícia de Segurança Pública

DGEA - Direcção Geral de Educação de Adultos

ONG - Organização Não Governamental

PIDAC - Programa de Investimentos e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central

ACIDI – Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural

INTRODUÇÃO

Justificação do tema

Foi no início do ano 2006 que, após a defesa da minha tese de licenciatura em Sociologia, decidi dar um rumo diferente à minha vida de jovem recém-licenciada. Antes de ingressar no mercado de trabalho, decidi procurar uma entidade através da qual pudesse realizar uma experiência de voluntariado num país africano concretizando, assim, um sonho antigo.

Foi nessa busca, que descobri as Irmãs Missionárias Dominicanas do Rosário (IMDR), as quais me acolheram no Projecto “Ntwanano”¹, em Moçambique, um país da costa oriental da África Austral, onde as *Irmãs*² têm várias comunidades, há cerca de 50 anos. Uma dessas comunidades fica situada nas Mahotas, um bairro rural da periferia de Maputo.

Foi efectivamente essa comunidade que me acolheu durante 9 meses e a ela me dediquei de alma e coração, realizando com empenho as minhas funções na área da educação/animação, inseridas no contexto do Centro Social Flori. Trata-se de uma instituição criada pelas *Irmãs* em 1994, com o objectivo de prestar apoio social à população do bairro, apostando essencialmente na promoção da mulher, por ser bastante vulnerável na sociedade moçambicana. Pretende ajudá-la a tomar consciência das suas capacidades e da sua dignidade, reduzir o índice de malnutrição de alguns bebés do bairro e arredores, trabalhar na redução do analfabetismo, dando prioridade à mulher e aos adolescentes em situação de risco ou pobreza.

Esta experiência de voluntariado teve um impacto enorme na construção da minha personalidade, na minha identidade e na percepção do que queria fazer no futuro. A ligação que criei com Moçambique, com as *Irmãs* e com a população das Mahotas foi de tal forma forte que voltei em 2008 para concretizar um outro projecto, mas de curta duração (1 mês).

A verdade, é que para além da indescritível experiência humana e lição de vida que este projecto me proporcionou, dei comigo a analisar aquela comunidade sob um outro prisma, através de um olhar mais profundo e de uma enorme curiosidade, própria da formação académica que tive...

Foi a passagem por este país que me despertou o interesse e a paixão pelos Estudos Africanos e me levou a inscrever neste mestrado, envolta na vontade de compreender melhor

¹ Expressão que em ronga, dialecto utilizado na província de Maputo, significa “Solidariedade”.

² Será assim que, doravante, me referirei às IMDR, uma vez que é o termo usado localmente pelas pessoas, tanto no Bairro das Mahotas (Maputo, Moçambique) como no Bairro 6 de Maio (Amadora, Portugal).

a realidade social deste continente e de perceber que estratégias de desenvolvimento podem, efectivamente, melhorar as suas condições de vida.

Entretanto, a minha ligação às *Irmãs* foi-se fortalecendo cada vez mais, o meu respeito por elas tornou-se cada vez mais elevado e o meu interesse nos seus projectos também. Daí que, no âmbito da cadeira de Pesquisa de Terreno tenha aproveitado para explorar o seu trabalho com uma comunidade cabo-verdiana na Área Metropolitana de Lisboa (AML).

Foi, então, no contexto do Centro Social do Bairro 6 Maio – uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) dirigida por esta congregação –, localizado no bairro que lhe dá o nome, na Freguesia da Venda Nova, Concelho da Amadora, que desenvolvi um exercício exploratório, realizado através de uma abordagem etnográfica. Tal como em Moçambique, as *Irmãs* desenvolvem um trabalho constante com a população do bairro, buscando o seu desenvolvimento e capacitação.

Dada toda esta vivência, não tinha dúvidas que a minha tese de mestrado se centraria no trabalho das *Irmãs*, numa das comunidades em que elas se encontrassem inseridas. Moçambique seria uma possibilidade, mas as restrições pessoais e financeiras eram algumas, nomeadamente a impossibilidade de me ausentar do país durante um longo período de tempo, como a metodologia etnográfica exige. Assim, quer pela impossibilidade de estudar um país africano, quer porque me deu um imenso prazer realizar o trabalho da cadeira de Pesquisa de Terreno, decidi dar-lhe continuidade e estudar uma comunidade africana em Portugal.

Objecto de estudo e organização narrativa

A escolha do objecto de estudo desta dissertação surgiu, portanto, de um contexto muito pessoal. A verdade é que, tal como refere José Carvalheiro,

“(…) toda a pesquisa em ciências sociais tem também alguma coisa de autobiográfico, no sentido de que a escolha de um objecto deve sempre algo ao perfil e ao percurso do próprio investigador, que põe determinado tema no âmbito dos seus interesses.” (Carvalheiro, 2008: 15)

Assim sendo, na linha de uma longa tradição de estudos clássicos sobre bairros que, sobretudo na Sociologia e na Antropologia, contribuíram para a descoberta de alguns dos processos complexos que fazem ‘cidade’ (Whyte, 2005 [1943]; Gans, 1962; Hannerz, 2004 [1969], entre outros), do recente interesse renovado por uma temática inesgotável, atendendo à acelerada mutação da sociedade contemporânea (Authier *et al*, 2006) e de alguns estudos que em Portugal têm começado a desbravar este terreno (Cordeiro, 1997; Fernandes, 1998; Costa, 1999; Antunes, 2002; Cachado, 2008), optei por avançar para uma investigação etnográfica do Bairro 6 de Maio, como estudo de caso. O ponto de partida foi a riqueza

analítica deste bairro, do ponto de vista das dinâmicas identitárias que ali se produzem e a influência que o Centro Social do Bairro 6 de Maio tem na sua construção.

Entre 1950 e 1970 assistiu-se a uma explosão demográfica na Amadora, originada por um intenso movimento migratório (capítulo 1). Apesar de este trabalho não incidir propriamente sobre a questão da imigração, considero-a um espaço de construção de referências que permite desvendar alguns processos sociais de construção da identidade. Procurei, assim, fazer um enquadramento acerca da imigração cabo-verdiana em Portugal, dos bairros que a acolheram, nomeadamente, na AML e, claro, do Bairro 6 de Maio, objecto de estudo desta investigação. Procurei, portanto, contextualizar a história da formação do bairro, perceber a sua dinâmica social, descrever as suas características mais importantes (habitacionais, económicas e sociais), bem como da população que o habita.

Avançando pelas ruas tortuosas do bairro, é fácil perceber que os seus habitantes vivem num *habitat* muito precário, o que leva a uma imagem exterior extremamente negativa. No entanto, percebi que a vontade de muitos dos seus habitantes é permanecer no bairro, manifestando uma atitude bastante positiva em relação a esse espaço, facto que me surpreendeu bastante. Comecei, então, a questionar-me: Por que motivos isto acontece? De onde nascem os fortes sentimentos de pertença a este espaço? Por que é tão forte a identidade cultural que une as pessoas deste bairro? Como é que estas produzem e reproduzem, criam e recriam a identidade neste contexto específico?

Da discussão destas questões surgiram duas visões do bairro (capítulo 2):

1) a visão negativa, assente na segregação sócio-espacial, na exclusão e marginalização da população (o bairro não faz parte dos roteiros turísticos da cidade da Amadora, pelo contrário, aconselha-se a evitá-lo, estando esta visão na origem de estereótipos que ocasionam, frequentemente, atitudes de medo, xenofobia e racismo) – noção de gueto e bairro degradado;

2) a visão positiva, assente na identidade de bairro, no sentimento de pertença e espírito comunitário que lá se vive – noção de bairro-aldeia.

Preocupadas com estas questões sempre estiveram as *Irmãs*, chegadas ao bairro nos anos 70, quando iniciaram um projecto social de grande relevância com a população. Procurei, assim, perceber a orgânica e história da Congregação, saber como chegaram as *Irmãs* a este bairro e como nasceu o Centro Social. Foi nesta fase que percebi que a história do Centro se funde com a história do bairro e mais, que a história do bairro se conta através do Centro. Surgem, então, aqui novas questões: que dinâmicas de comunicação, negociação e interação se estabelecem entre o Centro e o bairro? Como é que um influencia o outro e vice-

versa? No fundo, esta interacção acaba por ser o grande objecto de estudo desta dissertação, a qual é discutida ao longo de todos os capítulos.

De facto, tendo em conta as carências e problemas sociais da maioria da população do bairro, o Centro Social não só tem procurado solucioná-los, funcionando como alicerce na vida dos seus habitantes, contribuindo para melhoria da sua qualidade de vida e integração social, como assume um papel central e de extrema importância na estruturação da identidade cultural das pessoas, através dos projectos e actividades que desenvolve (capítulo 3).

Nesta fase do trabalho mergulha-se na descoberta do Centro propriamente dito, na descrição e análise de tudo o que ouvi, vi e senti e na reflexão sobre tudo o que descobri, desbravando um terreno que se avizinhava cada vez mais amplo e mais rico. Procuo, então, dar conta do trabalho da instituição, quer no que respeita às suas actividades de rotina, quer no que respeita às actividades cíclicas, e responder à questão: como é que o Centro, através das suas actividades, alimenta esta identidade positiva em relação ao bairro?

Através da análise das actividades do Centro e do entendimento do que estava “por de trás” dessas mesmas actividades, foi possível descortinar muitos dos problemas sociais que a população do bairro atravessa e realçar o trabalho que este grupo de *Irmãs* realiza, investindo numa metodologia de desenvolvimento participativo, isto é, trabalhando pelas pessoas, para elas e com elas, procurando valorizá-las e promovê-las.

É esse o trabalho que as *Irmãs* têm procurado fazer com a população em geral, e com os jovens, em particular (capítulo 4). Num bairro onde a droga e o desemprego são uma realidade, as *Irmãs* acreditam que

...é preciso compreender os jovens e criar as condições para que estes possam prosperar, apostar na sua formação e procurar modelos que possam ser exemplos positivos de vida comunitária, conselheiros na vivência de fé e na educação dos mais novos. (Ir. Deolinda, 26/04/2010).

Neste sentido, muitas vezes, os grupos informais funcionam como uma alavanca importante para a produção de uma identidade positiva. Procurarei, desta forma, explorar o papel dos líderes e modelos para uma maior harmonia e desenvolvimento da comunidade, perceber como é que estes criam e recriam a identidade neste contexto específico, que estratégias desenvolvem e que desafios se colocam à sua integração na sociedade.

As questões persistem: qual a importância do Centro e das *Irmãs* na vida destes jovens e de que forma o projectam para fora do bairro? Como é que no meio de tanta adversidade, de todo este contexto com uma carga tão negativa, estes modelos positivos continuam a existir no bairro? Há pessoas que vivem da droga e do Rendimento Social de Inserção mas também há quem trabalhe honestamente, há jovens delinquentes mas também há jovens a tirar cursos

superiores, a dar o exemplo a outros jovens e a servir de modelos! Como é que eles conseguiram resistir ao dinheiro fácil? Onde estão esses jovens? O que fazem? De que forma influenciam outros? Que processos de mobilidade social estão aqui em causa?

Em suma, esta investigação procura discutir o conceito de identidade, salientando a sua natureza dinâmica e múltipla, algumas dimensões relevantes para a construção identitária e questionar o Centro Social enquanto veículo de expressão de sentimentos identitários positivos, com repercussões efectivas na vida das pessoas.

Percurso metodológico

Ao pretender explorar todo um conjunto de dimensões da realidade social no contexto específico do bairro e da sua relação com o Centro, o presente estudo assumiu uma metodologia de carácter qualitativo, assente na pesquisa de terreno.

Para além de “pesquisa de terreno” são usadas outras expressões para designar este estilo de pesquisa, tais como “trabalho de campo”, “estudo de caso”, “estudo de comunidade”, “métodos qualitativos”, “etnografia” e “observação participante”, termos que apesar de não serem sinónimos se referem a uma mesma perspectiva sobre a realidade.

Este tipo de método “(...) supõe, genericamente, a presença prolongada do investigador nos contextos sociais em estudo e contacto directo com as pessoas e as situações.” (Costa, 1986: 129) No caso deste estudo, a minhas incursões ao bairro e ao Centro iniciaram-se, como já referi, no âmbito da Cadeira de Pesquisa de Terreno, em Outubro de 2009 e terminaram já no decorrer da dissertação, em Novembro de 2010, pelo que completei um ano de presença no local. Tenho a consciência que foi pouco tempo para compreender todos os fenómenos que fui observando e descobrindo, no entanto, ficaram as pistas para uma próxima investigação, mais intensa e de presença mais prolongada no terreno.

Assim, na primeira fase do trabalho de campo, realizei algumas visitas ao Centro, procurando participar em actividades diversificadas e inseridas nas diferentes áreas de actuação do Centro: 1) Reuniões com a Ir. Deolinda; 2) Missa dos 50 anos de Congregação de uma das Irmãs; 3) Grupo de Missão; 4) Entrevistas com os funcionários do Centro e Passeio pelo bairro; 5) Capoeira e Feira da Roupas; 6) Tesouros de Vida; 7) Conselho de Bairro. Na segunda fase acompanhei actividades, reuniões, eventos e festas importantes no contexto do bairro: 1) Conselho de Bairro; 2) Reuniões com a Ir. Deolinda; 3) Semana Africana; 4) Reuniões da Comissão de Festas; 5) Festa do Padroeiro/Independência de Cabo Verde; 6) Peregrinação Africana a Fátima; 7) Almoço com o grupo de jovens. A escolha das festas como janela de observação definiu-se, assim como uma estratégia de pesquisa, pois através da

análise de situação, assente nesta cultura expressiva, foi possível perceber um conjunto de imagens culturais que afirmam a sua singularidade e a sua identidade própria.

Devo referir que, “entrar” neste lugar foi uma tarefa relativamente fácil, pois o facto de já conhecer as *Irmãs* foi uma mais-valia e o acesso ao terreno foi, assim, mais facilmente assegurado. Todo o processo da minha integração foi muito mais rápido por esse motivo, contribuindo também em muito para conquistar a confiança das pessoas. Todos me receberam muito bem sempre que me deslocuei ao Centro para fazer entrevistas, participar nas actividades, recolher informações e documentos, enfim, foram muito cordiais e hospitaleiros, sempre dispostos a contribuir, aliás, faziam de tudo para que me sentisse em “casa”. Um exemplo disso foram alguns convites que os funcionários me fizeram para almoçar no refeitório do Centro, assumindo que eu já fazia parte do “staff”.

De acordo com Burgess (1997), um requisito apontado às abordagens qualitativas no terreno é, precisamente, a criação de climas de confiança, que passam pela aptidão do investigador para transmitir sinais de empatia. Esta foi, sem dúvida, uma estratégia de aproximação que procurei desenvolver ao longo de toda a pesquisa e que me foi bastante útil, na medida em que permitiu lançar pontes e estimular discursos. Mas isso não seria possível sem ajuda da Ir. Deolinda que sempre me introduziu em todas as actividades em que participei, como sendo uma velha amiga que tinha estado como voluntária numa comunidade das *Irmãs* em Moçambique, o que pareceu dar-me alguma credibilidade.

Além de me abrir as portas ao bairro e da comunidade, a Ir. Deolinda foi a minha grande “informante privilegiada”, isto é, constituiu-se como uma interlocutora entre mim e o bairro, sendo a pessoa com quem contactei mais intensamente e de quem obtive informações a que não poderia ter acesso directo de uma outra forma. Com ela estabeleci várias abordagens de cariz informal, falando várias vezes, por telefone, *e-mail* e pessoalmente, questionando, conversando, partilhando opiniões e desabafos. As nossas conversas foram de tal forma importantes que, muitas das informações por ela fornecidas, serviram-me de mote para escolher abordagens e para me orientar no caminho que esta pesquisa estava a trilhar, isto é, com o tempo, passou de informante-chave para colaboradora da pesquisa.

A Ir. Deolinda conhece o bairro como a palma da mão e as pessoas pelo nome, não tivesse ela vivido tantos anos naquele lugar. Entrou na congregação em 1962 em Castelo Branco e chegou ao bairro em 1986, sendo que a sua permanência no 6 de Maio foi apenas interrompida no tempo em que foi Coordenadora Provincial (entre 1993-1999 e 2003-2009). Quando o mandato terminava assumia novamente a sua função de Directora do Centro, a qual teve desde 86 e mantém actualmente, acumulada com o cargo de vice-presidente.

Assim, não tendo de passar por grandes dificuldades de inserção no terreno, a minha interacção com o meio foi também facilitada. Sobre a importância da interacção entre pesquisador e pesquisado William Foote Whyte³ (2005 [1943]), teceu algumas considerações importantes, nomeadamente que as informações que o investigador obtém dependem do seu comportamento e das relações que este desenvolve com o grupo estudado.

A pesquisa de tipo etnográfico exige, portanto, que o investigador esteja disposto a interagir com os indivíduos e com os grupos nas situações que se vão sucedendo no quotidiano, de forma a não só descrever aquilo que acontece, como também a compreendê-lo. É necessário ser um verdadeiro *insider* no contexto do grupo que se está a estudar, acabando inclusivamente por interferir no próprio campo de práticas e relações sociais que se estão a observar. Foi este princípio que procurei perseguir, tentando não me limitar a observar, na verdade, procurei construir uma etnografia colaborativa e verdadeiramente participativa assumindo, no fundo, o processo de investigação-acção.

De facto, o etnógrafo, ao interagir com as pessoas e lançar-lhes perguntas pode, efectivamente, fazer com que estas pensem e verbalizem sentidos, se detenham sobre aspectos das suas vivências com os outros, se interroguem sobre a sua identidade social, estimulando a sua reflexividade enquanto cidadãos. Para isso, é muito importante aceitar as pessoas como elas são, não fazendo julgamentos morais sobre elas e procurando mostrar essa aceitação. Em todas as actividades em que participei e pessoas com quem conversei procurei mostrar, precisamente, o meu interesse e respeito por elas.

As entrevistas semi-estruturadas que previra acabaram por se tornar abertas, conversas informais, partindo de dois ou três tópicos que achei importantes, seguindo o caminho que as próprias pessoas lhe davam, suscitando novas questões. Mais do que perguntar, escolhi ouvir o que lhes apetecia dizer, permitindo que falassem abertamente, respeitando os seus próprios quadros de referência. Para Whyte (2005 [1943]: 303-304), as entrevistas formais são, até, muitas vezes desnecessárias, sendo que a observação participante implica saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos, é preciso aprender quando perguntar e quando não perguntar, assim como que perguntas fazer na hora certa.

³ Foi na década de 1930 que o autor pesquisou uma área pobre e degradada da cidade de Boston, onde morava. Tratava-se de um bairro italiano, conhecido como um dos *slums* mais perigosos da cidade e sobre o qual circulavam várias ideias preconcebidas e estigmatizantes. O seu livro – *Sociedade de Esquina: A Estrutura Social de uma Área Urbana Pobre e Degradada* – constitui hoje um verdadeiro guia da observação participante em sociedades complexas. (Valadares, 2007: 153)

Tive a oportunidade de conversar informalmente com alguns dos participantes nas actividades. Estas entrevistas/conversas revelaram-se bastante ricas e através delas pude não só apreender informação como também sentimentos, preocupações, estados de espírito, etc. “Pode dizer-se que a pesquisa de terreno é, em boa medida, a arte de obter respostas sem fazer perguntas. As respostas obtêm-se no fluxo da conversa informal e da observação directa, participante e continuada.” (Costa, 1986: 138)

É ainda importante referir que optei por utilizar os nomes verdadeiros dos entrevistados, obviamente com o seu consentimento, até porque o facto de escondê-los ou dar-lhes nomes fictícios poderia levar a um sentimento de injustiça ou de falta de reconhecimento e valorização do seu contributo para esta investigação.

Para o registo de toda a informação, resultante das entrevistas e das observações, bem como de todas as visitas e reuniões, assumiu especial importância a realização do Diário de Campo, o qual fui constantemente actualizando. Este processo foi fundamental para a sistematização da informação, até porque algumas partes das notas de terreno foram utilizadas directamente no texto final, nomeadamente, excertos de conversas que se constituíram como resultados e não apenas como dados brutos dos registos de observação.

Mas a verdade é que o pesquisador deverá ir muito além dos simples relatos e descrições, a sua tarefa requer imaginação e criatividade o que, para mim, foi um desafio muito interessante e compensador. Procurei conjugar a linguagem da experiência com a linguagem da teoria, cruzando-as ao longo dos capítulos, o que me permitiu objectivar e racionalizar o que observei e descobri durante o trabalho de campo. Neste contexto, consultei registos localmente produzidos (documentos, livros, relatórios, fotografias, imprensa escrita, *sites*, entre outros), bem como bibliografia teórica e metodológica de referência na área em que me propus estudar. Glaser e Strauss (1967, *cit in* Fernandes, 2003: 24) consideram, inclusivamente, que “não é possível ser-se etnógrafo sem uma relação intensa com a escrita. O texto é um ponto de fixação das realidades que os órgãos dos sentidos captaram – mas é também o lugar da construção do seu significado sócio-cultural (...).”

Posto isto, e tendo consciência que esta é apenas uma micro-etnografia, apresento uma investigação que não tem a pretensão de ser mais do que isso, a reflexão sobre uma pequena fatia de uma realidade complexa e abrangente, mas que procura contribuir para o aprofundamento do seu conhecimento e compreensão, para a desmistificação de estereótipos e preconceitos associados a um bairro onde ninguém deseja passar perto e deixar pistas para uma próxima investigação.

CAPÍTULO 1. BAIRRO 6 DE MAIO – CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1. Processos de globalização

Graças aos processos de globalização, à evolução e expansão global das novas tecnologias de transportes e de comunicações que aproximam os países e as pessoas, sustentam redes sociais e alargam as perspectivas de emprego temos assistido, nos últimos anos, a uma intensificação dos movimentos migratórios internacionais. Por esse motivo, as sociedades actuais constituem-se, cada vez mais, como espaços de encontro multicultural.

Até mesmo Portugal, tradicionalmente um país de emigração, habituado apenas às culturas regionais que interagem no espaço nacional, se tornou, nos últimos trinta anos, um país de imigração. Com a instauração do regime democrático, a descolonização e a entrada na União Europeia, passou a ser um espaço onde convivem traços culturais muito distintos.

A comunidade mais numerosa e que atravessa verticalmente todos os estratos sociais e profissionais da sociedade portuguesa é, sem dúvida, a cabo-verdiana. Dada esta relevância da presença dos cabo-verdianos em Portugal, torna-se muito pertinente perceber o contexto histórico e social em que estes processos ocorreram.

1.2. Emigração cabo-verdiana para Portugal

A emigração é, de facto, um dos fenómenos mais antigos e estáveis da história de Cabo Verde e um elemento estruturador da sua cultura. Enfrentando forças bastantes desfavoráveis ao nível económico (falta de acesso à propriedade da terra, agricultura de subsistência, pecuária incipiente, ausência de estruturas económicas de base, fome, baixos salários), demográfico (crescimento demográfico) e climatérico (secas), muitos cabo-verdianos foram seduzidos por boas ofertas de trabalho, melhores salários e condições de vida, partindo para outros países. Como refere Carreira (1983:38 *cit in* Barbosa, 2006:25) o cabo-verdiano é “um eterno emigrante que busca em terra estranha aquilo que a sua lhe nega sistematicamente.”

Ora não há dúvidas que a história migratória dos cabo-verdianos os une a Portugal, para onde se dirigiram ainda no século XVI ou XVII, migração essa que persistiu ao longo de séculos. No século XX, a imigração cabo-verdiana orientou-se sobretudo para a Europa, sendo que Portugal se assumiu como o primeiro e o de maior fluxo dos destinos europeus. Na segunda metade do século podem distinguir-se três períodos no contexto desta imigração:

- 1) *anterior a 1974*, incluindo os fluxos migratórios ocorridos nos anos 60;
- 2) *entre 1974 e 1979*, período pós-independência das colónias portuguesas;

3) *anos 80*, quando ocorre um novo crescimento da imigração. (Machado, 1994; Saint Maurice, 1997; Barbosa, 2006; Carvalheiro, 2008; Góis, 2008a)

O primeiro período é constituído pelo primeiro contingente de população cabo-verdiana que começou a chegar à metrópole, nos anos 60, quando Cabo Verde era ainda uma colónia. Nesta altura, uma parte significativa da força de trabalho portuguesa foi atraída pelo desenvolvimento industrial que ocorreu depois da II Guerra Mundial em países como França, Alemanha e Luxemburgo. Enquanto muitos portugueses emigraram, outros foram enviados para a guerra colonial, ao mesmo tempo que a economia portuguesa crescia aceleradamente, tornando necessária a construção de novas e grandes infra-estruturas.

Por estes motivos, Portugal encontrava-se perante alguma escassez de mão-de-obra barata e indiferenciada, pelo que iniciou uma política activa de recrutamento, nomeadamente, no interior do seu império colonial. Deste modo, muitos trabalhadores cabo-verdianos chegaram a Portugal contratados como mão-de-obra de substituição, inserida no sector mineiro, da construção civil e obras públicas (construção do metro, de estradas, abertura de valas para a rede eléctrica, telefone e água, construção da periferia urbana de Lisboa, etc.)

Uma vez instalados, os primeiros trabalhadores, concentrados maioritariamente na AML, passavam palavra aos seus “patrícios” em Cabo Verde sempre que mais trabalhadores eram precisos. Criou-se, assim, uma migração em cadeia que levou ao rápido crescimento do número de trabalhadores cabo-verdianos imigrantes, muitos deles camponeses, analfabetos e sem falarem português. Por isso mesmo, e também devido à precariedade, informalidade e risco profissional característicos do sector da construção civil, muitos destes imigrantes laborais acabaram por mergulhar numa situação de vulnerabilidade à exclusão social.

O segundo período de imigração cabo-verdiana sucede entre 1974 e 1979. Com o 25 de Abril de 1974, a independência de Cabo Verde e das outras colónias portuguesas em África (Angola, Guiné, Moçambique e São Tomé), ocorreu um repatriamento de cabo-verdianos dessas ex-colónias, incluído no movimento de retorno de milhares de portugueses aí residentes. Nas palavras de Fernando Luís Machado (1994: 113) este fluxo migratório foi composto por «retornados» não-brancos, cabo-verdianos provenientes das ex-colónias, onde ocupavam cargos públicos e exerciam diversas tarefas administrativas ligadas ao exército colonial português, à administração colonial e aos seus serviços.

Assim, dadas as suas qualificações, estes imigrantes integraram-se em Portugal principalmente na administração pública ou em funções ligadas à saúde, tendo a maioria optado pela nacionalidade portuguesa. Aliás, na sequência da independência das ex-colónias, procedeu-se à modificação nas leis da nacionalidade portuguesa e à criação de leis de

nacionalidade de cada um dos novos países independentes (Góis, 2008a: 14). Também este grupo de imigrantes se concentrou na AML, aproveitando a rede de suporte formada por conterrâneos já instalados, apesar de ter alcançado melhores condições que o primeiro.

O 3º período inicia-se nos anos 80, marcando uma nova fase na imigração portuguesa, em que Portugal, sem ter deixado de ser país de emigração, se tornou também país de imigração. Nesta fase, que ainda decorre, são retomadas as migrações laborais que tinham sido interrompidas com a independência de Cabo Verde, assistindo-se a um forte predomínio de fluxos internacionais de trabalho, a processos de reagrupamento familiar e a um equilíbrio entre os sexos. No entanto, Portugal não tem sido apenas um ponto de chegada, mas também, um ponto de partida para a comunidade cabo-verdiana, isto é, tem funcionado como plataforma redistributiva de mão-de-obra para outros Estados da União Europeia. Para além da imigração laboral, também se tem assistido ao número crescente de estudantes que tem vindo para Portugal com o intuito de adquirir uma formação superior ou técnico-profissional.

Na opinião de Góis (2008a: 17), os migrantes cabo-verdianos que pertencem às diferentes fases migratórias, inserem-se de forma semelhante no mercado de trabalho e possuem pouca mobilidade laboral concentrando-se, essencialmente, em dois sectores de acordo com o sexo: os homens no sector da construção civil e obras públicas, as mulheres no sector das limpezas industriais e/ou domésticas. Assim, a partir desta tradição de imigração desqualificada, resultando depois em mão-de-obra barata, muitos imigrantes cabo-verdianos vivem situações de grande precariedade socioeconómica, muitas vezes agravada pela perda da nacionalidade portuguesa e por situações de indocumentação.

Na falta de uma moldura legislativa, os imigrantes viam-se impossibilitados de exercer os seus direitos cívicos, como votar por exemplo, os seus direitos laborais, de acesso à habitação, entre outros. Face a esta situação, e depois de uma fase em que o Estado português aparentemente ignorou o «problema de imigração» que se vivia no país, o mesmo pôs em prática um processo de legalização para muitos imigrantes clandestinos, adoptando uma política severa de contenção de imigração, concertada a nível da União Europeia e consagrada no acordo de Schengen⁴. Hoje, pode-se dizer que a questão da imigração entrou plenamente no discurso e na agenda pública em Portugal, contudo, são muitos os imigrantes que continuam a viver em situações de marginalização e exclusão social, como veremos a seguir.

⁴ Sobre este acordo consultar: http://europa.eu/legislation_summaries/justice_freedom_security/free_movement_of_persons_asylum_immigration/l33020_pt.htm

1.3. A fixação dos imigrantes cabo-verdianos em “bairros de lata”

Ao chegar a Portugal, o grosso da fileira laboral de imigrantes cabo-verdianos instalou-se em aglomerados precários, nascidos ainda nos anos 70, na AML. A maior parte destes trabalhadores começou por viver em barracas que as empresas de construção montavam nos próprios locais de construção, ou em zonas da cidade de Lisboa onde existiam pensões baratas e velhas, nomeadamente, no eixo S. Bento-Estrela e nas paralelas da Almirante Reis.

Aos poucos, e à medida que a família chegava de Cabo Verde, começaram a mudar-se para os “bairros de lata” da periferia (Amadora, Sintra, Oeiras e Almada), bairros suburbanos, progressivamente conotados como “clandestinos”, “degradados” e “perigosos”, onde a maior parte da comunidade imigrante cabo-verdiana ainda vive.

Nesta altura, a crise estrutural da agricultura portuguesa, o aprofundamento das relações de produção capitalista, o surto de industrialização e o início do processo de terciarização das actividades económicas nas cidades, levaram ao aumento da pressão demográfica sobre os centros urbanos. Foi na AML que este fenómeno mais se fez sentir, acolhendo grandes fluxos migratórios internos provenientes das zonas rurais do país, sobretudo do interior centro e sul, o que levou a uma progressiva desertificação das regiões do interior e, conseqüentemente, a grandes assimetrias regionais. Face a este *boom* demográfico, a população da cidade começou a ultrapassar os seus limites concelhios e a procurar o seu local de residência nas periferias, onde as rendas eram mais acessíveis.

A progressiva ocupação habitacional periférica do centro de Lisboa está, assim, relacionada com a escassez verificada no mercado habitacional, aliada à especulação imobiliária na capital, o que levou a um crescimento desgovernado nas periferias, onde se começaram a desenvolver os bairros clandestinos, uma espécie de sub-mercado ilegal, ao qual a população menos favorecida economicamente tinha acesso. Tratava-se de famílias desprovidas de meios para aceder a um alojamento dentro dos padrões clássicos, com baixos níveis de instrução e qualificação profissional, com empregos precários e remunerações extremamente baixas.

Inseridos neste contexto de precariedade económica, grande parte dos imigrantes cabo-verdianos acabaram por apropriar-se gratuitamente de terrenos junto de antigas estradas militares, locais onde a construção se podia realizar sem despertar o interesse das autoridades locais. À medida que foram chegando, construíram habitações próprias, diferentes umas das outras, aproveitando todos os espaços disponíveis, onde construíam as suas “barracas” com materiais trazidos dos estaleiros de construção em que trabalhavam. As “barracas” de madeira e chapa de zinco canelado rapidamente deram lugar a “barracas” de cimento e quando o

espaço faltava construía-se um “anexo”, mas continuavam a faltar as condições mínimas de habitabilidade e conforto. Na verdade, assistia-se à densa e caótica ocupação do espaço, sobre-ocupação das casas, falta de infra-estruturas básicas (esgotos, água e electricidade) e ausência de equipamentos colectivos⁵.

Mas a questão económica não foi o único motivo que levou os imigrantes cabo-verdianos a ocupar os “bairros de lata”. Muitos também o fizeram devido ao racismo das famílias portuguesas “brancas”, que, frequentemente, se recusavam a alugar quarto a “pretos”. De acordo com Luís Batalha, (2008: 30) as dificuldades que tinham em falar português e o facto de serem “pretos” reafirmou o estereótipo que muitos portugueses da “metrópole” tinham do “preto africano”: alguém que vivia em África, “incivilizado” e “sem religião” e, por isso, inferior. Confundiam “classe” com “raça”, isto é, ao invés, de verem os imigrantes como “camponeses analfabetos”, viam-nos como “pretos”, uma representação que os colocava socialmente abaixo dos próprios camponeses portugueses. Assim, inicialmente os trabalhadores cabo-verdianos não foram bem aceites pela população local, que os olhava com alguma desconfiança, tal como aconteceu com os ciganos um pouco por todo o país. O clima de segregação fazia com que muitos cabo-verdianos convivessem muito mais entre si do que com a população “branca”.

A verdade é que, para muitos, a chegada a Portugal representou uma experiência difícil, de adaptação a um país totalmente desconhecido, não só pelas dificuldades económicas, pela separação da família, como também pelo isolamento e pelo confronto negativo com o modo de vida português. Por isso mesmo, a instalação em “bairros de lata” foi, também, uma decisão consciente, reconhecendo que aí podiam ficar juntos, formar redes de solidariedade e cooperação, ter as suas hortas e reproduzir o mundo rural de Cabo Verde. Nos bairros, era possível manter o conceito de família alargada, que abrangia parentes, próximos e afastados, e amigos íntimos que recebiam os novos imigrantes que chegavam, para os quais, muitas vezes já tinham um emprego «conversado». E se no início vinham, sobretudo, homens solteiros ou casados que deixavam a família em Cabo Verde, mais tarde, as mulheres e filhos começaram a chegar, quando os homens já estavam instalados e sabiam que iriam ficar por um período longo, mais longo do que muitos, inicialmente, haviam planeado.

⁵ Sobre este processo, num bairro semelhante e contíguo ao 6 de Maio – o Bairro Estrela d’África – ver Marina Antunes (2002).

1.4. O Bairro 6 de Maio

O Bairro 6 de Maio, nascido precisamente no contexto atrás descrito, situa-se num dos concelhos da periferia de Lisboa, onde se concentra a maior parte dos imigrantes cabo-verdianos a residir em Portugal – a Amadora.

No fim do séc. XIX, com a construção do caminho-de-ferro, a Amadora passou a ter ligação directa com o centro de Lisboa e a receber novos habitantes, a ponto de em 1920, 67% da população ser oriunda de outras regiões. (Centro Social do Bairro 6 de Maio, 2009: 5)⁶ A Amadora atraía não só migrantes internos como também muitos imigrantes, o que a tornou muito rica do ponto de vista étnico-cultural.

A proximidade da capital sempre influenciou a vida desta região, mas tal facto nunca foi tão evidente como a partir da década de 70. Entre 1950 e 1970 assistiu-se a uma explosão demográfica na Amadora, originada por um grande movimento migratório, atraído pela criação de novos postos de trabalho nas indústrias e serviços, pela melhoria das infra-estruturas de transporte e a electrificação da linha de caminho-de-ferro. Porém, esta não é a única razão de tal crescimento, ele também aconteceu devido à própria expansão de Lisboa, já referida anteriormente, que não teve capacidade de absorver o aumento demográfico, à especulação imobiliária que nela se fazia sentir, contribuindo para o desequilíbrio entre a oferta e a procura de habitação e, conseqüentemente, para o processo de construção de génese ilegal na Amadora.

Este crescimento é bem visível nos dados demográficos disponíveis. Assim, em 1961 a Amadora tinha 50 000 habitantes, passando para mais do dobro no início dos anos 70, em que se contavam 115 000 habitantes (Antunes, 2002: 96). Em 2001, a Amadora tinha 175 872 habitantes, uma área total de 23,8 km², sendo a sua densidade populacional de 7 393 habitantes por km² (Câmara Municipal da Amadora, 2001c: 6).

O concelho continuou, então, a ser terra de acolhimento de inúmeras comunidades estrangeiras, entre as quais se destacam as guineenses, angolanas, santomenses, cabo-verdianas e, mais recentemente, imigrantes oriundos dos países do Leste, do Brasil, China,

⁶ Grande parte dos dados estatísticos sobre a Amadora e a Venda Nova, usados nesta dissertação, foram cedidos pelo Centro Social do Bairro 6 de Maio ou retirados da colectânea *Amadora XXI*, elaborada pela Câmara Municipal da Amadora, cuja fonte utilizada foi o Recenseamento Geral da População e Habitação, 2001 – INE, uma vez que os dados do novo censo ainda não foram trabalhados. É também de referir que as estatísticas oficiais existentes ao nível da imigração deixam de fora os fluxos clandestinos e que, muitas vezes, os números variam consoante as fontes pelo que, neste sentido, não foi possível uma análise objectiva e precisa. Além disso, a inexistência ou escassez de dados ao nível da freguesia ou do bairro também dificultou a análise.

entre outros. De acordo com o Recenseamento da População e Habitação de 2001, 76% da população estrangeira residente no concelho da Amadora eram imigrantes provenientes dos PALOPs (Câmara Municipal da Amadora, 2001c: 36).

Desde 1997 que o Concelho da Amadora é composto por 11 freguesias: Alfovelos, Alfragide, Brandoa, Buraca, Damaia, Falagueira, Mina, Reboleira, Venteira, Casal de São Brás e Venda Nova, sendo esta última aquela onde se situa o bairro objecto de estudo desta investigação.

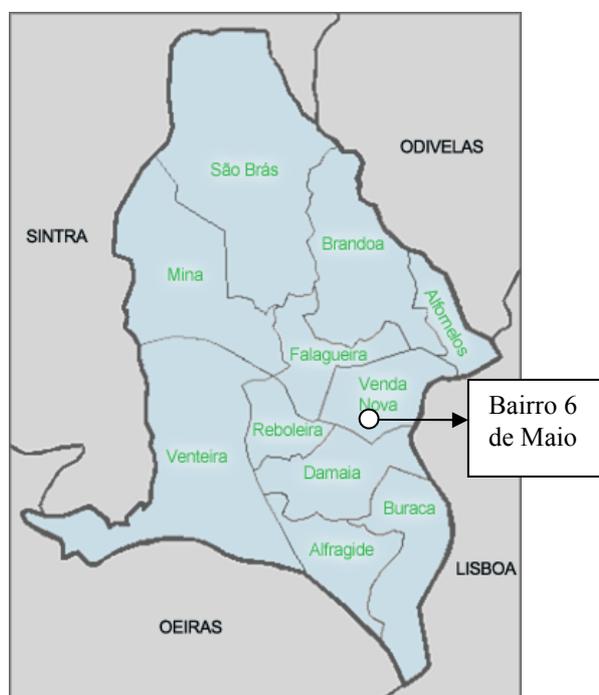
Esta é a mais recente freguesia do Concelho da Amadora, criada nas autárquicas de 1997, e que resultou na fragmentação da freguesia da Falagueira-Venda Nova, dando origem a duas freguesias.

A freguesia da Venda Nova⁷ ocupa uma área de cerca de 120 hectares. Quanto ao número de habitantes a estimativa é de 11.334 e a densidade populacional é de 94,5 habitantes por hectare. (Câmara Municipal da Amadora, 2001c: 15)

Apesar de ser uma das áreas mais desenvolvidas do Concelho ao nível das actividades económicas (indústria, comércio e serviços), trata-se de uma freguesia que tem vários bairros ditos problemáticos. De acordo com Marina Antunes (2003: 145), trata-se de um *continuum* de bairros de *habitat* precário, habitualmente designados como “degradados”, que, neste caso, abrange os bairros Estrela d’África, 6 de Maio, Fontainhas e Bairro Novo das Fontainhas, os quais separam Lisboa da Amadora.

O Bairro 6 de Maio situa-se, precisamente, à saída de Benfica na direcção da Amadora, entre o bairro das Fontainhas⁸ e o Estrela de África, estendendo-se ao longo da Estrada Militar em direcção à estação de comboios da Damaia.

Fig.1.1. Freguesias do Concelho da Amadora

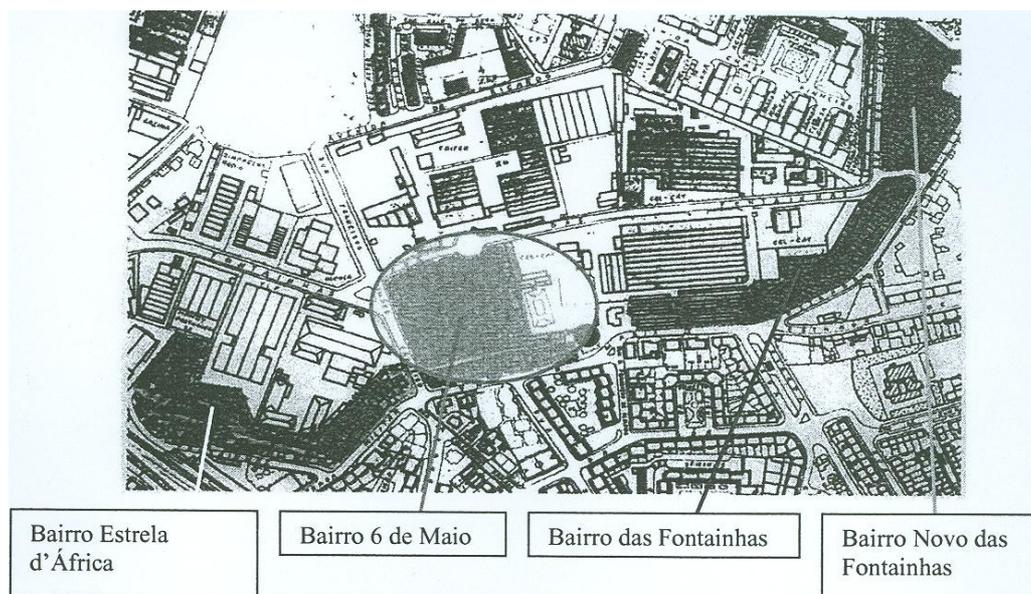


Fonte: <http://www.cm-amadora.pt>

⁷ O nome da freguesia vem de uma loja ou venda (estabelecimento comercial), existente num povoado com poucos fogos, que se avistava à saída das Portas de Benfica, ainda no século XIX. (Antunes, 2002:81)

⁸ O bairro das Fontainhas, bem como os bairros Novo das Fontainhas e Azul, desapareceram devido à construção da CRIL. A população que ali se encontrava sofreu um processo de realojamento, conduzido pela Câmara Municipal da Amadora, principalmente para o Casal da Boba, na freguesia de

Fig.1.2. Mapa dos bairros “degradados” da freguesia da Venda Nova



Fonte: Centro Social do Bairro 6 de Maio

É neste bairro que a evolução para o alojamento «abarracado» se tem verificado em maior escala, caracterizado por um elevado nível de degradação, como pude verificar logo nas minhas primeiras visitas ao bairro. Foram a Ir. Mafalda, ainda antes de eu partir como voluntária para Moçambique, e o Américo⁹, já no decorrer da investigação, os meus guias, numa caminhada intensa de descoberta e aventura num mundo novo para mim, que eu pensava não existir no meu país.

A rua principal – a Rua do Sol¹⁰ –, ramifica-se por outras ruas, todas elas demasiado estreitas; traçado sinuoso e confuso, becos e ruelas com pouco espaço de passagem, autênticos labirintos de acesso limitado a uma só pessoa e escassa iluminação, onde o sol não penetra em todos os locais. O chão é irregular, de cascalho e terra, onde se concentra lama e lixo, e o esgoto se encontra a descoberto, revelando o péssimo estado das condições básicas de saneamento e de salubridade. Toda a área envolvente é bastante degradada, a estrada e os

São Brás, embora também tenham sido realojadas pessoas no Zambujal e na Quinta da Princesa. Houve ainda quem conseguisse comprar a sua própria casa, ainda que com a ajuda da Câmara.

⁹ O Américo é cabo-verdiano, veio para Portugal com 21 anos, para estudar na Universidade e acabou por constituir família. Começou por trabalhar no Centro como voluntário, dando aulas de viola. Trabalhou com as *Irmãs* 16 anos, fazendo biscates, ajudando onde era preciso e com o que sabia. Desempenhou funções na área da pastoral (animação das missas, ensaio do Coro, catequese); alfabetização; explicações; e no Projecto da Sala de Estudo. Há um ano deixou o Centro, apesar de continuar ligado a ele como voluntário, para trabalhar num Projecto do Programa Escolhas.

¹⁰ Ver: Fotografias C.1-6. Passeio pelo bairro, p. IX.

passeios estão danificados. Nas visitas que fiz, vi algumas pessoas a estender roupa, outras sentadas à porta... trata-se de um espaço rico de sociabilidades e da sua própria utilidade social... as ruelas servem de brincadeira para as crianças, de cozinha para algumas mulheres, mas também de tráfico de estupefacientes para jovens e adolescentes.

As casas são térreas e abarracadas, construídas com materiais recolhidos nos desperdícios da cidade, umas sobre as outras. O Américo contou que aquele espaço é da Câmara e que as pessoas construíram as suas próprias casas durante a noite, na clandestinidade. Inicialmente eram de madeira, mas actualmente são de alvenaria, construídas com tijolo e cimento, mas muito rudimentares e sem os níveis exigíveis de habitabilidade. As instalações sanitárias são deficientes, a humidade é muito elevada e o nível de conforto da maioria das casas é extremamente baixo. Como consequência destas más condições de habitação, higiene e de saneamento básico, a população do bairro sofre, muitas vezes, de graves problemas de saúde.

A área geográfica do bairro é bastante reduzida e, por não haver mais espaço disponível para construção, tem-se assistido ao crescimento em altura, ou ampliação vertical das barracas. Estima-se que existam cerca de 270 fogos no bairro e que neles residam mais de 1400 habitantes (Centro Social do Bairro 6 de Maio, 2009: 7).¹¹

Um dos graves problemas do bairro é o da sobrelotação, visto que a maioria das casas apresentam dimensões pequenas para os agregados familiares, geralmente bastante numerosos. Predominam as famílias alargadas, onde para além da existência de um número elevado de filhos, coabitam primos, tios, avós e outros. De acordo com um documento cedido pelo Centro Social, baseado no PER (Programa Especial de Realojamento), em 2007, o Bairro 6 de Maio contava com 199 agregados com 830 elementos, o que denuncia uma forte densidade populacional, face a um número médio de elementos por agregado de 4,2. Relativamente à estrutura familiar, neste ano encontravam-se 38 agregados com 1 elemento (19%), 15 casais sem filhos (8%), 62 casais com filhos (31%), 84 famílias monoparentais (42%). A categoria com maior incidência era, portanto, a da família monoparental, com uma percentagem muito significativa.

Este espaço superlotado, de ocupação excessiva e desordenada, não permite uma estrutura de base para saneamento, espaço de lazer, ou mesmo de possíveis estruturas de apoio para a população do bairro. De facto, as casas de comércio local estão por todo o lado,

¹¹ Ver: Fig.B.1. Planta do Bairro 6 de Maio, p. IV.

salões de cabeleireiro, pequenas mercearias, cafés, etc., mas os equipamentos colectivos são, realmente, escassos.

Os equipamentos educativos situados na freguesia da Venda Nova são: no âmbito da rede pública, duas escolas EB1, a Escola Básica do 1º ciclo Maria Irene Lopes Azevedo e a Escola Básica do 1º ciclo e Jardim-de-Infância Santos Mattos, a qual também possui ATL (Actividades de Tempos Livres); no âmbito da rede solidária (IPSS), o Jardim-de-infância/creche do Centro Social do Bairro 6 de Maio; a Creche Babete – AJPAS (Associação de Jovens Promotores da Amadora Saudável) e o Centro de Actividades de Tempos Livres da Quinta de São Miguel. Assim, no que respeita às taxas de cobertura da população residente, ao nível da creche esta é apenas de 1%, em termos de ATL de 12%, Jardim-de-infância 16% e no Ensino Básico - 1º ciclo 50%. É de salientar que, das 11 freguesias do concelho da Amadora, a Freguesia da Venda Nova é a que apresenta os valores mais baixos da Taxa de Cobertura Existente em relação à Taxa Recomendada (90%). Face a estes dados, é bem visível a dimensão do problema que a freguesia enfrenta no que respeita a equipamentos de educação. (Câmara Municipal da Amadora, 2005)

Na esfera desportiva, os equipamentos mais próximos encontram-se na Damaia (polidesportivo coberto da Escola Básica da Damaia 2) e na Falagueira (campo desportivo na Escola Básica da Falagueira 3). (Antunes, 2002: 143)

Dos equipamentos culturais da zona destacam-se a Fábrica da Cultura, a Escola Intercultural, o Centro Cultural da Damaia, a Loja Jovem, "Anos Ki Ta Manda" – Espaço Para Aprender (Projecto Escolhas), o qual também conta com uma UNIVA (Unidade de Inserção na Vida Activa), e claro, o Centro Social do Bairro 6 de Maio.

No que respeita a outros serviços, existem dois mercados municipais, sendo que o Mercado da Venda Nova se encontra na Estrada Militar/Rua do Apeadeiro, e a 67ª Esquadra da PSP (Polícia de Segurança Pública). Na realidade, dentro do bairro, propriamente dito, apenas existem o Centro Social e o Projecto Escolhas.

No bairro predomina uma população de origem africana (a Ir. Deolinda lembra-se de uma única família branca a residir no bairro e de alguns portugueses brancos que constituíram família com africanos), sobretudo cabo-verdiana, sendo a maior parte composta por *badius*, isto é, oriundos da Ilha de Santiago. No entanto, a composição da população do bairro tem vindo a sofrer algumas alterações, devido à saída de jovens casais para outras zonas urbanas, e à chegada de novos imigrantes, provenientes não só de Cabo Verde, como também da Guiné-Bissau, Angola e São Tomé.

A população residente no bairro é caracterizada pela diversidade de culturas, valores e tradições, a qual contribui para a sua riqueza multicultural. O crioulo de Cabo Verde (Santiago) é a língua predominante e o crioulo da Guiné, a segunda mais falada. A gastronomia e a música cabo-verdiana também nos enchem os sentidos, de sons e cheiros que se sentem em cada esquina, em cada casa, em cada beco...

É importante, ainda, referir que nos últimos anos se tem verificado um aumento da população jovem em detrimento da população mais idosa. Ao nível da freguesia, em 2001, o grosso da população (50%) encontrava-se entre os 25 e os 64 anos, seguindo-se o grupo dos zero aos 14 anos, o qual representava 18% da população. (Câmara Municipal da Amadora, 2001c: 15)

Relativamente à ocupação profissional dos habitantes do bairro, os homens trabalham sobretudo na construção civil ou em obras públicas, enquanto as mulheres trabalham em serviços domésticos, restaurantes e venda ambulante. Verifica-se, ainda, que a maior parte dos trabalhadores não tem contrato de trabalho e que os níveis de desemprego têm vindo a aumentar, sobretudo nos mais jovens, devido aos baixos níveis de escolaridade e de qualificação. (Centro Social do Bairro 6 de Maio, 2009: 8)

A situação perante o trabalho é, desta forma, claramente preocupante. Embora muitos possam ter uma ocupação permanente, a inexistência de um contrato formal coloca-os perante uma enorme precariedade quanto ao emprego e à protecção. Por outro lado, no bairro encontram-se alguns pequenos negócios pessoais como cabeleireiros, bares e serviços de restauração, um meio independente de sustentabilidade das próprias famílias.

Ao nível da freguesia, a taxa de emprego da população em idade activa era, em 2001, de 68% e a taxa de desemprego de 7,2%. O principal meio de vida da população residente, com 15 ou mais anos, era o trabalho (52,9%), seguido das pensões (26,2%). O grupo de profissões onde maior número de pessoas se encontra é o grupo 9 (trabalhadores não qualificados) – 22,7%. (Câmara Municipal da Amadora, 2001a: 50-51)

O desemprego, a baixa escolaridade, as carências económicas, as precárias condições de habitação, entre outros factores geram, por vezes, o aparecimento de uma economia fácil e paralela, ligada à delinquência, nomeadamente, ao tráfico de droga e ao consumo de estupefacientes praticado, sobretudo, por toxicod dependentes não residentes no bairro. Como refere Paquete de Oliveira, estas condições de vida, ou de “não vida” geram, de facto, situações sociais problemáticas, tais como degradação física e psicológica, promiscuidade, desestruturação de ambiente familiar ou doméstico, insegurança, violência, entre outras. (Silva, 2003: 30)

Assim, a situação vivida no Bairro 6 de Maio é a que Fernando Luís Machado identifica noutros cenários associados aos fenómenos migratórios.

Se, para além do efeito de concentração espacial degradada, considerarmos que se trata de imigrantes que continuam em ocupações desqualificadas e precárias, apesar do tempo de residência que já levam, e que há aí um grande número de crianças e jovens, parte deles em situação problemática, concluimos facilmente que estamos perante um cenário de contrastes sociais elevados, sinónimo de exclusão. (Machado, 2003: 186)

Os bairros têm-se, efectivamente, transformado em guetos de isolamento humano, onde a ausência de infra-estruturas de apoio e de políticas que contribuam para a integração social da população, torna urgente a criação de processos ligados ao direito à habitação, ao trabalho, à educação, à saúde e à segurança. É, portanto, inquestionável que o Bairro 6 de Maio carece cada vez mais de atenção e de políticas de integração adequadas. Se o Estado português demorou até à segunda metade dos anos 90 para substituir parcialmente os “bairros de lata” – alguns com mais de vinte anos de existência – por habitação social, a verdade é que o Bairro 6 de Maio não está incluído nesse conjunto de bairros que foi realojado. Mas será que é mesmo essa a solução ideal? Ou estaremos apenas a mudar os problemas de lugar? Será que é isso que as pessoas querem?

Na realidade, apesar de todos os problemas acima descritos muitos habitantes do bairro detêm um sentimento de pertença forte e uma identidade positiva em relação ao local em que vivem. É sobre estas duas dimensões do bairro (a negativa e a positiva) que me proponho reflectir de seguida.

CAPÍTULO 2. O BAIRRO ENTRE A VISÃO DIABOLIZANTE E A VISÃO ROMÂNTICA

Tal como foi referido no capítulo anterior, os imigrantes cabo-verdianos que chegaram a Portugal entre os anos 70 e o início do século XXI, constituem o maior grupo de cidadãos estrangeiros a viver no país, principalmente em bairros localizados nos subúrbios da cidade de Lisboa, os quais ainda hoje carregam o peso da dramatização da insegurança, de imagens negativas ligadas à criminalidade e à delinquência juvenil. Deste modo, o bairro tem sido alvo de estigmatizações, muitas vezes devido à generalização de visões estereotipadas difundidas, sobretudo, através dos *media* – diria que esta será uma visão que podemos designar de diabolizante.

Não se podem negar os problemas sociais existentes nestes bairros, nomeadamente, no Bairro 6 de Maio, onde os seus habitantes vivem, efectivamente, em condições muito difíceis, num *habitat* extremamente precário, não só pelos frágeis materiais utilizados na construção das habitações como pela ausência de infra-estruturas básicas de saneamento, enfrentando situações de pobreza e exclusão social. O curioso é que, apesar disso, a vontade de muitos habitantes é permanecer no bairro, sobretudo por razões de ordem afectiva, ligadas a relações familiares e de vizinhança, que são valorizadas positivamente pelos moradores – visão mais romântica da vivência no bairro.

Está-se, pois, perante aquilo que Firmino da Costa (1999: 101) encontrou em Alfama e considerou ser uma dialéctica complexa entre uma identidade negativa e outra positiva, isto é, por um lado, existe uma imagem externa muito negativa do bairro, muitas vezes interiorizada pelos próprios imigrantes, por outro lado, os habitantes do bairro experimentam uma identidade local afirmativa, colectiva e até bairrista, que rejeita a estigmatização externa e que tem inclusive, uma forte potencialidade integradora. Entre uma visão e outra, estará efectivamente um olhar mais realista sobre o bairro.

2.1. O gueto

O Bairro 6 de Maio fica situado na fronteira entre Lisboa e a Amadora, as quais se encontram separadas pela Estrada Militar. Nas palavras de Manuel Giraldes, autor do artigo “Centro Social Bairro 6 de Maio: Uma brecha no Muro” o bairro é uma espécie de Muro da Vergonha,

...uma fronteira entre a Europa e o Terceiro Mundo: de um lado, perfilam-se os prédios remediados mas regrados e sólidos da Damaia; do outro, serpenteiam os becos estreitos e enlameados de um bairro que só não é de lata porque os moradores foram investindo o seu esforço

e as suas economias em tijolo e cimento, o dinheiro não chegou para rebocos, pinturas ou outros primores¹².

O mundo moderno é caracterizado pelo acentuar de grandes desigualdades e disparidades, sendo que a geografia das cidades o revela claramente, colocando de um lado as zonas ricas, bem planificadas e arquitectadas e, do outro, os bairros abarracados e “degradados”. O Bairro 6 de Maio é um dos bairros que ficou do lado errado da estrada, surgindo no imaginário da maioria das pessoas como uma paisagem caótica, desorganizada, onde vivem pessoas de origem africana, em barracas, com costumes bizarros, mergulhados numa pobreza que passa de geração em geração, que gostam pouco de trabalhar, com famílias desestruturadas e muitos filhos, analfabetas, onde proliferam doenças e marginalidade. O bairro não faz parte dos roteiros turísticos da cidade da Amadora, pelo contrário, é visto como uma zona a evitar e que deve permanecer separada da zona “civilizada”.

Esta visão está na origem de imagens e estereótipos que originam frequentemente atitudes de medo, xenofobia e racismo, como aliás, comprovou o comportamento do taxista que me levou, na minha primeira visita ao bairro. Quando lhe disse para onde queria ir mostrou-se surpreso: “a menina tem a certeza que é para lá que quer ir?”. Disse-me que não sabia bem onde ficava o Centro Social, mas sabia onde era o bairro e, por duas vezes, usou o adjectivo “manhoso” para caracterizá-lo. Já dentro do bairro, decidi pedir indicações a um rapazito que se ofereceu para me acompanhar o resto do caminho e o taxista aproveitou para não entrar mais profundamente no bairro.

É inegável o «estigma» social associado a bairros como este, principalmente, se se tratar de um bairro onde predominem populações negras. Como já se referiu, a conjugação da condição de estrangeiro, etnicidade, “raça”, classe social e práticas culturais tem contribuído para segregar os imigrantes cabo-verdianos no mundo dos “bairros de lata”, para a segregação espacial e a *guetização*. Segundo Peach (1996 *cit in* Barbosa, 2006: 41), a noção de gueto refere-se a uma área onde a maioria da população residente pertence ao mesmo grupo étnico ou racial e isso diferencia-a de outras áreas ou bairros de uma cidade. Mais tarde Wacquant (2005 *cit in* Cachado, 2008: 92) acrescenta que a visão actual de gueto se relaciona com os espaços étnicos segregados, referindo-se, sobretudo, aos guetos negros norte-americanos.

Neste contexto, importa realçar a substituição progressiva do termo «raça» por «etnia». Para Van der Berghe (*cit in* Saint Maurice, 1997: 117), as raças são grupos humanos que se autodefinem, ou são definidos por outros grupos, como diferentes devido a características

¹² Fonte: <http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEFAkkZAVEbxNXXKHIP> em 04/2011.

físicas inatas e imutáveis. Assim, se por um lado, a raça aparece ligada a uma fatalidade do destino dos indivíduos, por outro, a etnia significa o apego a uma cultura de origem relativamente à qual os indivíduos têm algum poder de escolha. É, portanto, o carácter irreversível da raça que a distancia do conceito de etnia. No fundo, concordando com Rui Pena Pires (2003: 71), a etnicização é o processo que guia o imigrante na busca de uma identidade positiva com que possa enfrentar os processos de estigmatização de que é alvo.

No caso concreto dos imigrantes cabo-verdianos e dos seus descendentes, de acordo com Luís Batalha (2008: 30), estes são, geralmente, definidos pela sociedade portuguesa como “cabo-verdianos”, “pretos” ou “africanos” e, raramente, como “portugueses”. Muitos descendentes, apesar de nascidos e criados em Portugal e deterem a nacionalidade portuguesa, continuam a ser vistos como “africanos” ou “jovens de origem africana”, embora nunca tenham estado em África. Assim, sentem-se racializados pela sociedade dominante e rejeitam o seu modo de vida, considerando que “africana” é a sua identidade. As suas dificuldades de integração são, em parte, causadas pela sua própria resposta identitária à categorização racial que a sociedade portuguesa lhes aplica, a qual tem a “percepção de que os africanos contribuem menos positivamente para o país ou que têm um estatuto social mais baixo do que os imigrantes de todas as outras origens e só superior ao da minoria cigana (Silva, 2000 *cit in* Carvalheiro, 2008: 214). Assim, a expressão «negro» acaba por ter uma relação cognitiva directa com «africano» e vice-versa, com imigrante, «estrangeiro» e, conseqüentemente, com pobreza, sendo que estas categorias o ligam também ao universo dos bairros “degradados”.

Muitos investigadores, ao estudar este género de bairros sentiram que estes começavam, aos poucos, a servir de exemplo da decadência das cidades. Foram várias as teorias e conceitos que surgiram ligados a este tema, entre as quais o conceito de “cultura da pobreza”, isto é, a ideia de que residir em bairros “degradados” não é apenas um indicador de pobreza, mas também um factor que pode aumentar a probabilidade de se permanecer nessa situação. Para Oscar Lewis (1961, *cit in* Cachado, 2008: 38), uma vez existente na vida das pessoas, a “cultura da pobreza” tende a ser perpetuada, mesmo que haja mudanças na sua vida, trata-se de uma aprendizagem realizada no seio da comunidade, passada de geração em geração.

Não obstante, este conceito sofreu um posicionamento crítico no contexto das ciências sociais. Muitos viram pouca conexão entre este conceito e a realidade, considerando que se tratava de uma noção estereotipada e extremada, até porque o homem não é um autómato cultural. Após a definição de Lewis sobre o conceito, Herbert Gans (1962) também se debruça sobre ele, procurando desconstruir os estereótipos que povoavam os novos subúrbios do pós-guerra, especificamente, na comunidade de Levittown, situada em New Jersey. Na mesma

década, Ulf Hannerz (2004 [1969]) refere que a pobreza não deve ser vista como factor fundamental e único para perceber o comportamento dos moradores do gueto. Através da sua obra – *Soulside* – sobre o Bairro de Winston Street, um gueto urbano afro-americano de Washington, o autor procurou desconstruir muitos equívocos sobre a vida do gueto e questionar a ideia de "cultura da pobreza".

Podemos admitir, tal como Machado (2009: 21) que, muitos jovens, residentes em bairros semelhantes, a viver abaixo da linha de pobreza, têm uma grande probabilidade de, em adultos, permanecerem abaixo dessa linha e enfrentarem processos de exclusão social. Eles estão, de facto, em situação de vulnerabilidade social devido à combinação de vários factores: contextos familiares desfavorecidos, muitas vezes sem regras e controlos adequados, experiências escolares negativas, insucesso e abandono escolar, ocupação de empregos desqualificados e precários, desemprego, maternidade ou paternidade precoces, entre outros. Porém, esse não é o único caminho que está ao seu alcance nem o único traçado por eles.

Neste sentido, Gulick (1989, *cit in* Cachado, 2008: 39) realça a forma como os habitantes tentam ultrapassar a sua condição e as estratégias de adaptação que desenvolvem, defendendo também que, se os pobres não alteram o seu modo de vida não é por não terem essa capacidade, mas sim por não terem forma de aceder ao poder político. Desta forma, contrariando muitos estudos que se concentravam nos aspectos negativos da vida na cidade, o autor propõe uma abordagem positiva da cidade, partilhada por mim nesta investigação.

No entanto, a verdade é que a comunicação social continua a mostrar, essencialmente, o lado obscuro dos bairros, reforçando a imagem do imigrante «africano» ligado à pobreza e à marginalidade, alimentando estereótipos e preconceitos, ajudando a formar opiniões e consciências sociais alicerçadas apenas numa parte da realidade, numa única história dos bairros. A este respeito a escritora nigeriana Chimamanda Adichie referia numa palestra: “a história única cria estereótipos. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a história única.”¹³

Quantas vezes ouvimos na televisão ou encontramos em grandes títulos nos jornais de referência, expressões depreciativas para designar estes bairros? Ao procurar alguns documentos no Centro encontrei alguns jornais que as *Irmãs* guardaram, onde este tipo de abordagem é bem visível: “um dos bairros mais temidos da grande Lisboa”; “o retrato de uma

¹³ Fonte: http://www.ted.com/talks/lang/por_pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html em 04/2011.

favela portuguesa”; “bairros clandestinos da Amadora asfixiam superlotados de miséria”; “miséria, degradação e sujidade fazem o ambiente dos bairros degradados da Amadora”.

E quantas vezes ouvimos falar dos seus aspectos positivos? Não deixa de ser surpreendente, por exemplo, que medidas de intervenção social como o Programa Escolhas, presente em dezenas de bairros sociais por todo o país, inclusivamente no Bairro 6 de Maio, sejam tão pouco visíveis. A verdade, é que o programa é muito menos visível do que os problemas que este procura combater. Para Fernando Luís Machado, “o que está em causa é o processo irreflectido de transformação da parte no todo, que faz de todos os bairros sociais problemáticos e de todos os jovens de bairros sociais jovens delinquentes.” (Machado,2009:8)

Nos discursos e imagens mediáticas, imigrantes, minorias étnicas, jovens descendentes de imigrantes africanos surgem, muitas vezes, identificados como marginais que se movem em cenários de delinquência, tráfico e consumo de drogas, em bairros de «gente estranha», «pobre» e «perigosa», alimentando nas pessoas o medo e promovendo a generalização de sentimentos de insegurança colectiva. Na óptica de Marina Antunes, locais como o bairro “suscitam um excesso de visibilidade estigmatizante, reprodutora de imagens e representações assustadoras e repugnantes que estão na origem de um discurso político sobre a insegurança urbana de que os *media* se encarregam de fazer eco.” (Antunes, 2002: 30) Porém, é certo que podemos encontrar um tipo de imprensa sensacionalista, pouco coerente, que pode incitar a discriminação e o medo dos bairros e da população que neles reside, mas também existe aquela que procura analisar o fenómeno e as suas consequências com imparcialidade.

A relação dos *media* com os bairros e os seus habitantes tem vindo a sofrer algumas alterações. Se na década de 1980 as descrições dos cabo-verdianos se resumiam a pouca integração, clandestinidade, degradação, falta de higiene, miséria, trabalho duro e precário; na década de 1990 começam a surgir elementos empáticos para com os imigrantes nas notícias e reportagens relativas ao mundo laboral, representando os trabalhadores africanos como vítimas de exploração. Contudo, essa empatia termina quando as notícias se reportam a áreas residenciais, sobre as quais se introduzem expressões como «gueto» e «ilha étnica». Apesar disso, alguns jornais de referência realizam reportagens onde procuram mostrar o «lado bom» do convívio nos bairros de imigrantes, em contraste com a focalização exclusiva da imprensa popular nos conflitos e na violência dos bairros.

A diferença de abordagem nestes dois tipos de jornalismo torna-se bastante evidente no que respeita ao tema da criminalidade. Muitas vezes, a imprensa popular identifica traficantes de droga sem tentar perceber como os outros residentes do bairro são afectados. Estamos, então, perante numa associação implícita entre delinquência e africanos dos bairros pobres em

geral, ou seja, a uma etnicização do crime (Pires, 2002 *cit in* Carvalheiro, 2008: 228). A forma como as notícias são «projectadas» pode, efectivamente, ampliar preconceitos, estereótipos e imagens negativas sobre determinadas categorias étnicas, ao privilegiar a componente étnica em detrimento da criminal no relato de um crime, os *media* podem contribuir para a reprodução de fenómenos de estigmatização social.

Muitas vezes, até mesmo a polícia tem dificuldades em esconder os seus preconceitos, abusando do seu poder, utilizando a força, considerando suspeitos indivíduos pelo simples facto de serem moradores de determinado bairro. É certo que muitos enfrentam problemas sociais graves e que avaliam negativamente a sociedade receptora por sentirem na pele as práticas discriminatórias e de exclusão, sendo nesse cenário que surgem conflitos e desafios à ordem. Porém, penso que seria necessária uma intervenção que contribuísse para alterar estas situações num sentido positivo, o que nem sempre é conseguido pela polícia.

Apesar de a criminalidade existir nos bairros, não pode ser generalizada a todos os seus habitantes, até porque a ligação de certos indivíduos aos furtos ou ao tráfico não tem qualquer ligação com o resto da população, para a qual estas práticas constituem uma preocupação.

No bairro há 20 ou 30 jovens «malta da pesada», o resto trabalha imenso. Mas por uns pagam os outros. Alguns autocarros já não param no bairro, uns adolescentes assaltaram um autocarro e limpam as pessoas... Agora, as pessoas acham que é um bairro de criminosos, mas nem todos são assim. (Américo, 13/11/2009)

Seguindo o mesmo modelo dos anos 90, no ano 2000 os *media* mantiveram o padrão de representações dos africanos centrado no crime e na violência. Todavia, se os tablóides negligenciavam temas como a integração ou as condições sociais, os jornais de referência passaram a abordar a imigração sob perspectivas socioeconómicas, alimentando as «boas práticas» no tratamento das minorias. De acordo com Ferin Cunha (2006, *cit in* Carvalheiro, 2008: 234), nos últimos anos, tem-se verificado a redução das peças de tom negativo e da própria temática criminal, o acréscimo de artigos sobre políticas inclusivas, e a divulgação de perspectivas mais positivas. A prova disso, foi o documentário realizado pela jornalista Mafalda Gameiro no programa Linha da Frente – “Amo-te Gueto”, o qual valorizava os moradores do Bairro 6 de Maio e evidenciava alguns jovens como casos de sucesso, mas a esta temática em particular dedicar-me-ei mais adiante. Neste sentido, discursos e imagens de reconhecimento podem ter o efeito contrário ao que tem sido analisado, isto é, podem ser usados como instrumentos de aprofundamento da cidadania, promovendo os direitos civis, culturais, políticos e económicos dos grupos migrantes.

Embora, se tenha assistido a uma evolução positiva e mais construtiva das notícias acerca da vida dos bairros, a verdade é que, durante cerca de uma década, os *media* realçaram

a conexão entre a delinquência e os descendentes das famílias cabo-verdianas imigrantes. Enquanto os pais eram retratados como “pobres mas honestos”, “bons trabalhadores” e “trabalhadores explorados”, os filhos são retratados como “vítimas do insucesso escolar” e como “delinquentes juvenis”. Por sua vez, estes jovens reinterpretem essas representações sociais e constroem identidades opostas à corrente dominante da sociedade portuguesa, na qual se sentem *outsiders*, culpabilizando-a da situação de “marginalidade” em que vivem. De facto, os estereótipos e os estigmas são grandes fontes de constrangimento identitário.

De uma forma geral, os habitantes do bairro sentem que a reputação negativa que adquiriram do exterior, acaba por se reflectir em várias situações da sua vida, causando-lhes desagrado e uma enorme sensação de injustiça. Estão cientes da existência de preconceitos em relação à sua origem, cor da pele, condição social e, local de residência, o que pode resultar em sentimentos de vergonha e negação de pertença ao bairro. Realmente, no momento de procurar um emprego, contrair um empréstimo, estabelecer um contrato ou solicitar apoio institucional, estas informações podem originar desconfianças e rejeições. A este respeito, uma funcionária do Centro Social do Bairro 6 de Maio afirmava: “as pessoas são discriminadas por serem africanas (pontualmente) e por serem do bairro (mais frequentemente), tendo muitas vezes que mudar a morada no *Curriculum Vitae* para evitar serem colocadas de parte quando procuram um emprego.” (Marisa¹⁴, 13/11/2009). A hostilidade do meio que os envolve acciona, assim, mecanismos de defesa assentes em comportamentos de desconfiança e retraimento para com a sociedade receptora.

Em suma, a promoção de imagens negativas ditadas pelo meio exterior ao bairro e a disseminação de informação estigmatizante estrutura e condiciona a construção das identidades ligadas ao bairro e ao espaço envolvente, contribuindo para o estabelecimento de estratégias de demarcação por parte dos seus moradores. Contudo, no seu todo, a identidade cultural do bairro é um produto do cruzamento de dinâmicas internas e externas.

2.2. O bairro-aldeia

Apesar dos aspectos negativos acima enunciados, o bairro é palco de fortes sentimentos de solidariedade, pertença e comunidade no seio dos seus moradores.

De acordo com Firmino da Costa (1999), os debates teóricos e investigações empíricas têm abordado, essencialmente, o conceito de comunidade sob dois sentidos: o socioespacial, dirigido a unidades sociais locais, como uma aldeia ou um bairro, e o sociocultural, ligado a

¹⁴ A Marisa é Técnica de Serviço Social e trabalha no Centro há cerca de 7 anos.

sentimentos de pertença comuns, ou seja, a um dos componentes indissociáveis das identidades colectivas. No caso do Bairro 6 de Maio verifica-se, efectivamente, a existência destes dois sentidos e a experiência destes sentimentos. No entanto, têm surgido contestações a esta ideia, uma vez que dela advém o pressuposto que um dos sentidos implique necessariamente o outro, o que nem sempre acontece.

Max Weber defendeu uma das versões mais conhecidas acerca do conceito de comunidade. Para o autor, “uma relação social é designável por ‘comunal’ se, e na medida em que, a orientação da acção social dos participantes (...) se basear num sentimento subjectivo, de carácter afectivo ou tradicional, de pertença comum.” (Weber, 1978, *cit in* Costa, 1999: 89)

Na mesma altura, Barry Wellman e Barry Leighton (1981 [1979]) reflectiram sobre aquelas que consideraram ser as principais teses sobre a relação entre bairro e comunidade: a tese da «comunidade perdida» que defende que o novo modo de vida urbano dissolve as comunidades tradicionais, nomeadamente as de bairro; a tese da «comunidade protegida» que alega, pelo contrário, que as referidas mudanças sociais não implicaram o desaparecimento das interacções próximas e das relações de sociabilidade no interior dos bairros; e a tese da «comunidade emancipada» que sustenta a diversificação das relações de comunidade, deixando de ter como base o bairro ou qualquer outro círculo de proximidade, libertando-se do enraizamento espacial. Face a estas três teses, muitos autores consideram a possibilidade de um cruzamento entre os três tipos de comunidades, no seio das sociedades actuais.

Deste modo, no âmbito dos espaços migratórios, os sentimentos de pertença comuns e as identidades colectivas existentes nos bairros, não se prendem exclusivamente ao espaço ou a aspectos territoriais, mas também a referentes étnicos, familiares, nacionais, profissionais, de classe, políticos, religiosos, etc., os quais muitas vezes se sobrepõem. Com efeito, a relação entre locais de habitação e vida comunitária é, realmente, um dos focos de atenção quando se analisa o modo como as minorias se inserem no contexto da sociedade que as acolhe.

A importância do ambiente que nos circunda para a construção e manutenção do nosso sentido de identidade é evidente. Muitas vezes para respondemos à questão “quem sou eu?” contrapomo-la à questão “de onde sou?” ou “onde é que pertenço?”, na medida em que muito do que nós somos depende de onde vivemos, das experiências que temos nesse lugar e da ligação que com ele estabelecemos. Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983, *cit in* Duarte, 2005: 194) propuseram o termo identidade associada ao lugar (*place identity*) para designar a relação que se estabelece entre identidade e ambiente, entre o indivíduo e um lugar específico, e ao contributo desta relação para a definição subjectiva da identidade pessoal. Para os autores, o ambiente é um produto social que resulta da interacção entre as pessoas que o

partilham e não apenas um mero cenário físico onde essa interação ocorre. Por outras palavras, a identidade associada ao lugar não é apenas um produto das características do lugar, mas também das características das pessoas e da sua relação com o meio.

Nesta senda, o bairro é entendido como um local onde as pessoas moldam o espaço, ao mesmo tempo que se deixam moldar por ele. Trata-se, sobretudo, de um quadro de interação local (Costa, 1999) envolvido em vários pilares, assentes tanto na morfologia física como na sociocultural. Quem viu crescer o bairro conhece todos os seus recantos, orienta-se no seu labirinto físico, conhece as pessoas, decifra facilmente os sinais sobre tudo que se passa.

Este carácter labiríntico do espaço local, (...) contribui para os sentimentos de pertença colectiva que os residentes tendem a desenvolver para com o bairro: não só de que «lhe pertencem», mas de que ele «lhes pertence». Frequentam-no, percebem-no, sabem usá-lo. (Costa, 1999: 307)

As ruas apertadas tornam a rua uma espécie de espaço semi-público, de utilização permanente e interação intensa entre vizinhos, de níveis elevados de intensidade relacional, como se de uma aldeia se tratasse. Aqui se vão constituindo trocas simbólicas e reforçando laços, assentes no fortalecimento das relações de inter-ajuda e, conseqüentemente, no reforço da unidade de grupo. Note-se que estas relações que os imigrantes mantêm com familiares e vizinhos são favorecidas pela origem cultural e experiência de uma migração comuns, isto é, pelo processo de migração em cadeia. Esta estratégia de concentração sociocultural permite-lhes manter a sua identidade cultural e sobreviver na sociedade receptora. Assim, são sobretudo razões de ordem afectiva que levam os moradores do bairro a valorizá-lo positivamente, aliás, nas minhas incursões ao bairro foram várias as vezes que ouvi as pessoas usarem expressões como: “o bairro é nosso, é a nossa casa” ou “sinto-me bem aqui”.

Na perspectiva de Fried (1982, 2000 *cit in* Duarte, 2005:211), a maioria das pessoas tem uma visão positiva acerca do local em que vive, graças à sua capacidade de adaptação, de minimizar os aspectos negativos e valorizar os positivos. Os habitantes conhecem muito bem a realidade em que vivem (más condições habitacionais, situações de pobreza, insucesso escolar e marginalidade), contudo a identidade que desenvolvem centra-se mais nas redes sociais locais que se constituem como atributos de positividade identitária. Deve também sublinhar-se que os habitantes do bairro vivem entre conterrâneos, num ambiente em que se tentam reproduzir, na medida do possível, os modelos socioculturais de origem. Estas formas culturais constituem uma linguagem específica e um meio de expressão localmente partilhado, dos quais resulta uma sensação de segurança e o orgulho de pertencer ao bairro.

A propósito das representações ligadas à identidade colectiva Firmino da Costa (1999: 98) defende que, normalmente, se sobrepõem: elementos *espaciais* (localização e morfologia

do bairro), *sociais* (composição da população, redes de entreajuda, organização associativa) e *culturais* (padrões de conduta específicos, práticas culturais com forte expressividade). Para o autor, todos estes elementos se denotam nas manifestações de identidade da população local.

A estes factores podemos também acrescentar a importância que algumas acções exteriores podem ter neste processo, nomeadamente, o investimento da sociedade civil em fazer sobressair os aspectos positivos do bairro. Um exemplo disso foi a publicação do livro “Do outro lado da Linha”, que levou uma juíza e uma fotógrafa profissional a dar a conhecer o «lado bom» do Bairro 6 de Maio. “Nesse ano não houve férias para elas, investiram muito dinheiro, envolveram gente voluntária e, no fim de muita luta e entrega, o livro, de qualidade excelente, saiu a custo zero”¹⁵. Um outro exemplo é a vontade de cada vez mais jovens fazerem trabalho voluntário. É o caso dos jovens da Equipa d'África¹⁶ que todos os anos fazem um fim-de-semana de trabalho no Bairro 6 de Maio. Na opinião da Ir. Deolinda, esta

...é uma forma de "desmistificar" a realidade vivida nos bairros, penso que adquirem uma maior sensibilidade para a multiculturalidade, uma atitude não-racista, uma proximidade de igual para igual com as pessoas do bairro e uma visão diferente do mundo. (Equipadafrica, 2010)

Finda esta reflexão, torna-se claro que a identidade de bairro se manifesta nos seus residentes, quer como identidade negativa, quer como identidade positiva, isto é, entre as duas dicotomias, até porque a identidade é um processo dinâmico, não existindo apenas uma ou outra mas sim a mistura das duas. Da mesma forma, a imagem exterior do bairro deveria assumir esta dinâmica mas, muitas vezes, os dois aspectos são olhados de forma extremada: ou é revelada a visão “diabolizante” do bairro, que o mostra na sua vertente mais perigosa, a noção do bairro degradado e os problemas sociais associados; ou a visão romântica, que faz crer que o bairro é um lugar perfeito para se viver, graças ao espírito comunitário que lá se vive, associado a uma noção do bairro-aldeia (Young e Willmott, 1992 [1957]). É preciso assumir uma visão mais realista do bairro, em que se conjuguem as visões “de dentro” e “de fora”. Ambas devem ter visibilidade, a imagem negativa não pode ser a única que nos é dada a conhecer ou que procuramos perceber, até porque ao passar-se uma imagem mais adequada do bairro, os supostos motivos de exclusão social são afastados. É com esta percepção que as *Irmãs* têm procurando criar projectos de reforço da identidade positiva no bairro, ancorados no Centro Social do Bairro 6 de Maio, sobre o qual me debruçarei a seguir.

¹⁵ Fonte: http://csb6maio.eco-gaia.net/index.php?option=com_content&view=article&id=36:gestos-que-constroem&catid=2:sem-categoria&Itemid=5 em 04/2011.

¹⁶ A Equipa d'África é uma ONG, nascida em 1998. Desenvolve projectos de voluntariado-missionário e actividades de cooperação social, pedagógica e educação para o desenvolvimento, em Portugal e Moçambique. É constituída maioritariamente por jovens universitários, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos. (<http://www.equipadafrica.com/quem-somos> em 16/05/2011)

CAPÍTULO 3. CENTRO SOCIAL DO BAIRRO 6 DE MAIO: UM “PORTO DE ABRIGO”

3.1. A chegada das Irmãs ao bairro e o nascimento do Centro Social

As Irmãs Missionárias Dominicanas do Rosário são uma congregação católica, nascida no Perú, em 1918. Os seus fundadores, D. Ramon Zubieta e M. Ascension Nicol, ambos espanhóis, partiram para a selva peruana para combater a miséria lá existente, apostando na promoção humana e cristã da mulher e da criança.

Só no ano da morte de M. Ascension, em 1940, Pio XII aprovou as Constituições da Congregação e, nessa altura, a obra das *Irmãs* cresceu, difundiu-se a outras nações e continentes, multiplicaram-se as fundações e as vocações. Com um carisma fortemente missionário, as *Irmãs* afirmam que são “uma congregação vocacionada para anunciar a Boa Notícia de Jesus e proclamar a Bondade de Deus, evangelizando os pobres nas situações missionárias onde a Igreja mais precisa”¹⁷.

Hoje, os compromissos missionários que assumem variam de acordo com as diversas realidades em que se encontram: procuram escutar os mais fragilizados, em especial a mulher e as vítimas da injustiça e da marginalização, promovendo a justiça e a paz, trabalhando no campo do desenvolvimento, da defesa dos direitos humanos, da educação, da saúde e da promoção social.

Actualmente, têm missões espalhadas pelos 5 continentes, em 21 países, num total de 144 comunidades. Estão em África (Angola, Camarões, Moçambique e República Democrática do Congo); Ásia (China Continental, Filipinas, Índia, Taiwan e Timor Leste); América (Bolívia, Chile, Equador, Guatemala, México, Nicarágua, Peru, Porto Rico e República Dominicana); Europa (Espanha e Portugal) e Austrália.

Chegaram a Portugal em 1933, estabelecendo a sua primeira comunidade em Tortosendo. Hoje têm comunidades no Porto, Medelim, Castelo Branco, Lisboa e Amadora, mais precisamente, no Bairro 6 de Maio onde decorre esta investigação.

Devido à sua filosofia de vida, assente na opção pelos mais pobres e na dimensão missionária, depois do 25 de Abril, mais precisamente em 1975, um grupo de *Irmãs* procurou uma zona periférica de Lisboa para intervir. No momento, era urgente dar resposta às necessidades sentidas pela população que vivia entre as Portas de Benfica e a antiga estação de Caminhos-de-ferro da Damaia. Aqui se foram constituindo três bairros de construção provisória: o Bairro das Fontainhas, o Bairro 6 de Maio e o Bairro Estrela d’ África, ocupados

¹⁷ Fonte: <http://www.missionariasdominicanas.org/missao.html> em 11/2009.

por muitos imigrantes, na sua maioria, cabo-verdianos, os quais acabaram por afugentar as famílias ciganas que, juntamente com outras famílias, aí viviam. As *Irmãs* optaram, então, por residir no Bairro das Fontainhas (freguesia da Venda Nova, concelho da Amadora), porém, só em finais dos anos 70 encontraram uma casa disponível.

Ao chegar aos bairros, as *Irmãs* procuraram, então, analisar a realidade que encontraram e chegaram à conclusão que era preciso constituir-se um grupo responsável e dinamizador para trabalhar no terreno. Como a população não estava organizada e o modelo mais comum na época eram as Comissões de Moradores, optou-se por esta modalidade, surgindo a primeira Comissão de Moradores no Bairro das Fontainhas, caminho seguido pelos outros bairros. Na altura, o Bairro 6 de Maio era apenas uma lixeira e, foi precisamente porque a primeira reunião da comissão daquele lugar se realizou no dia 6 de Maio, que o bairro passou a ter esse nome. Das comissões existentes, nasceu a actual Associação Unidos de Cabo Verde, oficialmente reconhecida, com estatutos próprios e que se tornou numa IPSS.

Não havia luz, água nem esgotos, por isso, em ligação com a autarquia, as comissões iniciaram os primeiros trabalhos de canalização de água e esgotos. Os seus líderes demonstraram uma grande capacidade de negociação com as autoridades locais e supra-locais, sobretudo com a Câmara Municipal da Amadora e a Segurança Social, a quem reivindicaram a criação de infra-estruturas básicas e recursos socioeducativos.

Desde 1976 que as *Irmãs* contribuíram para a concretização destes objectivos, procurando construir infra-estruturas e pequenos equipamentos de apoio à população. O primeiro espaço que utilizaram foi uma barraca de madeira existente no bairro onde residiam, a qual foi aproveitada e melhorada. Só depois, ainda nas Fontainhas, as *Irmãs* e a população do bairro construíram o primeiro Centro, feito de tijolo e telhado de zinco. Em simultâneo havia ainda um outro espaço a funcionar nas Portas de Benfica.

De acordo com a Ir. Deolinda, era urgente abrir cursos de alfabetização de adultos porque, sem a escolaridade obrigatória, a busca de emprego era impossível. Assim, com o apoio da Direcção Geral de Educação de Adultos (DGEA) e de voluntários passou a funcionar, desde 1977, um Programa de Alfabetização para Adultos e, mais tarde, um outro para o Ciclo Preparatório. O tempo livre de que as mulheres dispunham (porque muitas não trabalhavam) levou as *Irmãs* a investir na formação, daí surgirem cursos de costura, economia doméstica, entre outros. Com o Apoio da Secretaria do Estado e da Família iniciaram, também, uma acção de Planeamento Familiar com uma Assistente Conjugal e um Psicólogo.

Mas outras necessidades se evidenciavam no quotidiano da população: as crianças atravessavam problemas de insucesso escolar, necessitavam de acompanhamento em ATL,

colónias, apoio e orientação nas matrículas da escola; vivia-se uma situação de fome e o facto de as mães se verem obrigadas a trabalhar, levou-as a deixar as crianças abandonadas e entregues a si mesmas. (Silva, 2003:13)

Até que, em 79/80, apoiada por patrocínios de Organizações Não Governamentais (ONG) espanholas e de pessoas particulares, a população dos bairros construiu um Centro abarracado no Bairro 6 de Maio, um espaço polivalente, actualmente designado por Espaço Cultural. Em 1981 foi fundado o Jardim-de-Infância, subsidiado pelo Centro Regional de Segurança Social. Não obstante, é apenas em 1983 que se dá o nascimento oficial do Centro Social do Bairro 6 de Maio, constituindo-se como IPSS. Mais tarde, em 1987 foi criada a Valência do ATL, todavia, com as reestruturações dos horários escolares e o alargamento dos horários e actividades extra-curriculares, esta resposta deixou de ser necessária.

Em 1993 formalizou-se, com a Segurança Social, um protocolo para o desenvolvimento do Projecto de Acção Comunitária, com vista à integração social da população dos bairros. Face à expansão das actividades desenvolvidas no âmbito do projecto, surgiu a necessidade de inaugurar um outro espaço e, em 1996, foi construído o edifício a que chamam hoje Centro Novo. Para que tal fosse possível, as *Irmãs* contaram com o apoio da Câmara Municipal da Amadora, a qual cedeu o terreno através de um Contrato de Comodato¹⁸, por tempo indeterminado.

Quanto à construção do edifício propriamente dito, tratou-se de uma conquista alcançada com o apoio de Fundos da União Europeia, ligados ao Projecto Now, cuja entidade promotora foi a conhecida Associação Juvenil “Moinho da Juventude”¹⁹. Mais tarde, foi ainda ampliado com a ajuda do PIDAC (Programa de Investimentos e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central). Três anos depois, para responder às solicitações da população, o Centro abraçou mais um desafio e abriu a Valência da Creche.

¹⁸ Antigamente este terreno pertencia ao exército, daí que aquela zona tenha o nome de Estrada Militar, porém, como estava ao abandono, a Câmara procedeu à sua legalização e cedeu-o ao Centro, através deste contrato, o qual vai sendo actualizado de 15 em 15 anos. O comodato é um contrato gratuito, embora envolva obrigações, não só para o comodatário (Centro) como para o comodante (Câmara), no fundo, é como que um empréstimo.

¹⁹ A Associação Cultural Moinho da Juventude nasceu de um trabalho informal de animação de crianças, organização de mulheres e luta pelo saneamento básico, nos primeiros anos da década de 80, no Bairro do Alto da Cova da Moura, sendo em 1987 oficialmente constituída por escritura pública. Hoje mantém um largo Projecto Comunitário, cujas actividades se desenvolvem na esfera social, cultural e económica, destinadas a crianças, jovens e adultos residentes no bairro.

(<http://redeciencia.educ.fc.ul.pt/moinho/associacao/QuemSomos.htm> em 22/03/2011)

Em 2003 as *Irmãs* deixaram a sua residência no Bairro das Fontainhas, devido à construção da CRIL, e mudaram-se definitivamente para o Bairro 6 de Maio, onde se encontram mais próximas da população para quem trabalham. A casa onde vivem é tão humilde como a dos restantes habitantes, partilhando com eles os mesmos problemas e as mesmas preocupações em relação às condições precárias do bairro.

3.2. Organização do espaço físico e dos recursos humanos

Actualmente o Centro Social do Bairro 6 de Maio é composto por dois espaços físicos onde se desenvolvem todas as suas actividades.

O Espaço Cultural é um edifício de dois andares onde se desenvolvem diversas actividades ligadas à cultura e ao desporto, nomeadamente dança, capoeira, batuque, actividades musicais, de apoio social, entre outros. No rés-do-chão conta com duas salas, duas casas de banho, um gabinete e uma arrecadação; no primeiro andar possui um salão mais amplo onde, entre muitas outras coisas, decorre a missa de Domingo.

O seu exterior é coberto por um *graffiti*²⁰, pintado por um grupo de jovens da instituição. De acordo com o Plano de Actividades do Centro, “o *graffiti* foi a solução encontrada, para evitar as pinturas inestéticas que iam surgindo nas paredes exteriores do Centro Social”. (Centro Social do Bairro 6 de Maio, 2009: 15)

O Centro Novo é um edifício térreo, tem um aspecto muito limpo e luminoso, resultado da candura da sua pintura, no entanto, está envolto num gradeamento, para garantir alguma segurança²¹. É constituído por duas áreas separadas por um pátio muito agradável, cheio de cores e baloiços, de onde se ouvem os gritos e gargalhadas das crianças que lá brincam e realizam actividades. Foi a M^a João²² quem mo mostrou pela primeira vez, e me informou que um projecto financiado pelo Banco Montepio permitiu a reabilitação de parte do espaço: o refeitório, o telhado e o pátio, onde foram montados novos escorregas, chão flutuante e as paredes foram pintadas e decoradas pelos funcionários do Centro e os voluntários do Banco.²³

Relativamente às restantes instalações, o Centro dispõe de: 5 salas onde funcionam as valências da Creche e Jardim-de-infância; o Centro de Recursos – Mediateca; Gabinetes de Serviço Social, Psicologia, Apoio Jurídico e de Coordenação; o Gabinete da Direcção; uma

²⁰ Ver: Fotografias C.7. Espaço Cultural, p. X.

²¹ Ver: Fotografias C.8-11. O Exterior do Centro Novo, p. X.

²² A M^a João é educadora e, actualmente, assume a Direcção Pedagógica do Centro, onde trabalha há cerca de 10 anos.

²³ Ver: Fotografias C.12-14. O Pátio, p XI.

secretaria, um refeitório, uma cozinha, três casas de banho para crianças, três casas de banho para adultos, uma lavandaria e três arrecadações para guardar materiais diversos. (Centro Social do Bairro 6 de Maio, 2009: 15)

Não se pode afirmar que o Centro tenha um espaço muito grande, mas cada uma das suas salas e gabinetes estão muito bem cuidados e aproveitados. Além disso, as *Irmãs* procuram, nos mais pequenos pormenores, nomeadamente na própria decoração do Centro (os corredores estão enfeitados com motivos africanos)²⁴, fazer com que a população se sinta integrada e num ambiente familiar. A existência de auxiliares de educação e ajudantes de acção educativa de origem africana e residentes nos bairros também permite uma maior proximidade com as várias famílias, criando laços de confiança cada vez mais sólidos.

O Centro dispõe de uma equipa coesa e dedicada ao serviço da população para quem trabalha, equipa essa constituída por um conjunto de funcionários e voluntários (integrados num Organigrama Funcional²⁵), que trabalham em parceria²⁶ com uma enorme variedade de instituições governamentais e não governamentais, empresariais, bancárias, etc.

3.3. As actividades de rotina do Centro

O grande objectivo e missão do Centro é “promover uma melhor inserção social, educativa e familiar, a todos os indivíduos em situação de exclusão social e contribuir para que estes adquiram competências pessoais e sociais de forma a exercer a plena cidadania, num espírito de solidariedade humana e cristã.” (Centro Social do Bairro 6 de Maio, 2009: 1) É com o intuito de concretizar este objectivo que o Centro desenvolve diversas acções de cariz educacional, social, cultural e religioso, no âmbito das suas valências – Creche e Pré-Escolar – e de um Projecto de Acção Comunitária. Através destes projectos, a instituição tem procurado dar respostas efectivas às necessidades da população, sempre de forma participada, isto é, envolvendo a população na resolução dos seus problemas e procurando consciencializá-la da importância do seu contributo.

Tentarei dar conta das actividades que decorrem no âmbito de cada um destes projectos, embora aprofunde apenas aquelas que fazem parte do dia-a-dia do Centro, isto é, as que considere como sendo de rotina, uma vez que decorrem diariamente ou semanalmente²⁷. Não tive oportunidade de participar em todas, por isso também não examinarei todas com o

²⁴ Ver: Fotografias C.15-17. O Interior do Centro Novo, p. XI.

²⁵ Ver: Fig.B.2. Organigrama Funcional do Centro Social do Bairro 6 de Maio, p. VII.

²⁶ Ver: Quadro A.1. Lista das Parcerias do Centro Social do Bairro 6 de Maio, p. I.

²⁷ Ver: Quadro A.2. Actividades de Rotina do Centro Social do Bairro 6 de Maio, p. II.

mesmo pormenor, incidirei naquelas que observei ou sobre as quais recolhi informação pertinente através de entrevistas e conversas informais. Note-se que para a explicação e descrição das actividades, a que me dedicarei de seguida, teve também especial importância o acesso ao Plano de Actividades do Centro Social do Bairro 6 de Maio.

3.3.1. Apoio à infância

Face à elevada taxa de natalidade no bairro, à existência de bebés e crianças desprotegidas, e à ausência de infra-estruturas de apoio à infância no contexto do bairro, as *Irmãs* decidiram dar resposta a esta necessidade e abrir a Creche (para crianças entre os 12 meses e os 3 anos) e o Jardim-de-Infância (para crianças dos 3 aos 6 anos). A primeira valência conta neste momento com 20 crianças e a segunda com 75, sendo que ambas procuram proporcionar-lhes actividades que estimulem o seu desenvolvimento global e integração social.

Tive oportunidade de passar algum tempo com estes meninos, ora no refeitório, ora nos intervalos e também conversei sobre eles com a M^a João, a qual afirmou que são, na sua grande maioria, crianças, descendentes de imigrantes cabo-verdianos, provenientes do Bairro 6 de Maio (têm prioridade perante outros bairros), apesar de terem também algumas crianças da Damaia. Na sua opinião, estas crianças “vivem em péssimas condições habitacionais, em casas húmidas, chegam ao Centro com roupa mal lavada, mal seca que cheira a mofo... As mães fazem limpezas, os pais trabalham na construção civil, para ganharem algum dinheiro fazem horários impraticáveis.” (M^a João, 13/11/2009)

O Américo também se referiu a esta questão, afirmando que as crianças estão entregues aos irmãos, sofrendo consequências graves a nível afectivo. A Ir. Deolinda acrescenta, ainda, que no Verão, muitas vezes, o Centro fecha tarde e várias crianças ficam na rua até horas impróprias para a sua idade, brincam no pátio sem que ninguém as chame para jantar e, também já aconteceu serem atropeladas na rua, ou terem acesso a seringas, garrafas e até preservativos perdidos nos becos. A Nucha²⁸ partilha a mesma preocupação que a Irmã, afirmando que “há uns anos não havia meninos de rua africanos, havia sempre uma tia, uma avó que os acolhia, mas hoje a realidade é outra” (13/11/2009). A solução encontrada pelo Centro para dar resposta a este problema foi a realização de uma formação de pais nesta área.

Contudo, estas mães sentem que o Centro é um local seguro para os filhos, onde se desenvolvem, aprendem e têm acesso a coisas que não teriam noutra local. O Américo contou inclusivamente que “está sempre tudo cheio nas inscrições... quando há inscrições à 2^a feira,

²⁸ A Nucha é educadora e trabalha no Centro há cerca de 15 anos.

as pessoas dormem à porta do Centro no Domingo...” (13/11/2009). A verdade é que as *Irmãs* consideraram importante investir no desenvolvimento das crianças em diferentes esferas: saúde, social e artística. São exemplo disso, as várias actividades a que as crianças têm direito no Centro, tais como música, ginástica e capoeira²⁹.

A uma Terça-feira fui ter ao Espaço Cultural, onde me encontrei com a educadora Mafalda e os seus 23 meninos, com cerca de 5 anos. O professor, de nome Margô e origem brasileira, começou por organizar as crianças em 4 filas, depois pediu-lhes que quando quisessem falar colocassem o dedo no ar e esperassem a sua autorização para o fazer. No fundo, procurou exigir as regras que as crianças precisam, ao mesmo tempo que lhes deixava algum espaço para a brincadeira, explicando que a Capoeira não é algo individual mas sim um jogo a dois, onde é preciso «gingar». Através desta actividade são passados valores às crianças, tais como a solidariedade e a cooperação, investe-se no seu sentido rítmico e coordenação e são passadas algumas regras de comportamento. (Excerto do Diário de Campo, 17/11/2009)

É certo que o contexto social em que vivem é adverso, porém estas crianças revelam uma enorme vontade de aprender e uma grande aptidão para as artes, principalmente, para a dança e música. Por isso mesmo, é preciso apostar nestas actividades, valorizá-las naquilo que têm de melhor, canalizando essas energias para aprendizagens e coisas positivas, para que no futuro sejam adultos preparados para viver em sociedade. No *site* do Centro, a Ir. Deolinda destaca, por exemplo, “o prémio que 3 crianças da sala azul – 5 anos – receberam por os seus trabalhos terem sido (...) seleccionados para o Cancioneiro Infanto-Juvenil do Instituto Piaget e que foi um projecto de âmbito nacional. Assim, estas crianças são já co-autores do livro (...).”³⁰

3.3.2. Formação

Nas minhas primeiras incursões ao Centro tive oportunidade de conhecer a antiga sala do ATL, hoje a actual Sala de Estudo, onde decorrem as explicações do Projecto “Saber +”. Trata-se de um projecto destinado a adolescentes e jovens, a frequentar o 2º, o 3º Ciclo do Ensino Básico e o Ensino Secundário, residentes nos bairros ou integrados nalguma actividade do Centro. O seu objectivo é promover o desenvolvimento de métodos de estudo e hábitos de trabalho autónomos ou em grupo e contribuir para o seu sucesso escolar. No fundo, para além de ajudar os jovens a vencerem as suas dificuldades de aprendizagem, pretende-se motivá-los a prosseguir os estudos, a construir o seu projecto de vida, contribuindo para a promoção da sua educação e formação profissional e para a sua inserção no mercado de trabalho, elementos fundamentais na luta contra o desemprego e a exclusão social que se

²⁹ Ver: Fotografias C.18-21. Capoeira, p. XII.

³⁰ Fonte: http://csb6maio.eco-gaia.net/index.php?option=com_content&view=article&id=5:algumas-actividades-extra-do-centro-social-do-bairro-6-de-maio&catid=2:sem-categoria&Itemid=5 em 04/2011

vivem no bairro. O projecto é apoiado pela empresa de Advocacia *Linklaters*, que no fim de cada período escolar, entrega um prémio de mérito aos alunos com melhor aproveitamento.

O Projecto de Bolsas de Estudo – “Um Passo Para o Outro Lado” – é dirigido a jovens que frequentam o Ensino Superior, os quais recebem um valor mensal para que possam pagar as propinas e todos os gastos com a Faculdade.

Face ao contexto social, económico, habitacional, cultural e geográfico que caracteriza o bairro, a motivação e o gosto pela escola dificilmente são suficientes para que a maioria dos seus jovens tenha como objectivo a entrada na universidade. Todavia, o Centro considera que “isto não acontece, de modo algum, por falta de capacidade intelectual da população, mas sim pelas condições envolventes, que por si só não permitem valorizar o plano escolar.” (Centro Social do Bairro 6 de Maio, 2009: 82) Por isso mesmo, a instituição acredita que elevar o nível de formação cultural e técnico da população é fundamental para quebrar o ciclo vicioso que espelha a realidade destes bairros, e resolveu apostar neste projecto, sustentado com o apoio financeiro de patrocínios de várias empresas/instituições e nos lucros provenientes da venda do livro “Do Outro Lado da Linha”, já aqui mencionado.

O objectivo das *Irmãs* é atribuir responsabilidades a estes jovens, comprometê-los com o bairro e fazer deles os principais actores de uma história pessoal de sucesso mas também de uma história colectiva de bairro positiva. A prova disso está num dos requisitos que estipularam para a atribuição da bolsa de estudo: “este projecto destina-se a jovens (...) que se comprometam a participar nos projectos do Centro Social ou que pretendam criar um novo projecto em favor da comunidade residente.” (Centro Social do Bairro 6 de Maio, 2009: 83)

No ano lectivo de 2009/2010 o Projecto contou com seis bolseiras, com idades compreendidas entre os 18 e os 31 anos, a frequentar as seguintes licenciaturas em diferentes estabelecimentos de ensino: Contabilidade e Administração, Estudos Africanos, Direito e Enfermagem. (Centro Social do Bairro 6 de Maio, 2009: 83)

Mas os jovens não são a única faixa etária que preocupa as *Irmãs*. Face à existência de um considerável número de adultos sem a escolaridade básica (competências essenciais como a leitura, a escrita, o cálculo e a representação), as *Irmãs* quiseram colocá-la ao alcance dessas pessoas promovendo, assim, a igualdade de oportunidades. A alfabetização foi a primeira actividade que elas desenvolveram, a primeira necessidade que encontraram e o primeiro investimento que fizeram, vindo a constituir-se como um modelo para o país. Como já foi referido, começou por realizar-se ainda em 1977, no contexto da promoção da mulher, uma vez que nesse tempo as mulheres estavam em casa e conseguiam dedicar-se mais ao projecto

e, desde essa altura, que esta actividade é muito procurada, não só pela população do bairro, como também por pessoas das zonas limítrofes e até de freguesias do Concelho de Sintra.

Trata-se do projecto “Alfabetizando” e, a seu respeito, tive oportunidade de conversar com o Américo. Este projecto é apoiado pela Associação Católica Europeia PORTICUS, tem três professores destacados do Ministério da Educação e vários voluntários. O seu objectivo é promover a instrução e, simultaneamente, fomentar a consciencialização e a cidadania activa no mundo actual, actuando ao nível do primeiro ciclo, sendo que a progressão dos adultos é, geralmente, muito lenta e sujeita a abandonos, devido ao pouco tempo que podem dedicar a esta actividade, em simultâneo com obrigações familiares e profissionais. Todavia, “tem sido crucial no decorrer deste projecto, a motivação, a responsabilidade e a perseverança dos alunos, factores que justificam e permitem ir *Alfabetizando* cada vez mais pessoas.” (Centro Social do Bairro 6 de Maio, 2009: 85)

O projecto conta, então, com 46 alunos, distribuídos por dois níveis de alfabetização e uma turma de Português para Estrangeiros. Esta última é constituída, na maioria, por imigrantes de países africanos que não dominam a língua, recém-chegados a Portugal e que, para se tornarem autónomos precisam aprender português, para depois poderem, se quiserem ou for necessário, prosseguir para as turmas de Alfabetização.

Muitos dos alunos são muçulmanos do Senegal, Guiné e Gâmbia. O Américo explicou-me que “à 6ª feira ninguém vai às aulas porque vão à mesquita” (13/11/2009). Face a esta realidade, a Ir. Deolinda acrescentou que têm apostado no diálogo inter-religioso, aliás, desde que os guineenses chegaram ao bairro que têm meninos muçulmanos no Centro. Na altura da guerra do Iraque procuraram estreitar as relações até para prevenir algum tipo de tensão e aproveitaram o facto de a comunidade muçulmana ter aberto uma mesquita no Bairro Estrela d’África para fazer algumas celebrações em conjunto (Mesquita vs Centro).

Uma outra actividade ligada a esta área é o Centro de Recursos – a “Mediateca”, à qual me acompanhou a M^a João. Trata-se de uma sala pequena situada no Centro Novo, que pode ser usada para a leitura e consulta de livros, realizar jogos, aceder a computadores para elaboração de trabalhos ou navegar na internet gratuitamente e onde são dadas formações de Iniciação à Informática. Este projecto visa, então, facilitar aos seus utilizadores uma melhor inserção na sociedade moderna.

3.3.3. Apoio Social

No âmbito social, o Centro procura acompanhar e encaminhar situações-problema de crianças, jovens e adultos, através do seu Projecto de Acção Comunitária, o qual abrange cerca de 1100 famílias.

Para a concretização deste trabalho assume especial importância a actuação do Gabinete de Serviço Social, cuja dinâmica a Marisa me ajudou a perceber. No fundo, as técnicas fazem atendimento à população nas áreas de segurança social, habitação, saúde, procura de emprego, formação profissional, ajudando a resolver complicações com entidades patronais, contratos de compra e venda, legalizações, preenchimento de documentos (o IRS, por exemplo), auxiliando na marcação de consultas, na compra de medicamentos, entre outras coisas.

De facto, as dificuldades em colocar em prática os direitos e os deveres assumem proporções mais complexas no seio da população imigrante, em especial para aqueles que se encontram economicamente desfavorecidos, como os idosos, os desempregados ou com emprego precário, as crianças e os ilegais. Para a Marisa, o problema destas pessoas é ao nível da autonomia, daí a importância do Gabinete ao nível do esclarecimento de direitos, das questões relacionadas com a cidadania, da mediação entre a comunidade e os vários serviços disponíveis e do encaminhamento para as entidades que podem resolver os problemas mais específicos dos utentes. Trata-se de um serviço que funciona a qualquer hora sem marcação, sendo que a porta está aberta a todos, inclusive a famílias que não são do bairro. Tem cerca de 80 famílias com processo aberto e fazem entre 15 a 20 atendimentos diários, na sua maioria a mulheres adultas e a jovens que procuram o primeiro emprego. Neste contexto, a Marisa mostrou alguma preocupação com os hábitos de trabalho da população, afirmando que muitos se acomodam facilmente ao desemprego.

Não obstante, os problemas maiores são ao nível da habitação e do realojamento, razão pela qual o Gabinete decidiu investir na educação habitacional. A Técnica de Serviço Social não concorda com o realojamento, feito através de *lobbies* políticos, afirmando que “as pessoas sentem-se divididas entre ter uma casa melhor e sair do bairro... o ideal seria o realojamento no bairro, querem uma casa melhor mas sem sair do bairro...” (13/11/2009). A verdade é que gostam do lugar onde vivem, sentem-se protegidos, rodeados de vizinhos que conhecem, com quem mantêm laços e redes de solidariedade, não querem ir para uma realidade desconhecida e à qual nunca foram habituados.

Por último, o gabinete também presta apoio a cerca de 50 famílias, através do Banco Alimentar (adianta a burocracia, selecciona as famílias, faz os sacos todas as semanas, prepara

os cabazes de Natal), despistando situações problemáticas em parceria com o Grupo de Ajuda Fraterna (sobre o qual falarei mais adiante) e com a Comissão de Protecção de Menores.

Não menos importantes, e actuando em regime de interdisciplinaridade e complementaridade com o Gabinete de Serviço Social, estão o Gabinete Jurídico (presta informação e esclarecimentos a nível jurídico, em diferentes áreas do direito, realiza diligências extrajudiciais e utiliza mecanismos informais de conciliação) e o Gabinete de Psicologia (dirigido a todos os utentes que apresentem problemas inscritos num contexto psicossocial, engloba toda a comunidade dos bairros envolventes, porém, acaba por atender essencialmente as crianças e famílias que frequentam as diferentes valências do Centro, bem como alguns casos sinalizados pelas Técnicas de Serviço Social).

Também inscrito no âmbito social está o Projecto “Reintegrar”, iniciado há cerca de sete anos por um grupo de voluntários (algumas *Irmãs*, moradores do bairro, etc.), que desenvolve visitas a quatro Estabelecimentos Prisionais da Grande Lisboa: o E.P. do Linhó, o E.P. de Caxias, o E.P. de Sintra e o E.P. de Lisboa, escolhidos pela proximidade geográfica e por acolherem um elevado número de reclusos dos bairros.

Precisamente, porque o Centro Social se apercebeu que o número de detenções de indivíduos do bairro era considerável (por tráfico de estupefacientes, furtos e assaltos, envoltos, muitas vezes, em violência), afectando alguns dos agregados familiares e crianças que frequentam as valências, por terem familiares próximos detidos, muitas vezes o pai ou a mãe, o Centro considerou importante chegar até estas pessoas e fazer com elas algum trabalho social. Até porque se verifica a existência de um elevado número de reincidentes, ou seja, casos de jovens que após terem cumprido pena, voltam a ser detidos, ou mesmo que não o sejam continuam a praticar actos ilícitos.

As *Irmãs* levam-lhes alguns temas de reflexão (relacionados com a sociedade, com a espiritualidade), fazem-lhes companhia, conversam com eles, rezam... Porém, de acordo com a Ir. Deolinda, quase nunca conseguem fazer o planeado, pois “o grupo está sempre a mudar, a uns não lhes apetece nesse dia, outros não foram informados, outros já saíram.” (30/10/2009).

3.3.4. Grupo de Ajuda Fraterna e Feira da Roupas

O Grupo de Ajuda Fraterna reúne-se uma vez por mês para reflectir sobre situações de pobreza extrema existentes no bairro. Conta com nove pessoas, conhecedoras da realidade e das famílias que residem nos bairros, as quais procuram contribuir para que se apure, de forma mais rápida e eficaz, a real situação socioeconómica dessas famílias. O grupo dá

prioridade a pessoas com menos recursos e sem outros apoios, gerindo o fundo por que é responsável (composto pelo peditório da missa e pelos donativos que chegam ao Centro), e atendendo a situações de emergência (leite para crianças, transporte para uma ida ao médico, etc.). Todavia, nos casos em que há necessidade de apoios mais prolongados, a Técnica de Serviço Social procura acompanhar as situações e encaminhá-las para outras instituições.

Uma das responsabilidades semanais do grupo é a Feira da Roupas³¹, actividade a que assisti, ainda em Novembro de 2009, acompanhada pela Joana e a Manu³².

Quando chegámos já estavam várias pessoas à porta, à espera. À entrada encontrava-se um monte de sapatos espalhados no corredor e na sala várias mesas reunidas ao centro com um monte de roupa em cima. Também reparei em três sacos com brinquedos. As duas funcionárias deram permissão e as 15 mulheres que esperavam entraram, com sacos grandes do lixo para colocar as roupas. A Joana informou-me que esta leva foi dada por uma Igreja, “desta vez vai sobrar para a próxima semana, mas há semanas em que não se faz a feira por falta de coisas. Com o Natal as pessoas dão mais, aparecem muitos brinquedos e comida também. Há coisas usadas mas também coisas em muito bom estado...”

As mulheres vasculhavam o monte de roupa e escolhiam silenciosamente. “Há roupa para criança... olha tu que tens meninos... há aqui roupa de rapaz!” dizia uma delas. As mais vaidosas colocam a roupa à frente do corpo, parecia não ser o tamanho certo mas levavam à mesma dizendo “depois em casa dou-lhe um jeito”.

Tentei conversar com elas, mas não estavam para muitas conversas, talvez se sentissem embaraçadas naquela situação, expostas a uma pessoa estranha, a olhá-las enquanto recolham roupa usada, ou por outro lado, talvez não se quisessem distrair para não perderem as melhores peças. Apenas uma ou outra me disseram que vêm sempre a esta feira por não terem dinheiro para comprar nas lojas. Também levaram brinquedos, “dá jeito para depois oferecer no Natal” dizia uma. Outra comentava “há sapatos bonitos... vou levar estes para aquela que tem o pé pequeno...” (Excerto do Diário de Campo, 17/11/2009)

Parece-me que, mais uma vez, a rede de solidariedade e a atenção que estas mulheres revelaram umas pelas outras se fez notar. É precisamente esta união que as pessoas não querem perder ao serem realojadas noutros bairros, longe umas das outras e dos laços que construíram. Porém, a pobreza é uma realidade e a feira assume um papel muito importante para estas mulheres, o Américo refere que muitas não teriam o que vestir se não fossem lá buscar algumas peças para si e para os seus filhos. “A Feira da Roupas tem muita adesão, há roupa e sapatos que outras pessoas oferecem, a população paga o que pode, um preço simbólico, que vai para o Grupo da Ajuda Fraternal” (13/11/2009). Este é mais um exemplo da forma como as *Irmãs* procuram envolver a população nos projectos que desenvolvem, ao ponto de ser este grupo, composto por pessoas do bairro, que gere este dinheiro e procura diagnosticar situações urgentes para aplicá-lo.

³¹ A Feira da Roupas decorre 3^{as} feiras, às 13h30. Ver: Fotografias C.22-24. Feira da Roupas, p. XII.

³² A Joana é Encarregada dos Serviços Gerais, administra a “casa”, a Manu trabalha na secretaria. No entanto, ambas estão envolvidas em vários projectos do Centro.

3.3.5. Grupo de Idosos “Tesouros de Vida”

O Grupo de Idosos “Tesouros de Vida”³³ consiste num projecto assente na criação de um espaço de convívio, participação e troca de experiências para os mais idosos, uma forma de ocuparem o tempo (fazendo trabalhos manuais, expressão plástica, dança), em vez de permanecerem em casa, na rua ou nos cafés, valorizando os seus conhecimentos e aproveitando a sua imensa riqueza histórica e cultural.

Cheguei a participar numa das suas reuniões, as quais decorrem uma vez por semana, no Espaço Cultural, na sala do 1º andar. A Ariana³⁴ diz que o grupo chegou a contar com 16 pessoas, mas uns desistiram, outros faleceram, actualmente contam no máximo com 10 pessoas, mais homens que mulheres, com idades a partir dos 60 anos.

Na sessão em que estive presente, prepararam uma dança africana, cuja coreografia, muito simples, foi inventada por todos, para depois actuarem na festa de Natal do Centro. Pareciam bem-dispostos e motivados, mas com algumas dificuldades de coordenação e mobilidade. Na sequência do ensaio, foi feito o controlo de peso, tensão arterial e diabetes, os quais se mantiveram estáveis em relação à semana passada e, de seguida, servido o lanche. Particpei activamente na actividade, dancei, lanchei e conversei com eles. Uma idosa confessou-me que gostava muito de vir, que se ficasse em casa passava a tarde a ver televisão e, assim, convivia com os outros. Alguns falavam entusiasmados da alfabetização e que já conseguiam escrever o nome.

Além destas actividades são ainda efectuadas, pela Ir. Paz³⁵, visitas diárias aos idosos do bairro, com o intuito de perceber se precisam de algum apoio (em casa, ir à farmácia, ao médico, marcar uma consulta, ir ao supermercado, conversar, preencher um formulário). Não há dúvida que a localização do Centro Social e da própria casa das *Irmãs*, no interior do bairro, facilita estas visitas domiciliárias e um permanente contacto com a população, permitindo que o trabalho de intervenção social se desenrole da forma mais adequada possível, na procura da resposta aos problemas da população.

Na perspectiva da Ir. Deolinda, este trabalho tem melhorado bastante a vida das pessoas, principalmente ao nível da saúde. Além disso, os idosos do bairro são muito abandonados,

³³ Ver: Fotografias C.25-28. Tesouros de Vida, p. XIII.

³⁴ A Ariana, responsável pelo projecto na altura em que fiz o trabalho de campo, era animadora sociocultural no Centro e contava com o apoio de duas estagiárias do Gabinete de Acção Social. Actualmente esta responsabilidade cabe à Bárbara.

³⁵ A Ir. Paz vive na comunidade de *Irmãs* do Bairro 6 de Maio há 2 anos e dedica-se, principalmente, a esta tarefa de acompanhamento e visitas diárias aos idosos e pessoas doentes.

desprezados, sofrem de solidão e ao virem aos encontros convivem, riem, partilham, enfim, têm uma tarde diferente, onde lhes é dada atenção e carinho. Segundo a Ariana, “hoje em dia, os idosos são considerados inúteis, parasitas da sociedade. A família continua a respeitá-los mas não lhes dá assim tanto apoio.” (02/12/2009) A Nucha manifestou a mesma opinião, referindo que “os valores estão a mudar e os avós se queixam que os netos já nem a bênção lhes pedem.” (13/11/2009) A Paula³⁶ considera que “os mais velhos emigraram para conseguirem melhores condições de vida, trabalham muito e lutam pela vida, a geração mais nova é a mais acomodada, não conseguiram prosperar.” (13/11/2009)

Na opinião geral dos entrevistados e também na da Ir. Deolinda, o isolamento dos idosos é um problema grave que atravessa o bairro. Quase todas as pessoas com quem conversei revelaram um certo sentimento de nostalgia em relação aos primeiros imigrantes cabo-verdianos que traziam consigo valores muito enraizados de respeito e estima pelos mais velhos. Contudo, as práticas e hábitos que traziam foram caindo em desuso e o reconhecimento do seu estatuto e responsabilidade perante a família têm sido menos valorizados. Foi por este motivo que o Centro Social considerou importante criar este grupo no sentido de reforçar e valorizar o papel dos mais velhos no contexto social do bairro.

3.3.6. Grupos de Missão, Catequese e Rituais Religiosos

Sendo o Centro Social gerido por uma congregação de *Irmãs*, não poderia deixar de organizar actividades de cariz religioso, entre as quais começo por destacar os Grupos de Missão, um no Bairro 6 de Maio e outro no Estrela d’África. Trata-se de grupos de vizinhos que se reúnem, de 15 em 15 dias, sempre na casa de uma pessoa diferente. A Ir. Deolinda referiu que, nestas reuniões rezar o terço é essencial, não porque as *Irmãs* o exijam, mas porque é desejo deles, pois faziam-no em Cabo Verde. Com efeito, no dia 8 de Novembro de 2009, o encontro assumiu contornos diferentes, os líderes e pessoas mais dinâmicas dos grupos dos dois bairros juntaram-se para a preparação de uma actividade conjunta.

A reunião, na qual participei, decorreu numa sala do Espaço Cultural³⁷, onde estavam presentes a Ir. Deolinda, a Ir. Paz, a Ir. Adelaide³⁸, o Carlos³⁹, 3 homens e 4 mulheres. O

³⁶ A Paula é educadora e trabalha no Centro há cerca de 17 anos.

³⁷ Ver: Fotografias C.29-30. Grupo de Missão, p. XIII.

³⁸ A Irmã Adelaide é a actual Coordenadora Provincial e a Presidente do Centro, pois, de acordo com os estatutos da instituição, as duas funções devem ser assumidas em simultâneo pela mesma pessoa.

³⁹ Na altura em que participei nesta actividade, o Carlos era colaborador na área da Pastoral e responsável pela sala de estudo. Actualmente, estas funções são desempenhadas pelo Nuno Remédio.

objectivo foi organizar pequenos grupos para ir pelo bairro, porta a porta, convidar as pessoas a participar na celebração de abertura do Ano da Bíblia. Nesse sentido, formaram grupos, dividiram as zonas de cada grupo, delimitaram percursos e os tempos das visitas.

Estavam muito motivados e jorravam ideias para a celebração, tendo também eu contribuído com algumas. Decidiu-se, então, fazer uma encenação que devia simbolizar os vários livros que compõem a Bíblia, com o cenário e os objectos necessários, bem como cânticos e danças preparados pelos grupos da catequese. “Tudo o que é bonito aproxima-se de Deus”, dizia uma senhora do grupo. Uma outra ideia foi a realização de uma tenda que iria servir de espaço de adoração, onde poderiam ir as crianças e as pessoas da comunidade: a “tenda da Palavra”. No final, a Ir. Deolinda lembrou que esta celebração seria apenas o começo de várias outras que iriam decorrer ao longo do ano.

A Directora do Centro informou-me depois que o convite porta a porta resultou muito bem e tiveram uma boa recepção por parte das pessoas. Contudo, a data e a hora escolhidas, bem como a chuva resultaram numa celebração mais pequena do que se estava à espera e na destruição da tenda, que estava montada no jardim do Centro, por isso, as *Irmãs* estão a estudar alternativas, talvez uma tenda mais resistente.

No que respeita à catequese, para as crianças funciona das 18h às 19h, de 2ª a 5ª feira, no Espaço Cultural. Relativamente aos adultos, segundo a Ir. Deolinda

...deu-se um «fenómeno», temos cerca de 20 pessoas na catequese de adultos, a qual funciona 6ª feira à tarde e Domingos depois da missa. Uma vez por mês, os adultos também têm formação com um Pe. Espiritano. Trata-se de uma pessoa muito assumida com a sua cultura africana e passa muito isso às pessoas. (Ir. Deolinda, 30/10/2009)

Deve aqui também salientar-se o Grupo de Jovens “Dominic@s”, surgido a partir de dois grupos de catequese, com o objectivo de promover o auto-conhecimento, fortalecer a auto-estima e a identidade de cada membro do grupo fomentando, ainda, a abertura dos jovens ao exterior do bairro, através do intercâmbio com outros grupos de jovens. É constituído por catorze jovens entre os catorze e os vinte anos.

Nesta área da pastoral também se encontra o “Grupo Coral do Bairro 6 de Maio”, o qual pretende promover a interculturalidade musical e religiosa, destacando as tradições caboverdianas através da utilização de instrumentos musicais como: batoque, *chikitse*⁴⁰, pandeireta, maracas, viola, entre outros. Em português, crioulo (de Cabo-Verde e da Guiné), ou em línguas de outros países (Angola, Moçambique e Tanzânia), este grupo anima semanalmente a Eucaristia Dominical celebrada no salão do Espaço Cultural, aliando o canto

⁴⁰ Instrumento de origem moçambicana.

e o som dos instrumentos ao ritmo e expressão corporal do grupo. Daí resultam celebrações eucarísticas vivas e animadas, onde não conseguimos deixar de sorrir e de bater o pé ao ritmo do jambé, como me aconteceu em todas as celebrações em que participei!

Uma delas foi a Missa dos 50 anos de Congregação da Ir. Isabel⁴¹. A cerimónia realizou-se no salão do 1º andar do Centro Cultural, como é habitual, num ambiente muito familiar. As paredes da sala são coloridas, existe uma cruz muito simples ao centro, um altar com uma capulana africana, velas e cadeiras. O Grupo Coral contou, naquele dia, com uns 15 jovens, entre os quais o Américo e o Carlos, que cantavam e tocavam os seus instrumentos. A maior parte das músicas foi cantada em crioulo e houve um ofertório solene⁴². O Padre usou palavras simples e alegres, com algum humor, valorizando a vida de entrega aos outros que as *Irmãs* levam, nomeadamente, a Ir. Isabel⁴³.

O que destaque da celebração é a alegria contagiante, a atenção com que todos ouviam as leituras e as palavras do Padre, a proximidade a que o próprio espaço obriga, os olhares e os sorrisos, os cumprimentos de quem se conhece bem, a felicidade de todos pela Ir. Isabel. Quando a missa terminou foi uma confusão, porque a sala é pequena e todos se queriam cumprimentar e pôr a conversa em dia. Note-se, porém, que não saíram da sala enquanto não arrumaram as cadeiras e os instrumentos, para que tudo ficasse impecável e preparado para as actividades que decorrem no mesmo espaço, durante a semana. De facto, a população tem uma participação muito activa nas celebrações, como diz o Américo, “a própria missa faz-se segundo a tradição de Cabo-verde, cantamos em crioulo, somos nós que preparamos as coisas, arrumamos... noutras Igrejas não há assim tanta participação.” (13/11/2009)

É no contexto religioso que também são organizadas, no Centro, várias actividades ao longo do longo do ano (como a Festa do Padroeiro e as Peregrinações a Fátima, abordadas mais adiante), não fossem as *Irmãs* uma congregação religiosa. Porém, é notável o respeito que nutrem pelas crenças de todos e o facto de serem as pessoas que muitas vezes lhes solicitam essas actividades. Por exemplo, as celebrações eucarísticas eram realizadas de 15 em 15 dias, contudo, a própria população insistiu para que fossem todos os Domingos. A

⁴¹ A Ir. Isabel é Auxiliar de Educação e tem uma longa experiência missionária. Esteve vários anos em Timor (Oécussi, Ermera e Maliana), nos Açores e em Moçambique. Em Portugal esteve na comunidade de Castelo Branco, Porto e Lisboa. Vai fazer dois anos no bairro, onde apoia as actividades infantis na catequese e no Centro Social.

⁴² Várias pessoas levaram diferentes símbolos até ao altar, enquanto outra pessoa lia a explicação desse símbolo, justificando porque o estava a oferecer a Deus nesse dia.

⁴³ Ver: Fotografias C.31-32. Missa dos 50 anos de Congregação da Ir. Isabel, p. XIV.

religiosidade das pessoas não foi, portanto, adquirida no bairro ou inculcida pelas *Irmãs*, mas sim trazida da sua terra natal.

3.3.7. A música e a dança

Esta é também uma área muito importante no contexto do Centro, a partir da qual se aposta em actividades ligadas à identidade cultural da população.

O Grupo “União na Capoeira” dá, muitas vezes, continuidade à modalidade de capoeira que muitas crianças já frequentaram na Sala dos 5 Anos do Pré-Escolar. Procura, então, proporcionar a crianças e adolescentes com idades entre os 6 e os 15 anos, uma actividade lúdico-pedagógica que permite, como já foi demonstrado acima, trabalhar a importância da aquisição de regras e hábitos de comportamento em grupo.

Também inseridos neste contexto estão alguns grupos de dança. De facto, “a música e a dança são dois dos elementos mais fortes de expressão da cultura africana. Marcam, não só os momentos mais importantes da vida, como também estão presentes no quotidiano desta população.” (Centro Social do Bairro 6 de Maio, 2009: 94)

O “Grupo Lúmen G.” é um grupo de dança africana e não só, nascido em 2002, constituído por oito raparigas entre os 23 e os 30 anos. A sua responsável era a Bela⁴⁴ que ensaiava as colegas uma vez por semana. Além dos seus ensaios e actuações, procuravam organizar eventos, tendo em vista a angariação de fundos para fins sociais. Foi um grupo muito activo mas, actualmente reúne-se apenas pontualmente para convívios.

O Grupo Batuque “Netas di Bibinha Cabral” é bastante mais antigo, contando com alguns anos de história. Hoje é um grupo muito solicitado, tendo recentemente participado num projecto em parceria com a Companhia Nacional de Bailado.

O batuque⁴⁵ é parte integrante da vida de quase todas as mulheres cabo-verdianas, uma actividade extremamente importante para a sua auto-valorização, marcando a alegria nos momentos importantes da sua vida, através de ‘ritos de passagem’ – festas do nascimento,

⁴⁴ A Bela viveu no Bairro das Fontainhas. É licenciada em Marketing, foi animadora sociocultural no Centro, fez parte do grupo de jovens e, actualmente, continua a pertencer ao Grupo de Festas, ao Grupo de Batuque e a animar as eucaristias. Neste momento trabalha no ACIDI – Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

⁴⁵ O Batuque é um ritmo cabo-verdiano, considerado um dos géneros mais representativos do património da ilha de Santiago. O ritmo (Tchabeta) é marcado por mulheres sentadas em círculo, frente à casa ou no pátio interior (terreiro) batendo em almofadas ou sacos de plástico colocados entre as coxas. As Tchabetas substituíram os tambores africanos, proibidos pelas entidades coloniais, por recearem que os escravos os utilizassem para comunicar entre si. (Silva, 2003: 66).

batismo, casamento, acompanhando por vezes a noite de preparação da noiva, festas em honra dos familiares, celebração da independência de Cabo Verde, entre outros –, os quais são transmitidos de geração em geração. Constitui, por isso, um meio privilegiado de divulgação e preservação do património cultural cabo-verdiano.

Foi precisamente na tentativa de manter viva a tradição que este grupo surgiu em 1987, sendo actualmente constituído por quinze mulheres, com idades compreendidas entre os 18 e os 60 anos. Não deixa de ser curiosa a presença e participação de mulheres tão jovens no seio do grupo, filhas de imigrantes que nunca avistaram a terra natal dos seus pais, como é o caso da Bela, que está no grupo há 14 anos. A verdade é que, normalmente, o ambiente familiar e o bairro são dois espaços que estimulam a prática do batuque entre as jovens descendentes, reforçando a sua identificação não só ao batuque, como também ao arquipélago, mesmo sem o conhecer. Na opinião de Barbosa e Ramos, trata-se de “uma determinada memória «vivenciada» da terra de origem dos seus pais. Esta memória é, por sua vez, estimulada pelos sentimentos de nostalgia ou narrativas de «sodade» (...).” (Barbosa, 2008: 189)

3.4. As actividades cíclicas do Centro

Muitos dos projectos e grupos a que me referi nos capítulos anteriores, além dos seus encontros, reuniões e actividades de rotina, têm a si associados alguns eventos ou actividades que são cíclicas, isto é ocorrem apenas uma vez por ano e, muitas vezes, envolvem os seus animadores, as *Irmãs*, os funcionários do Centro, voluntários e as pessoas da comunidade.

Ao longo do calendário anual podem encontrar-se, entre outras, as seguintes actividades: a Festa Crioula (em Fevereiro), Peregrinação a Fátima, a Festa do Bairro 6 de Maio e a Semana Africana (em Maio), A Festa do Padroeiro/Independência de Cabo Verde (em Julho), a Peregrinação Africana a Fátima (em Agosto), a Festa de Natal (em Dezembro).

Na impossibilidade de estar presente em todas, foram três as actividades cíclicas em que participei activamente: Semana Africana, Festa do Padroeiro/Independência de Cabo Verde e Peregrinação Africana a Fátima. Procurei não ser apenas uma mera espectadora destes eventos, dando o meu contributo e opinião sempre que possível, até porque isso era importante para a minha integração. Muitas vezes deixei de fazer gravações ou tirar fotografias precisamente por isso, porque acabava por dar demasiada visibilidade à minha tarefa de investigadora, afastando-me das pessoas. Todavia, não descurei esse meu papel e procurei apreender toda a riqueza cultural destes eventos e reflectir sobre a sua importância no contexto desta investigação. Posso afirmar que foram imensas as descobertas e as pistas que se levantaram desta observação.

3.4.1. Semana Africana

A semana de África é um evento, inspirado no dia de África (25 de Maio), introduzido pela Bela quando ainda era animadora no Centro. Começou no ano lectivo 2004/2005 e continua até hoje com o objectivo de celebrar África com as crianças da Creche e do Jardim-de-Infância.

Em 2010 decorreu entre 24 e 28 de Maio. Durante estes dias, a ementa dos almoços sofreu algumas alterações, tendo sido elaborados pratos típicos cabo-verdianos e moçambicanos. Também houve uma tarde em que crianças e funcionários tiveram direito a cuscuz⁴⁶ à hora do lanche.

Além da ementa africana, durante esta semana, o Centro desenvolveu actividades especialmente ligadas ao Continente Africano: Desfile de Traje Africano, Roda de Capoeira, Dia de Batuque e Dança Oriental⁴⁷. Das quatro assisti a duas, ao Desfile de Traje Africano e ao Dia de Batuque, as quais decorreram no pátio do Centro Novo. Todas as crianças do Centro participaram, acompanhadas das suas educadoras, auxiliares e restantes funcionários que também se juntaram à festa, assistindo animados aos dotes artísticos dos mais pequenos.

No que diz respeito ao Desfile de Traje Africano⁴⁸, tratou-se de um verdadeiro espectáculo de moda!

Não faltaram as capulanas coloridas (panos usados pelas mulheres nalguns países africanos) a meninos e meninas, que simplesmente as enrolavam ao corpo, ou, no caso dos mais aperaltados, traziam fatos e vestidos feitos dos mesmos tecidos. Quanto aos penteados, claro que as meninas também exibiam as suas artísticas trancinhas, provavelmente feitas pelas mães com mais esmero por este ser um dia especial.

Também as educadoras, apresentadoras do espectáculo, amarraram as capulanas à cintura e, ao som da música africana, fizeram desfilar os meninos, um a um, encenando poses e sorrisos, como se de estrelas da *passerelle* de tratassem. Enquanto uns desfilavam, os outros aguardavam ordeiramente sentados no chão do pátio, assistindo ao desfile dos colegas muito divertidos. No final, dançaram todos ao som da música. (Excerto do Diário de Campo, 24/05/2010)

O Dia do Batuque⁴⁹ foi igualmente animado.

Todos se sentaram no chão ou em cadeirinhas em círculo, alguns ficavam apenas a assistir, outros aventuravam-se a dar umas batidas no batuque, orientados por duas mulheres que batiam freneticamente no batuque, enquanto, no meio, em cima de uma lona, dançava um grupinho de cada vez, com os panos de capulana enrolados à cintura. Foi surpreendente ver o sentido de ritmo daquelas crianças, tão pequenas, a requebrar a anca ou a batucar como gente grande. (Excerto do Diário de Campo, 26/05/2010)

⁴⁶ Bolo típico de Cabo Verde, cozido a vapor e feito de farinha de milho.

⁴⁷ Ver: Quadro A.3. Actividades da Semana de África – Ano Lectivo 2009/2010, p. III.

⁴⁸ Ver: Fotografias C.33-34. Desfile de Traje Africano, p. XIV.

⁴⁹ Ver: Fotografias C.35-36. Dia do Batuque, p. XIV.

3.4.2. Festa do Padroeiro/Independência de Cabo Verde

De acordo com a Ir. Deolinda, a Festa do Padroeiro era muito importante em Cabo Verde e, por isso, quiseram reproduzir o modelo no bairro. No início dos anos 90, decidiram ir, porta a porta, perguntar às pessoas dos bairros (6 de Maio, Fontainhas e Estrela d'África) a sua opinião para se decidir qual seria o Padroeiro da festa. A escolha foi S. Domingos de Gusmão, pois houve um bispo Dominicano em Cabo Verde e o nome ficou muito enraizado no país. Além disso, S. Domingos é também um dos fundadores das *Irmãs* e, assim, todos celebram, até hoje, com muita devoção este dia em que respiram um pouco de Cabo-Verde.

A festa do Padroeiro é comemorada em simultâneo com a Independência de Cabo Verde (5 Julho), daí que seja sempre no 1º fim-de-semana de Julho, e se evidencie como um momento de grande orgulho nacional e união entre as pessoas.

É da responsabilidade do Grupo de Animação e Coordenação de Festas a organização da grande festa. Este grupo desenvolve um excelente trabalho de equipa na organização de actividades culturais e religiosas, procurando envolver e integrar a comunidade dos bairros e ex-residentes, através da convivência e do intercâmbio cultural. São 16 pessoas (14 permanentes e 2 eleitas anualmente – os “Juizes da Festa do Padroeiro”), as quais detêm diferentes idades e nacionalidades (cabo-verdiana, portuguesa, guineense e santomense) e contam com a colaboração de residentes e ex-residentes dos bairros, trabalhadores, amigos e voluntários do Centro.

No ano 2010, a festa revestiu-se de um especial espírito festivo, porque a Embaixada de Cabo Verde quis unir-se, de modo oficial, ao Centro Social, propondo uma parceria para comemorar os 550 anos da descoberta das ilhas e os 35 anos da sua independência. O seu objectivo era convocar imigrantes a nível nacional, as suas associações, artistas cabo-verdianos, entre outros. Nos últimos anos, a festa decorreu sempre no pátio do Centro, onde se realizava a missa e a parte cultural, no entanto, dada a dimensão que a Embaixada lhe pretendeu atribuir, as *Irmãs* decidiram, realizar a celebração eucarística na Igreja da Buraca, onde já organizaram outros eventos de maior dimensão, o almoço e a tarde mantiveram-se no Centro, mais perto das pessoas do bairro. Contudo, com a vinda do Presidente da República e o Primeiro-Ministro Cabo-Verdianos para a inauguração do Centro Cultural de Cabo Verde em Lisboa, a disponibilidade da Embaixada para a organização do evento foi bem menor que aquela que se pensou inicialmente. Apesar de tudo, as *Irmãs* gostaram da ideia do envolvimento da Embaixada, para que a festa fosse valorizada e tivesse visibilidade.

Participei em duas reuniões do grupo de Festas (a 31/05/2010 e a 21/06/2010)⁵⁰, ambas muito dinâmicas e produtivas. O número médio de participantes foi de 12 pessoas. Era necessário tomar decisões, dividir tarefas, estabelecer prioridades e delinear os moldes em que a festa ia decorrer.

Quanto à missa era necessário pedir uma imagem de S. Domingos para colocar na igreja; ver quem ficaria responsável pela ambientação, enfeites e flores da Igreja; providenciar um letreiro/faixa a dizer “Independência de Cabo Verde”, bem como as bandeiras de Cabo Verde e Portugal; decidir quem, durante a missa, ficaria a tomar conta do Centro; fazer o esquema da missa; reservar lugares e convocar o coro para o ensaio (a Capelania Africana⁵¹ convoca pessoas que pertencem aos coros das várias comunidades dos bairros para participar no Coro da Festa). Em relação ao coro, o Sr. Cunha⁵² alertou o grupo para o facto de não se introduzirem cânticos estrangeiros (de outros países africanos) nesta festa, pois “se é a Independência de Cabo Verde os cânticos devem ser em crioulo e português.” Aqui presente está sem dúvida a relevância dada à língua materna, discutida mais adiante.

No que diz respeito ao almoço, sempre foi partilhado, contudo, foi necessário assegurar a variedade dos pratos africanos, por isso, cada uma das mulheres presentes na reunião, se ofereceu para fazer um prato típico diferente: cachupa, “feijão pedra” e canja (Cabo Verde), calulu (S. Tomé), caldo de mancará e sumo tradicional (Guiné), etc; ou um acompanhamento: massa, canja, arroz pintado e arroz branco. Foi, ainda, necessário decidir quem lavaria a loiça e quem seriam as aguadeiras⁵³, organizar a venda de rifas, bolos, café, pipocas e gelado, providenciar as senhas carimbadas e a caixa de trocos.

Para a tarde cultural foi necessário decidir quando e quem iria montar o som, tratar da logística (mesas, cadeiras, copos, pratos), da montagem do palco e da lona para a sombra; da vigilância do Centro; pedir apoio à PSP; ver quem seriam os guias de camarins e os apresentadores; como seria a abertura do espectáculo (discurso dos juizes e dança de abertura), quais as actuações e a sua ordem, etc.

⁵⁰ Ver: Fotografias C.37-38. Reunião do Grupo de Festas, XV.

⁵¹ A Capelania Africana é uma entidade reconhecida pelo Patriarcado de Lisboa, da iniciativa dos Padres Espiritanos, com o intuito de apoiar pastoralmente as comunidades africanas em Portugal.

⁵² O Sr. Cunha é o pai da Bela. Viviam nas Fontainhas mas compraram casa com a ajuda da Câmara. Era polícia mas já está reformado e tem participado em imensas actividades do Centro, nomeadamente na Comissão de Festas. Segundo a Ir. Deolinda, “é uma autoridade, o patriarca, o conselheiro, uma referência no bairro, no que respeita aos valores e tradições de Cabo Verde.”

⁵³ Aguadeira é um termo que vem de Cabo Verde que se refere a quem distribui a água nas festas.

A divulgação da festa também se considerou muito importante (o Sr. Cunha falou em chamar-se a RTP África), a realização do programa e delimitação dos horários, bem como do convite, cuja imagem de marca foram as 10 estrelas da bandeira de Cabo Verde, em simultâneo com os 10 motivos pelos quais era necessário festejar⁵⁴.

Relativamente à área financeira, a Embaixada ofereceu-se para conceder um patrocínio para a festa. Por isso, fez-se uma lista das coisas para as quais era necessário apoio: transporte para trazer as pessoas que não têm carro da Buraca ao bairro, flores, fotocópias/convites, lanche, cachupa (para assegurar que não falta, já que o Embaixador pode trazer uma comitiva) e o bolo dos 35 anos da Independência. O orçamento foi, então, aprovado pela Embaixada na totalidade (680€), constituindo uma ajuda preciosa.

Durante as reuniões, o entusiasmo e a responsabilidade de todos eram notórios. Sempre muito disponíveis e prestáveis, trabalharam imenso para a festa, arrumaram, carregaram, cozinham, enfim, dividiram entre todos essas tarefas e responsabilidades. A maioria das pessoas do grupo, já com alguma idade, ajuda à festa há imensos anos e recordavam os tempos em que tudo era mais difícil:

A festa é muito antiga. Antigamente não tínhamos este espaço, era terra batida, tínhamos que andar a salpicar o chão com água para abater o pó. Também não havia esta vedação, tínhamos que montar tudo no próprio dia para não roubar nada. Naquela altura é que tínhamos trabalho! (Paulina⁵⁵, 31/05/2010)

No dia anterior à festa fui cedo para o Centro, pois quis também eu ajudar no que fosse preciso. Às 9h30 da manhã já andavam alguns homens a colocar a sombra sobre o palco, a carregar mesas e cadeiras, entre outras coisas. Ajudei no que pude, almocei com as *Irmãs*, e ainda participei no ensaio do coro, no Centro Cultural.

Sentaram-me de acordo com a minha voz, as cadeiras estavam alinhadas precisamente para separar os tipos de vozes (baixos, altos, contraltos, sopranos) e as letras das músicas encontravam-se projectadas na parede. Começaram por estar uns 10 jovens na sala mas chegaram aos 40. A Ló foi a maestrina, mas a Bela também desempenhou um papel importante nos ensaios, na organização e disciplina do grupo. Apercebi-me, na maioria das actividades em que participei, da sua enorme determinação, versatilidade e capacidade de liderança. Havia dois batusques, um órgão e uma guitarra, cantámos imenso (o ensaio deve ter durado umas 2h ou 2h30), a maioria das músicas eram em crioulo e muito animadas!

⁵⁴ Ver: Fig.B.3. Convite para a Festa do Padroeiro/Independência de Cabo Verde, p. VIII.

⁵⁵ A Paulina é a mulher do Sr. Cunha, é auxiliar de acção educativa no Centro e participa no Grupo de Batusque.

No dia da Festa (04/07/2010) dirigi-me à Igreja da Buraca, onde me integrei no coro. Pontual, o Pe. Dex⁵⁶ começou a celebração às 11h.⁵⁷ O Sr. Cunha fez as introduções às leituras e diferentes momentos, muitos deles encenados, dançados ou cantados pelos jovens, os quais levavam vestes acetinadas até aos pés ou panos africanos. Na homília, o Padre usou uma metáfora ligada ao futebol para reforçar a importância da família, da união entre os imigrantes, da passagem dos valores para os mais novos, da independência e da liberdade:

Em Portugal, um cabo-verdiano nunca está sozinho, tem sempre um primo, um tio algures (...). A família é importante não só na Igreja mas em casa e em sociedade. É em família que tudo começa, que a criança cresce e apreende valores. A família torna-se campo de treino. (...) É preciso recordar os valores da família, é lá que as crianças os interiorizam, eles são os jogadores que depois vão jogar no campo da sociedade. Não os podemos deixar na defesa, é preciso preparar avançados. Perdão, tolerância, compreensão é o que precisam, a independência não é libertinagem, é liberdade, o que é diferente. (Celebração Eucarística, 04/07/2010)

Houve um ofertório solene, no qual um rapaz e uma rapariga liam, alternadamente, o significado de alguns elementos da simbologia da cultura crioula (Amílcar Cabral, rede, mala de viagem, pilão, enxada, milho, lenha, caravela), enquanto vários jovens os ofereciam ao altar, elas com capulanas e lenços na cabeça, eles com faixas ao peito. Por fim, colocaram a bandeira de Cabo Verde sobre as escadas do altar. No final da celebração, foram chamados a dar uma palavra, um Pe. Dominicano para falar de S. Domingos e a representante da Embaixada de Cabo Verde. Foram também nomeados os juizes da festa, uma espécie de “mordomos” que muda todos os anos. Os antigos juizes entregaram, então, as suas faixas aos juizes que escolheram para o próximo ano. Mas o protagonista do encerramento da celebração foi, efectivamente, o grupo coral que começou por entoar um cântico a S. Domingos (em português), para depois cantar uma canção em crioulo que, com a força dos tambores/batuques e das palmas, levou ao rubro tanto o próprio grupo como a assembleia.

Já no Centro Social⁵⁸, deu-se início ao almoço. Estava tudo delicioso, mas o calor era insuportável, deve ter atingido os 40°C. Enquanto comíamos, o *funaná* e a *kisomba* corriam, foi espantoso ver uma senhora dançar com uma garrafa de sumo na cabeça, bem como as crianças que formavam uma roda e dançavam sem parar.

De seguida, perante o bolo de aniversário, oferecido pela Embaixada, cantaram-se os Parabéns ao menino Cabo Verde. Até que o microfone foi parar às mãos de algumas pessoas

⁵⁶ O Padre Dex é o responsável pela Capelania Africana.

⁵⁷ Ver: Fotografias C.39-42. Celebração Eucarística da Festa do Padroeiro/Independência de Cabo Verde, p. XV.

⁵⁸ Ver: Fotografias C.43-46. Almoço e tarde cultural da Festa do Padroeiro/Independência de Cabo Verde, p. XVI.

que cantaram Hinos de Cabo Verde, músicas da Cesária Évora, entre outras, cujo tema quase sempre remetia para a saudade ou o orgulho pela pátria. Por voltas das 16h começou a tarde cultural, apresentada pela Bela, o Zé Maria e a Belinha, preenchida com actividades em que participaram utentes de todas as idades do Centro Social e ainda artistas convidados.

No dia 07/07/2010 foi, então, realizada uma reunião para a avaliação da Festa, a qual contou com 10 pessoas. Basicamente, este encontro serviu para perceber o que correu bem e o que correu mal, tirar lições positivas para próximos anos e fazer o balanço das contas (despesas e receitas). A esse respeito a Ir. Deolinda dizia: “a festa nunca dá lucro...”, com a qual concordou o Sr. Cunha: “Nesta festa nunca ganhámos”.

Dos pontos negativos destacaram a divulgação feita um pouco em cima da hora, os atrasos da tarde cultural, os grupos que faltaram, as falhas com o som e os micros. Os aspectos positivos prenderam-se com a missa – “foi lindíssima, o coro estava óptimo, o ofertório estava lindo”; a partilha – “o bonito da festa é ver as pessoas do bairro trazerem comida para partilhar”; o almoço – “havia muita variedade de comida e boa”; a decoração; o trabalho de vigilantes e vendedores; a qualidade das actuações e o orgulho nos grupos do Centro – “as nossas crianças estiveram um espectáculo”.

É também importante salientar que a festa não se limita apenas ao dia de Domingo, associada a ela estão algumas actividades preliminares. São elas a visita aos doentes na semana antes da festa, para manter a tradição do povo cabo-verdiano; e a realização dos terços, apesar de este ano não ter corrido tão bem porque coincidiram com os ensaios do coro e com uma festa da Embaixada em Alfoanelos. Daí que, na reunião, os seus participantes tenham manifestado alguma decepção: “foi pouca gente, há uns anos ia muita gente e terminava em festa, com batuques e tudo! Agora está mais fraquinho”; “é uma pena, pois os terços eram quase o melhor da festa”.

3.4.3. Peregrinação Africana a Fátima

A Peregrinação Africana a Fátima⁵⁹ é uma iniciativa da Capelania Africana com a colaboração das *Irmãs* e faz-se no bairro há cerca de 10 anos, sempre no mês de Agosto. Assim, no dia 07/08/2010 lá estava eu no bairro, às 7h da manhã. Entretanto, as pessoas começaram a chegar com os seus farnéis e as suas crianças.

Foi o Sr. Cunha quem providenciou três autocarros mas, à porta do Centro, estavam parados mais dois organizados por outras pessoas. Aquele em que eu estava destinada a ir, na

⁵⁹ Ver: Fotografias C.47-50. Peregrinação Africana, p. XVI.

companhia da Ir Deolinda, foi primeiro à Boba e outro ao Zambujal. Mas houve uma avaria e a hora de saída acabou por tardar. Só saímos do bairro às 8h45 sendo que a primeira paragem foi em Benfica, para recolher mais pessoas.

A Zulmira foi a responsável pelo autocarro onde eu fui. Logo no início da viagem, pediu ao motorista, o Sr. Óscar, para dar o micro a um jovem que nos deu as boas vindas e leu o programa. Depois passou a palavra à Ir. Deolinda que começou a animar o autocarro, reforçando os sentimentos de pertença de cada um:

“Quem é das Fontainhas?” – uma das senhoras disse que foi das primeiras habitantes do bairro. “Uma salva de palmas às fundadoras das Fontainhas...”, “Então quem é das Fontainhas?” – depois de muitos dedos no ar... “Viva as Fontainhas!” Também perguntou sobre as nacionalidades: “E de Cabo Verde quem é?” – quase todos levantaram o braço – “E guineenses? Santomenses? Angolanos? Moçambicanos? Portugueses? (só estávamos as duas), “somos uma grande família”; dizia a Ir. Deolinda. É incrível a energia daquela mulher, a forma como consegue chegar às pessoas, cativá-las. É bem visível que todos a adoram e a respeitam imenso. (Excerto do Diário de Campo, 07/08/2010)

Depois da animação deu-se início ao terço. A Irmã pediu a cada um que pensasse a quem queria oferecê-lo e, como éramos muitos, sugeriu que cada um dissesse ao companheiro do lado a sua intenção. Alguns partilharam-na em voz alta, a Ir. Deolinda pediu que a comunidade mantivesse os valores pelos quais se regia no seu país: fraternidade, amizade, vizinhança, entreatajuda, alegria, festa, música! Cantámos uma música a Maria, intercalada com as 10 Avé Marias e o Pai Nosso, até ao fim do terço.

Entretanto, chegámos a Fátima e fomos para a Igreja. O Américo, juntamente com algumas pessoas que conheci no coro da festa do padroeiro, foi ensaiar com a Capelania Africana. Apesar de a igreja ser enorme, a celebração pareceu-me muito próxima e familiar. Tudo começou com uma procissão desde o pátio em redor da igreja até ao altar, primeiro avançou o coro, depois o bispo, os padres (entre os quais o Pe Dex) e os acólitos. Olhando para o altar, para o coro, para a assembleia com capulanas e lenços na cabeça, parecia-me estar novamente na Buraca, ou até numa das eucaristias que assistia em Moçambique.

Também aqui, os vários momentos tiveram jovens com vestes africanas, danças e encenações, no ofertório as mulheres levaram as cestas à cabeça, como costumam fazer em África. No final, um dos padres co-celebrantes fez um discurso onde referiu que a Igreja ganha muito com a sua presença, a sua cultura e forma de estar na vida, que a Igreja foi acusada de andar com os imigrantes ao colo, mas que ele não se arrepende e até se orgulha! Claro que imigrantes têm pernas para andar, mas vivem situações em que precisam de apoio. Além disso, são milhares no país e, principalmente, em Lisboa, enriquecendo em muito a diocese. Portugal foi considerado o país europeu que melhor acolhe os seus imigrantes e ele

orgulha-se disso. Deu “vivas” a todos e a assembleia mostrou um grande reconhecimento por estas palavras, interrompendo-o várias vezes para bater palmas, alguns até se levantavam!

Até que foi chegada a hora de almoço, escolhemos umas sombras e colocámos toalhas/capulanas no chão. Todos trouxeram farnel, todos partilhavam o que tinham. Havia até pessoas que passavam com uma bandeja na mão, oferecendo a quem quisesse os seus petiscos africanos, o rissol ou o bolo que haviam feito em casa.

Novamente no autocarro, rumámos até à Nazaré, pois faz sempre parte da peregrinação um pequeno passeio nas redondezas. A Ir. Deolinda tomou novamente o micro e cantámos o “Adeus a Maria” estimulando depois alguma partilha sobre os bairros. Uma senhora contava: “tenho saudades de receber a imagem de Nossa Senhora em casa”. Percebi, então, que a partir do Centro, faziam circular a imagem de Nossa Senhora e, cada dia, rezavam o terço numa casa diferente, conforme se fazia em Cabo Verde. Mais uma vez, as pessoas demonstram esta grande vontade de manter muitos dos hábitos e costumes no seu país de origem. Depois da visita à Nazaré, regressámos a Lisboa, ao som do *funaná*.

3.5. A relação de interacção entre o Centro e o bairro

O Centro Social foi o espaço privilegiado da minha observação, o principal *locus* de recolha de informação desta investigação. Ao longo do tempo, dei-me conta da impossibilidade de estudar o Centro sem perceber o bairro, aliás percebi que os dois se cruzam e se fundem um no outro.

Antes de mais, é de referir a importância que o conceito de interacção adquire no contexto do trabalho que as *Irmãs* têm vindo a realizar com o Bairro 6 de Maio. A inserção em contextos específicos influencia os indivíduos e vice-versa, isto é, a pertença ao Centro influencia os indivíduos, mas também ele é resultado dos contributos dos indivíduos que o compõem, das referências que estes trazem consigo. Trata-se de uma forte relação de interacção, de influência recíproca, de troca constante de experiências, valores, práticas e estilos de vida. A história do Centro conta-se através da história do bairro e vice-versa e isso notou-se bem ao longo da descrição das actividades promovidas pelo Centro.

A instituição acumula duas funções muito importantes: uma ligada a aspectos materiais, ou seja, o apoio assistencial aos seus utentes e à comunidade envolvente, agindo na defesa dos seus interesses, na satisfação das suas necessidades básicas e na melhoria da sua qualidade de vida, e outra ligada a aspectos identitários, afirmando os valores e as crenças do grupo.

Sendo a sua população alvo caracterizada pela alegria, riqueza e diversidade de culturas, valores e tradições, as *Irmãs* têm procurado tirar partido disso mesmo em todas estas

actividades. Tanto as actividades de rotina como as cíclicas, visam reforçar os sentimentos de pertença ao grupo e ao bairro, servindo de suporte emocional e cultural a uma identidade individual e colectiva que extravasa o próprio bairro⁶⁰.

Tal como o Bairro do Alto da Cova da Moura, estudado por Barbosa e Ramos, também o Bairro 6 de Maio é composto maioritariamente por cabo-verdianos e “poderá se afigurar como um protótipo acabado da recriação de um certo *modus vivendis* cabo-verdiano no contexto migratório lisboeta” (Barbosa, 2008: 186). Atestando esta ideia, Paquete de Oliveira, afirma que num bairro “de gente cabo-verdiana, Cabo Verde se prolonga” (Silva, 2003: 34) e, na mesma linha, o Américo refere-se ao bairro como sendo “um bocadinho de Cabo-verde que está aqui dentro.” (13/11/2009)

Quer isto dizer que o bairro apresenta um conjunto de especificidades do património cultural e social cabo-verdiano e, a preservação dessas “raízes” cabo-verdianas leva a que os imigrantes se sintam mais próximos da sua terra e os seus descendentes cresçam valorizando e identificando-se com as tradições e valores que lhes vão sendo transmitidos. Ora, essa “forma transnacional de ser-se cabo-verdiano” é, sem dúvida, sustentada pelas redes de sociabilidade que proliferaram no contexto dos grupos e actividades associativas, ajudando a criar uma consciência de pertença. (Barbosa, 2008: 189)

Pedro Góis (2008b: 95) acrescenta, ainda, que a manutenção dos laços com Cabo Verde se faz, sobretudo, a nível simbólico, isto é, através da utilização da língua de origem, da música, da dança, da gastronomia, e dos rituais religiosos sendo que podemos encontrar todas estas práticas culturais no contexto das actividades do Centro.

O crioulo (de Santiago) é a língua que predomina no Bairro 6 de Maio, não apenas entre a população mais idosa, que veio das ilhas de Cabo-Verde, como entre os mais novos, que nasceram em Portugal. Aliás, o português é quase exclusivamente um meio de acesso ao exterior, ao mundo da escola e do mercado de trabalho.

Nesta senda, tanto Saint Maurice (1997:127) como Barbosa (2006:118) entendem a língua crioula, por um lado, como um dos pilares mais fortes de identificação colectiva, revalorização cultural, símbolo da nação cabo-verdiana e afirmação da sua singularidade em relação à sociedade receptora; por outro lado, como canal de comunicação do quotidiano, utilizada de forma instrumental e pragmática com a família, amigos e a população do bairro. Assim, o uso do crioulo constitui também uma identificação com o “bairro”, com as sociabilidades e experiências que proporciona.

⁶⁰ Sobre esta temática ver Marina Antunes (2002).

No entanto, se a língua revela uma origem e uma história comuns é também a prática que melhor exprime a diferença, isto é, ao mesmo tempo que opera como factor de coesão simbólica dentro do grupo, partilhando o mesmo código linguístico, actua também como factor distintivo em relação ao exterior. Segundo Rui Cidra, “o crioulo é concebido como uma língua de autonomia e de resistência face ao “exterior”, nomeadamente face às formas de exclusão que afectam os descendentes da imigração africana em Portugal”. (Cidra, 2008: 118)

Também aqui o Centro assume um papel importante, ao ter funcionárias cabo-verdianas que fazem a ponte entre o crioulo e o português com as crianças com quem trabalham, fomentando as letras crioulas nas músicas das celebrações religiosas, atribuindo nomes em crioulo aos projectos, etc. O crioulo está presente na vida de todos, e isso verifiquei em cada actividade em que participei, em que por vezes os seus participantes se distraíam e empregavam o crioulo, ou até mesmo quando as mediadoras das actividades falavam com os utentes na língua. Precisamente porque faz parte do quotidiano das pessoas, as *Irmãs* procuram respeitá-lo e mantê-lo dentro do possível, sendo que no contexto escolar as crianças necessitam efectivamente de se habituar ao português.

A forma como as crianças aprendem o crioulo é sempre informal, feita em casa, até porque se trata de uma língua oral. Porém, muitos pais optam já por falar português como estratégia de «integração» dos filhos, com o objectivo de lhes facilitar o sucesso escolar e a promoção social. Contudo, a verdade é que é precisamente o facto de serem bilingues que pode ser vantajoso na sua integração. Desvalorizar o crioulo cabo-verdiano pode levar à diminuição da auto-estima dos jovens e à perda da influência do círculo étnico dos pais. Na opinião de Luís Batalha “a comunidade cabo-verdiana em Portugal ganhará se houver uma segunda geração bilingue, fluente em crioulo e português, capaz de estabelecer a ligação cultural e económica entre os dois países.” (Batalha, 2004: 330)

Não podemos, portanto, descurar a relevância que a família tem na tradição cabo-verdiana, sendo uma das principais agências de socialização, onde se estabelecem os primeiros contactos com as “raízes” identitárias da comunidade. Trata-se de uma instância transmissora e criadora de identidades, assentes não só na língua como nos hábitos alimentares, organização familiar (com o seu sistema de relações e hierarquia), valores religiosos, literatura, música, dança, etc.

A música e a dança são, efectivamente, um dos principais indicadores identitários cabo-verdianos, práticas culturais centrais para a reconfiguração das suas memórias. Como refere Malheiros, trata-se de “um importantíssimo elemento de afirmação e coesão identitária, para

os indivíduos de origem cabo-verdiana, sejam eles residentes no arquipélago real ou no arquipélago migratório” (Malheiros, 2001:270, *cit in* Monteiro, 2008:129)

Assim, o batuque, o *funaná* ou a morna reafirmam a “sodade” dos mais velhos em relação aos seus parentes próximos, e alimentam a identidade dos mais novos. Uns e outros participam com orgulho nas actividades desenvolvidas no contexto do Centro Social, principalmente no âmbito dos grupos de música (Lúmém G ou Batukadeiras) e em festas como a do Padroeiro, onde dançam e cantam energicamente a sua música cabo-verdiana.

Para além da música que se dança e que se ouve, a cozinha cabo-verdiana também permanece no bairro, aliás percorreu-me os sentidos de cada vez que lá fui. Evidenciou-se na Semana Africana (nas refeições diárias dos meninos das valências), na Festa do Padroeiro e na Peregrinação a Fátima, como algo imprescindível, principalmente a cachupa, um prato nacional de Cabo Verde muito popularizado.

A religião também está integrada nos traços identitários cabo-verdianos. De tradição essencialmente católica, os imigrantes vieram encontrar nas *Irmãs*, o meio de manter as suas crenças, de perpetuar as suas tradições e rituais quotidianos. Este facto é facilmente comprovado na sua adesão e participação nas celebrações eucarísticas, nos grupos corais, de jovens e catequese, nos grupos de missão em que se reza o terço, bem como nas peregrinações a Fátima ou na própria Festa do Padroeiro, muitas destas práticas trazidas de Cabo-Verde. Neste contexto, Inês Pereira refere-se à

...importância dos processos de celebração da memória colectiva, através de cerimónias comemorativas, *performances* ritualizadas que permitem recordar e comemorar um determinado passado, com o qual se reivindica uma certa continuidade, e que deste modo é mantido na memória. (Pereira, 2003: 159)

A Festa do Padroeiro encerra, efectivamente, imensos traços da identidade cultural cabo-verdiana. A festa acaba por colocar em evidência o crioulo, a música e a dança, a gastronomia, a natureza das crenças e práticas religiosas, mas também os contornos da organização social. Desde o início da chegada das *Irmãs* ao bairro, que esta organização se evidenciou através das Comissões de Moradores continuando, hoje, a revelar-se através da dinâmica de outros grupos, nomeadamente o da Comissão de Festas, onde persistem as redes de entajuda já mencionadas, as quais as *Irmãs* têm lutado para que se mantenham.

É por todo o seu trabalho e dedicação ao bairro que a maioria das pessoas com quem falei mencionou o facto de todas as respeitarem e manterem com elas laços fortes: “são muito respeitadas, tudo o que elas dizem as pessoas acatam” (M^a João, 13/11/2009), “são muito activas, dispostas a ajudar” (Paula, 13/11/2009), “todas as conhecem, há pais que só deixam os filhos participarem nas actividades do Centro” (Américo, 13/11/2009). No entanto, também

lamentaram o facto de estas serem cada vez menos (neste momento são 3 na comunidade)⁶¹ e com mais idade, o que as leva a ter uma acção cada vez menos interventiva e participativa no Centro. A Ir. Deolinda confirma esta situação, com efeito, atesta que não estão tanto no Centro mas fazem muito trabalho de retaguarda, de apoio directo às famílias. Estão aliás a delegar tarefas e a colocar responsabilidades nas mãos de outras pessoas no Centro, nomeadamente ao nível da Direcção, para garantirem a sustentabilidade da instituição.

Considero que esta atitude de responsabilizar as pessoas e de as envolver nos projectos se insere no contexto de um conceito de desenvolvimento, surgido nas últimas décadas, o qual valoriza as comunidades locais e as suas aspirações e capacidades. Neste sentido, Rogério Roque Amaro apresenta a noção de Desenvolvimento Local como:

“o processo de satisfação de necessidades e de melhoria das condições de vida de uma comunidade local, a partir essencialmente das suas capacidades, assumindo a comunidade o protagonismo principal nesse processo e segundo uma perspectiva integrada dos problemas e das respostas.” (Amaro, 2009: 108)

O conceito de Desenvolvimento Local pertence, ainda, à mesma categoria conceptual que o de Desenvolvimento Participativo, o qual visa a participação das pessoas/comunidade e o seu envolvimento activo em todas as fases dos processos de mudança, “desde a concepção e decisão à avaliação, passando pela execução, direcção e acompanhamento, implicando a afirmação plena da cidadania, nos seus direitos e deveres.” (Amaro, 2003: 27) A este nível, da cidadania, dos direitos e deveres, o Gabinete de Serviço Social tem investido bastante.

De facto, as *Irmãs* têm lutado por mudar o rumo de vida dos habitantes mais carenciados do bairro, analisando as suas necessidades efectivas, para depois desenvolverem projectos e iniciativas que lhes permitam a elas próprias construir e participarem nessa mudança. É o caso dos Grupos de Missão, de Ajuda Fraternal e de Animação e Coordenação de Festas, criados com o intuito de auscultar a população, perceber as suas preocupações e necessidades e com eles realizar projectos com vista ao seu próprio desenvolvimento:

A população é o ponto mais importante, são o alvo, o centro de tudo. Quando as *Irmãs* vieram não iniciaram nenhuma actividade de forma imediata, procuraram primeiro estar com as pessoas, ouvi-las e isso é que foi desencadeando os projectos, os quais têm mudado muito ao longo dos anos, pois pretendem dar resposta aos problemas concretos das pessoas. Não o conseguimos conceber de outra forma, o trabalho parte deles e com eles, para eles. (Ir. Deolinda, 07/08/2010)

De facto, o Centro transformou-se no “porto de abrigo” da população, que dá sentido à sua existência, procurando ir ao encontro daquilo que são as suas reais necessidades e expectativas. É a casa onde todos sabem ter sempre uma porta aberta.

⁶¹ A comunidade de Irmãs no Bairro 6 de Maio é constituída pela Ir. Deolinda, pela Ir. Paz e pela Ir. Isabel.

CAPÍTULO 4. OS “MENINOS” DO CENTRO

As *Irmãs* viram nascer e crescer o bairro e, durante anos, deram continuidade a um extenso trabalho de promoção da comunidade, tentando criar meios para que as condições de vida das pessoas melhorassem. Todavia, foram surgindo alguns obstáculos difíceis de transpor, um deles foi a fome que se fez sentir do início dos anos 80, o que obrigou as mulheres a sair para trabalhar e os pais a acumular empregos, sujeitando-se frequentemente a horários desumanos para poder dar uma vida digna aos seus filhos. Contudo, isso não lhes permitiu acompanhá-los e muitos acabaram por deixar as crianças entregues a si próprias, despoletando problemas como o insucesso escolar e a delinquência juvenil. A Ir. Deolinda lembra-se de um primeiro sinal desta conjuntura:

Houve pais que pediram às *Irmãs* para pô-los no colégio porque eles andavam sem rumo! No final da década de 80, início de 90, os miúdos começaram a sair do bairro para a cidade, pendurados no comboio, iam em bandos para o Rossio... passavam noites fora, ficavam lá semanas e os pais preocupadíssimos à procura deles. Mas a verdade é que tinham que trabalhar e tinham outros filhos e acabavam por não conseguir agarrá-los... (Ir. Deolinda, 07/08/2010)

As jovens mães, cujos filhos estão agora no Centro, são filhas dessas tais mães ausentes e, na opinião da Irmã, são também elas ausentes, não por estarem a trabalhar mas por falta de motivação. Por esta razão, actualmente, a grande preocupação das *Irmãs* prende-se com os jovens e, também, com o agravamento dos problemas de droga no bairro.

Há uns anos atrás havia muitos líderes jovens mas os próprios pais, preocupados, levaram-nos do bairro, para protegê-los quando a delinquência começou! Este facto levou à saída das famílias mais estruturadas e que poderiam ter um papel importante junto da restante comunidade. (Ir. Deolinda, 07/08/2010)

Contudo, as *Irmãs* nunca desistiram da sua missão e, ao longo da sua estadia no bairro têm continuado a empenhar-se, dia após dia, na tentativa de que as famílias se reúnam e se envolvam na resolução dos problemas do bairro, procurando descobrir líderes locais que possam mover a população para a concretização de um objectivo comum. Acreditam que, assim, além de reorientar os jovens, poderão também diluir estereótipos e fortalecer a imagem positiva e sentimento de pertença ao bairro. Por isso mesmo, têm constituído grupos de debate, dinamizado projectos e actividades de reforço da identidade, muitas delas descritas no capítulo anterior. Neste contexto torna-se, então, importante aprofundar um pouco esta questão da identidade dos jovens, de um ponto de vista mais teórico, para tentar perceber a importância que esta assume nas suas escolhas, vivências, práticas, atitudes e destinos.

4.1. O carácter dinâmico, múltiplo e flexível da identidade

A construção da identidade tem-se tornado um dos principais temas de discussão e de análise, quer no âmbito nas Ciências Sociais, nomeadamente na Psicologia, na Antropologia e na Sociologia, quer nos discursos correntes do quotidiano e naquele que é difundido pelos meios de comunicação social. A verdade é que se trata de um conceito complexo, com um estatuto ambíguo e significados múltiplos, por isso, antes de mais, é preciso abordá-lo de forma crítica, desconstruindo a sua concepção totalizante.

As questões da identidade podem ser analisadas em torno do debate entre a concepção essencialista e a construtivista. A primeira sugere a existência de uma identidade básica e objectiva, que torna o indivíduo naquilo que ele é, uma espécie de verdade profunda e única, pré-determinada à nascença e imutável, independentemente de tudo o que possa ocorrer na sua vida. A segunda acentua a mutabilidade e vê as identidades como dinâmicas, inacabadas, histórica e socialmente constituídas. (Pereira, 2003; Carvalheiro, 2008). É precisamente esta a perspectiva adoptada nesta investigação.

Se por um lado, a identidade pessoal se refere ao indivíduo e à consciência de si próprio, por outro lado, a identidade social refere-se à inserção em categorias colectivas. Porém, a realidade é que estas duas dimensões da identidade são inseparáveis, como perceberam os interaccionistas simbólicos, considerando que a identidade pessoal é, ela própria, socialmente construída. Assim sendo, a identidade é aqui concebida como produto de uma multiplicidade de factores, de múltiplos contextos espaciais, temporais, de inserção e interacção. São, portanto, vários os aspectos que contribuem para os processos de construção e reconstrução dessas identidades, permanentes e flexíveis, concretizadas de maneira contextual, situacional e relacional.

De acordo com Michel Agier (2001:9), os meios urbanos podem constituir-se como mecanismos de reforço dos processos identitários e da sua dimensão relacional. A cidade multiplica os encontros dos indivíduos, transformando os códigos de conduta, as regras da vida social, os valores morais e a educação. Neste sentido, Carvalheiro acrescenta que

...as identidades colectivas são sempre um fenómeno social e cultural em simultâneo. São sociais ao implicarem a identificação dos indivíduos com grupos (...). São culturais porque implicam trabalhar com significados partilhados, através dos quais os indivíduos atribuem sentido às categorias e aos seus membros, qualificando-os e situando-os em mapas cognitivos e em escalas simbólicas. (Carvalheiro, 2008: 39)

Para interpretar estes sentidos identitários, é necessário perceber que as identidades colectivas se baseiam na diferenciação e que existem elementos linguísticos do discurso (“nós” e “eles”, “nossos” e “deles”), reveladores dos sentidos de pertença dos sujeitos e dos

seus significados sociais. “É porque o «outro» existe em contraponto ao *self* que se define o «eu», o que quer dizer que, em termos de interação grupal, é por referência aos «outros» que se constrói o «nós».” (Saint Maurice, 1997: 132)

É neste processo de comparação social que os indivíduos encontram semelhanças entre os membros do seu grupo (*ingroup*) e diferenças entre o seu e os outros grupos (*outgroup*). No primeiro nível distingue-se o «eu» do «nós», ou seja, verifica-se a afirmação da singularidade dentro de um grupo, no segundo nível distingue-se o «nós» do «eles», isto é, geram-se e reproduzem-se diferenças entre grupos.

É de realçar, porém, que dada a pluralidade de contextos de interação característica da sociedade actual, inerente à diversidade de círculos e papéis sociais em que cada um de nós se insere, são múltiplas as pertenças e as referências identitárias com que nos deparamos: territoriais, sexuais, classistas, nacionais, etárias, familiares, políticas, religiosas, étnicas, entre outras. Desta forma, “(...) cada indivíduo acaba por compor a sua identidade a partir desta multiplicidade de pertenças e inserções, constituindo-se como ser uno, ainda que multifacetado.” (Pereira, 2002: 110)

Na verdade, os habitantes do Bairro 6 de Maio podem ser imigrantes, cabo-verdianos, negros, mulatos, portugueses, de Lisboa, da Amadora, do bairro e é no contexto destas identidades multifacetadas, sob a influência do meio, do contexto, da cultura e da sociedade em que estão inseridos, que os indivíduos constroem e reconstróem a sua identidade, processo este revestido de extrema complexidade.

4.2. A construção da identidade dos filhos dos imigrantes cabo-verdianos

É acerca das construções identitárias dos jovens directamente envolvidos nos processos migratórios, designados muitas vezes por «segunda geração» que, nos últimos tempos, se têm debruçado muitos autores. A definição convencional refere que a «segunda geração» de imigrantes abrange “todas as crianças nascidas no país de acolhimento dos pais, ou com pelo menos um dos pais nascido no estrangeiro, ou crianças nascidas no estrangeiro que foram para o país de acolhimento antes dos doze anos de idade” (Barbosa, 2006: 8)

Contudo, a definição deste conceito não é de todo consensual e continua a criar divergências, uma vez que pode remeter este grupo de jovens para a categoria de imigrantes, quando estes não podem assim ser considerados, já que não empreenderam nenhum projecto migratório ou apenas vivenciaram a experiência da imigração através de relatos dos pais e vizinhos. Além disso, a sua esmagadora maioria nasceu em Portugal e não conhece a realidade do país de origem dos pais, aliás, no contexto da população estudada nesta

investigação, poucos são os jovens que já visitaram Cabo-Verde. E porque são jovens portugueses, socializados no quadro da sociedade portuguesa, nascidos e criados num contexto urbano, influenciados pela escola, pelos *media*, pelas suas redes de sociabilidade juvenis, a sua cultura é produto de todos estes factores.

Foi justamente para ultrapassar as limitações da noção de «imigrantes de segunda geração», que Machado (1994:112) propôs a sua substituição pela de *lusso-africanos* e outros autores recorreram apenas a expressões como *descendentes ou filhos de imigrantes* (Portes, 1999 *cit in* Barbosa, 2006).

Na opinião de Machado (1994: 120), a noção de imigrantes de «segunda geração» tem implícita uma concepção essencialista das identidades sociais, ou seja, baseia-se na ideia de que cada jovem pertence apenas a um universo de referências – o da «sua» minoria. Neste sentido, a cultura de origem dos pais seria integralmente reproduzida pelos filhos, sem a possibilidade de se deixar influenciar pela sociedade envolvente, isto é, haveria uma continuidade automática entre gerações, marcada para toda a eternidade.

Porém, são inúmeros os contrastes culturais entre os imigrantes e os seus descendentes, inclusivamente maiores que os contrastes com a população portuguesa. Na realidade, estarão culturalmente mais próximos dos jovens portugueses, com uma condição social semelhante, do que das suas famílias, para as quais as formas de inserção social e as lógicas identitárias são de natureza muito diferente. Por exemplo, segundo Machado (1994: 128), se por um lado, os pais se caracterizam por um maior conformismo, discrição e retraimento, aceitando a sua condição social, pois tendem a vê-la como transitória e até melhor do que aquela que tinham deixado para trás, por outro lado, os filhos são menos submissos e resignados, não pensam como imigrantes e, por isso, são portadores de expectativas mais altas que os pais.

Por outras palavras, enquanto os pais se comparam com aqueles que não imigraram e se sentem melhor do que eles, os seus filhos não têm esse grupo de referência, comparam-se sim com outros jovens da sociedade portuguesa, nomeadamente os das classes médias urbanas. Além disso, dominam muito melhor que os pais, o espaço onde estão inseridos, conhecem a sociedade portuguesa na qual foram socializados e, portanto, não aceitam as mesmas condições de existência dos pais.

Assim, parece óbvio que os filhos dos imigrantes pretendam demarcar-se das práticas culturais dos pais, embora isso não signifique que as rejeitem completamente, aliás, estas podem mesmo constituir-se como referências positivas. A pertença à sociedade portuguesa não os impede de fortalecer os laços culturais e sentimentais com a cultura e a nação de

origem dos pais, através do processo de socialização familiar. É caso da Bela que, tal como a mãe, faz parte do grupo de Batuque.

De qualquer forma, não nos podemos esquecer que os jovens vivem num espaço, num tempo e numa realidade diferentes dos pais, os quais carregam consigo uma identidade mais vinculada aos valores culturais cabo-verdianos, enquanto os jovens se cruzam com a cultura cabo-verdiana no contexto do bairro, e com a cultura portuguesa na escola e em todas as outras dimensões da sua vida social.

O que acontece é que há uma reinvenção permanente e constante da cultura cabo-verdiana, condicionada pelo contexto urbano em que estes jovens vivem. Por exemplo, ao nível da linguagem, estes tendem a misturar o crioulo, o português, o calão luandense e expressões de *black english*, ao que Contador (2001, cit in Carvalheiro, 2008: 96) chamou de «novo crioulo». Trata-se de um crioulo usado como língua de calão que congrega a identidade de bairro e que, ao mesmo tempo, promove uma nova consciência de pertença, não da cultura de origem, mas sim de uma cultura que consiste no cruzamento das referências cabo-verdianas com as portuguesas.

Esta reinterpretação dos traços culturais de origem dos pais estimula, também, a participação em rituais (o festejo do dia da independência de Cabo Verde/Festa do Padroeiro, por exemplo), alimentados por imagens simbólicas e pela recriação de uma identidade mítica africana. De acordo, com Contador (1999: 45 cit in Barbosa, 2006:126), “há uma africanidade entre os jovens filhos de imigrantes cabo-verdianos que passa pela referência à ancestralidade negra, uma identificação transnacional.”⁶²

Mas a verdade é que existem situações de hesitação entre a identificação com os valores de origem e a aspiração de integração na sociedade portuguesa, a qual nem sempre é fácil. Antes de mais, devido ao não reconhecimento social dessa identidade africana, depois, graças às percepções de discriminação, racismo, preconceito e desigualdade de oportunidades. Na perspectiva de Carvalheiro (2008: 277), a condição de etnicidade com que parte destes jovens se auto-avalia, através de traços culturais atribuídos à cabo-verdianidade ou à africanidade, não se situa no eixo da diferença cultural, mas sim da desigualdade social e da diferença simbólica, isto é, no plano dos recursos materiais e do acesso a determinados estatutos.

Assim, a cultura cabo-verdiana e a cultura portuguesa constituem-se como dois pólos de identificação para estes jovens, isto é, estes parecem constituir uma camada da população que se situa “no ponto de charneira, de interface entre diferentes culturas, tornando as fronteiras

⁶² A respeito desta temática ver também Otávio Raposo, 2010.

menos rígidas, próprias de um estágio liminar, isto é, de margem e de transição.” (Antunes, 2002: 16) No fundo, a sua identidade cultural combina dimensões que remetem para uma herança cultural transmitida pela sua família, com outras que têm a ver com o seu trajecto específico na sociedade onde vivem, sendo a partir da interiorização dos dois códigos culturais, reinterpretado um e adquirindo outro, que os jovens constroem o seu próprio espaço de referências.

Na opinião de Helena Gonçalves (1994:146), este caminho pode ser percorrido sem que se ponha em causa a sua identidade, porque as culturas não são realidades estáticas, mas sim o resultado de uma constante negociação com o exterior e com os diferentes sistemas culturais. Assim, os indivíduos podem interiorizar comportamentos ou normas que lhes facilitam a integração na sociedade de acolhimento, mantendo o essencial das suas culturas de origem.

Neste contexto, Lígia Ferreira (2008:138) acrescenta que “viver entre duas culturas”, como se diz habitualmente, não é por definição uma perturbação, pelo contrário, a posição intermédia e transitória dos filhos dos imigrantes vai conferir-lhes uma identidade particular, culturalmente miscigenada, mas completa. Contudo, seria melhor assumida por eles, se não fosse sistematicamente referida como controversa e negativa. É óbvio que este pode ser um processo que se reveste de grande conflitualidade interior, mas isso acontece porque o contexto em que estes jovens vivem lhes devolve uma imagem extremamente negativa de si mesmos, levando-os a forjar variadas estratégias de demarcação, por um lado, face ao próprio espaço em que residem, por outro, face às suas próprias referências culturais de origem.

Por estes motivos, se criticam aqui as ideias comuns de incompatibilidade entre sistemas culturais, dilemas culturais, crises de identidade ou, até mesmo, perda de identidade, sobre as quais tantas vezes li ou escutei nos discursos de senso comum, nomeadamente por parte dos mais velhos residentes do Bairro 6 de Maio, desgostosos com os problemas sociais vividos pelos seus jovens e alegando que isso era fruto “da perda da sua identidade cabo-verdiana e dos verdadeiros valores”.

A identidade não se perde e há que colocar de parte os discursos sobre a autenticidade das identidades. A identidade social dos jovens do 6 de Maio constrói-se no espaço da vizinhança e do bairro, o seu sentimento de orgulho e de pertença com as origens revela-se na sua relação com a comunidade do bairro. Apesar disso, a sua identidade é tão autêntica como a dos seus pais ou de outra pessoa qualquer, simplesmente apresenta as suas especificidades, encontra-se num plano diferente dos progenitores, num contexto de apropriação criativa de uma herança, que vai para além do universo nacional ou territorial.

Num bairro como o 6 de Maio, onde os problemas sociais e pessoais teimam em persistir, é necessário tirar proveito da energia destes jovens. O cruzamento de esferas culturais em que vivem pode traduzir-se num cenário recreativo de sonhos e, simultaneamente, de participação, pois as suas capacidades de interacção podem ser mais-valias na sua integração e participação na sociedade portuguesa.

Desde sempre que as *Irmãs* se têm vindo a dar conta das potencialidades das gerações de rapazes e raparigas, capazes de lutar pelos seus sonhos, de serem úteis na comunidade, de liderarem grupos e de organizarem actividades. Ora, estas formas de expressão conseguem, muitas vezes, traduzir-se numa auto-valorização da imagem dos jovens, contribuindo para alterar representações negativas que a sociedade constrói e tornando mais plena a sua participação nessa mesma sociedade.

4.3. Casos de Sucesso e Mobilidade Social

Embora grande parte do que tem sido escrito e dito sobre os jovens descendentes de cabo-verdianos aponte, sobretudo, para a marginalidade e o insucesso, esta dissertação procura mostrar que existem pessoas capazes de percursos de integração bem sucedidos e de ultrapassar as fronteiras sociais dos bairros “degradados”. Apesar de muitos destes jovens, efectivamente, abandonarem a escola cedo, acusarem elevadas taxas de insucesso escolar e terem imensas dificuldades em ascender a uma posição de classe média, alguns têm-se mostrado capazes dessa ascensão, ultrapassando as barreiras sociais, económicas e étnicas com que se deparam. Segundo Fernando Luís Machado:

...é preciso olhar para os jovens de condição mais desfavorecida sem noções apriorísticas e irreflectidas. Vê-los não como categoria homogénea e amorfa, condenada e perigosa, mas considerá-los como indivíduos com capacidades de acção, não esquecendo, é claro, o quadro de constrangimentos, por vezes muito pesados, em que estão inseridos. (Machado, 2009: 10)

Para o autor, não existe um factor decisivo e único que explique os seus trajectos de vida, nem a própria condição desfavorecida, nem tão-pouco a sua origem étnico-racial, como avançam as explicações deterministas. O que se sabe é que a probabilidade de certos trajectos aumenta ou diminui consoante a origem social, contudo, isso não é uma fatalidade. Não podemos pensar, ingenuamente, que tudo está em aberto para estes jovens, esquecendo todos os constrangimentos com que se deparam, mas também não podemos pensar que, inevitavelmente, irão permanecer o resto dos seus dias no mesmo contexto social, pois todos têm um campo de possibilidades à sua frente.

É certo que vivem no seio de famílias com pouco recursos económicos e baixa escolaridade, num meio social desfavorecido, mas alguns ultrapassam largamente a

escolaridade obrigatória, atingem o ensino superior e enquadram-se no mercado de trabalho. No contexto do Bairro 6 de Maio eles existem em menor número que os demais mas estão lá como os outros. Aliás, foram vários os jovens que conheci que aproveitaram as oportunidades, que lutaram por conseguir os seus objectivos e, hoje, são considerados jovens de sucesso, perfeitamente integrados.

Alguns desses jovens foram personagens da reportagem “Amo-te Gueto”, já aqui mencionada. Tal como eu, a jornalista descobriu, no bairro, histórias de sobrevivência e de sucesso, gente que tirou cursos superiores, mães que educaram filhos com rigor e disciplina, rapazes que singraram no mundo do futebol. Afinal o tal “Muro da Vergonha” esconde verdadeiras histórias de sucesso, de heróis reais, como dizia a Ir. Deolinda. Ela sim, viu crescer o bairro e as crianças que nele nasceram, sabe quantos jovens foram presos, quantos já saíram e voltaram a entrar, mas também sabe onde estão os seus troféus, os tais heróis.

O Misé⁶³ tirou o curso de Gestão no Instituto Superior de Economia e Gestão enquanto trabalhava em *part-time* e, actualmente, trabalha no Banco Santander Totta. O irmão, Flávio, acabou recentemente o curso de Gestão Recursos Humanos na Universidade Lusófona.

A Suati tem 19 anos e é motivo de orgulho na sua família! Está no 1º ano de Direito, na Universidade Lusófona, onde paga cerca de 300 € de propina mensal. É uma bolsa do Centro Social e o salário que recebe da Associação Jardim Escola João de Deus, instalada no bairro, que lhe permitem estudar para ser juíza ou advogada.

O Zito nasceu e cresceu no bairro acerca do qual não esconde a sua admiração. Fez o 12º ano e hoje é segurança numa das mais conhecidas empresas do ramo, onde assume um cargo de chefia. A família comprou casa na margem sul, onde vive actualmente.

O Puma tem 31 anos e está há 4 anos a jogar futebol em Chipre, mas já esteve no Sporting de Braga e no Vitória de Setúbal. Na reportagem conta que foi no bairro que deu os primeiros toques na bola: “fazíamos uma balizinha aqui, outra ali e jogávamos... Não podíamos sair para outras ruas, para outras zonas por causa do perigo de andarmos por outros caminhos que não o futebol ou a escola.”

De facto, face ao contexto vivido no bairro (droga e delinquência juvenil), a existência de uma estrutura familiar sólida foi para estes jovens de extrema importância:

Nós agimos conforme aquilo que vemos nas pessoas com quem convivemos. Os nossos pais são a principal marca daquilo que somos e acho que não seria ou não teria nada daquilo que tenho hoje se não fosse dado ou inculcido pelos meus pais. (Misé, Reportagem “Amo-te Gueto”)

⁶³ Misé é a alcunha do André. Muitos dos jovens mencionados daqui em diante são tratados através de alcunhas ou “nominhos”, como se diz em Cabo Verde.

Eu lembro-me que nós não podíamos sair para a rua, a minha mãe não deixava, havia hora certa para chegar a casa. Só a partir dos 16/17 anos é que comecei a ter mais ou menos aquela liberdade para poder sair à noite. (Zito, *idem*)

Sempre que fiz mal tive sempre alguém que me pudesse corrigir, indicar isto está mal e é isto que tens que fazer. E é a grande lacuna que vejo na educação das pessoas, os pais actualmente trabalham, têm 2 ou 3 trabalhos, levantam-se às 5h da manhã, chegam a casa à noite e não podem acompanhar a educação dos filhos. (Flávio, *idem*)

De facto, as dificuldades que as famílias sentem na orientação dos seus filhos são muitas. Como já se referiu é muito comum que, no bairro, ambos os pais trabalhem longas horas fora de casa e que as crianças e jovens passem grande parte dos dias sem o controle dos adultos. Muitos pais sentem-se mesmo incapazes de impedir que os filhos tomem caminhos de marginalidade, por não possuírem o conhecimento necessário para lidar com os desafios sociais da vida urbana dos bairros. No entanto, ainda existem pais e mães atentos, que investem numa educação rigorosa e que procuram dialogar com os seus filhos. É o caso da Nhanha⁶⁴, uma mulher que criou 3 filhos sozinha, sabendo que um deslize da sua parte podia arrastá-los para um dos becos do bairro:

Fui muito dura, cheguei a ir para o trabalho e deixar os meus filhos com uma faca no chão a limpar as cáries dos azulejos, para não dar tempo que eles saíssem à rua e se misturassem com os outros. O meu medo maior era que eles comessem na prostituição ou na droga. (...) Acompanhava-os sempre à escola, às reuniões, ocupava os tempos com a catequese, ou então tinham uma sala de estudo... não tinham tempo para estar no bairro... (Nhanha, *idem*)

A família tem, portanto, um papel fundamental para a construção de melhores cidadãos, jovens com percursos menos tortuosos, mais integrados e úteis na comunidade, nomeadamente quando desenvolve estratégias activas de investimento na escolaridade dos filhos. Apesar de oriundos de meios rurais e de, em muitos casos, serem analfabetos, muitos imigrantes cabo-verdianos incentivam os filhos a estudar, compreendendo as vantagens que isso pode trazer a longo prazo.

Pelo contrário, quando tal não acontece e se verifica uma articulação negativa entre família e escola está-se perante um pequeno passo para a vulnerabilidade social, sobretudo, quando existe uma influência negativa por parte de grupos de pares que desenvolvem uma cultura de absentismo e desvalorização escolar. Aliada a estes problemas, está muitas vezes, a atitude dos próprios professores, habituados a esperar pouco dos alunos dos bairros e a duvidar das suas capacidades, o que diminui ainda mais a sua auto-estima: “tive professores

⁶⁴ A Nhanha nasceu na ilha de São Nicolau, ainda não tinha 20 anos quando veio para Portugal. Estavam na altura os bairros das Portas de Benfica em estado embrionário. Pertence ao Grupo de Missão e à Comissão de Festas.

que diziam que o meu desempenho foi bom, mas que não estavam à espera, que isso os surpreendia.” (Flávio, *idem*)

Não obstante, a escola é a instituição que mais pode promover a integração e mobilidade social desses jovens, neutralizando as suas desvantagens de partida e permitindo que atinjam o topo das qualificações académicas. No fundo, os percursos escolares abrem-lhes possibilidades de uma vida melhor do que a dos seus pais e, até mesmo, do que a maioria dos seus amigos do bairro. Foi este o caso do Misé, do Flávio, da Suati, e de tantos outros jovens do bairro que perceberam que a educação é o principal caminho para ascenderem socialmente, permitindo-lhes competir por empregos melhor remunerados.

Como refere Luís Batalha (2004:330), o sucesso e o nível de integração dos jovens descendentes de imigrantes depende de várias coisas e não existe uma receita única para lidar com a questão. Mas existe a certeza de que o sucesso educativo é fundamental para uma integração satisfatória nas sociedades modernas. Os exemplos de sucesso aqui apresentados têm em comum o facto de as famílias e os próprios terem valorizado a escola enquanto caminho para essa mesma integração.

Em suma, quando a escola proporciona condições de progressão efectivas e a família estabelece para as crianças quadros de regras que favorecem o investimento na mobilidade, não há motivos para pensarmos que os jovens de um bairro como o 6 de Maio, não conseguem ir para além do ensino obrigatório e não se conseguem integrar no mercado de trabalho e na sociedade em geral. Mas a escola não é a única instância que actua na promoção da melhoria de vida dos jovens, a existência de instituições como o Centro Social pode fazer toda a diferença nos percursos juvenis: “o Centro marcou-me muito, mesmo muito. As *Irmãs* tiveram muita influência na minha vida, se calhar porque eu bebi um bocadinho dos seus valores.” (Zito, Reportagem “Amo-te Gueto”) No fundo, o que o Centro procura fazer é mostrar a estes jovens que estes têm capacidades para mudar as suas vidas, de contrariar as parcas condições em que vivem, acreditando que a sua condição não é obra do destino e que eles têm a capacidade de se apropriarem da sua própria existência.

Trata-se aqui da discussão do conceito de *agency* (anglicanismo para agência), uma noção polémica, tão debatida na literatura sociológica. Giddens (2000, *cit in* Magalhães, 2003: 3) argumenta que a acção humana é associada a uma noção de “consciência reflexiva”, isto é, salienta a importância dos actores enquanto agentes intencionais e cognoscíveis, participantes da construção activa da transformação social. Becky Francis (2001: 68 *cit in* Magalhães, 2003:6) acrescenta que agência não é mais do que “a nossa capacidade para tomar decisões e agir no mundo em ordem a mudá-lo.” Nesta senda, é preciso compreender que os

jovens do Bairro 6 de Maio têm o seu espaço de individualidade e criação, estão implicados nas suas escolhas, na direcção que dão às suas vidas, têm capacidade de acção e de mudar as circunstâncias em que vivem e a realidade que têm à sua volta.

4.4. Do Conselho de Bairro ao Projecto das Memórias – Os modelos do bairro

Foi por acreditarem nesta capacidade dos jovens que as *Irmãs* sempre investiram tanto neles, insistindo em torná-los líderes de grupos, em fazê-los reflectir sobre os seus problemas e em levá-los a serem eles próprios a encontrar rumos positivos para dar às suas vidas. Além disso, sempre estiveram conscientes de que poderiam “usar” uns para influenciar outros positivamente, nomeadamente através de pequenos grupos.

Um destes exemplos foi a criação do Conselho de Bairro, um grupo composto por 5/6 pessoas, algumas delas licenciadas, cujo objectivo foi falar e reflectir criticamente sobre os problemas do bairro para, assim, encontrar algumas soluções. O primeiro encontro a que assisti decorreu na sala da Direcção do Centro Novo, e estavam presentes três rapazes (o Misé, o Paulo⁶⁵ e o Calijó⁶⁶) e uma rapariga (a Jacinta⁶⁷).

Um dos temas debatidos esteve relacionado com a imagem negativa do bairro, muitas vezes associada aos jovens. Considerou-se que os maiores problemas se prendiam com o desemprego e a falta de motivação e interesse para mudar de vida visíveis, por um lado, na quantidade de jovens acomodados a viver do Rendimento Social de Inserção (RSI) e, por outro, no tráfico de droga, o qual permite viver sem trabalhar: “é uma questão do dinheiro fácil, o imediato, não é preciso levantar cedo...” (André, 03/12/2009)

O problema surgiu no bairro em meados da década de 90, agravando-se muito porque foram eliminados outros focos de venda (Fontainhas, Buraca e Casal Ventoso). Nessa altura, centenas de toxicod dependentes passaram a ser protegidos pelo emaranhado de becos e vielas que caracterizam o bairro. A chegada da droga ao bairro deixou muitos residentes preocupados e assustados, motivando a partida de algumas famílias que, apesar de não quererem sair para não perder os fortes laços de vizinhança, se encontravam preocupadas com os filhos. O problema é que quando uma família abandona uma casa, é realojada ou morre, a

⁶⁵ O Paulo é licenciado em Desenvolvimento Comunitário, vive no Bairro, já foi comissário da ONU e, neste momento, trabalha no ACIDI. Enquanto estudava recebeu apoio pontual das *Irmãs* para material escolar e a família continua a receber do Banco Alimentar.

⁶⁶ O Calijó tem o 12º ano e trabalha no “Programa Escolhas”.

⁶⁷ A Jacinta é uma mulher que reside no bairro, tem uma boa capacidade de comunicação e vive de perto os problemas do bairro. As *Irmãs* procuraram constituir este grupo através de um leque alargado de pessoas com vivências diferentes.

Câmara Municipal da Amadora efectua a sua demolição, esse espaço fica vazio e transforma-se em foco de delinquência e de tráfico de droga. A Directora do Centro lembrou-se de uma casa que ardeu, os donos foram realojados, a casa demolida e agora esse espaço vazio é usado como discoteca: “põem música muito alto, até às tantas, vendem lá coisas, não deixam ninguém dormir! Estão a estragar o ambiente do bairro!” (07/08/2010)

Mas se existem jovens que se entregam à droga e se deixam arrastar pelo ambiente do bairro, também existem aqueles que resistem e dão o exemplo a outros. A Ir. Deolinda considera que o facto de terem formação faz com que se sintam mais seguros para dizer “não”. Como refere Mafalda Gameiro na sua reportagem, estes jovens não negam terem sido tentados a entrar pela porta do crime mas também foram eles os primeiros a fechá-la:

Não digo que não tenha sido tentado a fazer certas coisas, mas os princípios e os valores que me foram inculcados, se calhar, são tão fortes que não me deixam enveredar por esses caminhos. Posso pensar grande, mas pensar certo e a maioria dos jovens do bairro não tem esta referência nem ninguém que lhes incuta isto. (André, Reportagem “Amo-te Gueto”)

Ninguém te aponta uma pistola à cabeça e te diz: és obrigado a vir connosco. (Zito, *idem*)

Mais uma vez se confirma a importância da família no acompanhamento dos jovens, porque as más influências são muitas, mas cabe a cada um decidir qual o caminho a seguir. Preocupado com estas influências, o Centro Social tem procurado dar resposta a este problema, através destes grupos e encontros, porém gostaria de conseguir atingir a sua verdadeira essência: o tráfico. O André considera que esta tem que ser uma “guerra equilibrada” e que é uma questão de se batalhar nas mentalidades.

A este respeito a Ir. Deolinda contou um episódio em que vários traficantes foram mortos num determinado período e o restante grupo decidiu procurar as *Irmãs*, para lhes pedirem que abençoassem o bairro, pois achavam que este estava amaldiçoado. Estas propuseram-lhes uma celebração de preparação para a Bênção do Bairro, onde eles estivessem envolvidos, para que reflectissem na razão dessas mortes e na vida que levavam:

Foi a cerimónia mais bonita a que assisti desde que estou no bairro. Estavam praticamente todos os da «pesada». Cantaram um *rap*, fizeram leituras, deram testemunhos e apresentaram um *power point* feito por eles, apresentando as fotografias dos que tinham morrido [dos traficantes mas também dos familiares de algumas pessoas do bairro que lhes pediram que as colocassem]. É de imaginar o que foi aquele momento de pranto e de choro colectivo! Passados uns minutos bem compridos, o choro dos que estavam na celebração parou mas no bairro continuava a pleno pulmão. Foi a primeira vez que vivi uma experiência destas e a sensação que me dava foi que todo o bairro estava em Vigília e em Celebração Penitencial. Foi vivido colectivamente. Um “mea culpa” assumido e chorado por todos, uma espécie de cura colectiva. (Ir. Deolinda)⁶⁸

⁶⁸ Estas são palavras da Ir. Deolinda retiradas de um *e-mail*, cuja cópia ela me cedeu.

Nos primeiros dias após esta celebração, dizem as *Irmãs*, que parecia que tudo estava mais calmo e pacífico, todos falavam do acontecimento com respeito, e sentia-se o compromisso da parte dos traficantes, o desejo de pôr fim ao seu estilo de vida, à violência, ao consumo de drogas, e de que algo novo começasse a renascer.

Neste encontro do Conselho de Bairro apercebi-me do interesse dos jovens e da sua vontade de fazer algo pelo bairro, a confiança que têm nas *Irmãs* e a convicção e energia para a concretização de projectos. Mas era preciso estendê-lo a mais pessoas, assim, numa outra reunião foi mencionado o nome do Nuno (irmão do Paulo) e, a partir dessa ideia, pensaram em várias outras pessoas do grupo que convivem com ele. O grupo do Nuno (hoje com idades que rondam os 30 anos) foi um grupo muito peculiar e dinâmico no seio do bairro, pelo que o objectivo seria torná-lo exemplo para outros, aproveitar a sua estreita relação com o bairro e iniciar um projecto de valorização da imagem deste lugar, fazendo a memória das pessoas que foram referências no bairro, valorizando os seus modelos positivos de vida comunitária, o seu papel na educação dos mais novos. Além disso, a ideia da destruição do bairro é eminente:

O Presidente da Câmara disse-nos que o bairro é para ir abaixo, mas ainda não tem datas. A CRIL vai passar por cima do bairro, mas primeiro deitam abaixo o Bairro de Santa Filomena e um restinho do Bairro Azul que ainda lá está. Seria muito bom que o bairro terminasse com uma imagem bonita e positiva, que fossem valorizadas as pessoas, as suas memórias e experiências de vida. (Ir. Deolinda, 12/09/2010)

Destas ideias e desejos das *Irmãs* e dos jovens presentes nos encontros do Conselho de Bairro, surgiu o projecto “Memórias de Bairro”, o qual contaria com: recolha de fotos, testemunhos, homenagem aos que já morreram, levantamento e valorização do nome das pessoas importantes que viveram e vivem o bairro, realização de um livro, vídeos, exposições, reportagens e, até, a criação de um Hino ao Bairro.

O projecto começou a ser posto em prática na Festa do Padroeiro, onde estariam muitas pessoas, actuais e antigas residentes no bairro. A partir da ideia do Paulo preparou-se uma tela de papel com o título “As memórias do meu Bairro”, onde as pessoas foram convidadas a colocar o seu testemunho⁶⁹. Coube-me a mim a tarefa de construir o *placard*, decorá-lo, desenhar o título e incentivar as pessoas a participar. Com a ajuda da Fátima⁷⁰, abordava-as e questionava-as sobre as suas boas memórias e recordações do bairro e, enquanto falavam, eu escrevia em folhas coloridas que depois colava na tela. Os testemunhos foram muitos e interessantes, principalmente, quando a Ir. Deolinda me apresentou alguns elementos do

⁶⁹ Ver: Fotografias C.51. *Placard* “Memórias do meu bairro”, p. XVII.

⁷⁰ A Fátima é uma jovem que vive no bairro. É bolseira do Centro e está a fazer o Curso de Serviço Social.

grupo do Nuno. Nesta altura percebi porque se haviam lembrado deles no Conselho de Bairro, de facto era visível o entusiasmo e a vontade de falar sobre uma infância e adolescência passada num bairro do qual tanto se orgulham.

As palavras mais usadas para descrever o bairro foram: saudade, partilha, festa, convívio, vizinhança, união, entreajuda, família, música, amizade, respeito. Quanto aos testemunhos, os mais intensos foram, sem dúvida, os do grupo do Nuno:

Amo este bairro. (Santinho, 04/07/2010)

Tive uma infância muito feliz aqui! (Paulinho, 04/07/2010)

Tenho saudades do cheiro característico que fazia quando chovia, da porta da Nha Zita, lá era o ponto de encontro do pessoal do meu grupo. Tocávamos viola, conversávamos, cantávamos e dizíamos parvoíces. Saí daqui mas este continua a ser o meu bairro, já não vivo cá há 5 ou 6 anos, mas foi muito bom crescer aqui! Há coisas bonitas que não passam lá para fora. Sempre participei em actividades de dança, teatro, mas isso não é notícia... As pessoas só vêem a parte mórbida. (Nuno, 04/07/2010)

Bastava um ter uma bola e a bola era do bairro. Os nossos pais davam-nos uma educação rígida, não queriam que tivéssemos más companhias... Nos prédios não se vive o que aqui vivemos. Este bairro tem muito a agradecer às *Irmãs*! (Rui Zego, 04/07/2010)

Eu sinto-me 6 de Maio! Passei aqui a minha infância e juventude! Já saí do bairro mas continuo a passar cá os tempos livres! Guardo da infância aqui as brincadeiras... às vezes uma brincadeira envolvia o bairro todo. Éramos uma grande família! (Michey, 04/07/2010)

Precisamos dar a conhecer ao mundo inteiro o nome do nosso bairro, mostrar que é bom cá viver e tirar a má impressão que muitos têm acerca do bairro. (Sónia, 04/07/2010)

Face à riqueza destes testemunhos não há dúvidas do amor e carinho que estes jovens nutrem pelo bairro. Por isso, as *Irmãs* consideram urgente aproveitar a sua energia e bom exemplo para, assim, influenciar os mais novos e, ao mesmo tempo, deixar uma marca tão positiva e profunda no bairro. Depois da Festa do Padroeiro, fez-se uma reunião com o Nuno e logo se marcou um almoço com o grupo todo.

Num dia quente de Setembro, o Nuno foi, então, buscar-nos (a mim e à Ir. Deolinda) ao Centro. Mostrou-nos a casa da mãe, a Nha Zita e, enquanto conversávamos, começaram a chegar os convidados (cerca de 15 pessoas). O Nuno pediu-lhes que trouxessem fotos antigas do bairro e a maioria assim o fez! Viveram ali um momento de nostalgia, recordações e vivências carregadas de valor emocional! Depois da deliciosa cachupa, a Ir. Deolinda apresentou o projecto, convidando todos a participar e partilhar as suas vivências, para que tudo o que de bom existiu e existe no bairro fique registado e não apenas na memória. Pedimos ideias, voluntários para recolher fotos e digitalizá-las e, aos poucos, foram-se dividindo tarefas⁷¹.

⁷¹ Ver: Fotografias C.52-54. Almoço do Grupo do Nuno, p. XVII.

Mas as suas próprias recordações vinham ao de cima constantemente, entusiasmavam-se com as histórias e peripécias de que cada um se lembrava, as quais eram vividas intensamente por todos. Contaram, por exemplo, a história de terem sido levados pela polícia porque havia um suspeito de um assalto com um gorro como o que o Nuno trazia:

Estávamos a preparar a festa do fim do ano. Eles passaram uma vez, deram uma volta, depois outra, até que à terceira pararam e perguntaram-nos se os podíamos acompanhar à esquadra da polícia. O resto do pessoal do bairro é que estranhou nós entrarmos na carrinha para irmos para a esquadra porque nós éramos os bem comportados lá do bairro, éramos os certinhos! Interrogaram-nos um a um mas depois perceberam que não tínhamos nada a ver com aquilo. (Nuno, 12/09/2010)

De facto, este foi um grupo especial, tiveram uma banda, fizeram teatro, declamação de poemas, aulas de canto, dança, faziam inter-câmbios entre bairros, iam a programas de televisão, participaram em passeios com o grupo de jovens, acampamentos, foram à catequese e, mais tarde, foram catequistas, fizeram colónias de férias e retiros: “fartávamo-nos de chorar! Rasgávamos um lençol, um bocadinho para cada um e quando havia lenços trocávamos e assinávamos todos...” (Nuno, 04/07/2010)

Nota-se bem a cumplicidade ente eles, o amor ao bairro e a amizade que os une. A maioria já constituiu família, uns trabalham, outros estudam, viveram um ambiente feliz e saudável, foram activos e dinâmicos na comunidade. Depois de saírem do bairro ficaram todos a viver perto uns dos outros, continuam a estar juntos para comer cachupa, jogar futebol, viajar e vão regularmente ao bairro, pois não conseguem afastar-se dele. Os filhos têm crescido neste ambiente de amizade e serão amigos como eles.

De facto, as sociabilidades positivas podem ser determinantes nos percursos dos jovens. O bairro que pode ser um lugar onde reina a desordem, a obscuridade e a delinquência mas pode também tornar-se espaço de referência de um grupo, o lugar que os jovens elegem como habitáculo dos seus sonhos e experiências colectivas. Trata-se de um território de identidade, onde o sentimento de pertença e orgulho pode atingir medidas inimagináveis, de tal forma, que mesmo uma mudança de habitação não leva à desestruturação do grupo nem mesmo ao corte com o bairro. A uma conclusão muito semelhante chegou Whyte (2005 [1943]: 261) em *Sociedade de Esquina*, quando percebeu que “a residência do rapaz da esquina também pode mudar dentro do distrito, mas quase sempre ele mantém lealdade à sua esquina original.”

A ligação que têm ao bairro é tal, que estes jovens não conseguem desprender-se dele, daí também o entusiasmo que mostraram com o projecto: “todas as pessoas que aqui vivem têm o desejo de manter isto vivo” (Nuno, 04/07/2010); “o bairro nunca morre e nunca há-de desaparecer das nossas vidas...” (Santinho, 04/07/2010)

Apesar de se ter marcado um próximo encontro, este não se concretizou. O Conselho de Bairro acabou por deixar de reunir e o Projecto das Memórias aguarda um pouco mais de energia e compromisso para avançar. Porém, não acredito que morra porque existem pessoas capazes de o levar para a frente.

Apesar de todas as dificuldades e do contexto em que estes rapazes cresceram, construíram uma identidade muito positiva e singraram na vida, são felizes, têm orgulho nas origens dos pais, naquilo que são, no lugar onde cresceram e servem de modelos a outros jovens. As *Irmãs* sempre estiveram atentas a eles, convidando-os, desafiando-os e motivando-os a actuar no bairro, a participar em actividades, a liderar grupos, a fazer coisas que os valorizassem enquanto pessoas e valorizassem também o bairro. O grupo do Nuno reconhece este investimento das *Irmãs* e a importância do Centro Social nas suas vidas: “o Centro era nosso, sempre que tínhamos tempo livre era lá que estávamos! Foi lá que conhecemos as nossas mulheres!”; “o trabalho das *Irmãs* extravasa o bairro, os valores que nos passaram, passamos agora aos nossos filhos!”; “Nós somos os meninos do Centro”. Não há dúvidas que a referência das *Irmãs* e dos pais fizeram toda a diferença na vida destes jovens. Foi por isso que não entraram no mundo da delinquência e que se mantiveram unidos até hoje, continuando a fazer a diferença para outros.

Os casos de sucesso de jovens que tiraram cursos superiores, têm empregos estáveis e conseguiram ascender socialmente e, ainda assim, vivem no bairro com orgulho e determinação, bem como aqueles que já saíram mas continuam a frequentá-lo e interessar-se por ele e pelas pessoas que os habitam são, com certeza, verdadeiros testemunhos de vida e exemplos que outros mais novos procuram seguir.

Na realidade, aquilo que o bairro tem de positivo acaba por dar a esta comunidade de *Irmãs* a força e a esperança de que necessitam para continuar a lutar pela construção de um bairro melhor, emocionam-se com a capacidade que estes jovens têm de contrariar aquilo que a sociedade espera deles, vêm no bairro um local cheio de problemas que as preocupam, mas também vêem nitidamente gestos que constroem:

Alguns deles passam despercebidos, mas outros são projectos de grande envergadura, generosidade e criatividade. A minha experiência é tão rica e intensa, que sinto um enorme desejo de ter tempo e possibilidades de fazer alguma publicação que o dê conhecer. Fazê-lo, não só vale a pena, como vale a alegria, até pelo efeito de “contágio” que possa ter, e todos precisamos deste tipo de contágio, que é, por sua vez, uma forma de reconhecimento a quem tem a coragem da prática desses gestos. (Ir. Deolinda)⁷²

Ficamos, então, a aguardar a publicação!

⁷² Fonte: http://csb6maio.eco-gaia.net/index.php?option=com_content&view=article&id=36:gestos-que-constroem&catid=2:sem-categoria&Itemid=5 em 04/2011.

NOTAS CONCLUSIVAS

A escrita desta dissertação revelou-se um desafio muito interessante e surpreendente. Os primeiros passos foram dados há cerca de um ano e meio e, desde aí, que as surpresas não pararam de surgir. Em cada dia que me deslocava ao bairro, em cada visita ao Centro, em cada pessoa que conhecia e com quem conversava, em cada actividade em que participava, em cada diálogo com a Ir. Deolinda, em cada observação descobria algo novo e rico e um campo de possibilidades infinitas de estudo se abria diante de mim. Tenho a perfeita noção de que o que aqui deixo é uma muito pequena parcela da realidade vivida no Bairro 6 de Maio, é apenas o levantar de um véu onde muita coisa ficará ainda por ser dita, por ser reflectida e discutida.

Trata-se de um trabalho que teve um princípio e um meio mas sem um fim à vista, pois será sempre susceptível de ser contestado e melhorado. Ao longo deste caminho percebi, tal como Whyte (2005 [1943]: 321), que o estudo de uma comunidade não tem um ponto final, “quanto mais se aprende, mais coisas se vêem para aprender”.

O terreno desbravado foi riquíssimo e a informação recolhida imensa. Difícil foi seleccionar, mas o desafio é mesmo esse, escolher e preterir, envolver a riqueza empírica com os enquadramentos teóricos, confrontá-los, produzindo reflexões e interpretações da realidade, através de uma análise qualitativa que avalia os dados em função do próprio contexto de interacção em que a pesquisa tem lugar (Silverman, 1993 *cit in* Carvalho, 2008: 169) De facto, a essência do Centro Social do Bairro 6 de Maio emerge daquilo que é e representa o próprio bairro. Através desta instituição foi possível compreender alguns traços da realidade de um espaço demasiado complexo para ser desconstruído e analisado em tão poucas páginas. Não tive a pretensão de fazer aqui uma análise exaustiva, esta é apenas uma leitura das muitas possíveis.

Muitos dos problemas sociais do bairro são visíveis a olho nu, qualquer um os apreende apenas numa pequena visita. É muito fácil perceber a precariedade em que os seus habitantes vivem e deduzir todas as dificuldades que daí advêm. Embora não fosse essa a preocupação central deste trabalho, ao longo da sua realização, a presença no terreno e as entrevistas foram revelando a complexidade dos problemas sociais existentes. A lista é enorme: más condições de habitação, sobrelotação, falta de infra-estruturas básicas, carências económicas, desemprego ou emprego precário, baixa escolaridade, economia paralela, delinquência, tráfico e consumo de droga, insegurança, violência, criminalidade, exclusão social, entre outros.

Antes de mais, não podemos aceitar todos estes problemas como um *karma* ou destino dos habitantes do bairro. Por um lado, os problemas de bairros como este não existem por si

só, não estão só dentro deles, as suas razões também devem ser procuradas no funcionamento do sistema de ensino e do mercado de trabalho ou nas opções das políticas públicas. Por outro lado, não podemos olhar apenas uma parte da realidade e assim tomá-la como o todo, é preciso enxergar aquilo que não se vê a olho nu, uma realidade que poucos conhecem e consideram difícil existir no interior de um bairro considerado perigoso e que se deve evitar.

E porque o outro lado do bairro existe, deve ser mostrado e valorizado. Neste sentido, a presente investigação acusa um grande esforço para não ficar presa ao senso comum, para ser um instrumento para a crítica de estereótipos e preconceitos, até porque as manifestações de discriminação e racismo dirigem-se, muitas vezes, a locais como este, a espaços residenciais segregados, desqualificados e a populações constituídas por minorias migrantes em situações de vulnerabilidade. Eu própria desconstruí os meus próprios preconceitos e me surpreendi com o que encontrei, percebi que naquele local, que tanto me chocou na minha primeira visita, afinal é possível encontrar indivíduos honestos e trabalhadores, jovens que estudam e lutam por uma vida melhor, pessoas que amam o seu bairro e, apesar de tudo o que seria de esperar, têm orgulho do lugar onde vivem.

Vivendo sob fortes relações de vizinhança, entreadajuda e um enorme sentido comunitário, reproduzindo muitos dos costumes e tradições da sua terra natal, os imigrantes cabo-verdianos, bem como os seus descendentes, vão construindo, criando e recriando a sua identidade, que é dinâmica e um verdadeiro processo de criação, que se vai moldando e assumindo os traços da cultura de acolhimento, que é cabo-verdiana e portuguesa, mas que é, acima de tudo, uma identidade de bairro, vivida e sentida por muitos de forma positiva.

Contudo, não pretendo romancear o estilo de vida do bairro ou deixar a ideia que todas as pessoas vivem este espírito com a mesma intensidade, quero apenas dirigir-lhe um olhar mais realista, até porque são evidentes as preocupações das pessoas que o habitam, o descontentamento com as condições em que vivem e o desespero face ao flagelo da droga. Muitos revelaram inclusivamente um grande saudosismo dos tempos em que, apesar das dificuldades, o bairro era mais coeso e unido, pois a verdade é que muitos daqueles que eram referências positivas no bairro, ou já morreram, ou foram realojados, ou decidiram mesmo comprar casa noutra lugar.

Ainda assim, não podemos ignorar uma imagem positiva do bairro que ainda existe, embora possa ser em menor força que outrora, mas que me foi dada a conhecer através do Centro Social, o qual tem uma dupla função. Por um lado, assume um papel extremamente importante na construção da dita identidade positiva, através de grupos informais e boas representações internas, na luta pela união das pessoas, na valorização da cultura e do próprio

bairro, atestada no desenvolvimento de inúmeras actividades cíclicas e de rotina (no início criaram as Comissões de Moradores, mais tarde apostaram na cultura através da Comissão de Festas e dos grupos de dança africana, batuque, entre outros). Por outro, a instituição desenvolve projectos e acções no sentido de melhorar efectivamente as condições de vida da população do bairro.

Refira-se que o Centro acaba mesmo por ser um “porto de abrigo” da população, a única instituição do bairro que presta um apoio abrangente (a nível económico, saúde, trabalho, valências), chegando a receber e apoiar pessoas que vêm de outros bairros. Para definir o Centro, os entrevistados usavam expressões como: “é o grande pilar”, “é uma referência”, “é um oásis”, “é uma ilha de solidariedade”, “significa tudo ou quase tudo para estas pessoas”. Na verdade, o Centro é muito mais do que uma instituição que presta serviços, é algo que está enraizado no bairro, pertence às pessoas e está ligado às suas vidas.

De facto, aquilo que as *Irmãs* representam no bairro é inquestionável, após 35 anos de trabalho e residência no 6 de Maio, não há dúvidas que se tornarão imortais para um povo que as viu chegar, instalar e lutar pela sua qualidade de vida. A Ir. Deolinda tem consciência de que, no Centro, tudo o que fazem é “remendos”, mas nem por isso deixam de os fazer. São mulheres cheias de garra, solidárias, que trabalham o mais que podem, estudam e procuram formas de fazê-lo sempre melhor, conscientes dos seus erros e limitações, mas numa tentativa constante de se adaptarem ao contexto em que vivem, de actualizarem estratégias, pedindo opinião de peritos, estreitando relações com inúmeros parceiros, procurando realizar um trabalho concertado e com efeitos visíveis na vida das pessoas, torná-las mais independentes, mais autónomas e capazes de dar um rumo positivo às suas vidas. A sua perseverança e a sua vontade de fazer a diferença é inesgotável, sentem que esta é sua verdadeira missão: “estamos sempre a inventar coisas para tentar recuperar o bairro. Só a nossa presença ali, a nossa perseverança é um testemunho...” (Ir. Deolinda, 07/08/2010) A sua presença no bairro transmite paz e confiança às pessoas, elas conseguem até ser conciliadoras e pacificadoras junto dos traficantes.

Actualmente, a sua maior preocupação é, precisamente, a camada mais jovem que, face à ausência da família, se entrega muitas vezes a esta calamidade. Contudo, as *Irmãs* sempre estiveram alerta e sempre procuraram modelos positivos que pudessem influenciar os outros, referências, pessoas que testemunhassem que é possível resistir à vida fácil e construir um projecto de vida digno. São estes os jovens que “estão a fazer o bairro”, é neles que as *Irmãs* acreditam, motivando-os a liderar grupos e a participar na construção de um bairro melhor e, assim, os restantes jovens poderão perceber que também eles poderão fazer o mesmo.

É evidente que este não é um processo fácil e a prova disso são os grupos que não sobrevivem e os projectos que ficam por concluir, a dificuldade em conseguir cativar os jovens e em que estes se comprometam verdadeiramente com as coisas. Além disso, o contexto social à volta tem uma força enorme nas suas vidas, a crise económica, o desemprego, a ilusão de uma vida fácil. Mas ainda assim existem grupos com força suficiente para superar tudo isso, e o grupo do Nuno é um bom exemplo. Mantêm-se unidos até hoje, continuam a frequentar o bairro e a nutrir por este espaço um sentimento de pertença e orgulho fortíssimos. Dizem eles, foram “os meninos do Centro”, aqueles que beberam todos os valores que as *Irmãs* lhes procuraram passar, que aproveitaram todas as oportunidades para participar em projectos e actividades que os formaram social, humana e espiritualmente, e hoje educam os filhos nos mesmos moldes.

Não podemos continuar a olhar os jovens, descendentes de imigrantes, que vivem em bairros como o 6 de Maio como incapazes, como alguém que irá reproduzir a pobreza dos pais ou a delinquência dos grupos de pares, como alguém que perdeu a sua identidade e vive uma crise de valores, mas sim como alguém que detém todas as capacidades para lutar pelo seu projecto de vida e conseguir alcançá-lo. Se é verdade que as pessoas com quem trabalhei no terreno podem pertencer às classes sociais mais desfavorecidas, elas não são contudo desprovidas de formas de encontrar saídas, alternativas e estratégias de adaptação à sua suposta condição. Claro que, neste processo, a família e a escola também constituem importantes ambientes socializadores das crianças e jovens, aos quais se deve acrescentar o grupo e o bairro como espaços privilegiados de socialização inter-pares, onde o desenvolvimento pessoal, social e cultural encontram o seu enquadramento. O Centro Social, por sua vez, congrega as pessoas e procura promovê-las e capacitá-las.

O Centro, o bairro e os seus habitantes são, de facto, uma tríade que se funde e confunde, abraçando uma identidade assente nesta interacção, na essência de cada um está presente a história dos outros dois. É como que uma simbiose, uma inter-relação de tal forma íntima, que não é possível separar os seus intervenientes.

Espero sinceramente que este trabalho tenha conseguido revelar um pouco desta dinâmica e que possa ser o pontapé de partida para algo maior, que tenha sido útil na contextualização e na explicação do objecto de estudo escolhido, um contributo para um melhor conhecimento dos contextos urbanos como aquele em que o Bairro 6 de Maio se insere e do importante trabalho que a sociedade civil e as suas instituições têm na construção de uma cidade mais harmoniosa e de cidadãos mais conscientes e participativos.

BIBLIOGRAFIA

- Agier, Michel (2001), “Distúrbios Identitários em Tempos de Globalização”, *Mana*, VII, (2), pp. 7-33.
- Amaro, Rogério Roque (2003), “Desenvolvimento – um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria”, *Cadernos de Estudos Africanos*, 4, Janeiro/Julho, pp. 35-70.
- Amaro, Rogério Roque (2009), “Desenvolvimento Local”, in A. D. Cattani *et al* (coord.), *Dicionário Internacional da Outra Economia – Série Políticas Sociais*, Lisboa, Almedina, CES, pp.108-113.
- Antunes, Marina (2002), *Estrela d’ África, um bairro sensível – Um estudo antropológico sobre jovens na cidade da Amadora*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia Social, Lisboa, ISCTE.
- Antunes, Marina (2003), “O grupo é a minha alma: amizade e pertença entre jovens”, in Graça Índias Cordeiro, Luís Vicente Baptista, António Firmino da Costa (orgs), *Etnografias Urbanas*, Oeiras, Celta, pp.143-155.
- Authier, Jean-Yves *et al* (dir) (2006), *Le quartier. Enjeux scientifiques, actions politiques et pratiques sociales*, Paris, La Découverte.
- Barbosa, Carlos Elias Monteiro (2006), *Vozes e olhares de fronteira: os filhos de imigrantes cabo-verdianos nos bairros Alto da Cova da Moura e 6 de Maio*, Tese de Mestrado em Sociologia, Coimbra, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra – FEUC.
- Barbosa, Carlos Elias, Max Ruben Ramos (2008), “Vozes e movimentos de afirmação: os filhos de cabo-verdianos em Portugal”, in Pedro Góis (org.), *Comunidade(s) cabo-verdiana(s): as múltiplas faces da imigração cabo-verdiana*, Lisboa, ACIDI, pp. 175-193.
- Batalha, Luís (2004), “Contra a corrente dominante: Histórias de Sucesso entre Cabo-verdianos da Segunda Geração”, *Etnográfica*, VIII, (2), pp. 297-333.
- Batalha, Luís (2008), “Cabo-verdianos em Portugal: «comunidade» e identidade”, in Pedro Góis (org.), *Comunidade(s) cabo-verdiana(s): as múltiplas faces da imigração cabo-verdiana*, Lisboa, ACIDI, pp. 25-36.
- Beaud, Stéphane, Florence Weber, (2003 [1998]), *Guide de l’enquête de terrain*, Paris, La Découverte.
- Burgess, Robert G. (1997), *A Pesquisa de Terreno*, Oeiras, Celta.
- Cachado, Rita (2008), *Hindus da Quinta da Vitória em Processo de Realojamento: Uma Etnografia na Cidade Alargada*, Tese de Doutoramento em Antropologia Urbana, Lisboa, ISCTE.
- Câmara Municipal da Amadora (2001), *Amadora XXI – Território e Economia*, Amadora, DAU – Departamento de Administração Urbanística / SIG – Sistema de Informação Geográfica.
- Câmara Municipal da Amadora (2001), *Amadora XXI – Território e Habitação*, Amadora, DAU – Departamento de Administração Urbanística / SIG – Sistema de Informação Geográfica.
- Câmara Municipal da Amadora (2001), *Amadora XXI – Território e População*, Amadora, DAU – Departamento de Administração Urbanística / SIG – Sistema de Informação Geográfica.
- Câmara Municipal da Amadora (2005) *Equipamentos de Educação e Ensino Básico – 1º Ciclo, por Freguesia*, Amadora, DAU – Departamento de Administração Urbanística / SIG – Sistema de Informação Geográfica.
- Caldeira, Isabel (1993), “O afro-americano e cabo-verdiano: identidade étnica e identidade nacional”, in Boaventura de Sousa Santos (org.), *Portugal: Um retrato singular*, Porto, Edições Afrontamento, Centro de Estudos Sociais, pp. 591-628.

- Cardoso, Ana, Heloísa Perista (1994), “A cidade esquecida: pobreza em bairros degradados”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 15, pp.99-111.
- Carvalho, José Ricardo (2008), *Do Bidonville ao Arrastão – Media, Minorias e Etnicização*, Lisboa, ICS - Imprensa de Ciências Sociais.
- Carvalho, Francisco Avelino (2006), “O lugar dos negros na imagem de Lisboa”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 52, pp. 87-108.
- Casanova, José Luís (1995), “As noites de Sociologia (1994) – Identidades e Transformação Social”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 17, pp. 171-202.
- Centro Social do Bairro 6 de Maio (2009), *Plano de Actividades: Projecto 2009/2010 «Crescer Mais, Viver Melhor»*, Amadora, Centro Social do Bairro 6 de Maio.
- Cidra, Rui (2008), “Produzindo a música de Cabo Verde na diáspora: redes transnacionais, *world music* e múltiplas formações crioulas””, in Pedro Góis (org.), *Comunidade(s) cabo-verdiana(s): as múltiplas faces da imigração cabo-verdiana*, Lisboa, ACIDI, pp. 105-126.
- Contador, António Concorde (1998), “Consciência de Geração e Etnicidade: Da segunda geração aos novos luso-africanos”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 26, pp. 57-83.
- Contador, António Concorde (2001) “A música e o processo de identificação dos jovens negros portugueses”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 36, pp.109-120.
- Cordeiro, Graça Índias (1997), “Um lugar na cidade: quotidiano, memória e representação no Bairro da Bica”, Lisboa, Publicações D. Quixote
- Costa, António Firmino da (1986), “A Pesquisa de Terreno em Sociologia”, in Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Biblioteca das Ciências do Homem, Edições Afrontamento, 129-148.
- Costa, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro – Dinâmicas sociais da identidade cultural*, Oeiras, Celta Editora.
- Dias, Juliana Braz (2002), “Língua e Poder: transcrevendo a questão nacional”, *Mana*, VIII, (1), pp. 7-27.
- Duarte, Ana Patrícia, Maria Luísa Lima (2005), “Análise dos conteúdos da identidade associada ao lugar”, *Psicologia*, XIX, (1-2), pp.193-226.
- Ferin, Isabel, Clara Almeida Santos *et al* (2008), *Media, Imigração e Minorias Étnicas 2005-2006*, 28, Lisboa, Observatório da Imigração, ACIME.
- Fernandes, Luís (1998), *O sítio das drogas: etnografia das drogas numa periferia urbana*, Lisboa, Editorial Notícias.
- Fernandes, Luís (2003), “Um diário de campo nos territórios psicotrópicos: as facetas da escrita etnográfica”, in Telmo H. Caria (org.), *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*, Porto, Biblioteca das Ciências do Homem, Edições Afrontamento, pp. 23-40.
- Ferreira, Vítor Matias, Isabel Guerra (1993), “Identidades Sociais e Estratégias Locais”, *Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local*, Lisboa, APS.
- Ferreira, Lígia Évora (2008), “O direito ao sucesso: jovens cabo-verdianos no contexto educativo português”, in Pedro Góis (org.), *Comunidade(s) cabo-verdiana(s): as múltiplas faces da imigração cabo-verdiana*, Lisboa, ACIDI, pp. 137-154.
- Gans, Herbert J. (1962), *The urban villagers: group and class in the life of italian-americans*, New York, The Free Press.

- Gans, Herbert J. (2009), "Working in Six Research Areas: A Multi-Field Sociological Career", *Annu. Rev. Sociol.*, 35, pp. 1-19
- Góis, Pedro (2008), "Entre *Janus* e *Hydra de Lema*: As Múltiplas Faces dos Cabo-Verdianos em Portugal", in Pedro Góis (org.), *Comunidade(s) cabo-verdiana(s): as múltiplas faces da imigração cabo-verdiana*, Lisboa, ACIDI, pp. 9-24.
- Góis, Pedro, José Carlos Marques (2008), "Práticas transnacionais dos imigrantes cabo-verdianos em Portugal", in Pedro Góis (org.), *Comunidade(s) cabo-verdiana(s): as múltiplas faces da imigração cabo-verdiana*, Lisboa, ACIDI, pp. 87-104.
- Gonçalves, Helena Seita (1994), "Processos de (re)construção de identidades culturais num bairro de habitação social", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 16, pp. 135-149.
- Hannerz, Ulf (2004 [1969]), *Soulside. Inquiries into ghetto culture and community*, Chicago & London, University of Chicago.
- Íturra, Raul (1986), "Trabalho de Campo e observação participante em Antropologia", in Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Biblioteca das Ciências do Homem, Edições Afrontamento, pp. 149-159.
- Lima, Maria Luísa *et al* (2007), "Estou Mais Seguro na Minha Cidade do que os Outros: Identidade com o Lugar e Optimismo Comparativo na Percepção de Riscos Urbanos", *Psicologia*, XXI, (2), pp.45-58.
- Machado, Fernando Luís (1992), "Etnicidade em Portugal – Contrastes e politização", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 12, pp. 123-136.
- Machado, Fernando Luís (1994), "Luso-africanos em Portugal: nas margens da etnicidade", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 16, pp. 111-134.
- Machado, Fernando Luís (2003), "Imigração e imigrantes em Portugal – Parâmetros de regulação e cenários de exclusão", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 41, pp. 183-188.
- Machado, Fernando Luís (2009), *Quantos caminhos há no mundo? Transições para a vida adulta num bairro social*, Lisboa, Principia.
- Magalhães, Maria José (2003), "Em torno da definição do conceito de agência feminista", *Ex Aequo*, 7, pp. 189-198.
- Mendes, José Manuel Oliveira (2001), "O desafio das identidades", in Boaventura de Sousa Santos (org.), *Globalização, Fatalidade ou Utopia*, Porto, Edições Afrontamento, pp.489-519.
- Pereira, Inês (2002), "Identidades em rede: construção identitária e movimento associativo", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 40, pp. 107-121.
- Pereira, Inês (2003), "Construção identitária em rede", in Graça Índias Cordeiro, Luís Vicente Baptista, António Firmino da Costa (orgs), *Etnografias Urbanas*, Oeiras, Celta, pp.157-166.
- Pires, Rui Pena (2003), "Processos de integração na imigração", in Graça Índias Cordeiro, Luís Vicente Baptista, António Firmino da Costa (orgs), *Etnografias Urbanas*, Oeiras, Celta, pp.63-76.
- Quivy, Raymond, Luc Van Campenhoudt (1998), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.
- Raposo, Otávio (2010), "Tu és *rapper*, representa Arrentela, és *Red Eyes Gang*: sociabilidades e estilos de vida de jovens do subúrbio de Lisboa", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 64, pp. 172-147.

- Saint Maurice, Ana (1997), *Identidades Reconstruídas: cabo-verdianos em Portugal*, Oeiras, Celta Editora.
- Silva, Alves da, António Silva *et al* (2003), *Do outro lado da linha*, Amadora, Centro Social do Bairro 6 de Maio.
- Teiga, Sara (2002), *Nós Identidade – Centro Social Bairro 6 de Maio*, Relatório Final de Estágio, Curso de Educação Social, Odivelas, Instituto Superior de Ciências Educativas.
- Valladares, Licia (2007), “Os dez mandamentos da observação participante”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, XXII, (63), pp. 153-155, (Resenha da obra: William F. Whyte (2005 [1943]), *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora).
- Wellman, Barry, Barry Leighton (1981 [1979]), “Réseau, quartier, communauté: préliminaire à l’étude de la question communautaire”, *Espaces et Sociétés*, 38-39.
- Whyte, William F. (2005 [1943]), *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora.
- Young, Michael, Peter Willmott (1992 [1957]), *Family and kinship in East London*, Berkeley and Los Angeles: University of California Press.

OUTRAS FONTES:

- Adichie, Chimamanda (2009), “*O perigo da história única*”.
- Disponível em: http://www.ted.com/talks/lang/por_pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html
- Equipa d’África (2010), “Entrevista com... Irmã Deolinda Rodrigues”, in *Caminhando com a... Equipa d’África*, Newsletter Fevereiro, Equipa d’África.
- Gameiro, Mafalda (2010), “Amo-te Gueto” in *Linha da Frente*, RTP.
- Disponível em: <http://ww1.rtp.pt/blogs/programas/linhadafrente/?k=1-parte-do-Linha-da-Frente-de-2010-09-22.rtp&post=11223>
- Giraldes, Manuel (2002), “Centro Social Bairro 6 de Maio: Uma brecha no Muro”, in *Gente Solidária*, Além Mar.
- Disponível em: <http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEFAkkZAVEbxNXKHIP>

SÍTIOS:

- <http://www.missionariasdominicanas.org/missao.html> em 11/2009
- <http://www.cm-amadora.pt/> em 09/2010
- http://europa.eu/legislation_summaries/justice_freedom_security/free_movement_of_persons_asylum_immigration/133020_pt.htm em 08/03/2011
- <http://redeciencia.educ.fc.ul.pt/moinho/associacao/QuemSomos.htm> em 22/03/2011
- http://csb6maio.eco-gaia.net/index.php?option=com_content&view=article&id=5:algumasactividades-extra-do-centro-social-do-bairro-6-de-maio&catid=2:sem-categoria&Itemid=5 em 04/2011
- http://csb6maio.eco-gaia.net/index.php?option=com_content&view=article&id=36:gestos-que-constroem&catid=2:sem-categoria&Itemid=5 em 04/2011
- <http://www.equipadafrica.com/quem-somos> em 16/05/2011

ANEXOS

A – Quadros

B – Figuras

C – Fotografias

ANEXO A

QUADRO A.1. LISTA DAS PARCERIAS DO CENTRO SOCIAL DO BAIRRO 6 DE MAIO

Câmara Municipal da Amadora (várias divisões)	Universidade Católica Portuguesa	Centro Social Paroquial S. Maximiliano Kolbe
Junta de Freguesia da Venda Nova	Universidade Lusófona de Lisboa	Ordem dos Vicentinos da Venda Nova
Centro Regional de Segurança Social da Amadora	Centro de Estudos Padre Alves Correia (CEPAC)	Equipa de Pastoral Juvenil Dominicana
Centro Regional de Segurança Social de Lisboa e Vale do Tejo	União Distrital das Instituições Particulares de Solidariedade Social (Lisboa)	Obra Católica das Migrações
Rede Social da Venda Nova	Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade (CNIS)	Alto Comissariado para a Integração e Diálogo Intercultural
Comissão de Protecção de Crianças e Jovens da Amadora (CPCJ)	Associação de Solidariedade Social D. Pedro V	Embaixada de Cabo Verde
Instituto de Emprego e Formação Profissional da Amadora	Instituto de Apoio à Criança “Projecto Rua”	Banco Montepio
Instituto de Reinserção Social da Amadora	Ajuda de Mãe;	GALP
Centro de Saúde da Venda Nova	Entrajuda	Grupo Auchan
PSP da Venda Nova e da Amadora	Fundación C&A (Projecto Porticus)	Jerónimo Martins
Estabelecimentos Prisionais – Linhó, Caxias, Sintra e Lisboa	Comité Português para a Unicef	Feira Nova e Pingo Doce
Ministério da Educação	Banco de Bens Doados	Essilor
Agrupamento de Escolas Dr. Azevedo Neves	Bens de Utilidade Pública	Nokia Siemens Networks Portugal, S.A.
Agrupamento Escolas de Alfovelos	Banco Alimentar Contra a Fome de Lisboa	Linklaters
Associação de Jardins Escolas João de Deus	Caritas Portuguesa	Jornal “Correio da Manhã”
Escolas locais do 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico	Centros Sociais e Paroquiais da Vigararia da Amadora	

Fonte: Centro Social do Bairro 6 de Maio (2009), *idem*, pp. 17-18.

QUADRO A.2. ACTIVIDADES DE ROTINA DO CENTRO SOCIAL DO BAIRRO 6 DE MAIO

Actividade	Horário
Creche e Pré-Escolar	2ª a 6ª Feira das 08h00 às 19h00
Educação Física	5ª Feira das 10h00 às 12h15
Capoeira (Sala 5 Anos)	3ª Feira das 13h30 às 14h30
Gabinete de Serviço Social	2ª, 3ª, 4ª e 6ª Feira das 09h30 às 18h00 e 5ª Feira das 14h00 às 19h00
Gabinete de Psicologia	3ª Feira das 09h30 às 17h30
Gabinete Jurídico	4ª Feira das 14h00 às 18h00
Grupo de Ajuda Fraternal - Feira da Roupas - Banco Alimentar	Reuniões Mensais 3ª Feira às 13h30 4ª Feira
Projecto “Reintegrar”	Visitas aos Estabelecimentos Prisionais
Mediateca	2ª a 6ª Feira das 10h00 às 18h00
Sala de Estudo	2ª a 6ª Feira das 17h30 às 19h30
Explicações	Consoante disponibilidade de Voluntário/Aluno
Alfabetização	2ª a 6ª Feira das 19h00 às 20h30
Português para Estrangeiros	2ª a 6ª Feira das 19h00 às 20h30
Colónia de Férias	2ª a 6ª Feira das 08h00 às 14h00, de 19 a 30 de Julho
Grupo de Capoeira	3ª Feiras das 17h45 às 18h45
Grupo Coral	6ª Feira das 19h00 às 20h00
Grupo de Jovens Dominic@s	5ª Feira das 17h30 às 19h00
Grupo Idosos	4ª Feira das 15h00 às 17h00
Grupo Dança “Lúmen G.”	A combinar semanalmente
Grupo Batuque	Domingo das 16h00 às 18h00
Grupo Anim. Coord. Festas	Reuniões sempre que necessário

Fonte: Centro Social do Bairro 6 de Maio (2009), *idem*, pp. 16.

QUADRO A.3. ACTIVIDADES DA SEMANA DE ÁFRICA – ANO LECTIVO 2009-2010

Dia /Actividade	Valências que Participam	Hora /Duração	Local da Actividade	Recursos Necessários
Semana de África (24 a 28 de Maio) Dia 24 de Maio Desfile de Traje Africano	Creche Pré-escolar	Início – 10h30	Pátio	- Colocar cadeiras, mantas e um tapete, para servir de palco
Dia 25 de Maio Roda de Capoeira Almoço – Comida típica de Moçambique	Creche Pré-escolar	Início – 10h30	Pátio	- Trazer a roupa da capoeira; - Irmã Angélica faz o almoço
Dia 26 de Maio Dia de Bataque Almoço – Comida típica de Cabo Verde	Creche Pré-escolar	Início – 16h00	Pátio	- Bataques; - Responsável Paulina e Arlinda (avó do Reinaldo e Luís) - Antonita faz o almoço
Dia 27 de Maio Lanche - kuskus	Creche Pré-escolar	Início – 15h30	Refeitório	- Fazer kuskus – responsável Paulina e Margarida;
Dia 28 de Maio Dança Oriental	Creche Pré-escolar	Início – 10h30	Pátio	- Lenços pequenos

Fonte: Quadro cedido pelo Centro Social do Bairro 6 de Maio.

ANEXO B

FIG.B.1. PLANTA DO BAIRRO 6 DE MAIO

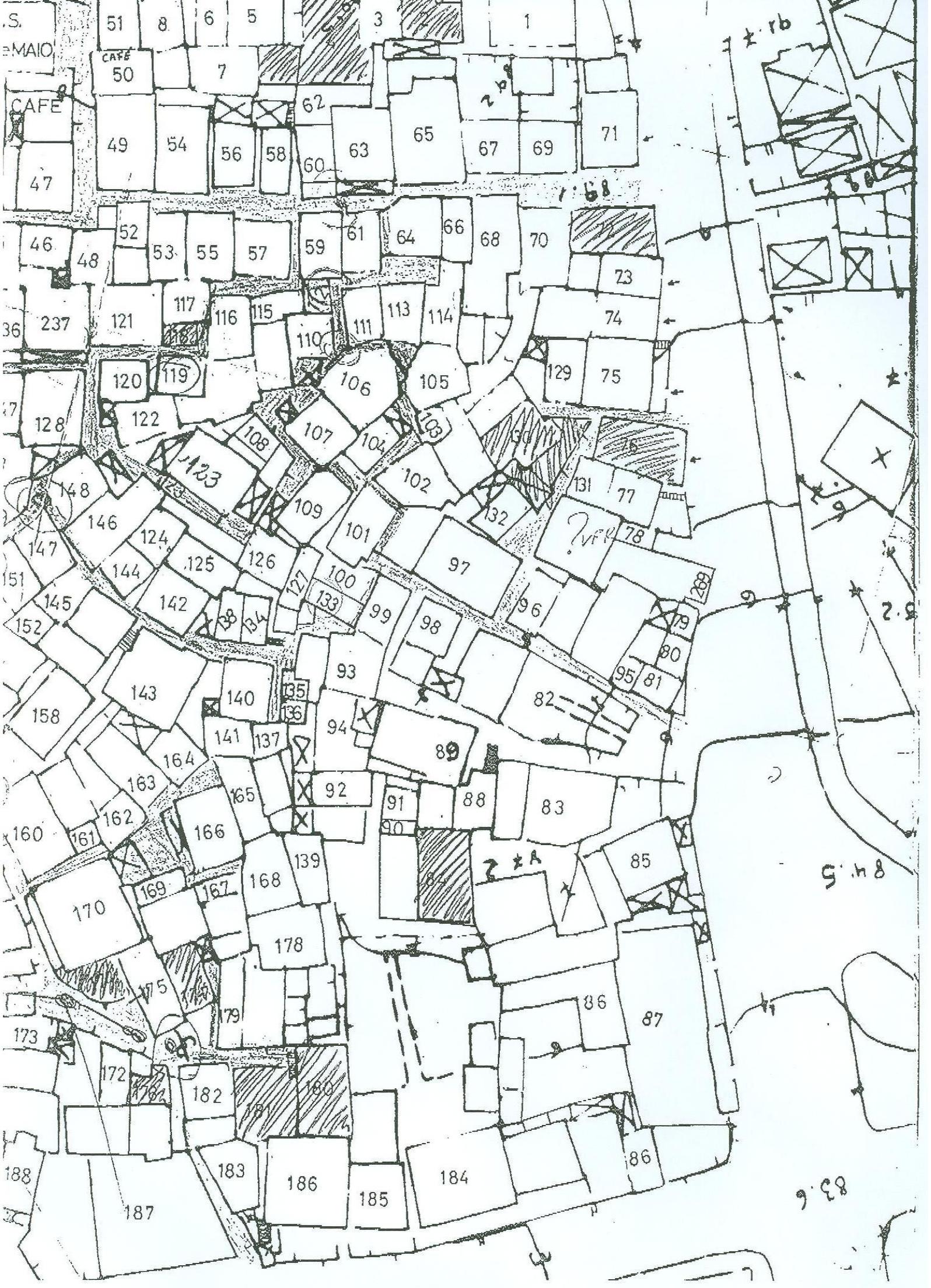
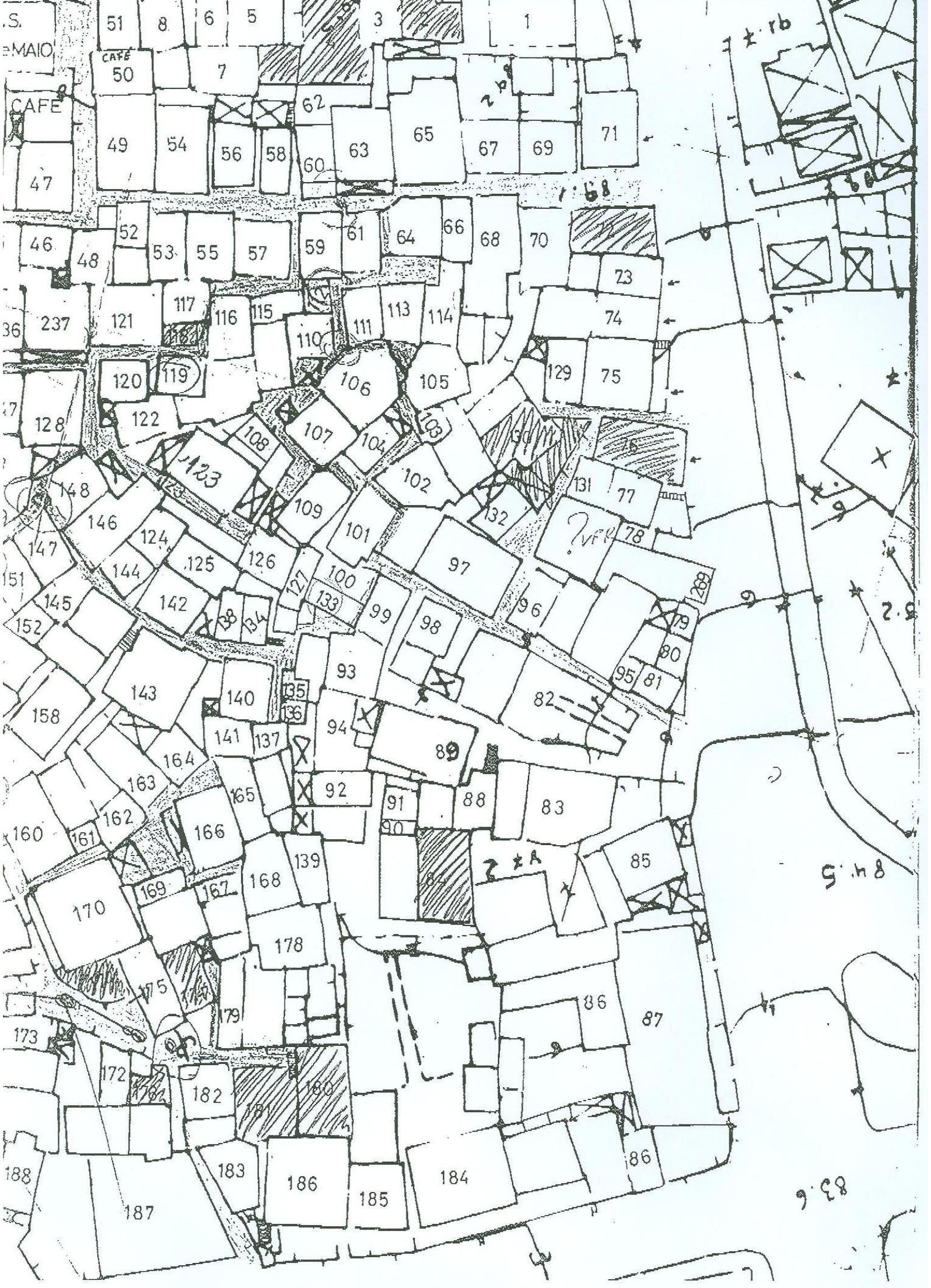
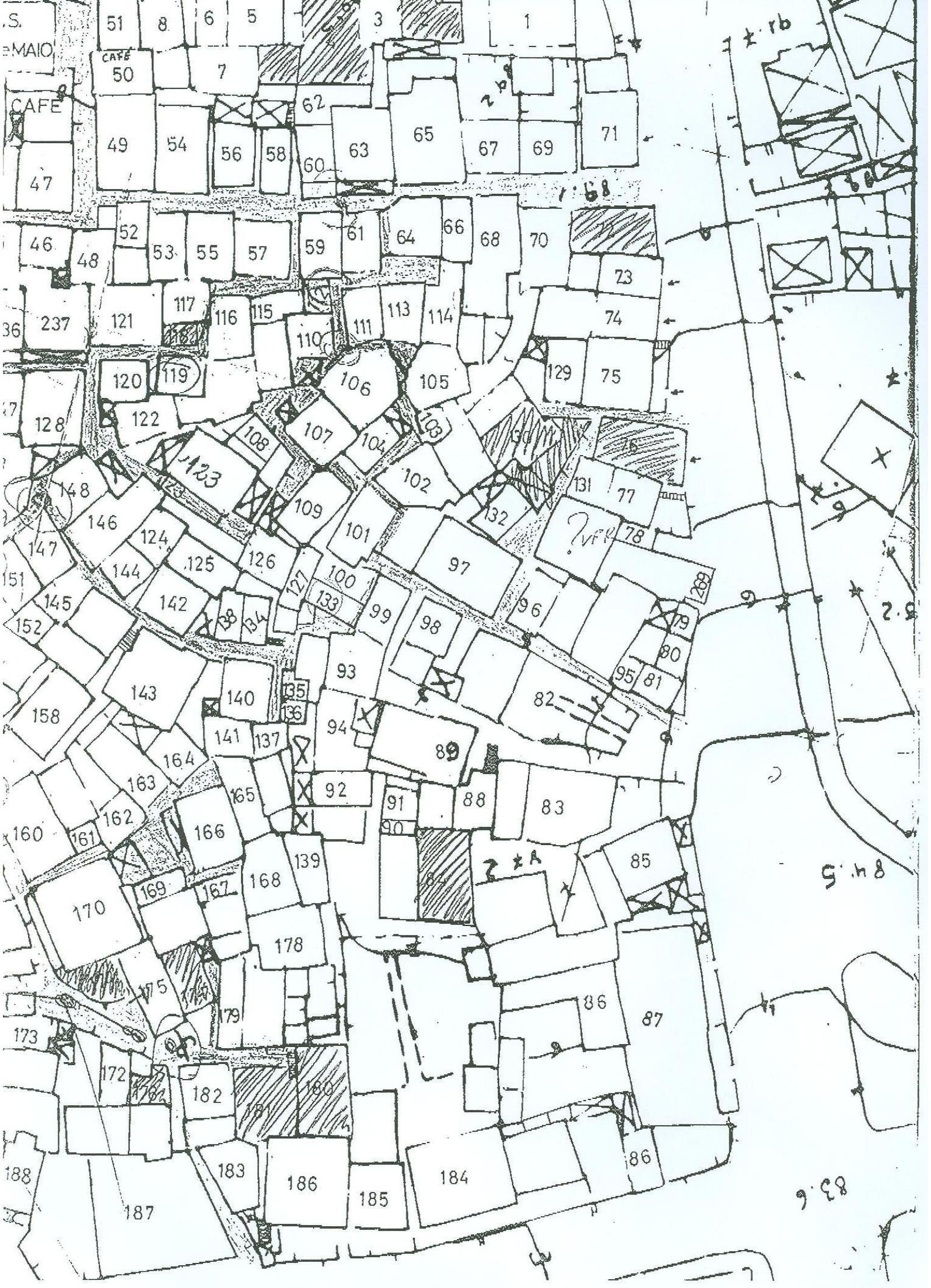
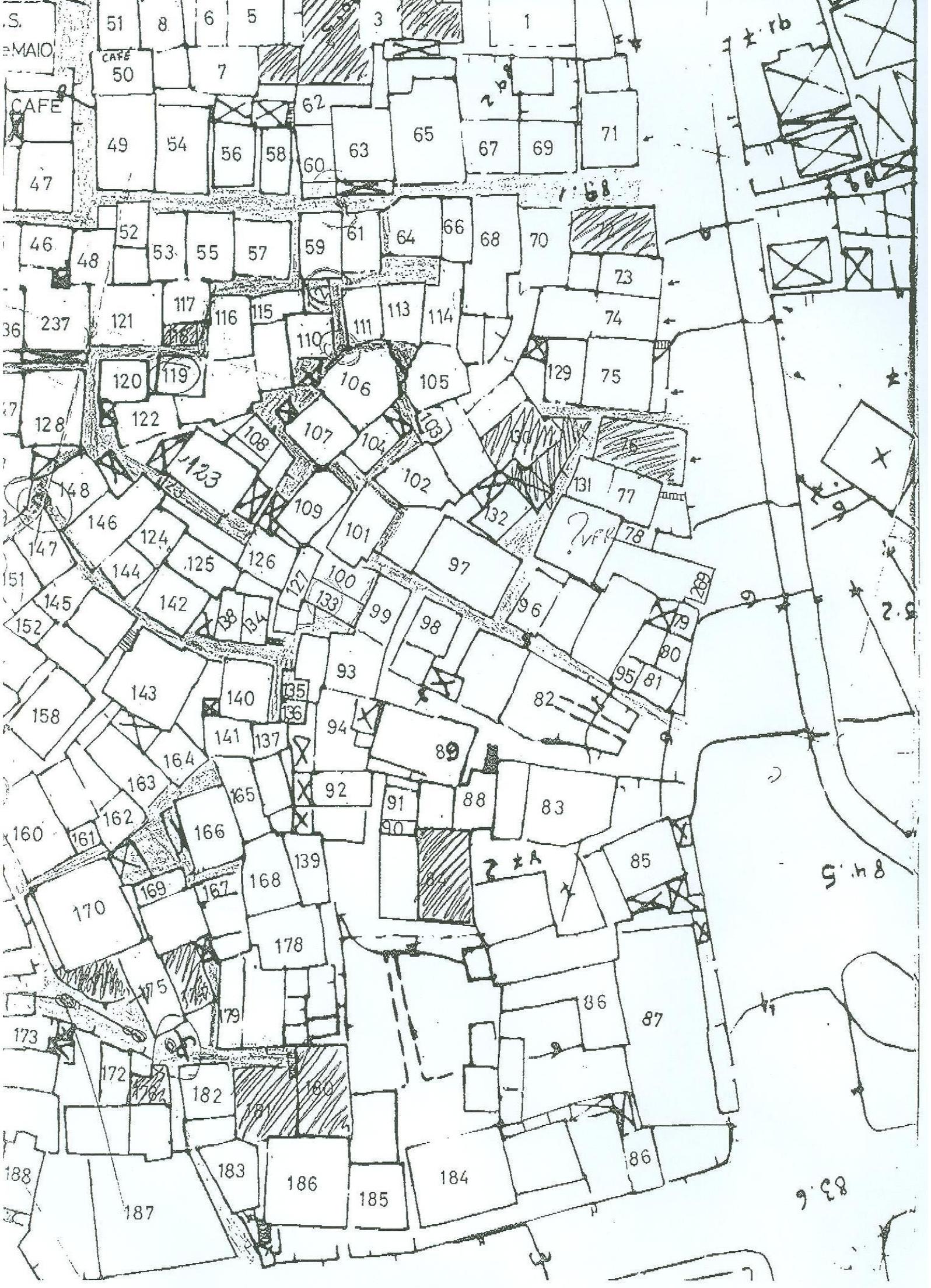
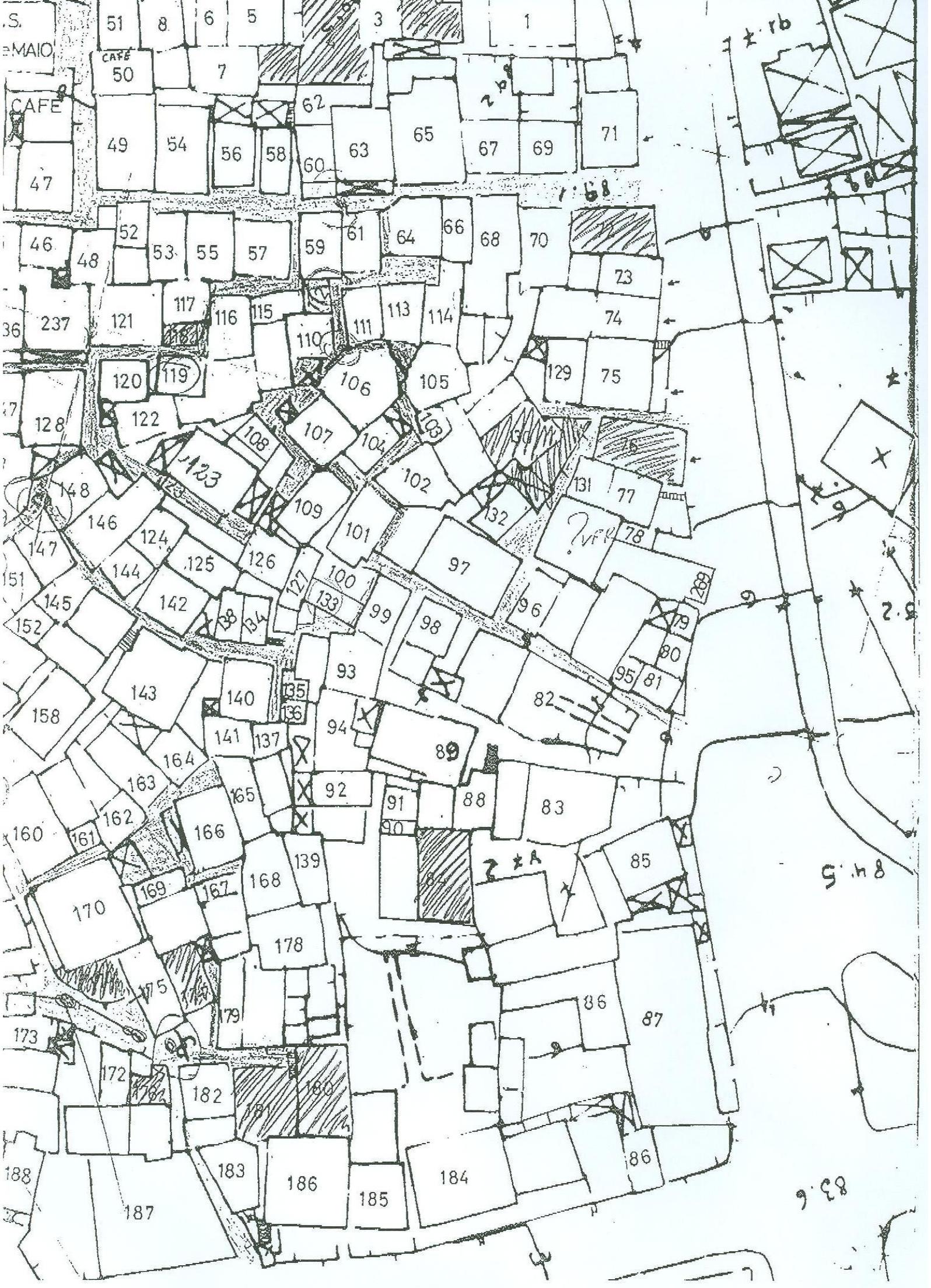
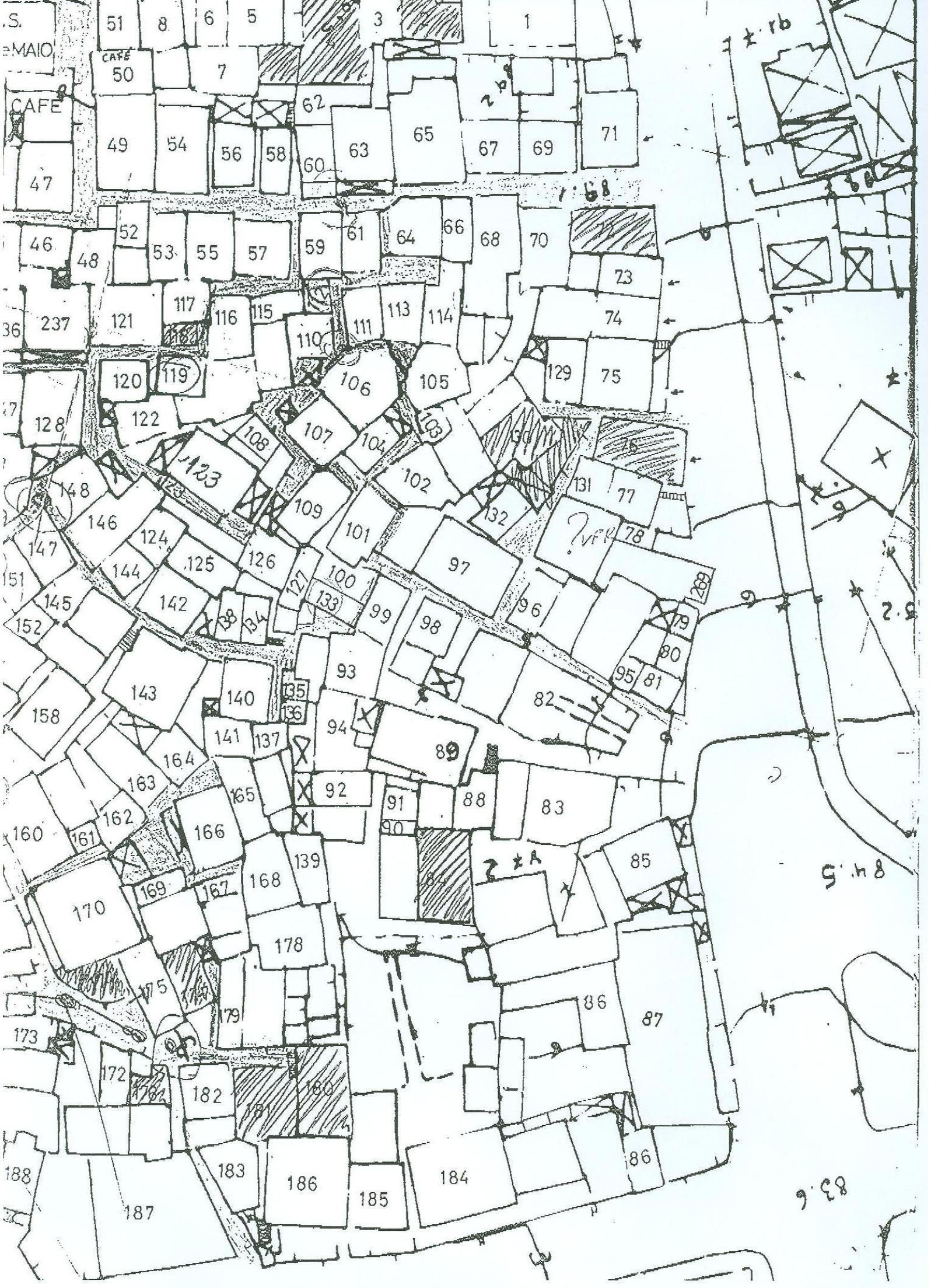
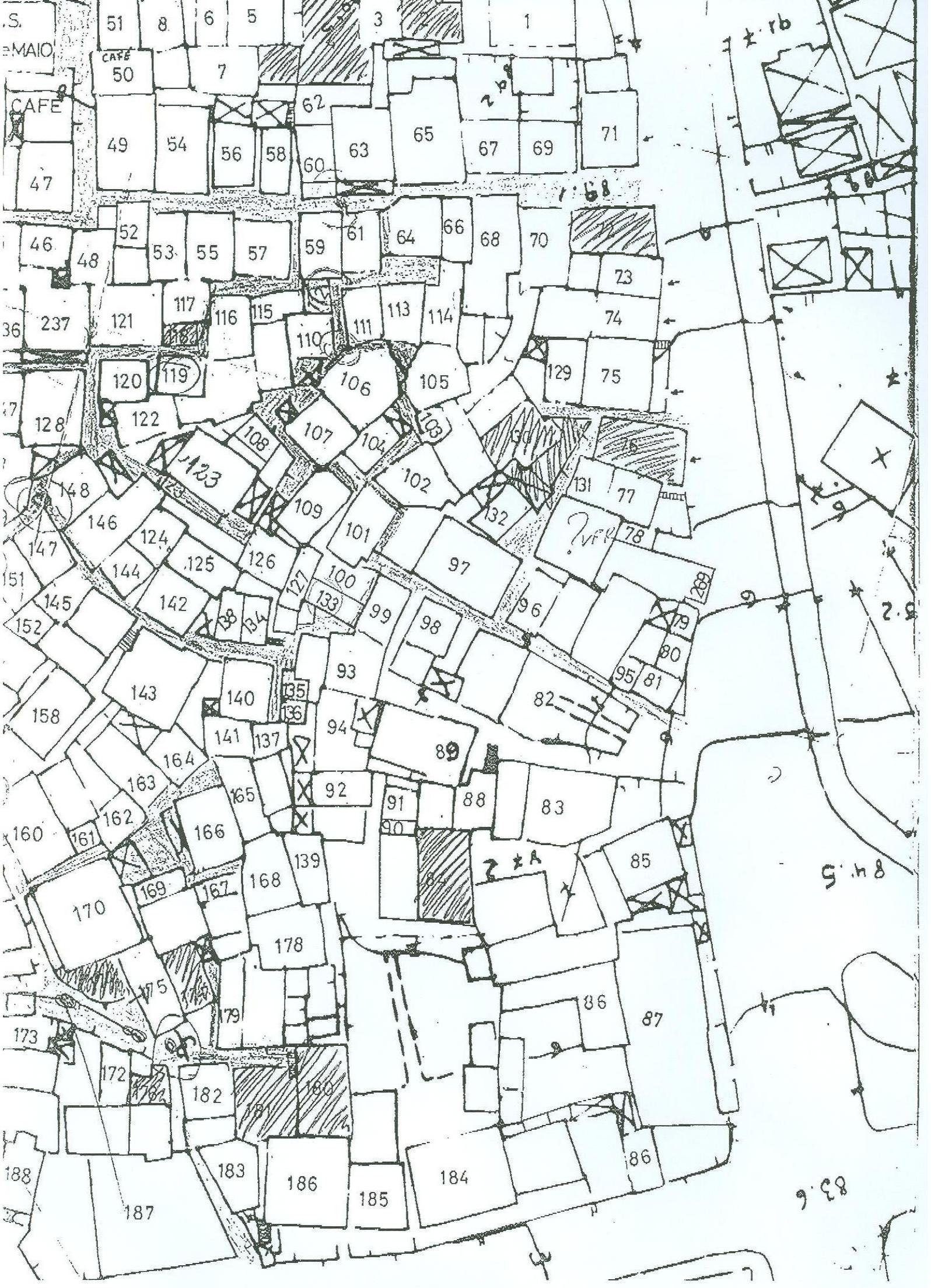
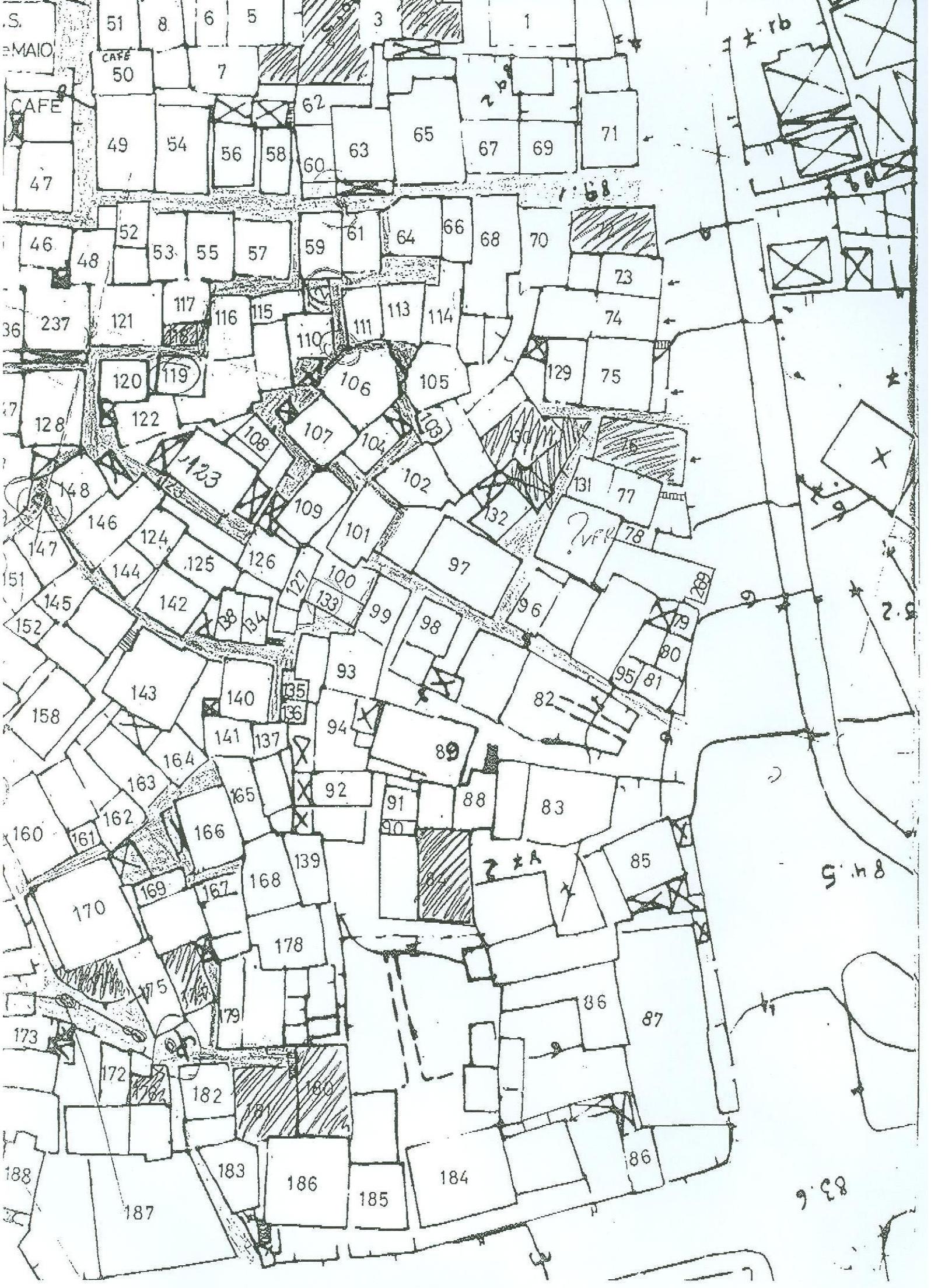
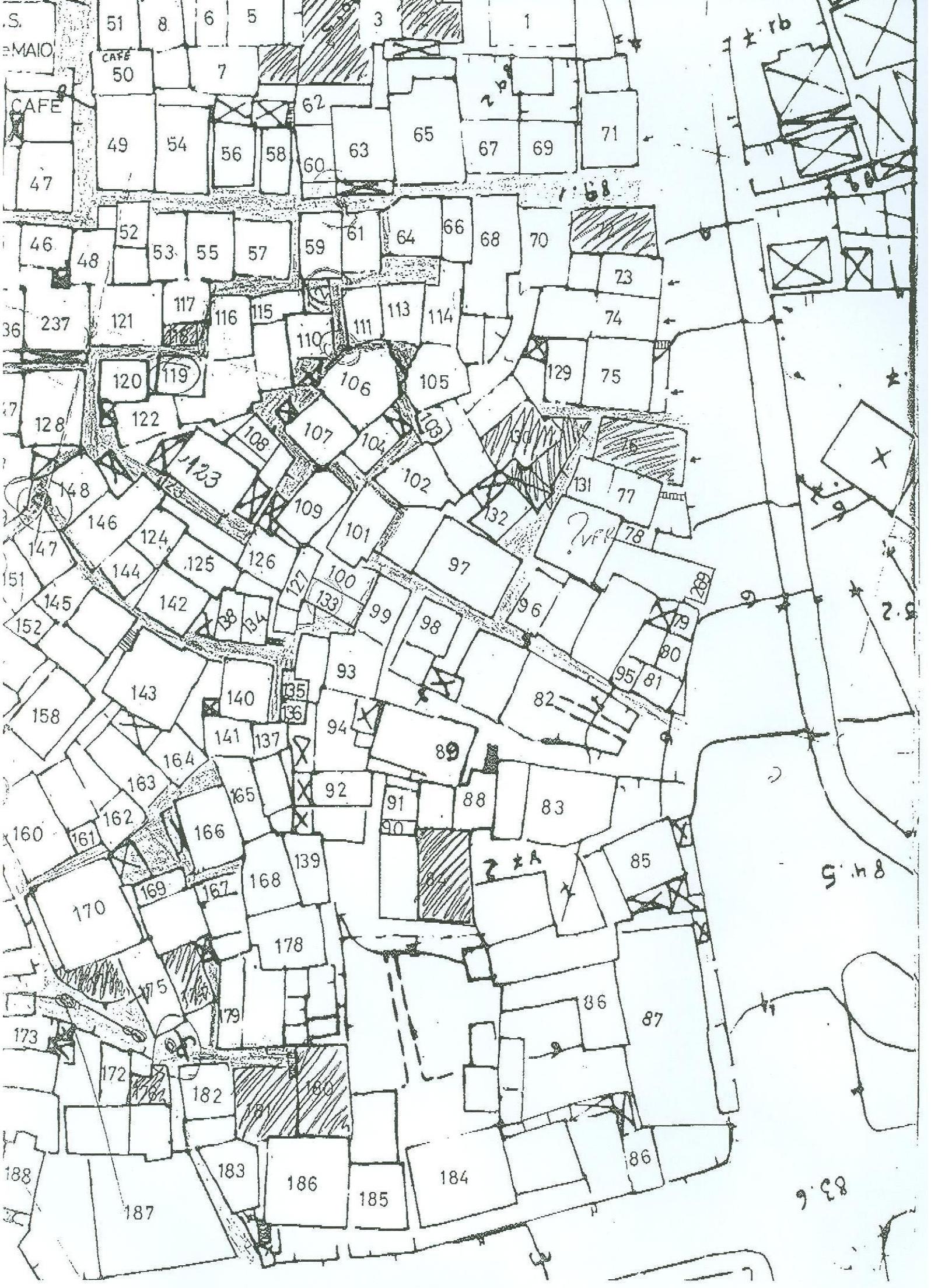
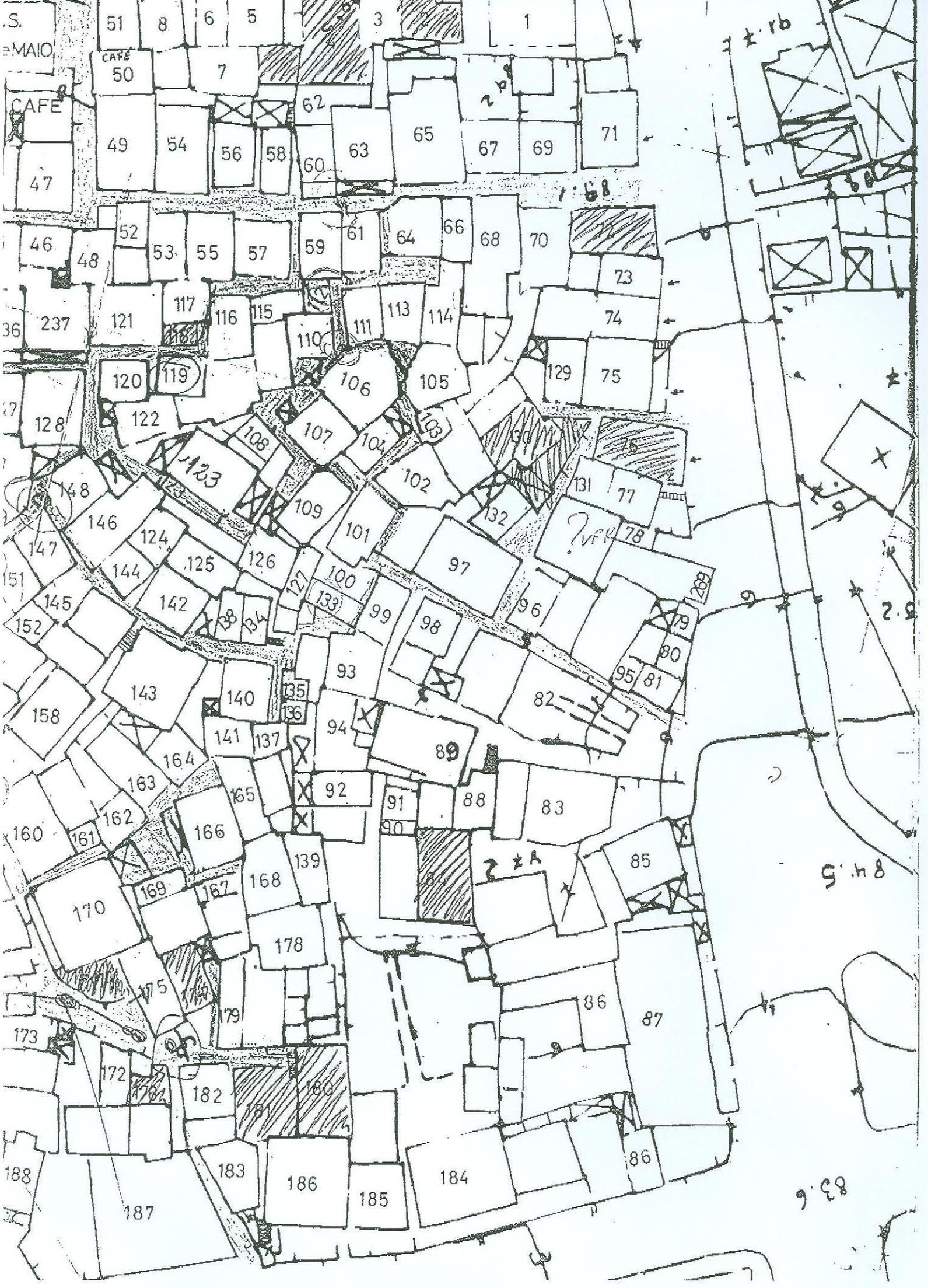
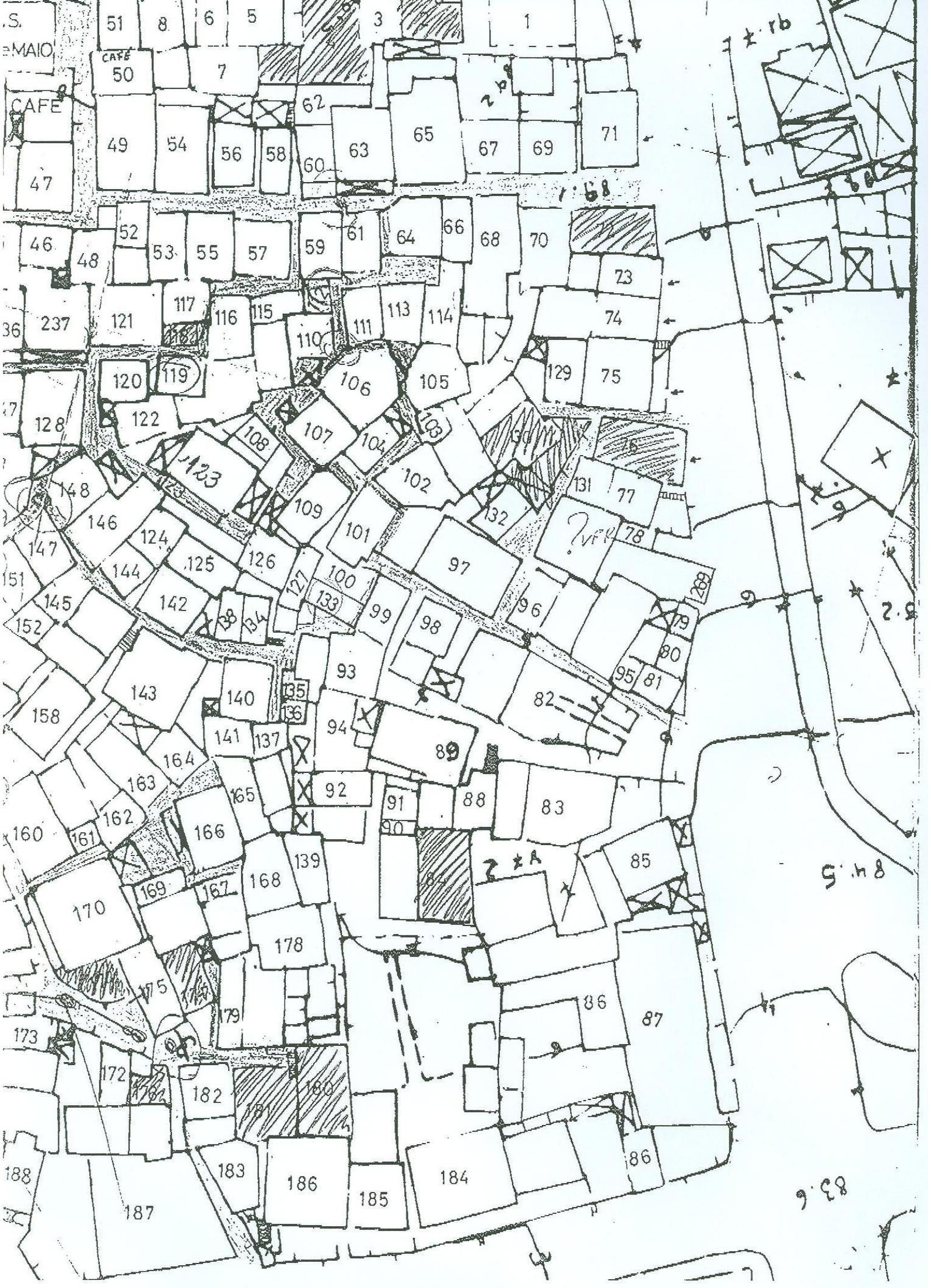
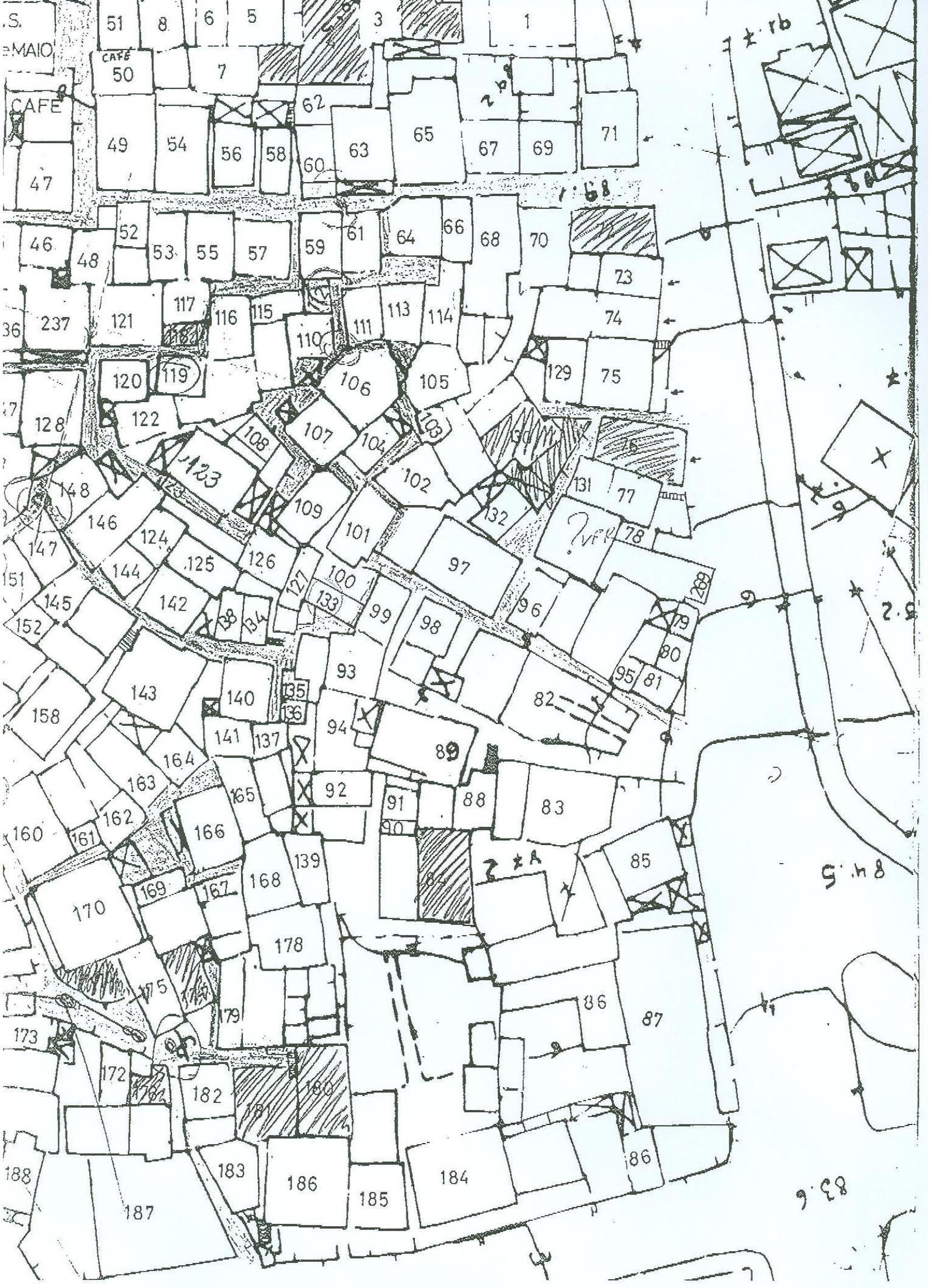
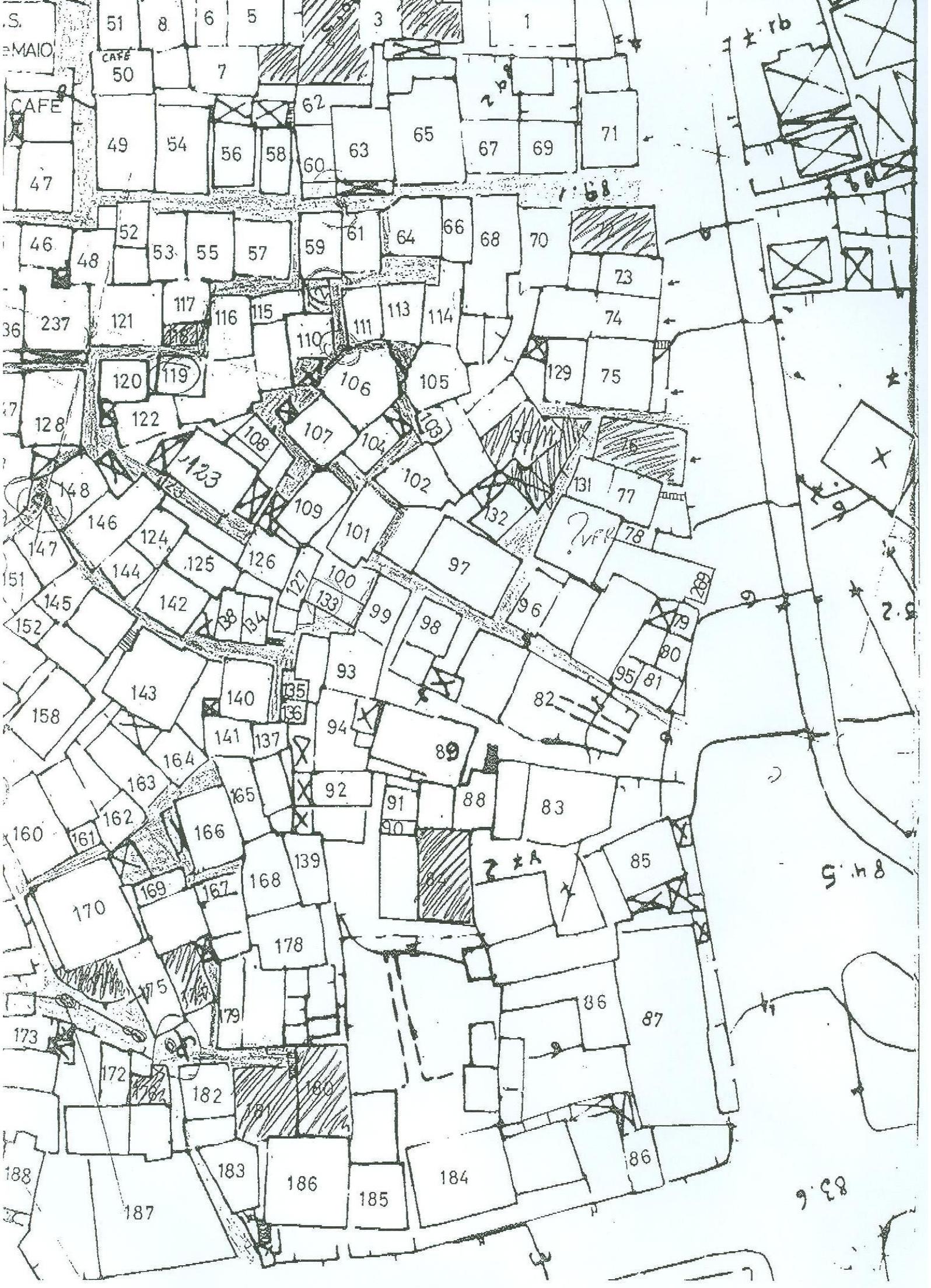
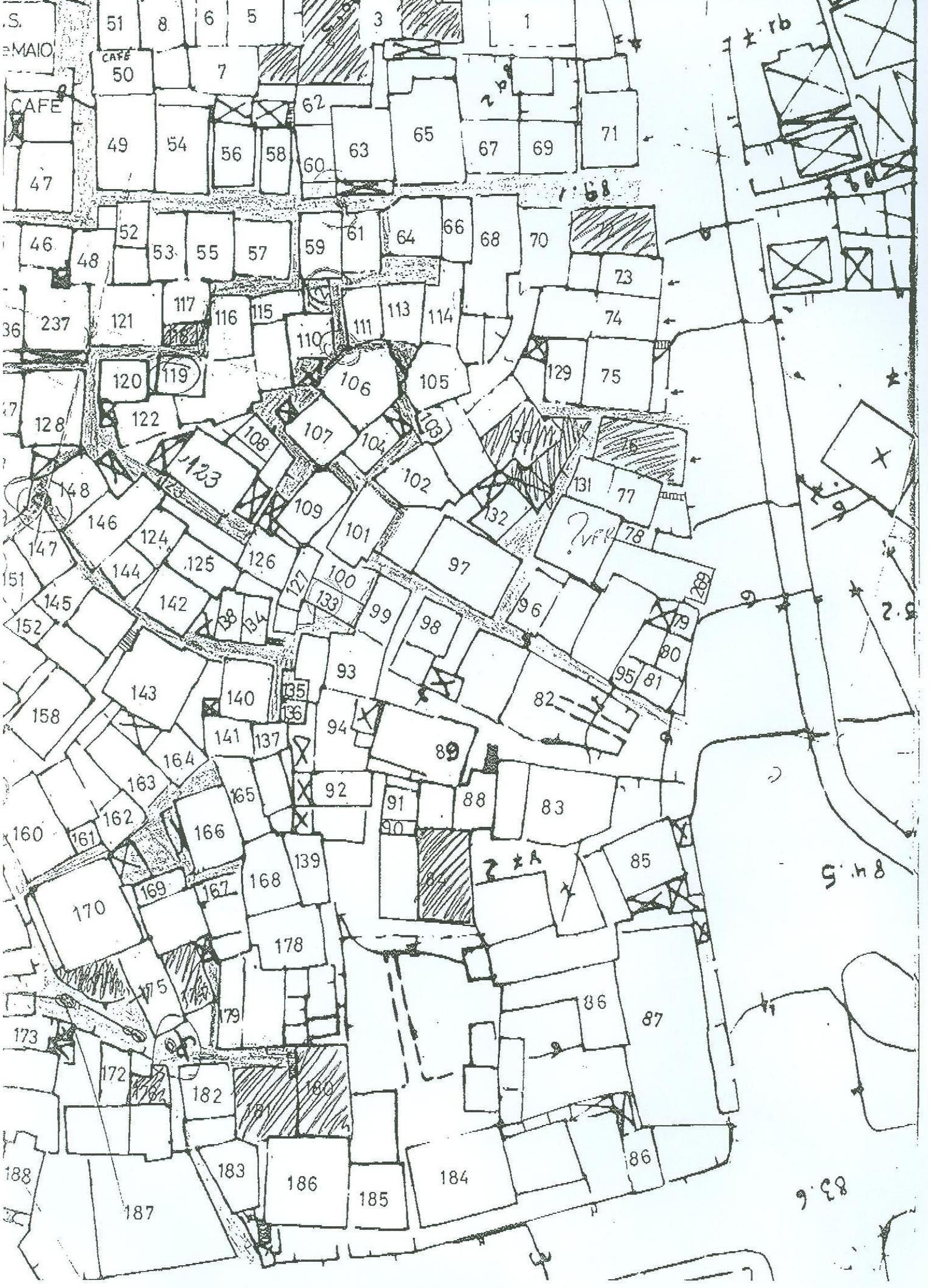
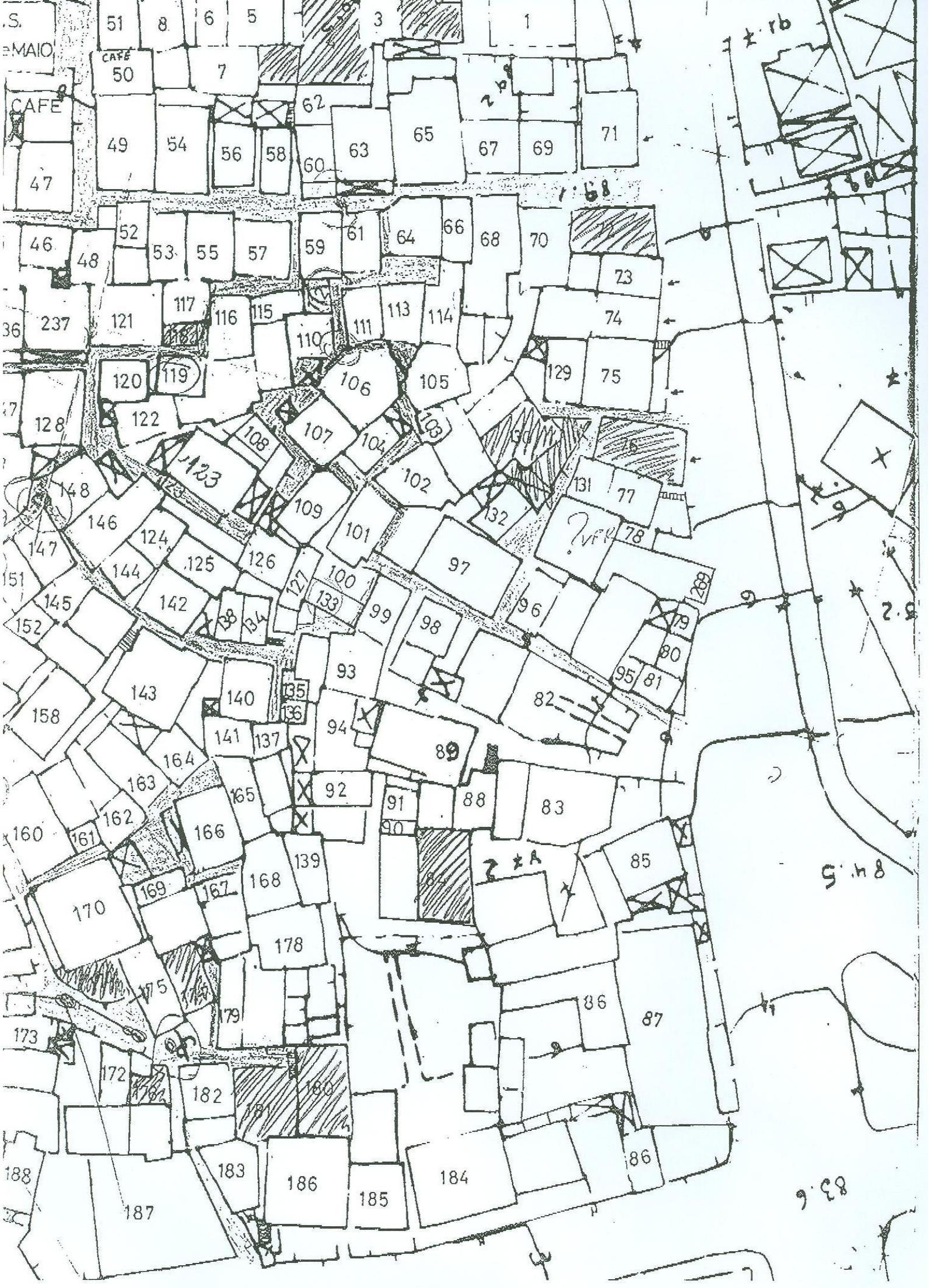
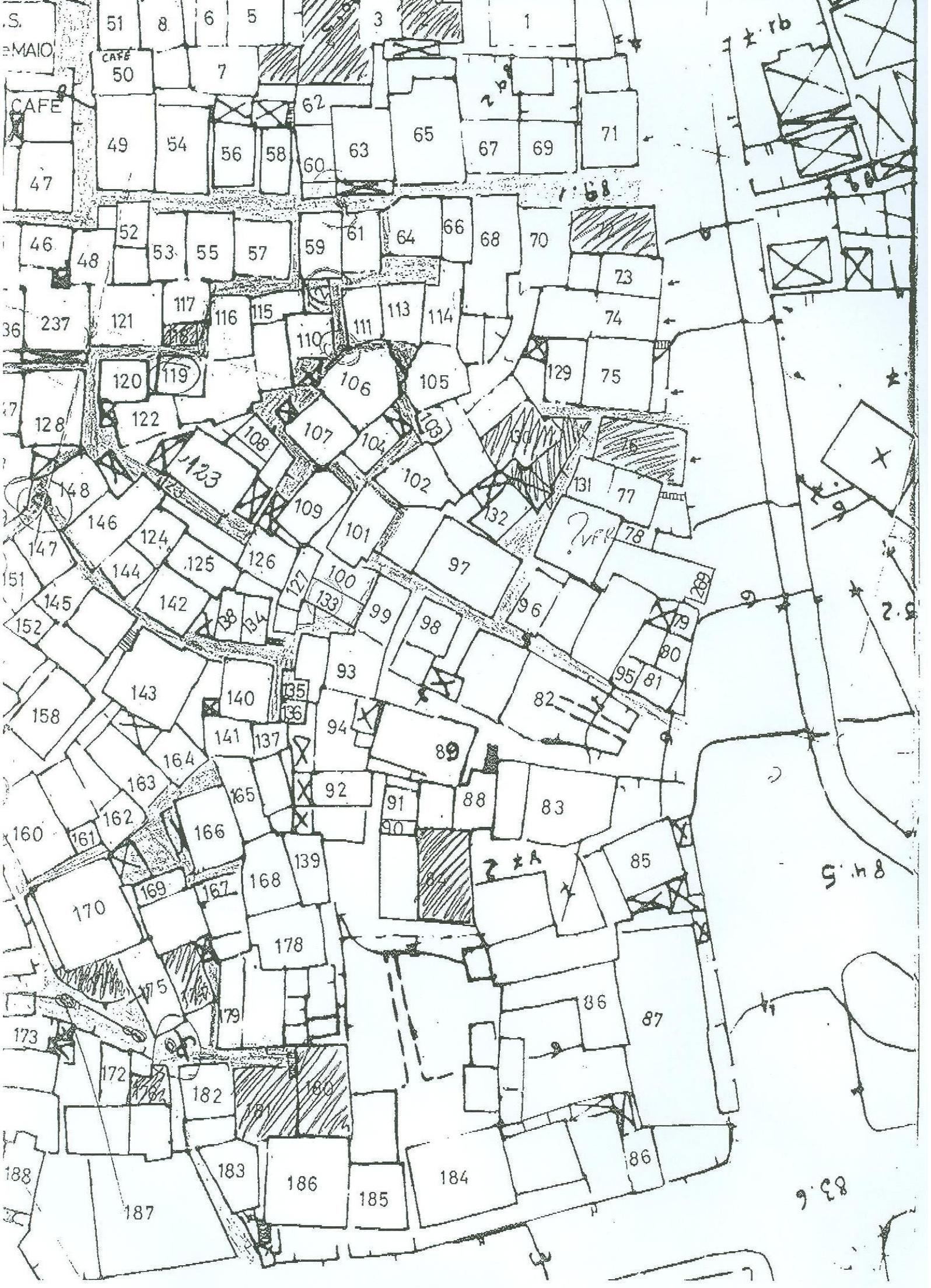
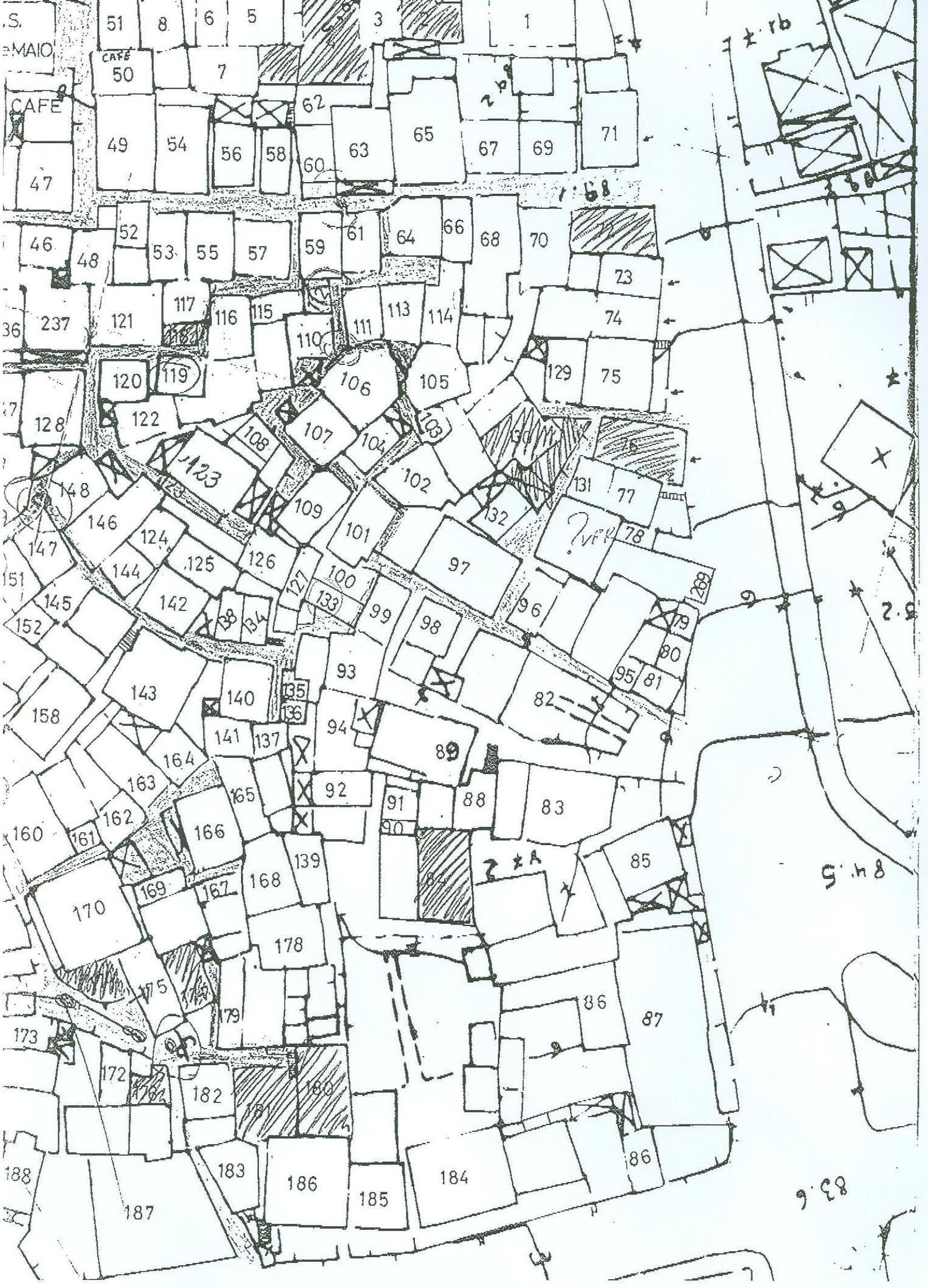
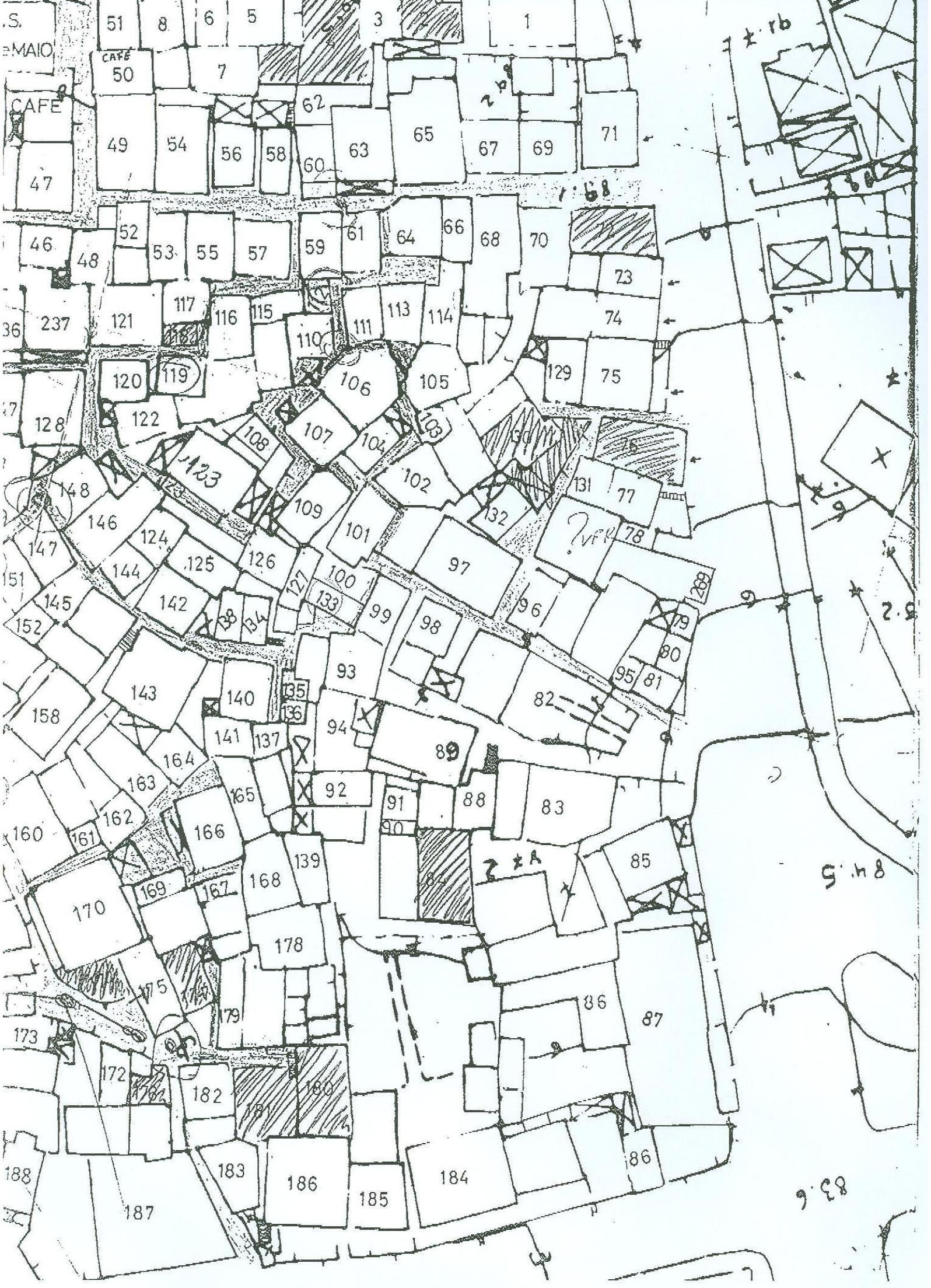
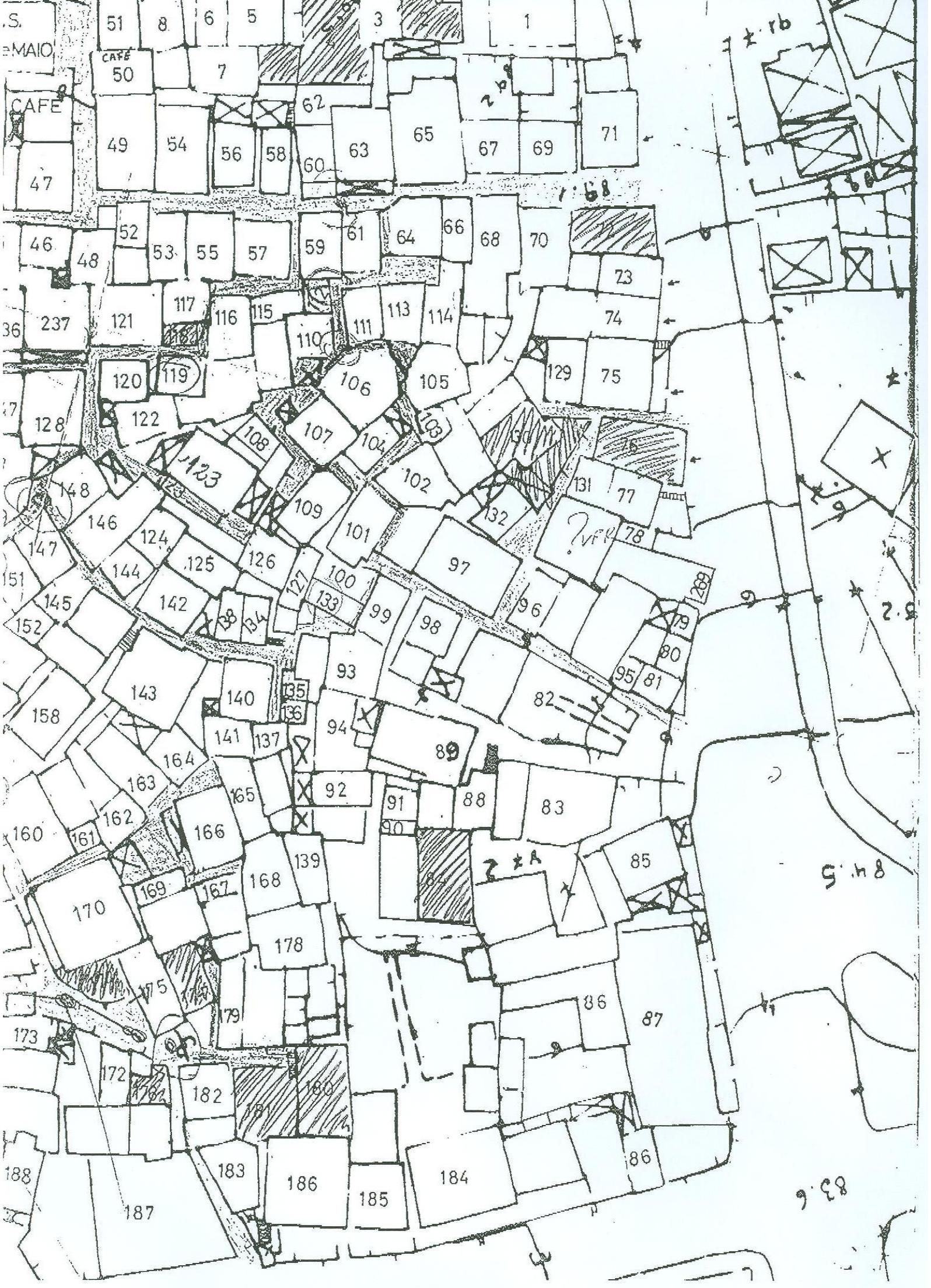
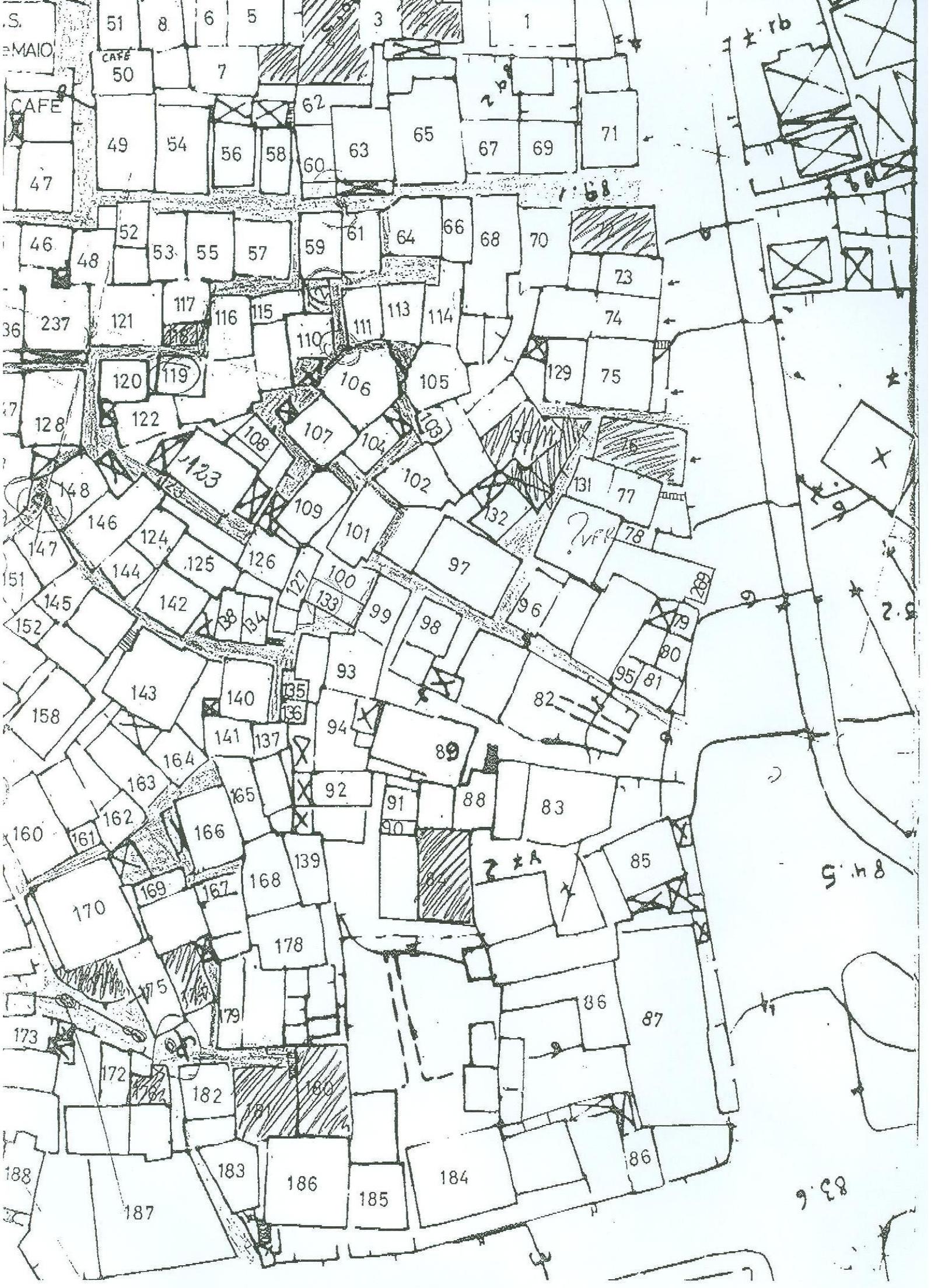
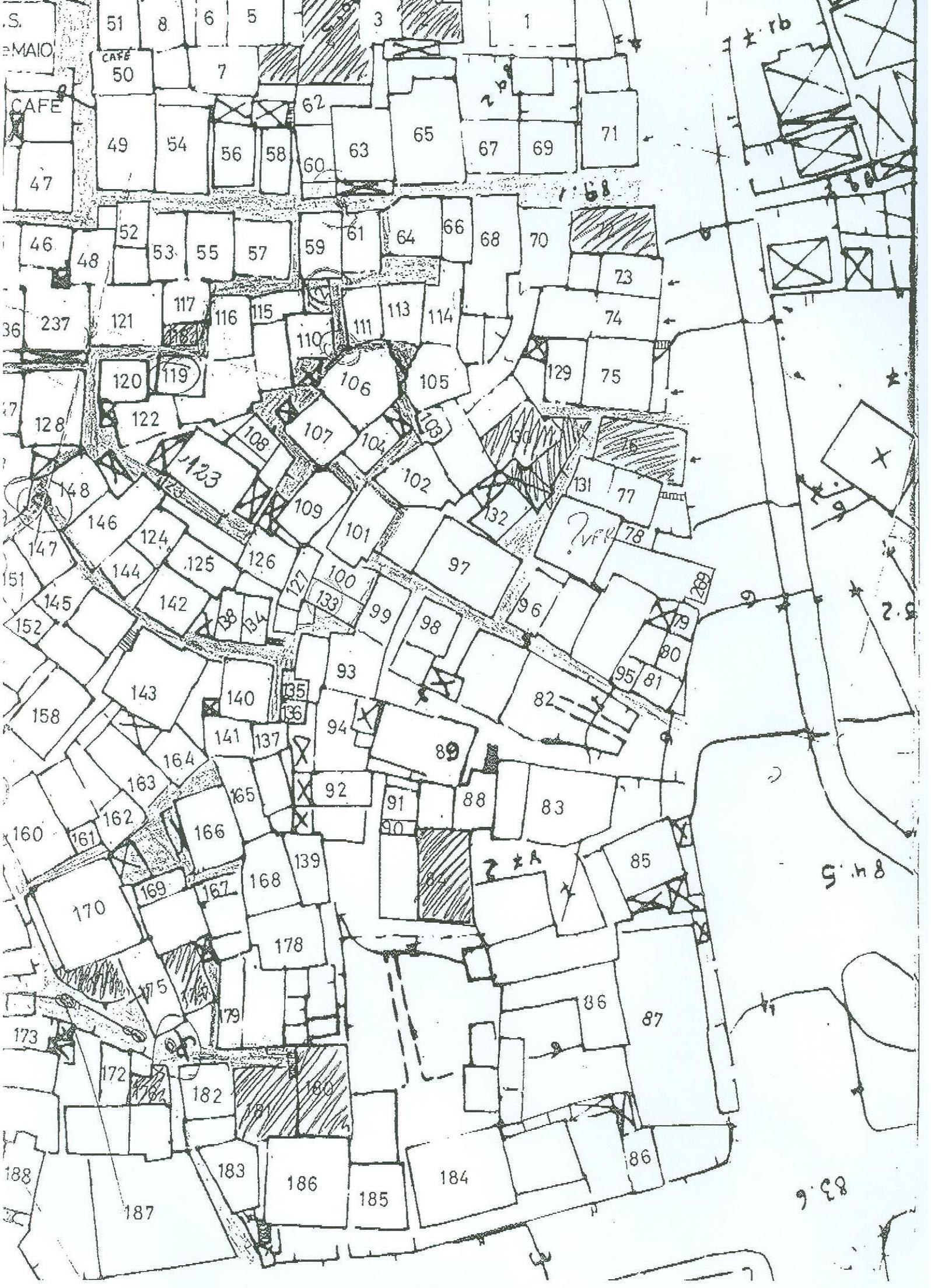
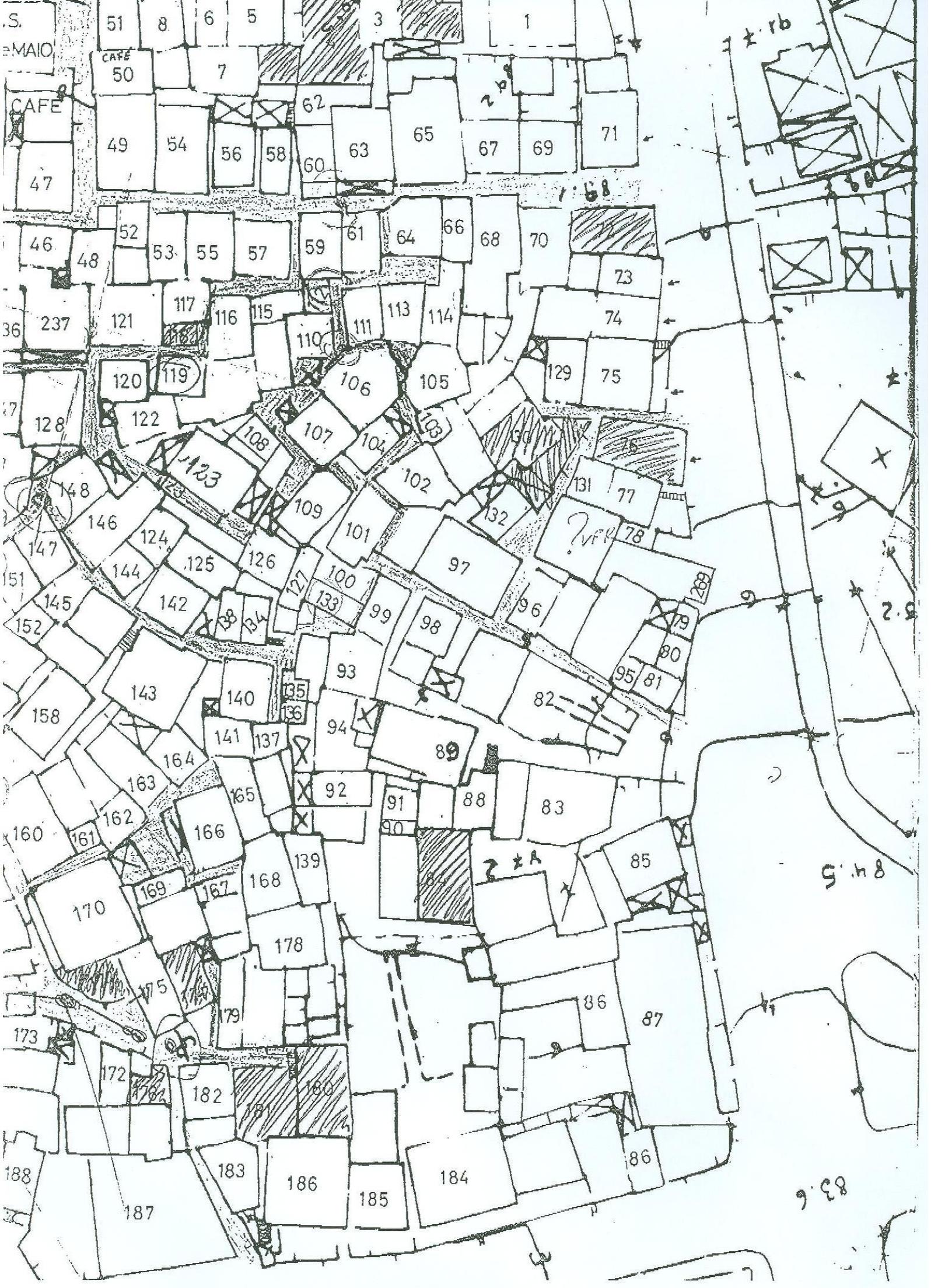
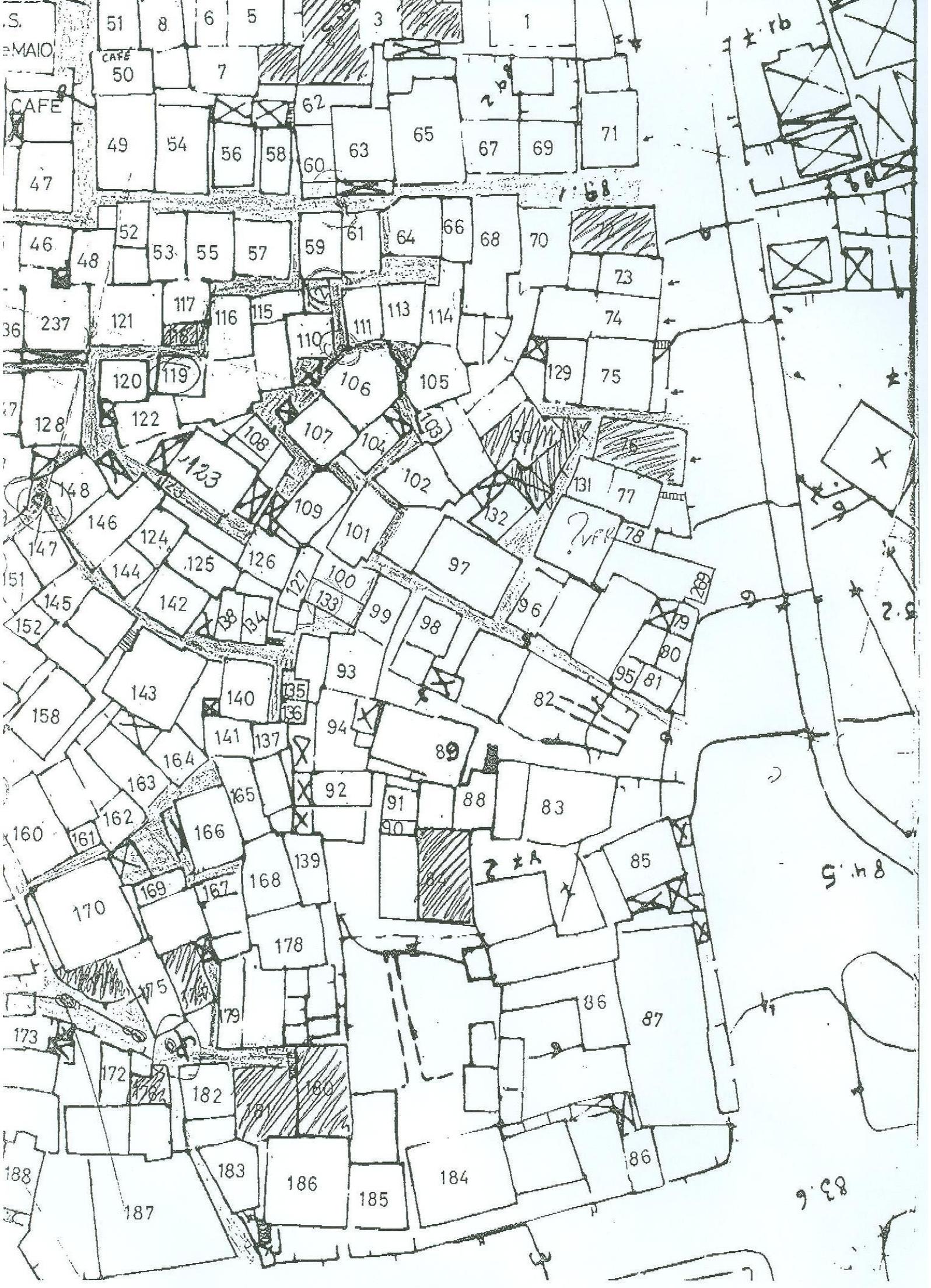
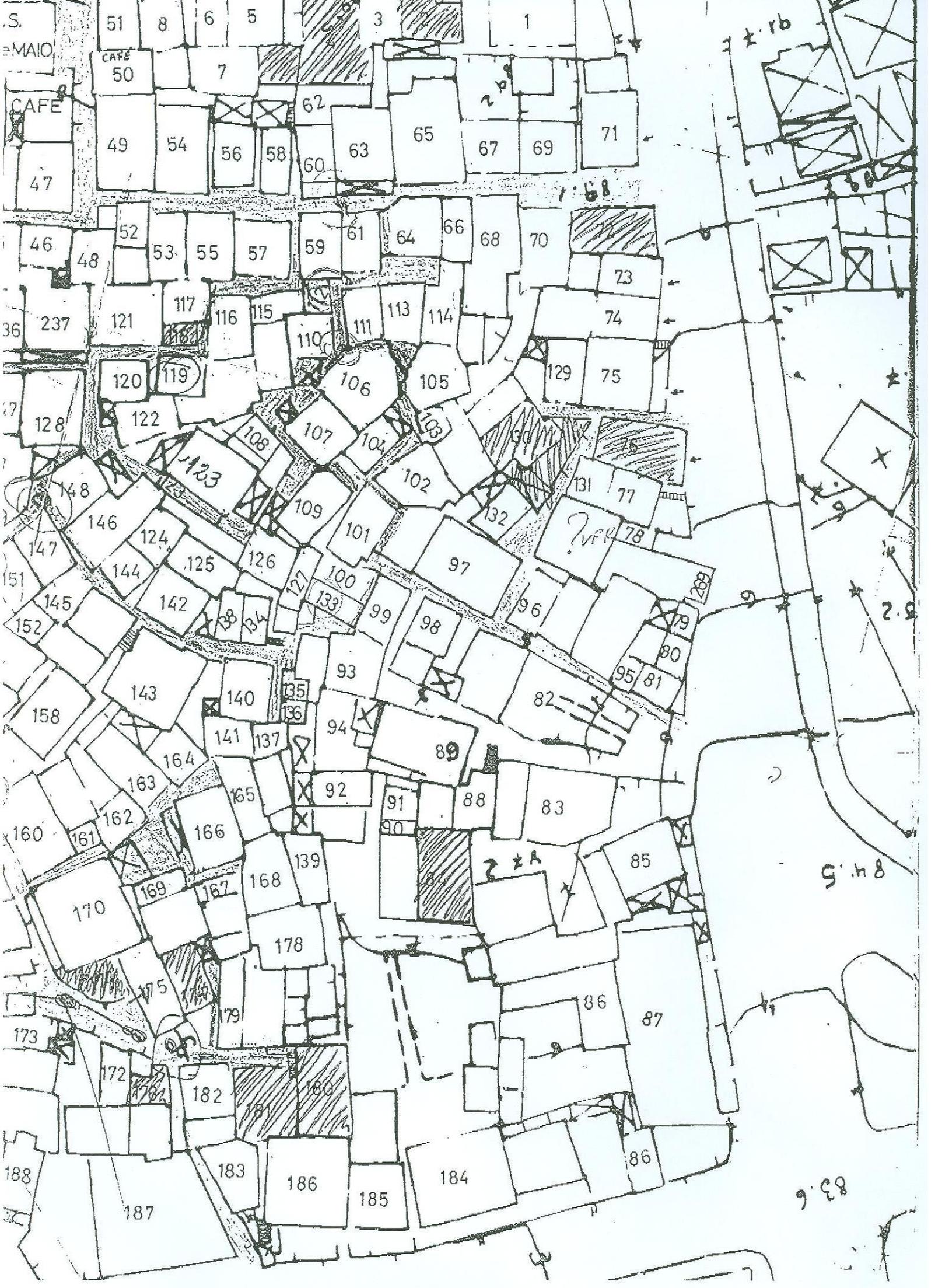
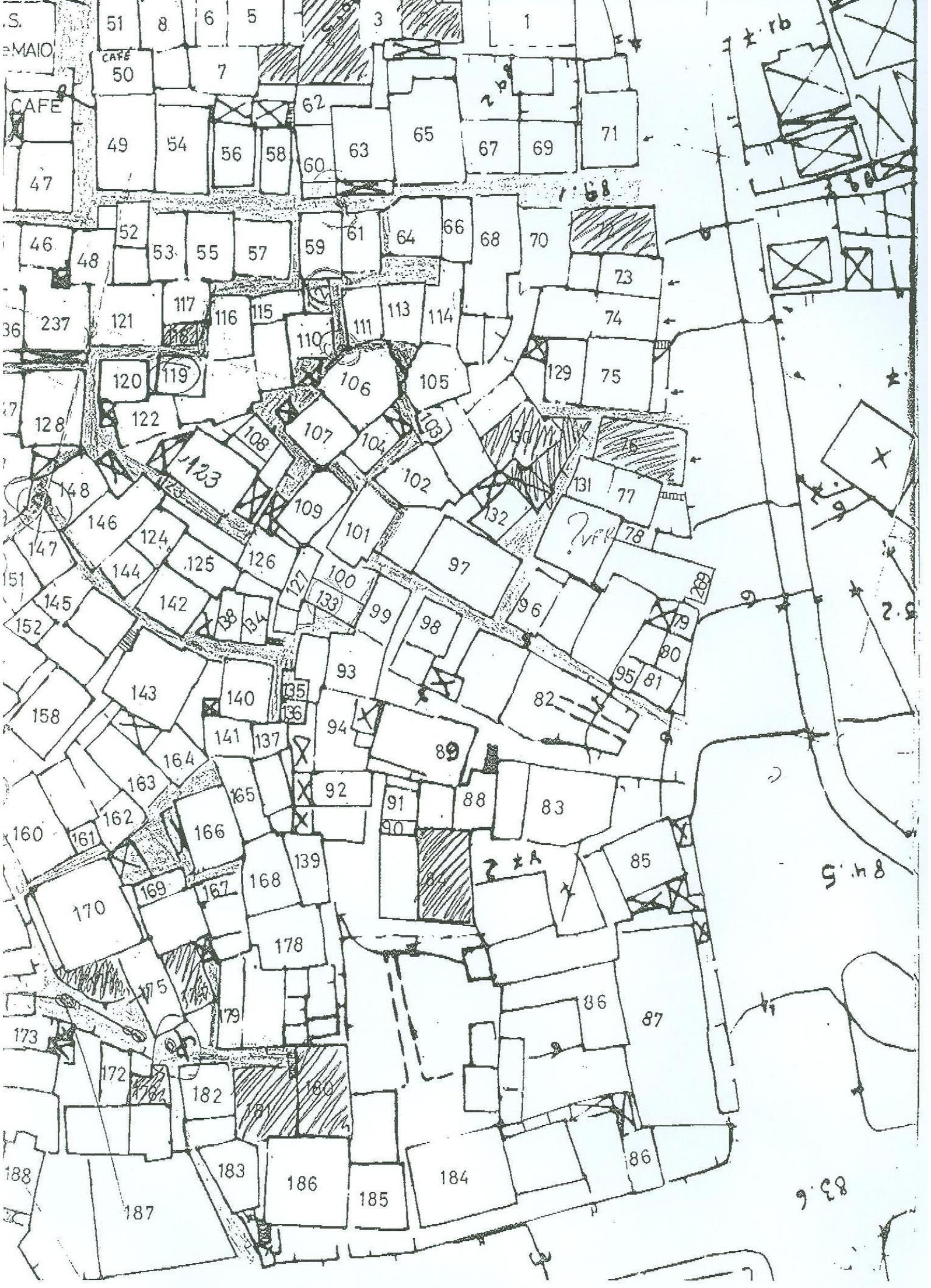
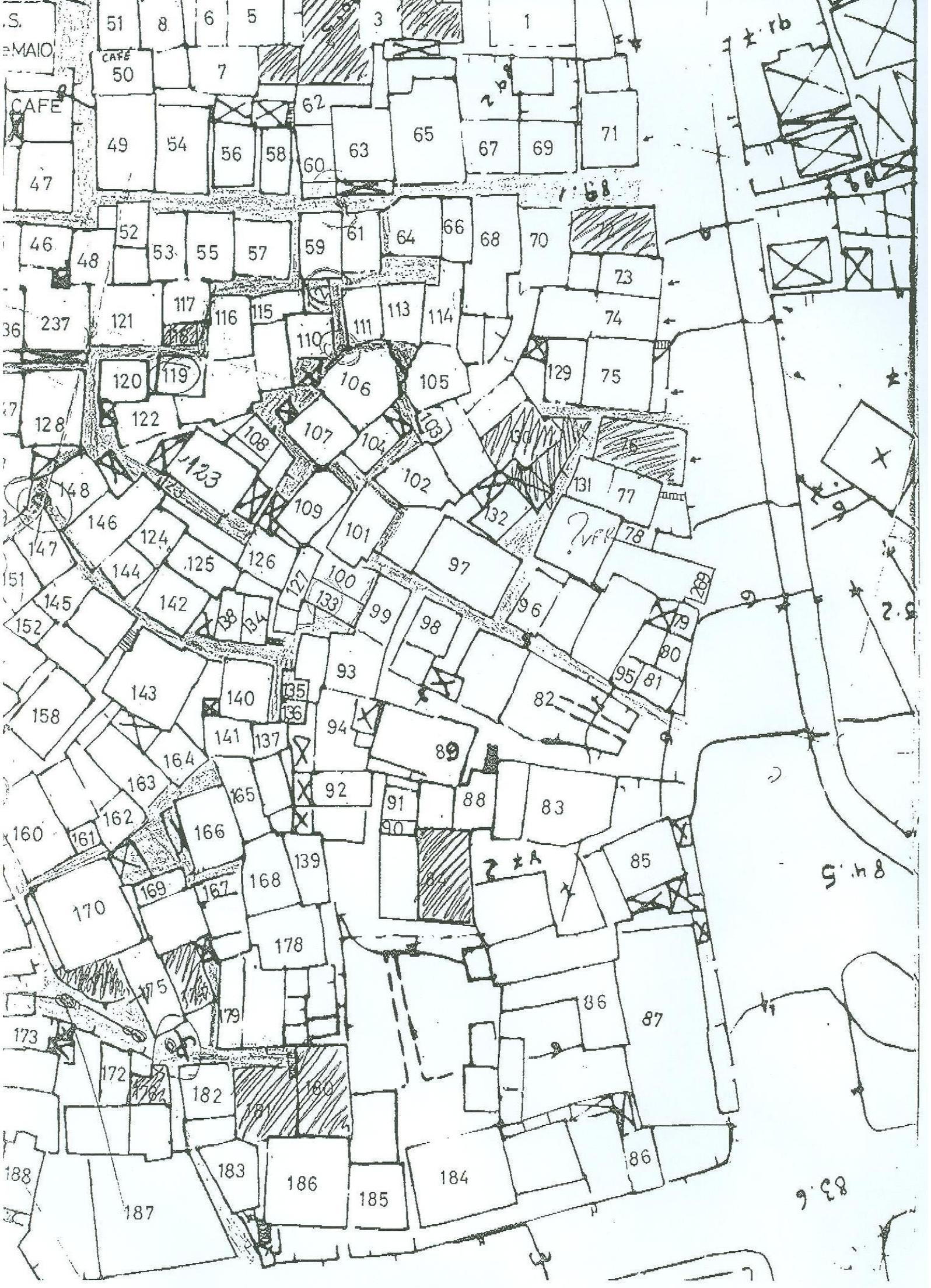
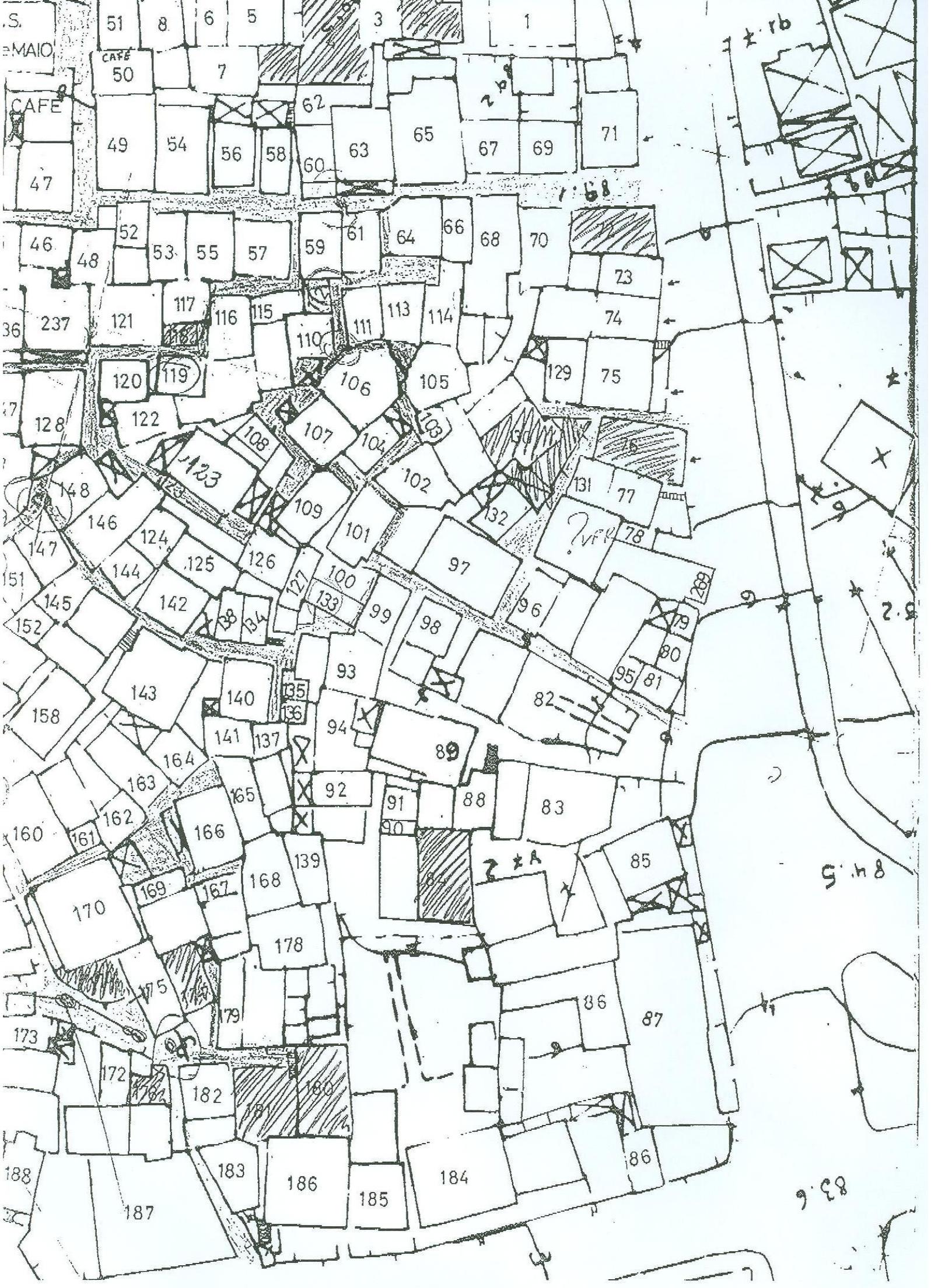
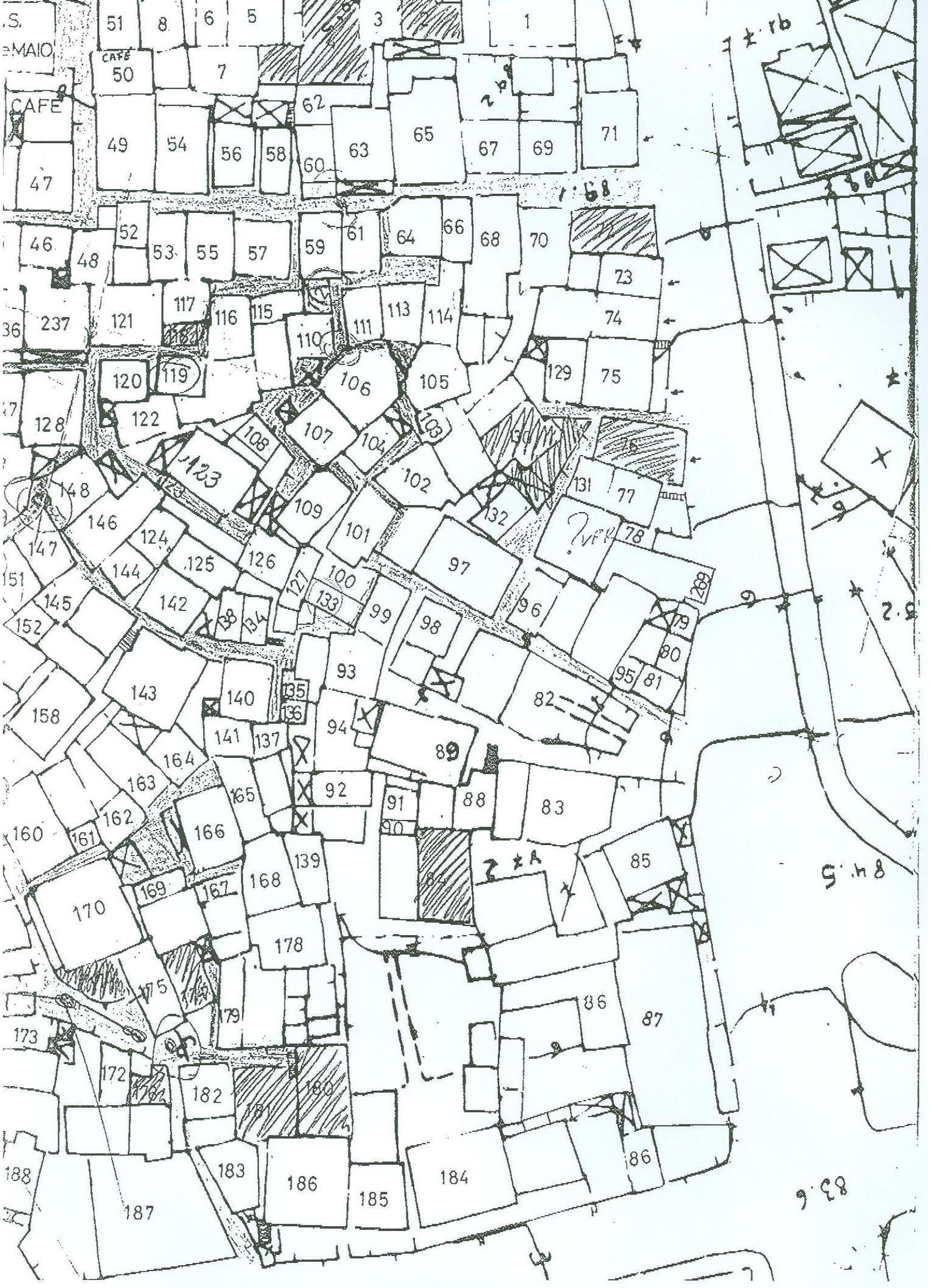
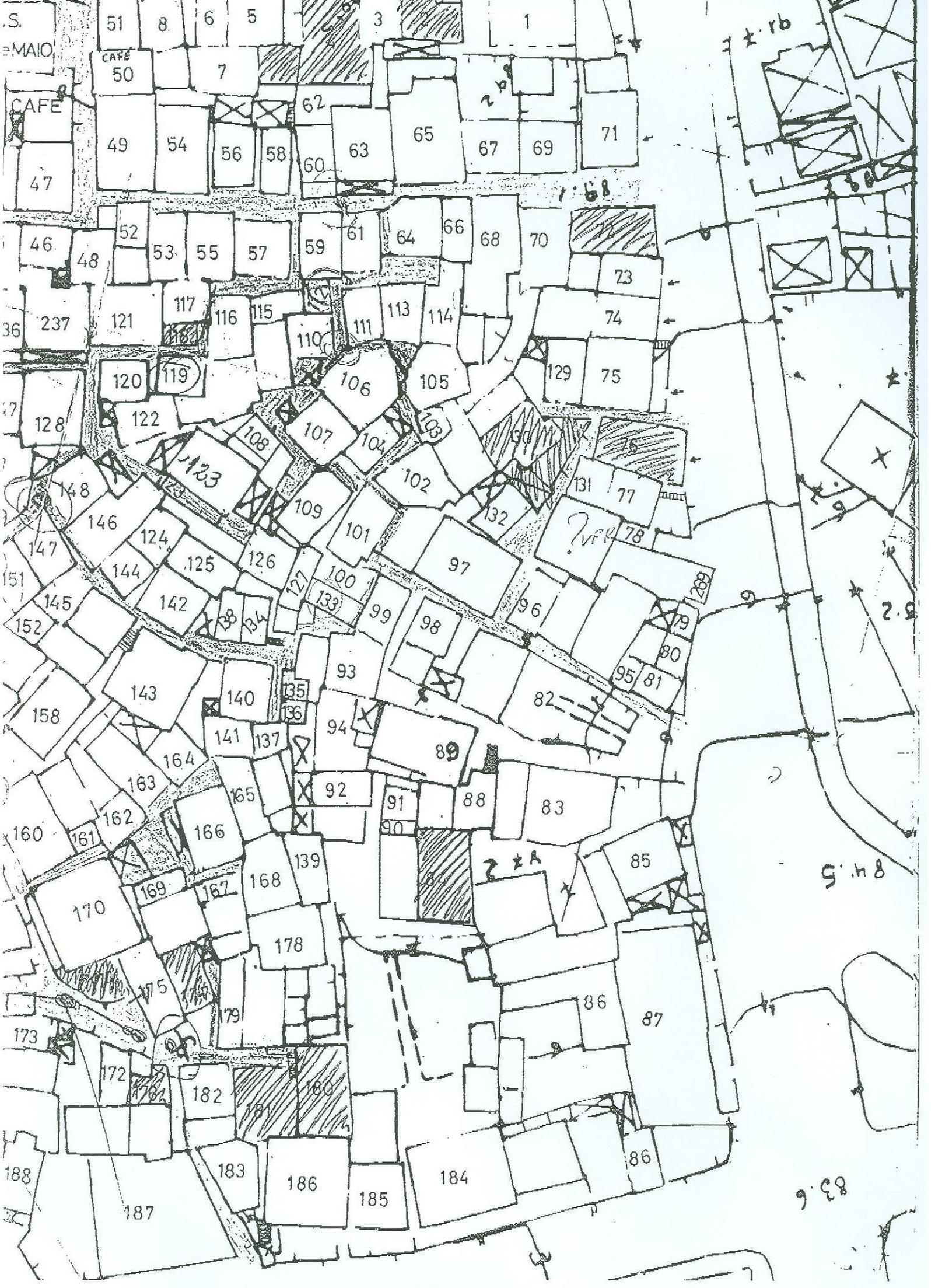
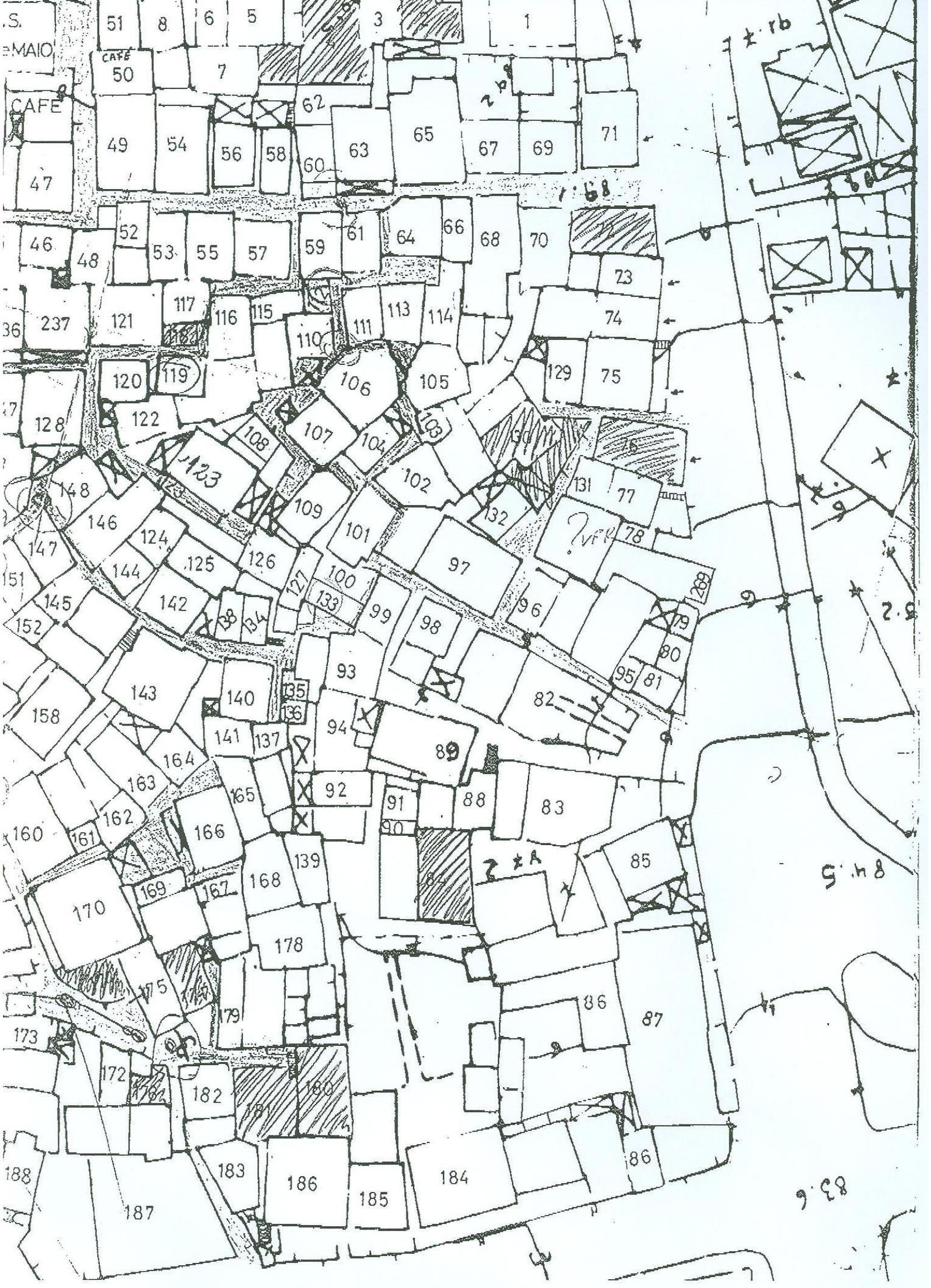
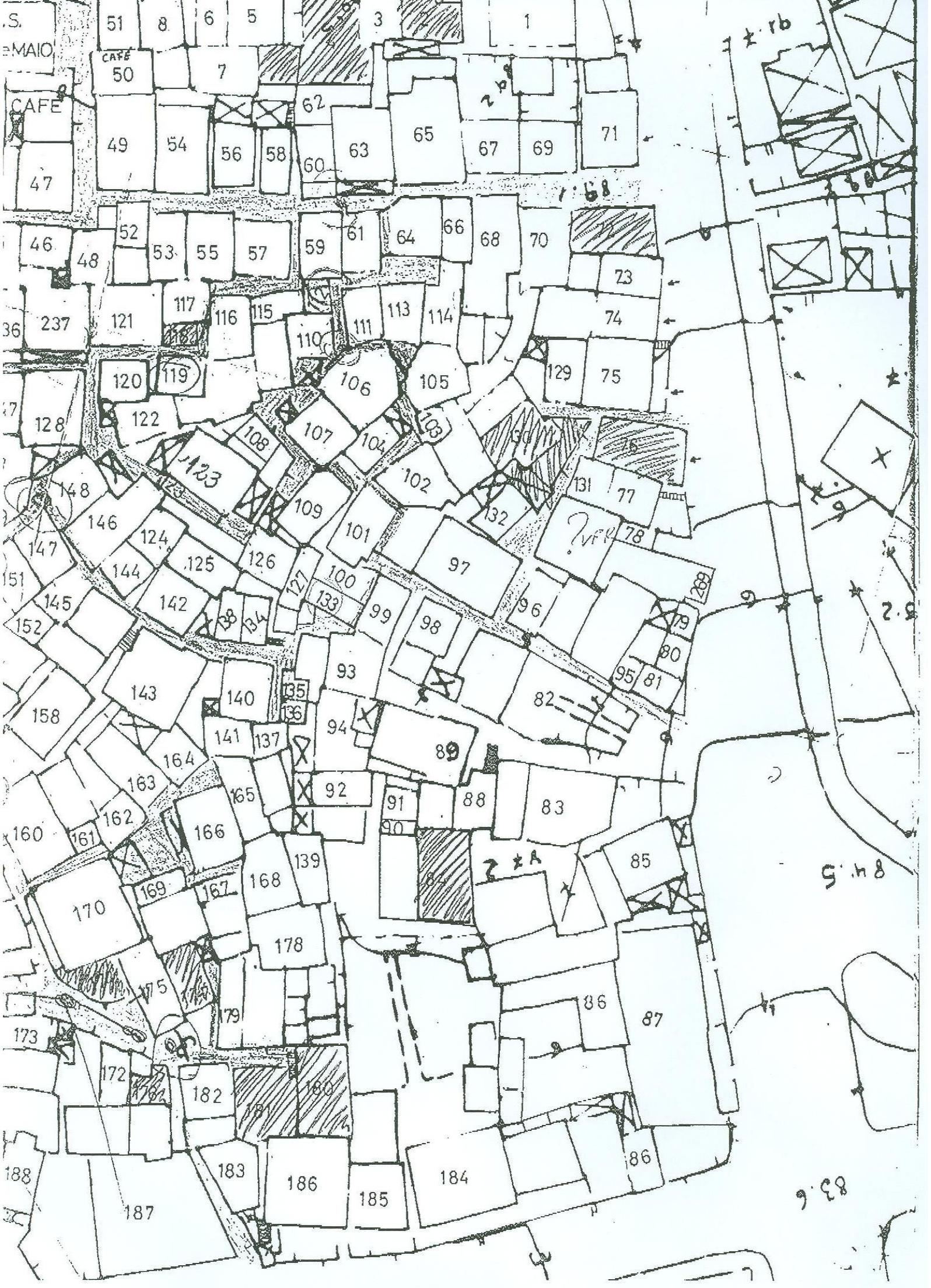
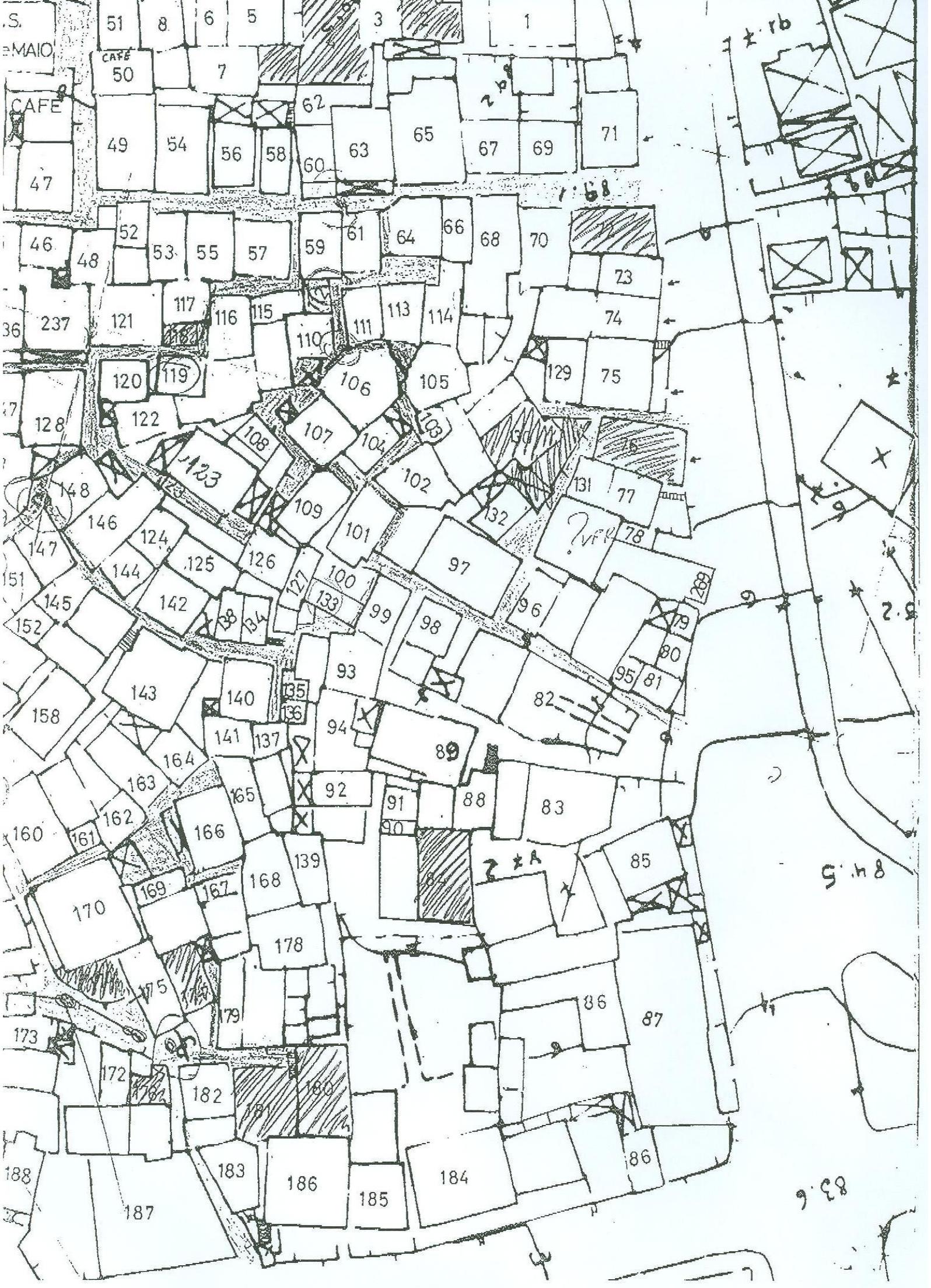
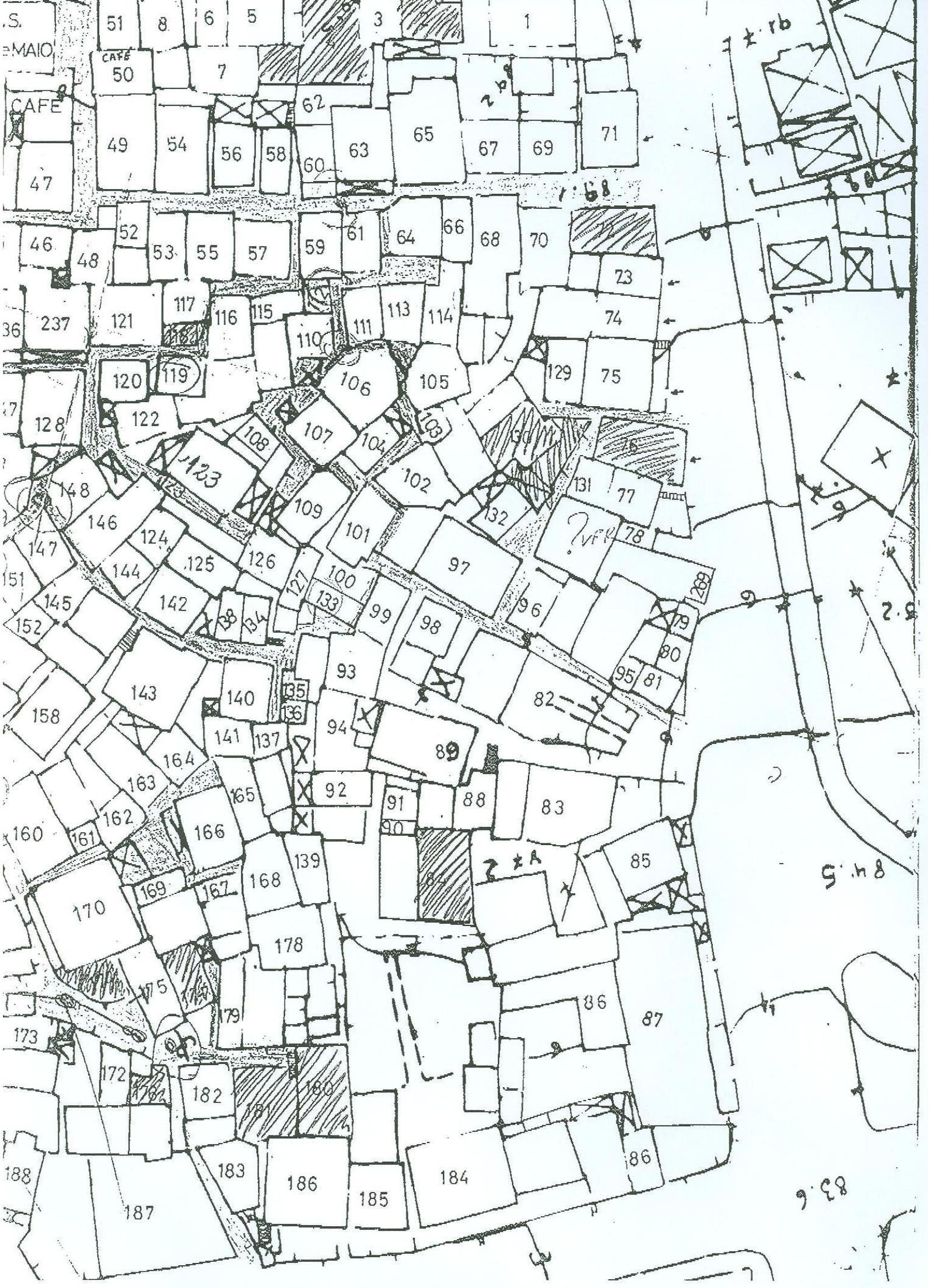
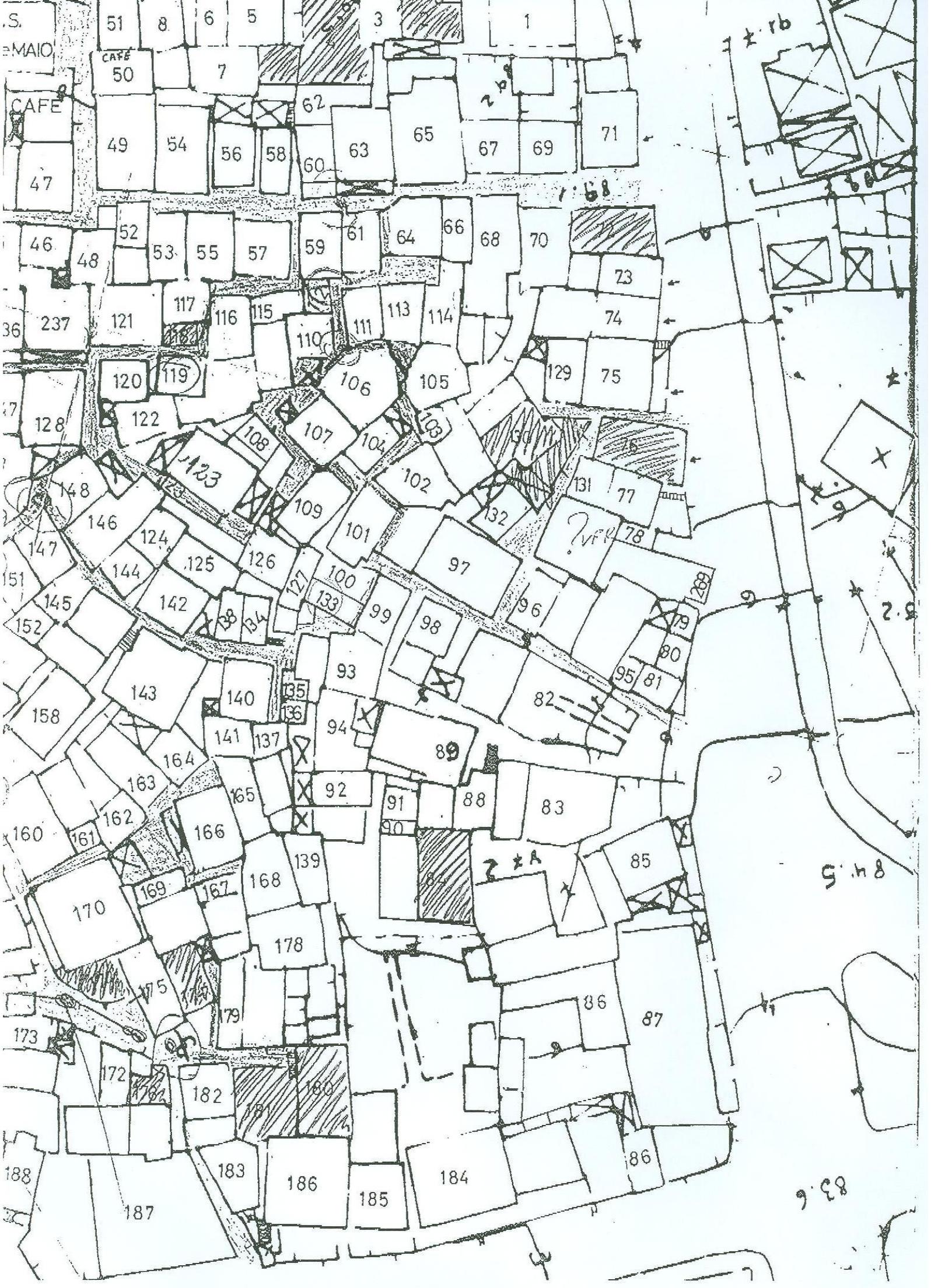
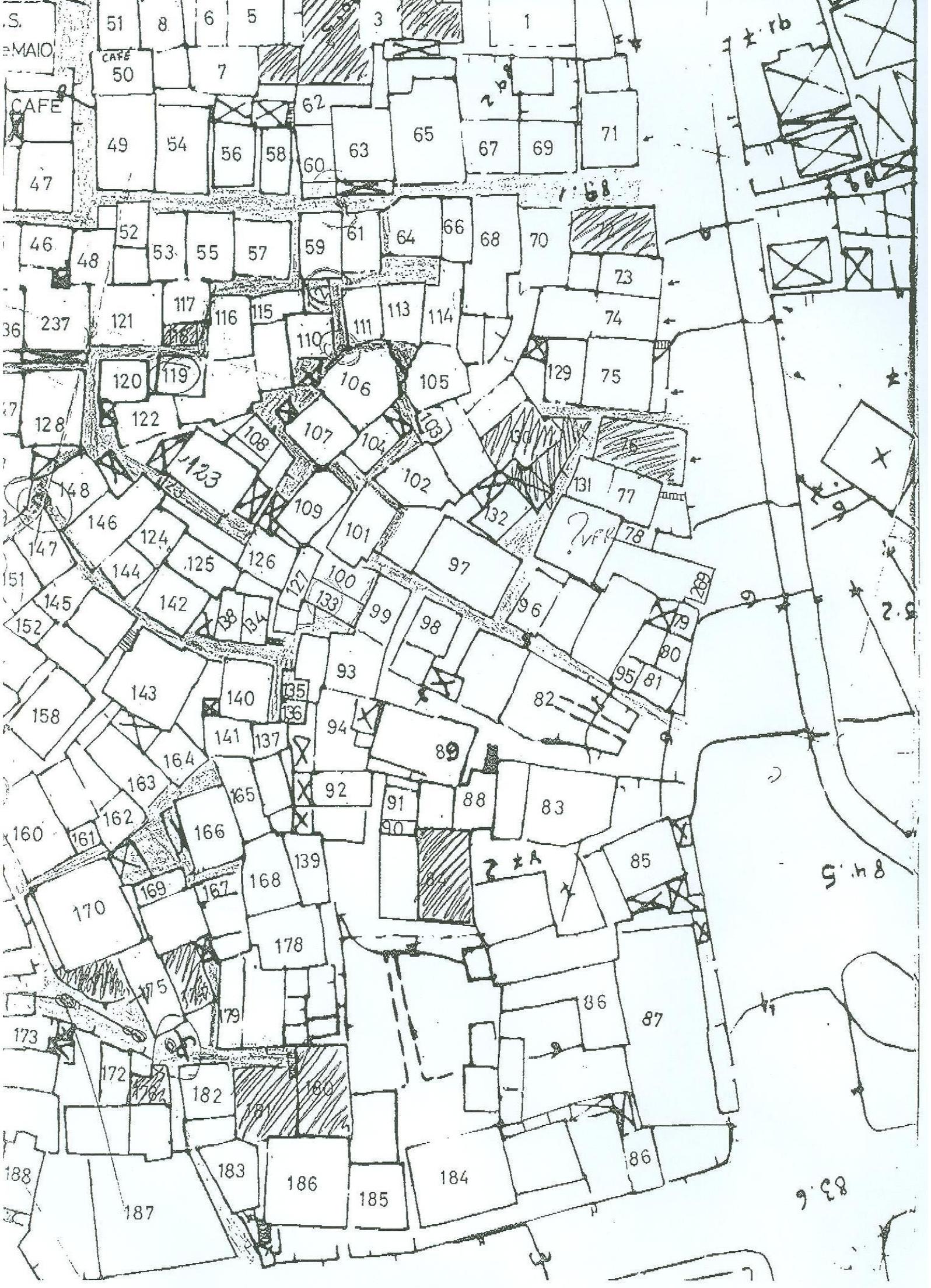
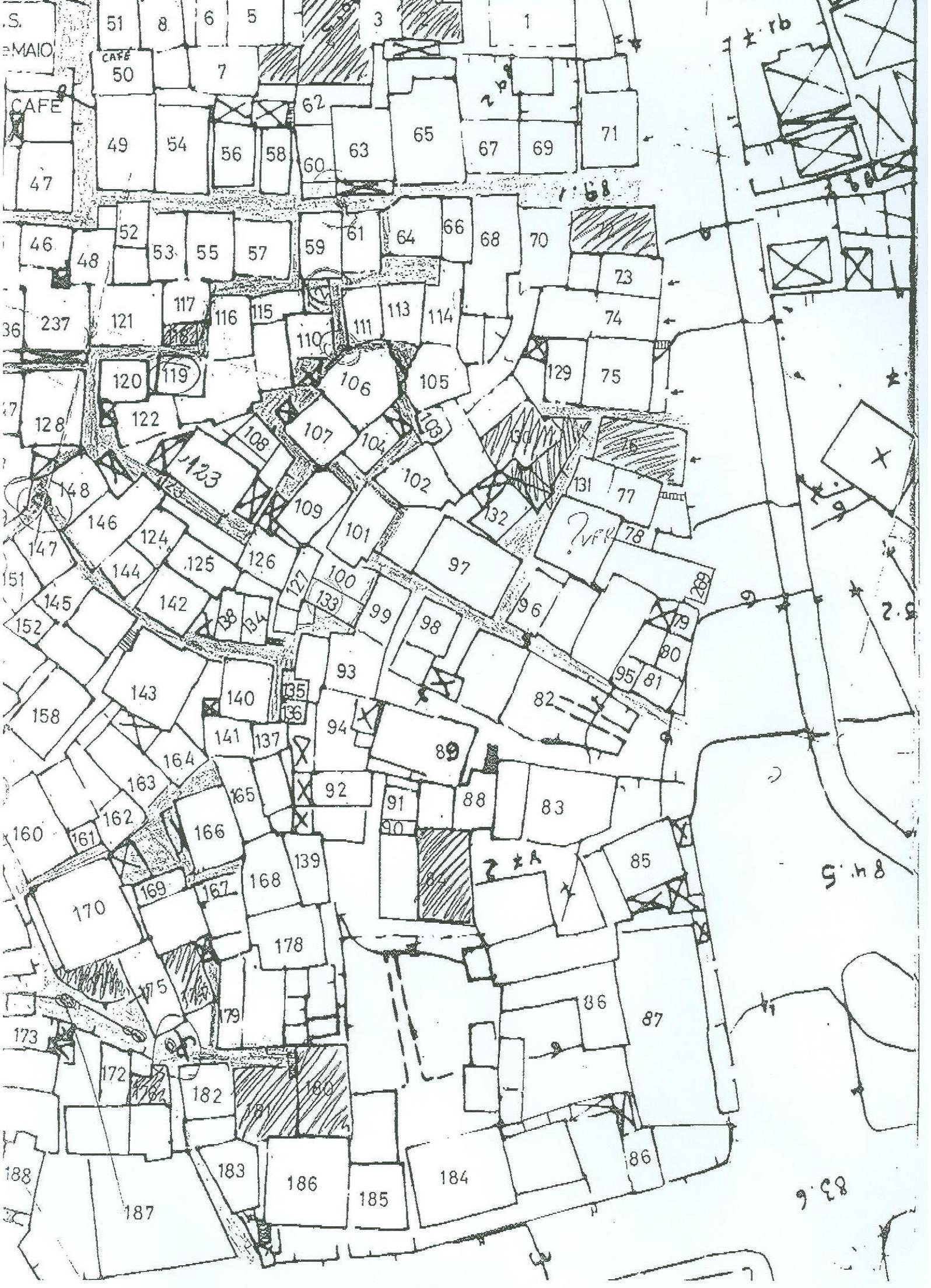
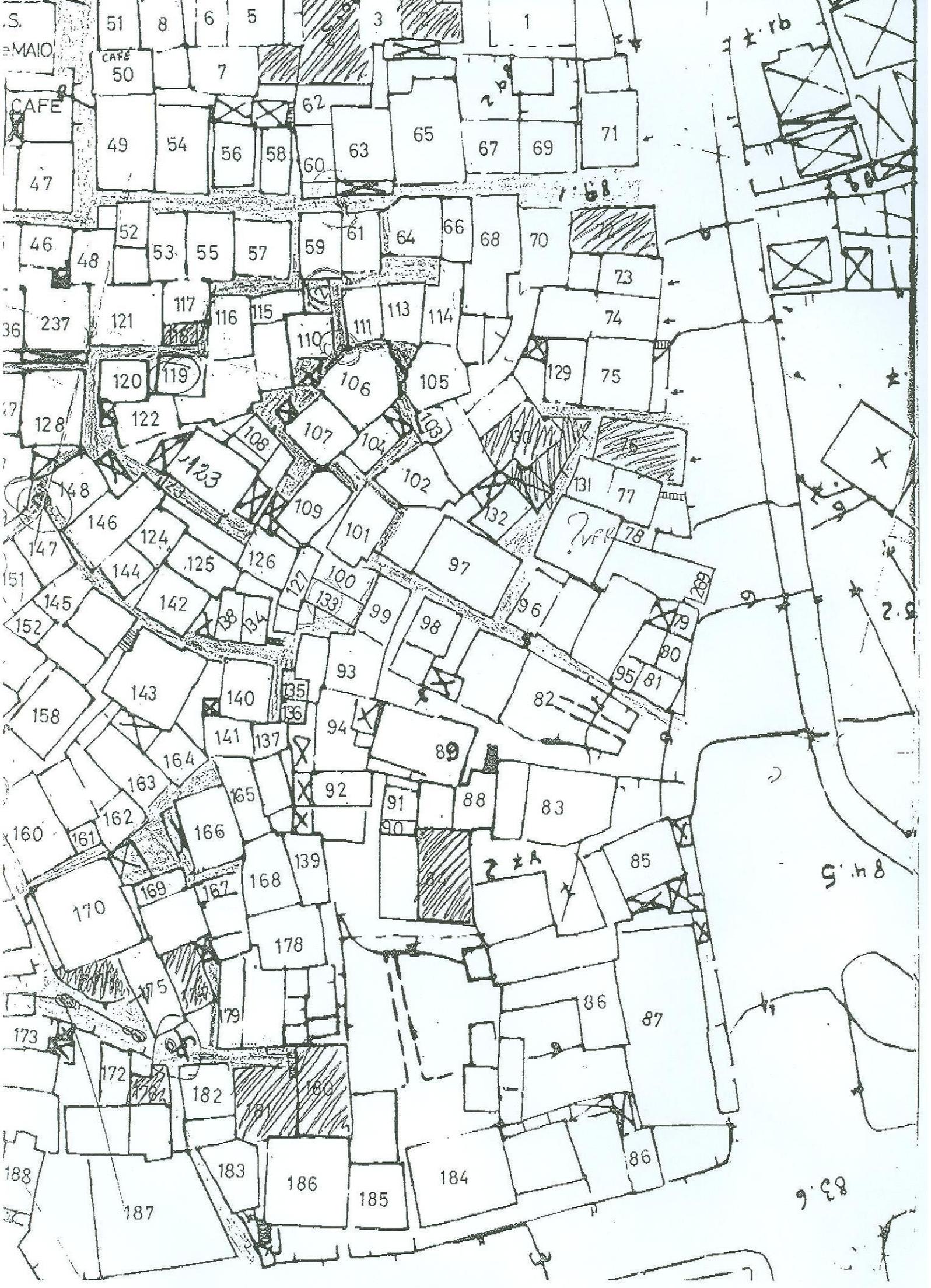
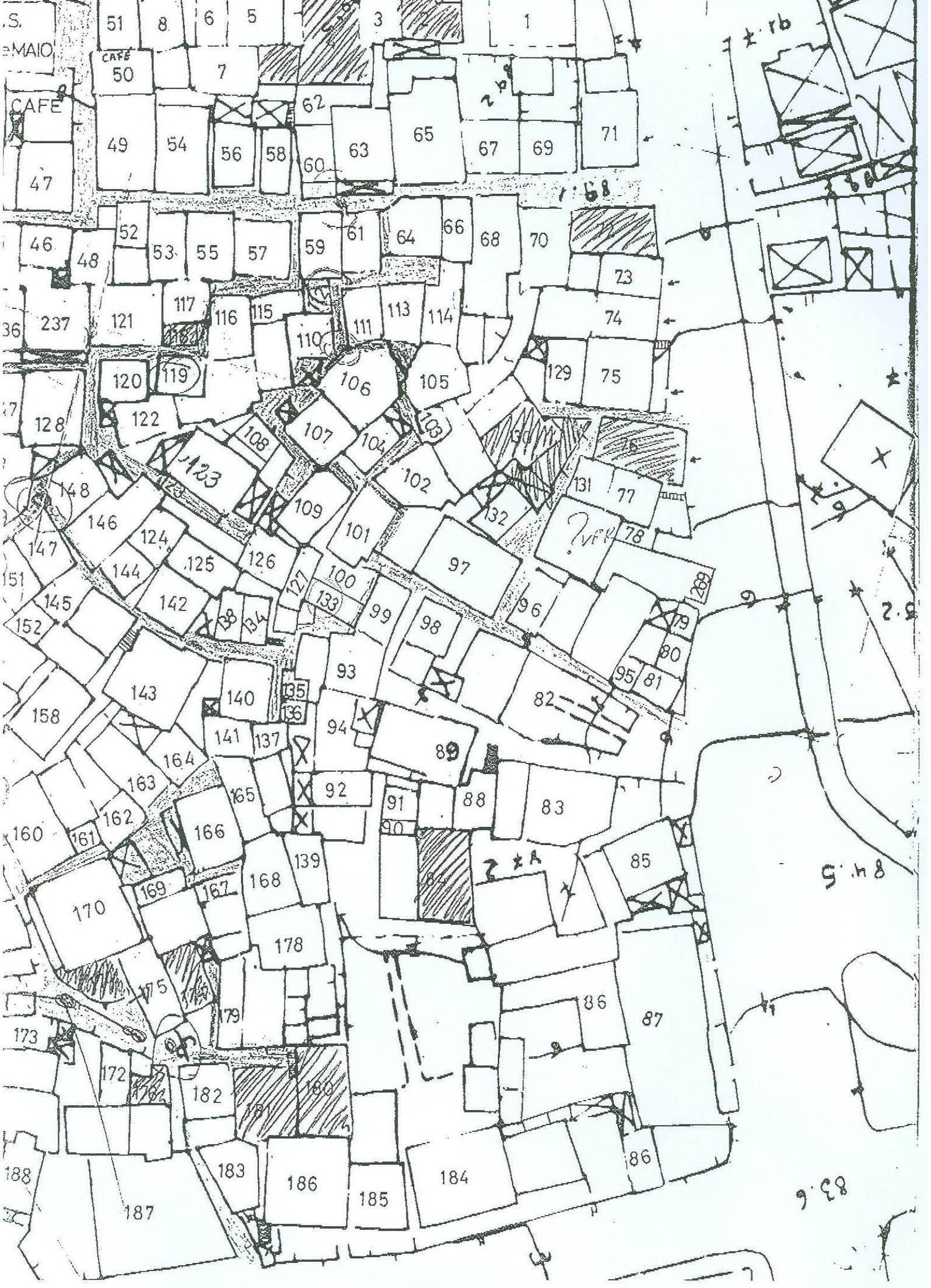
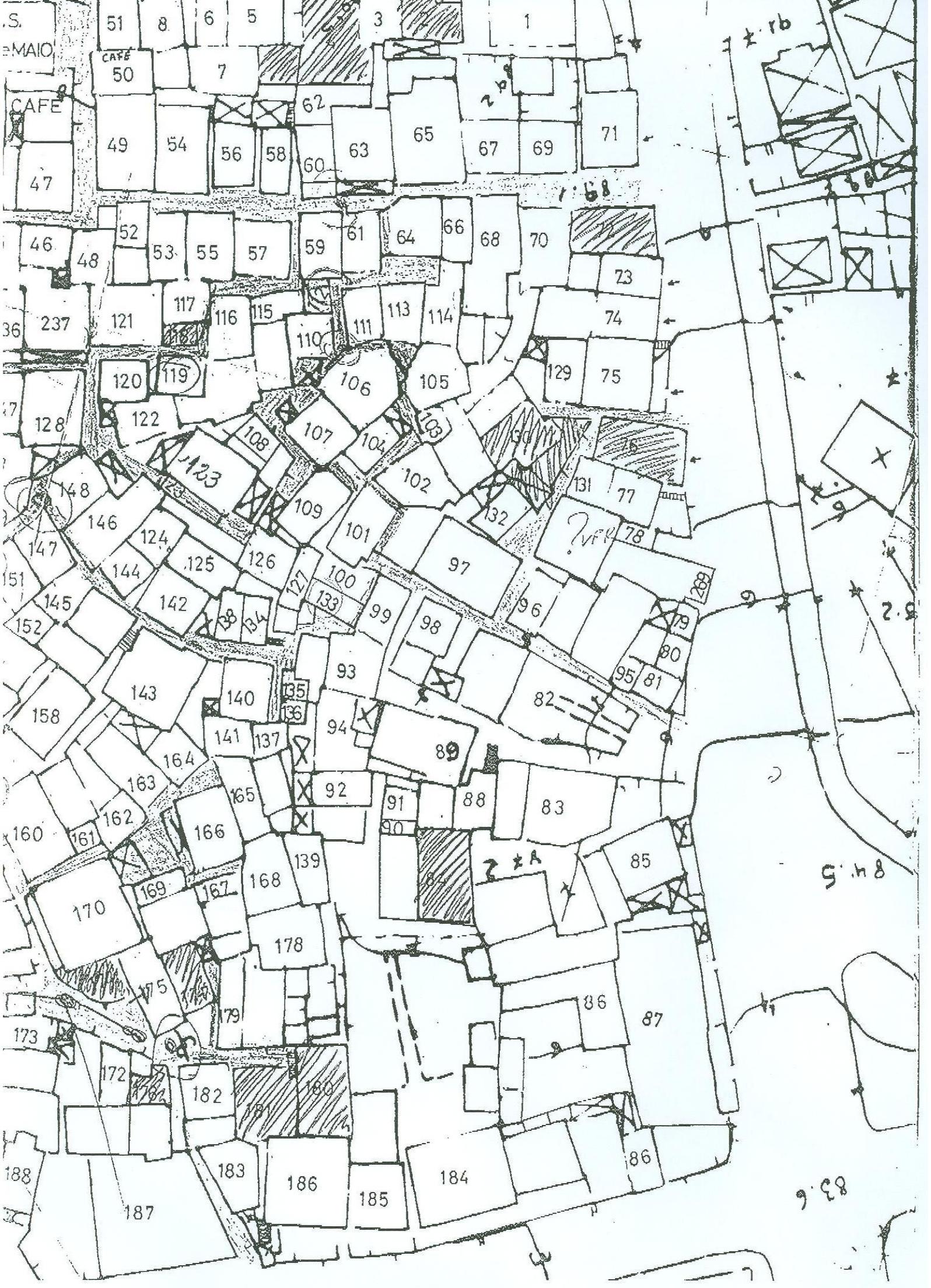
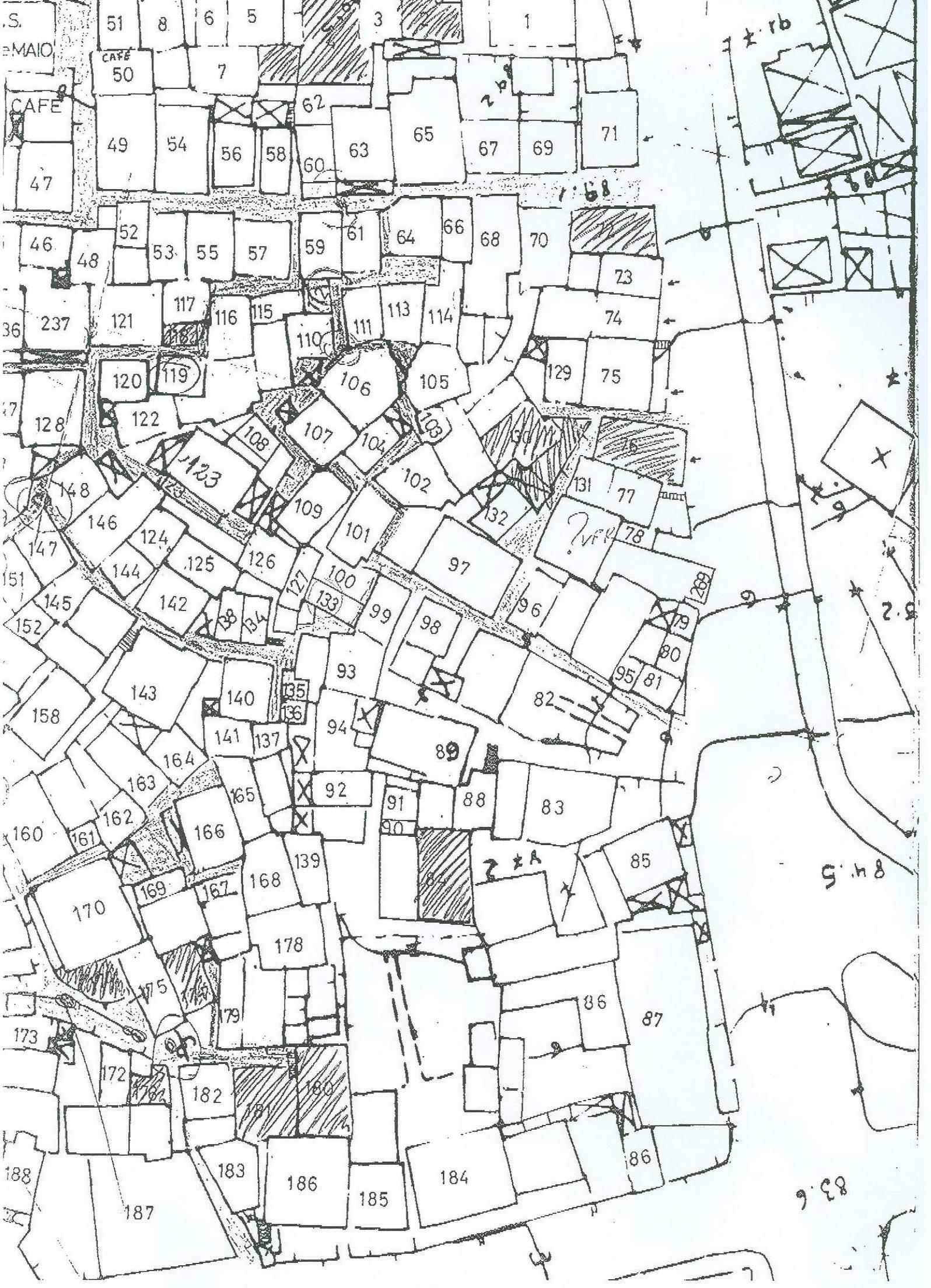
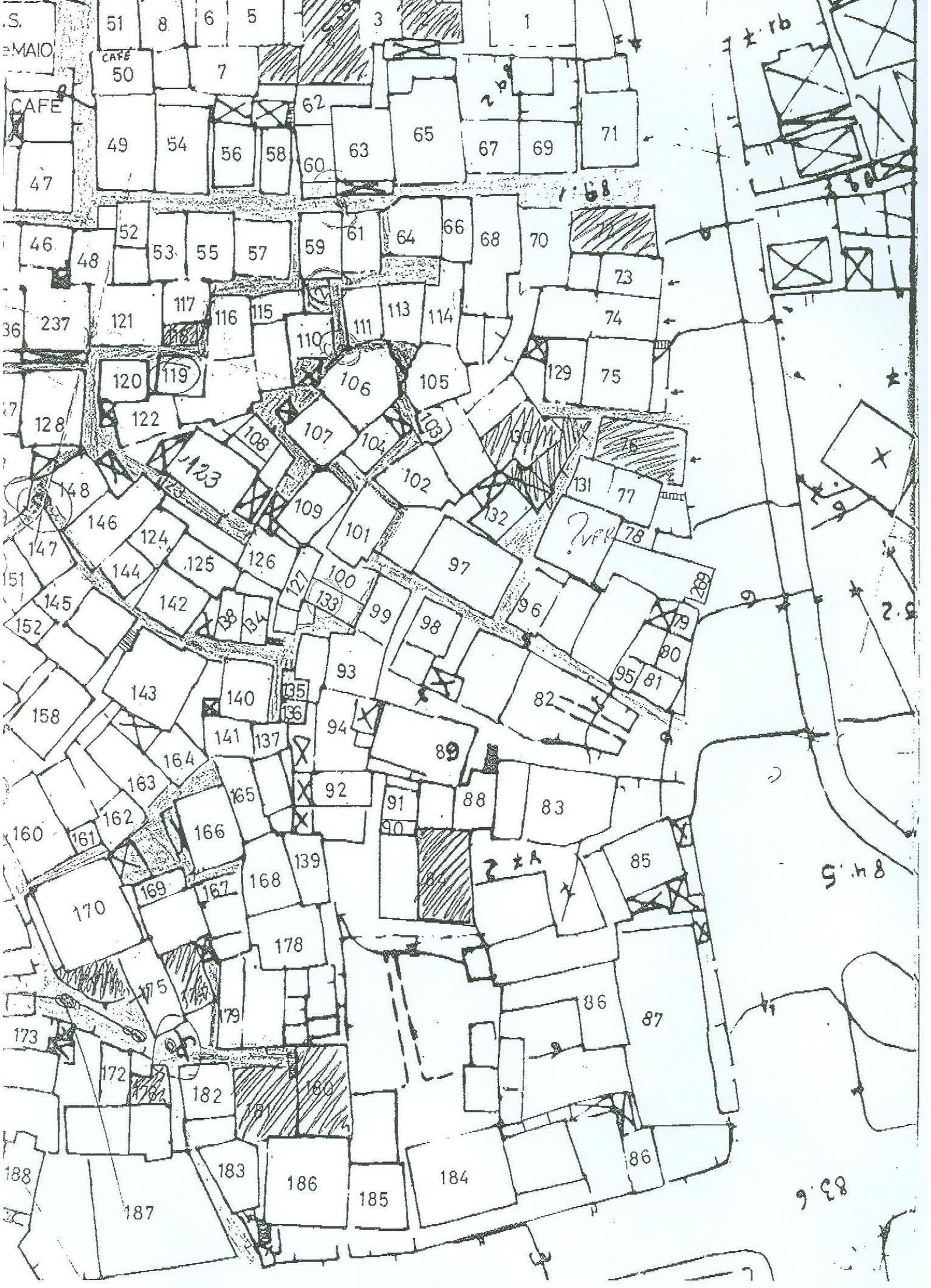
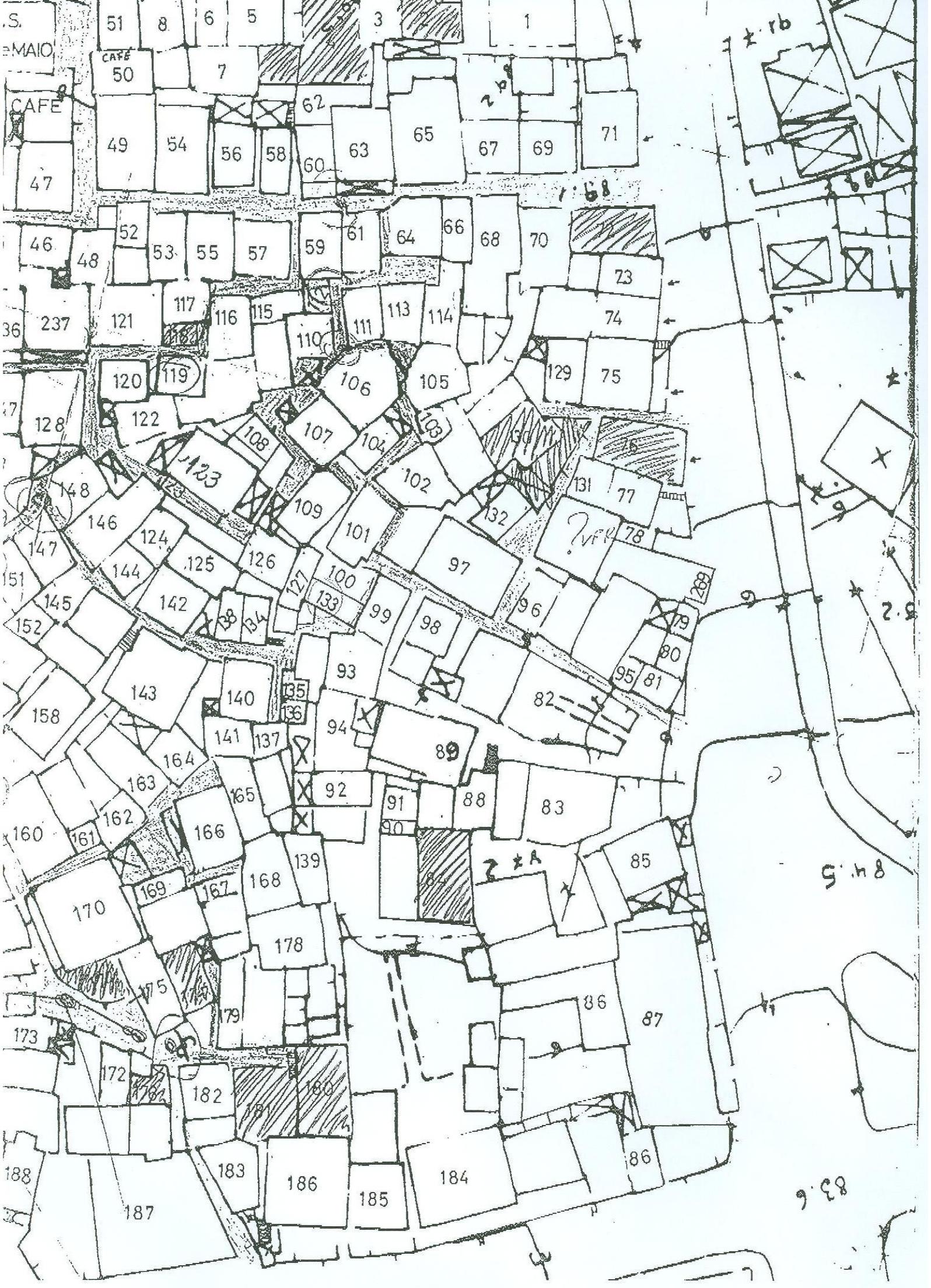
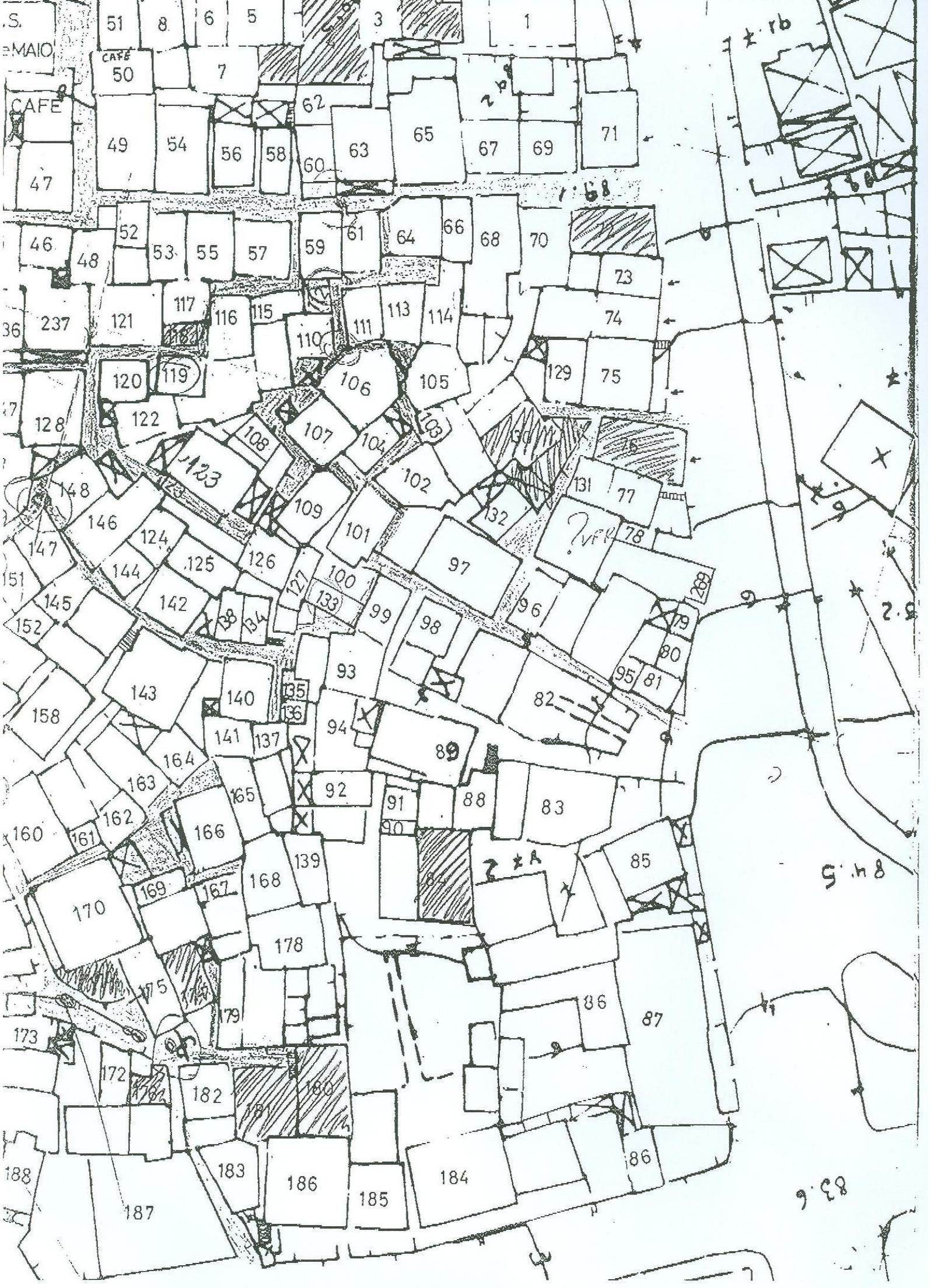
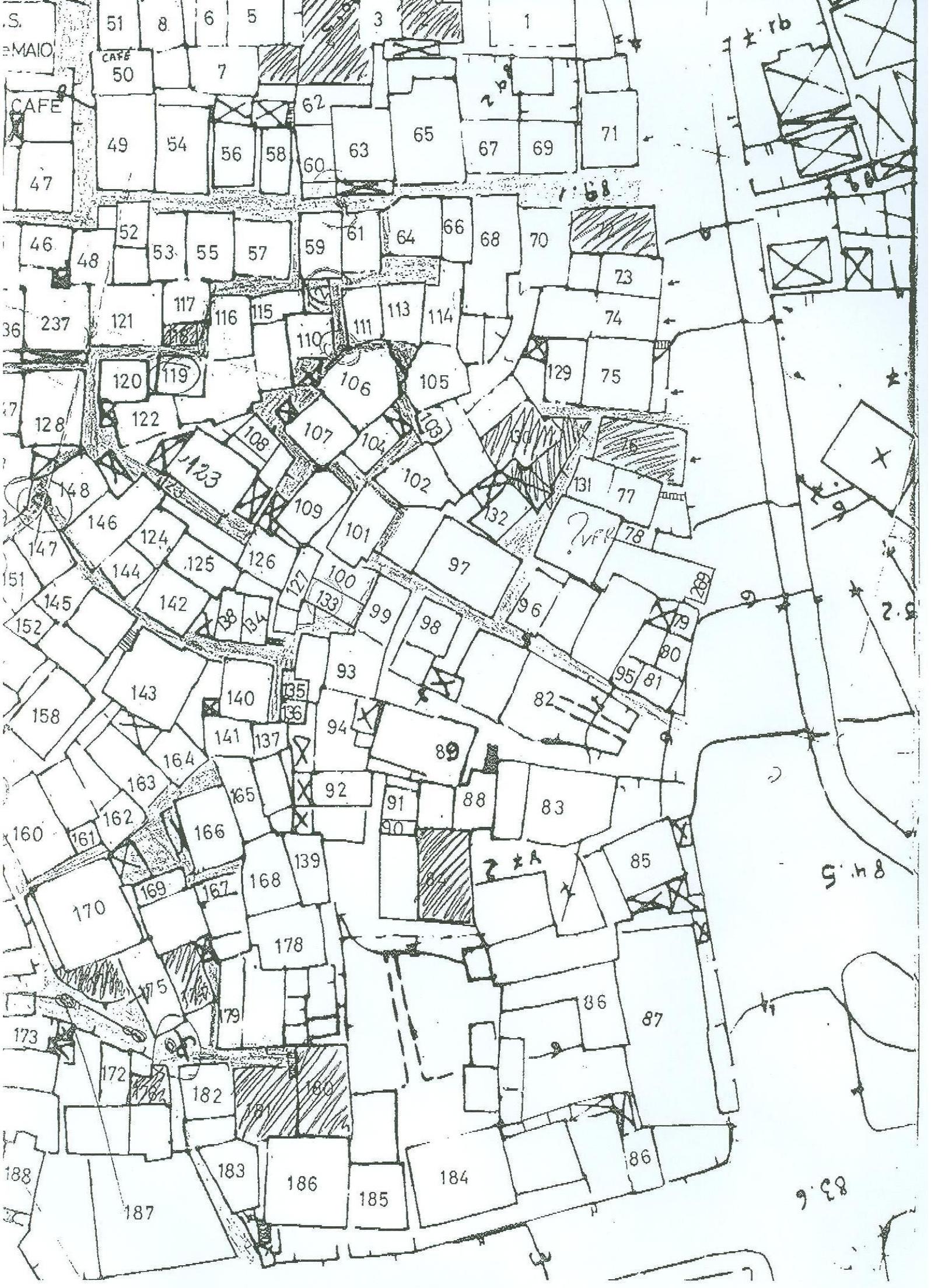
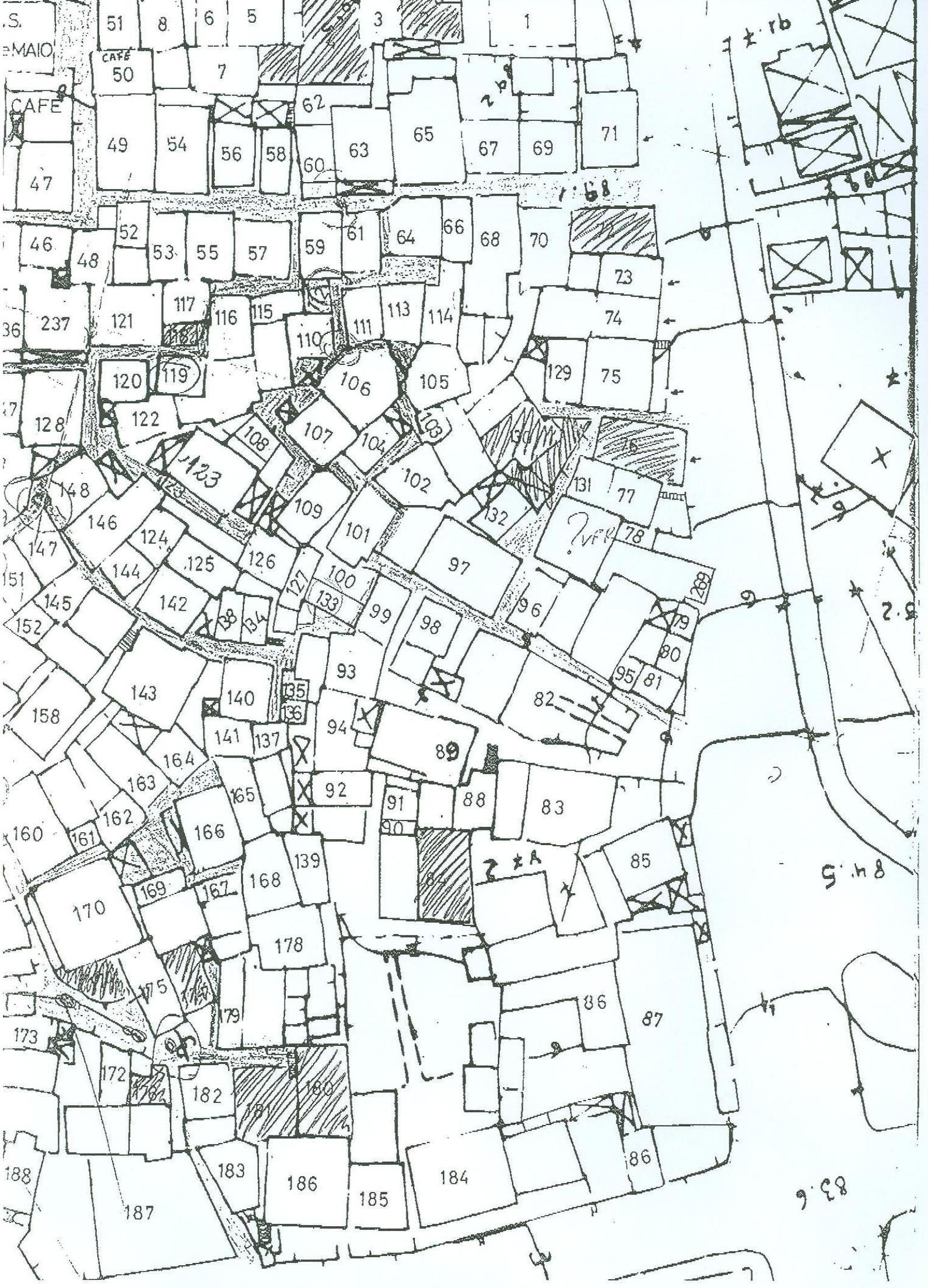
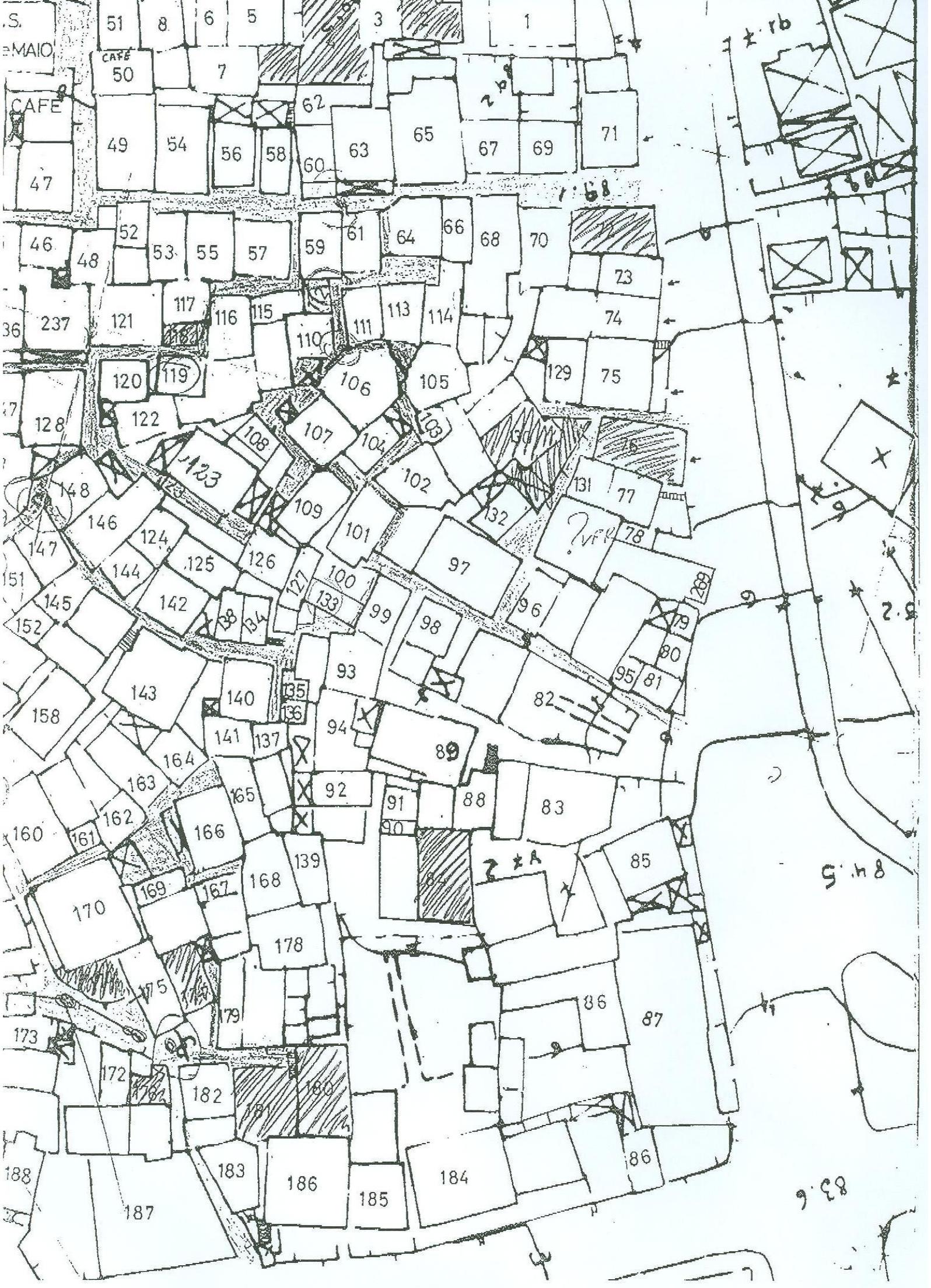
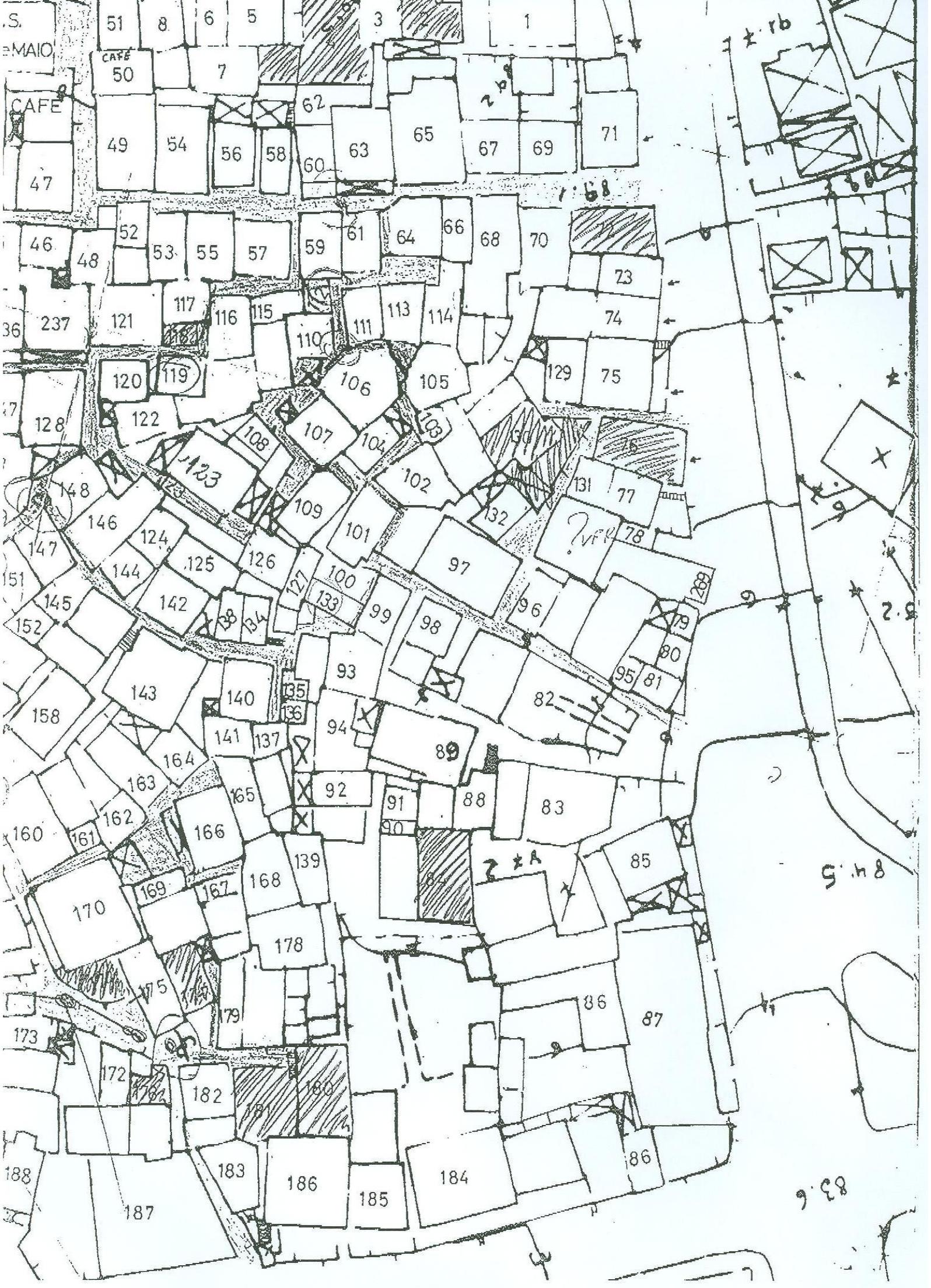
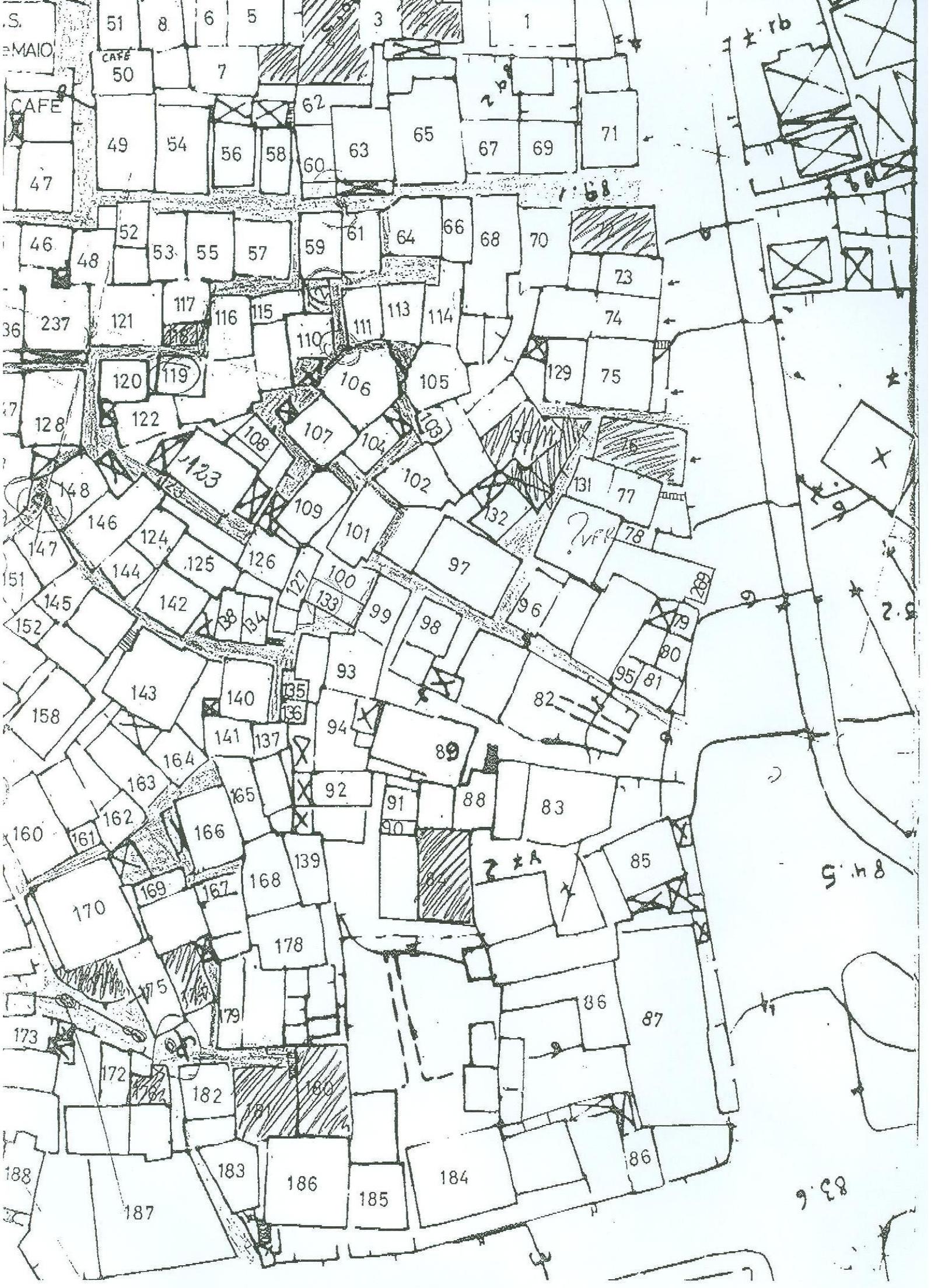
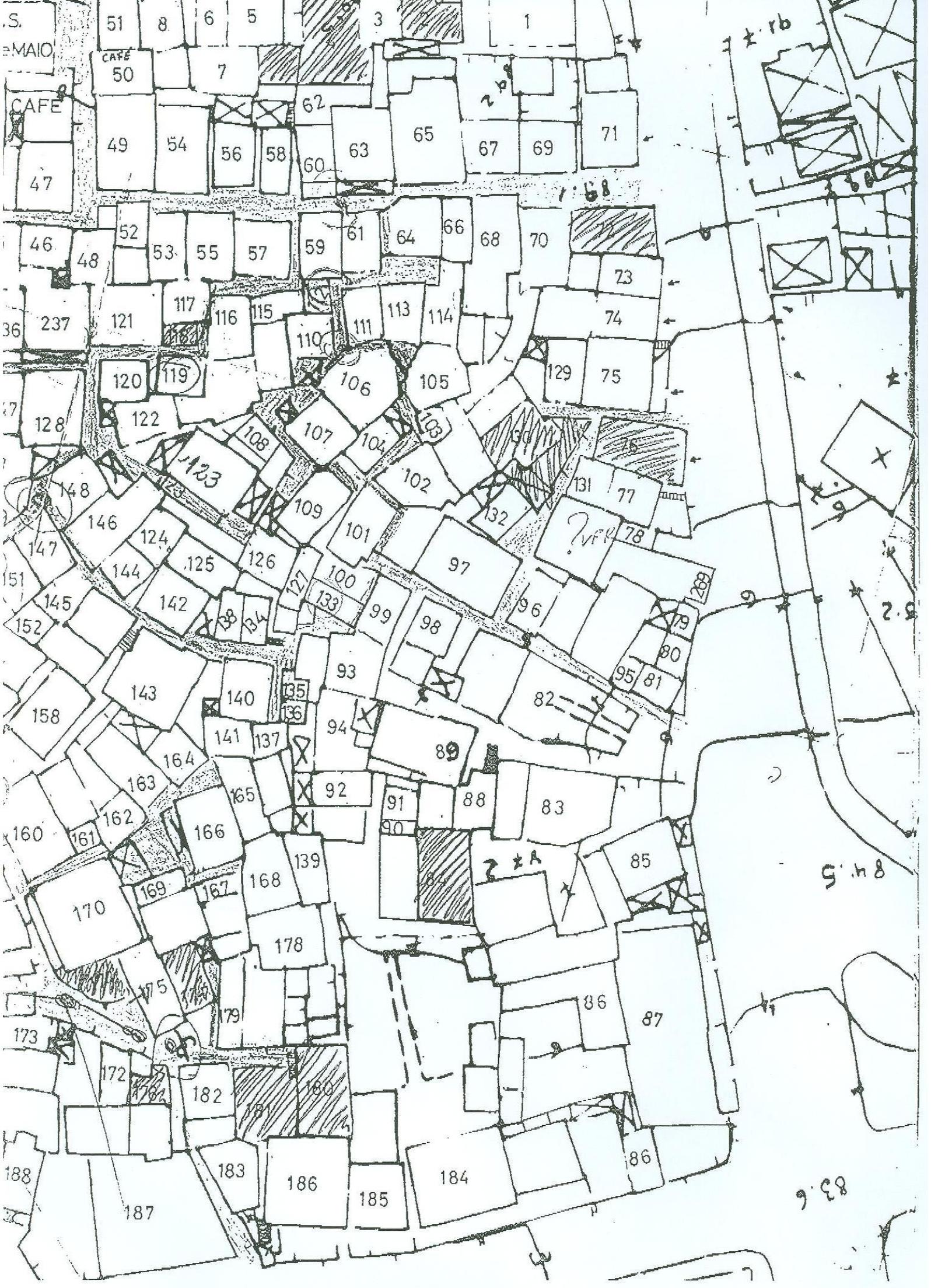
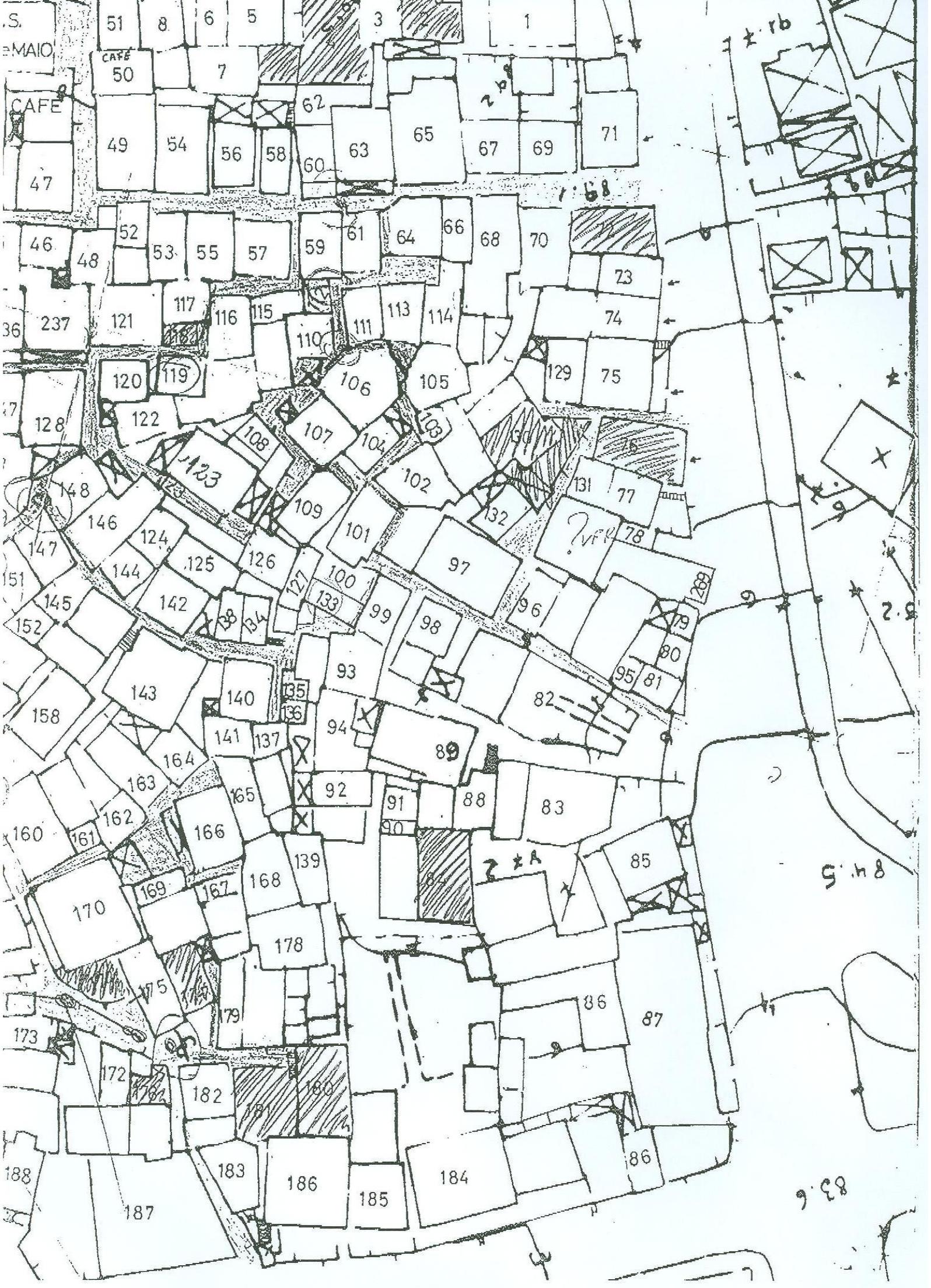
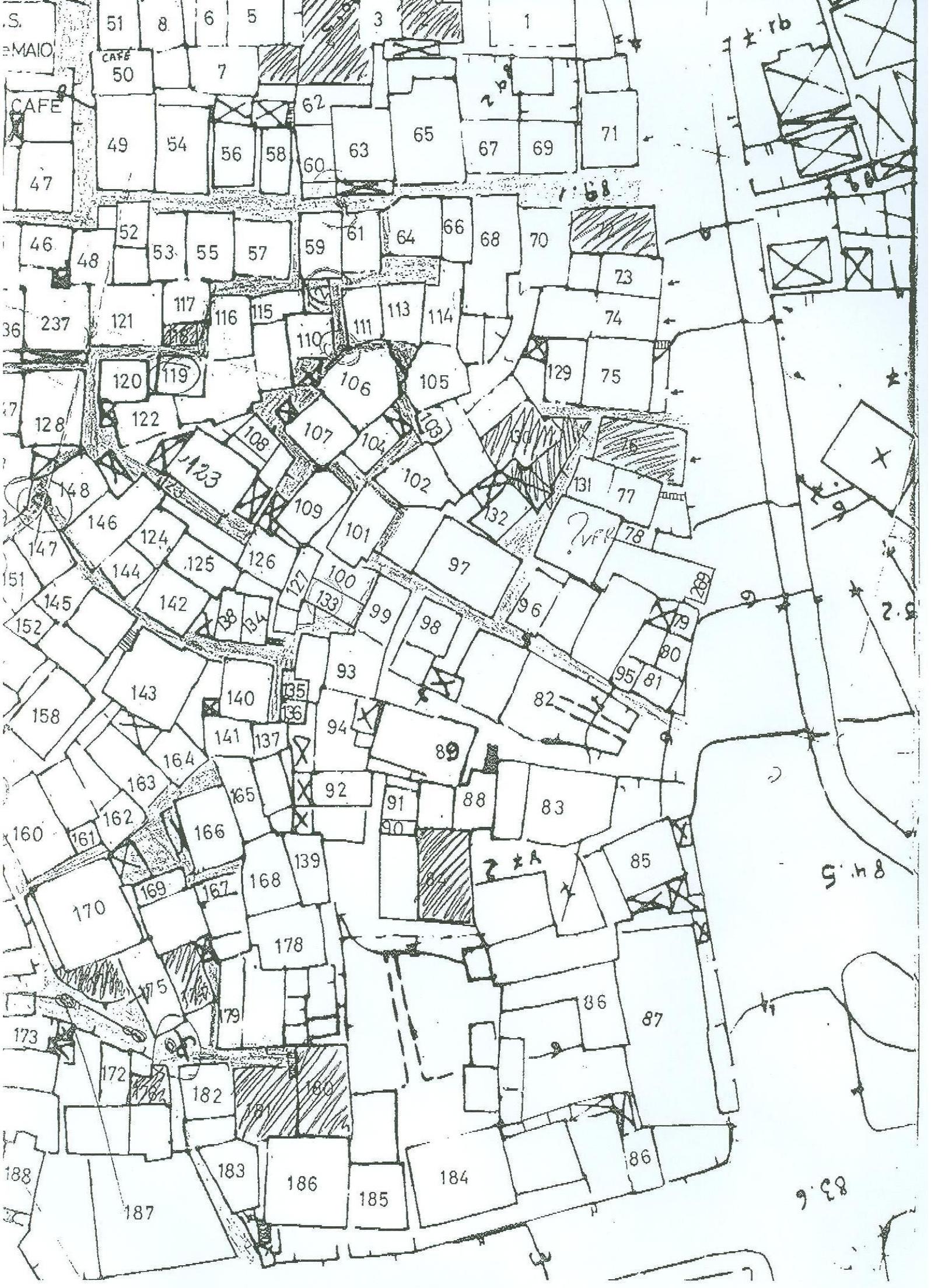
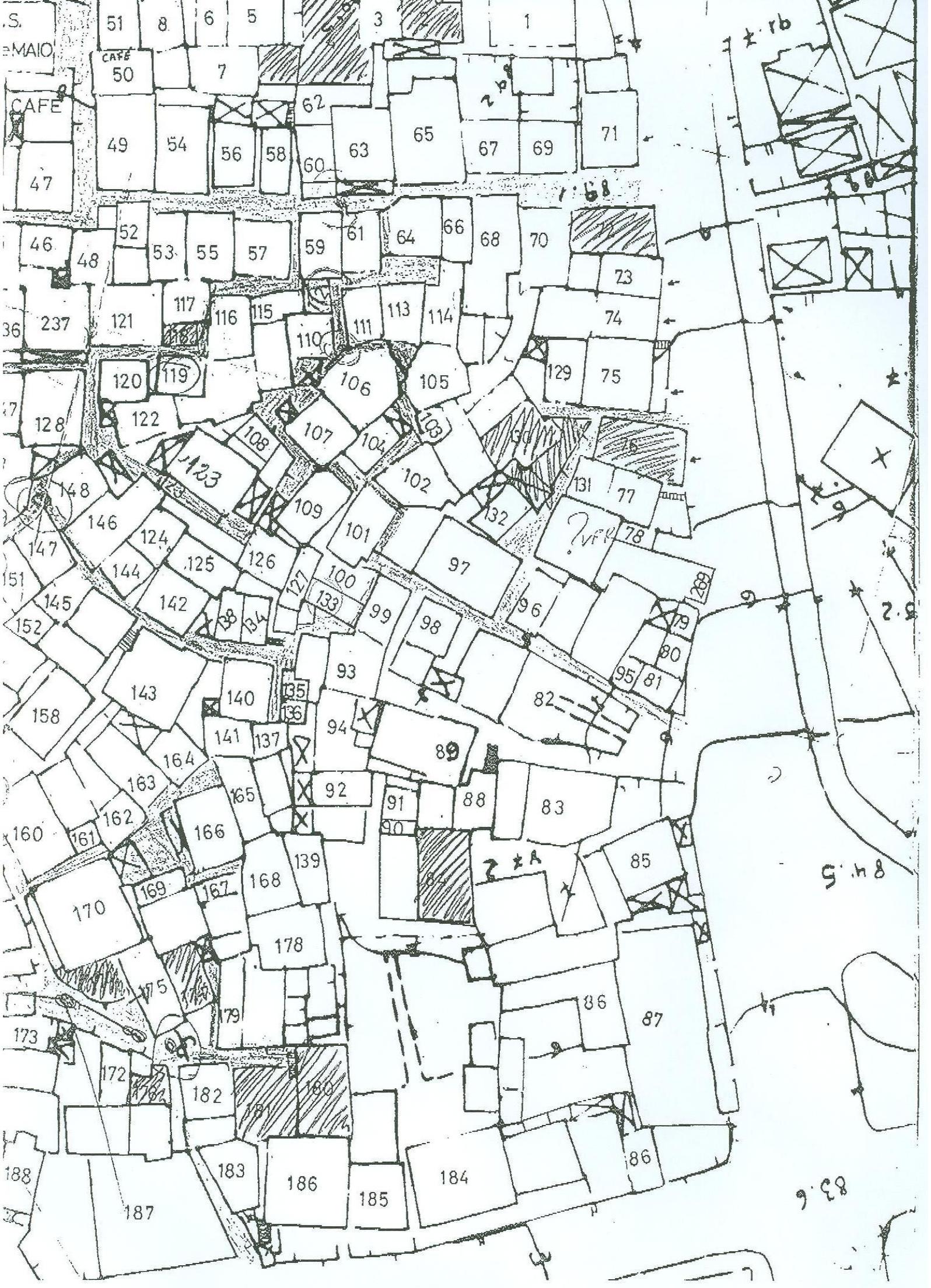
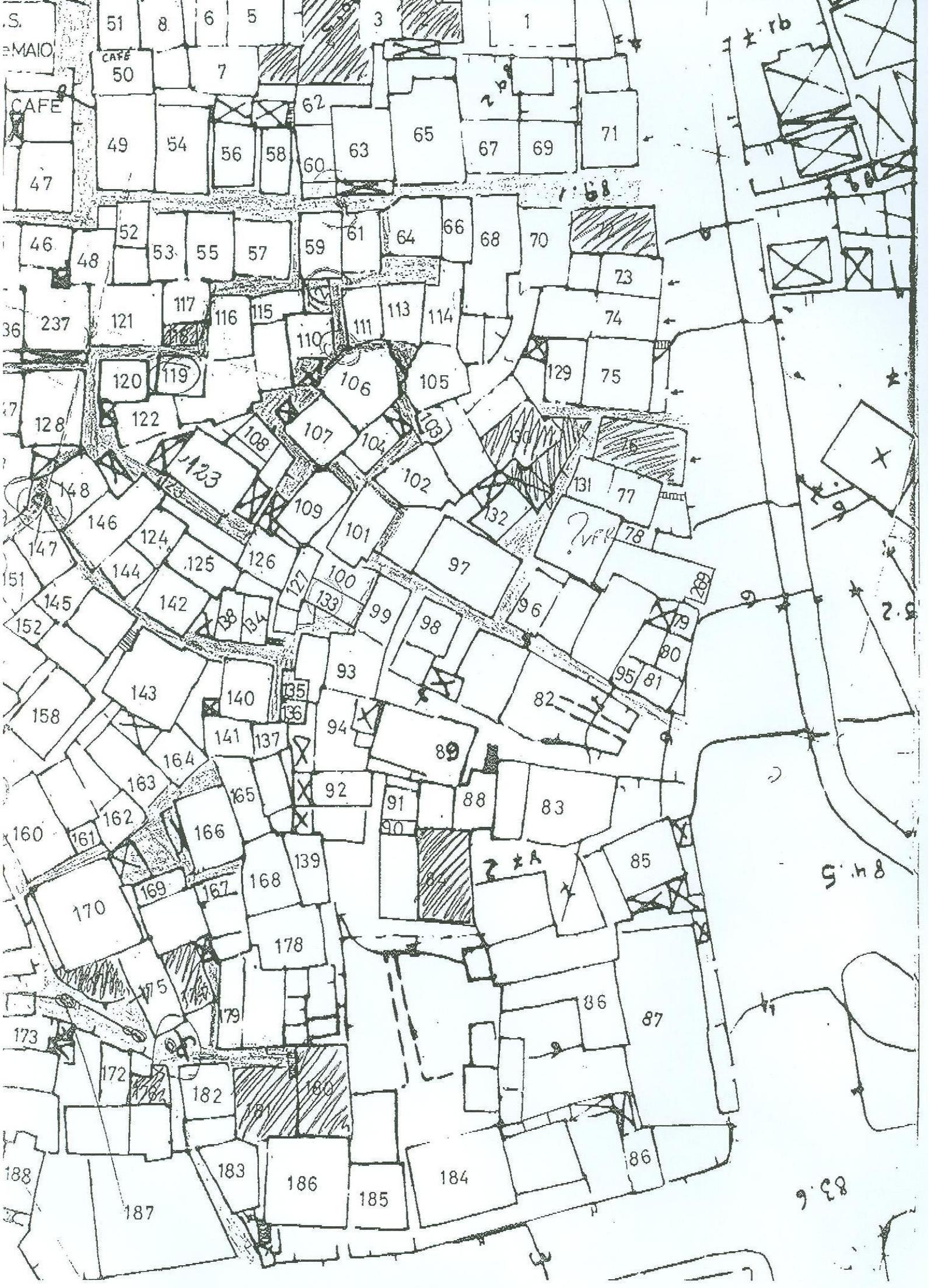
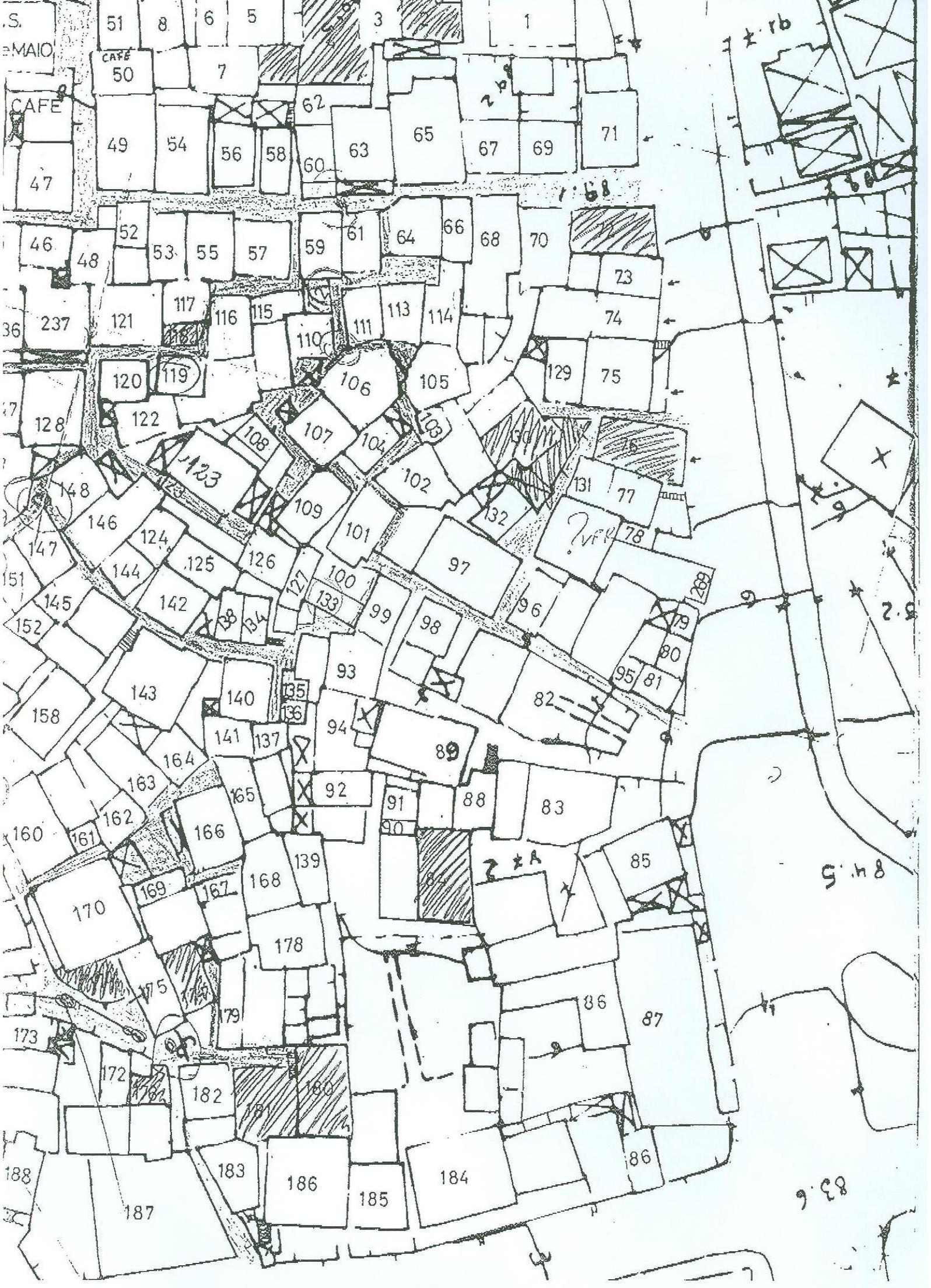
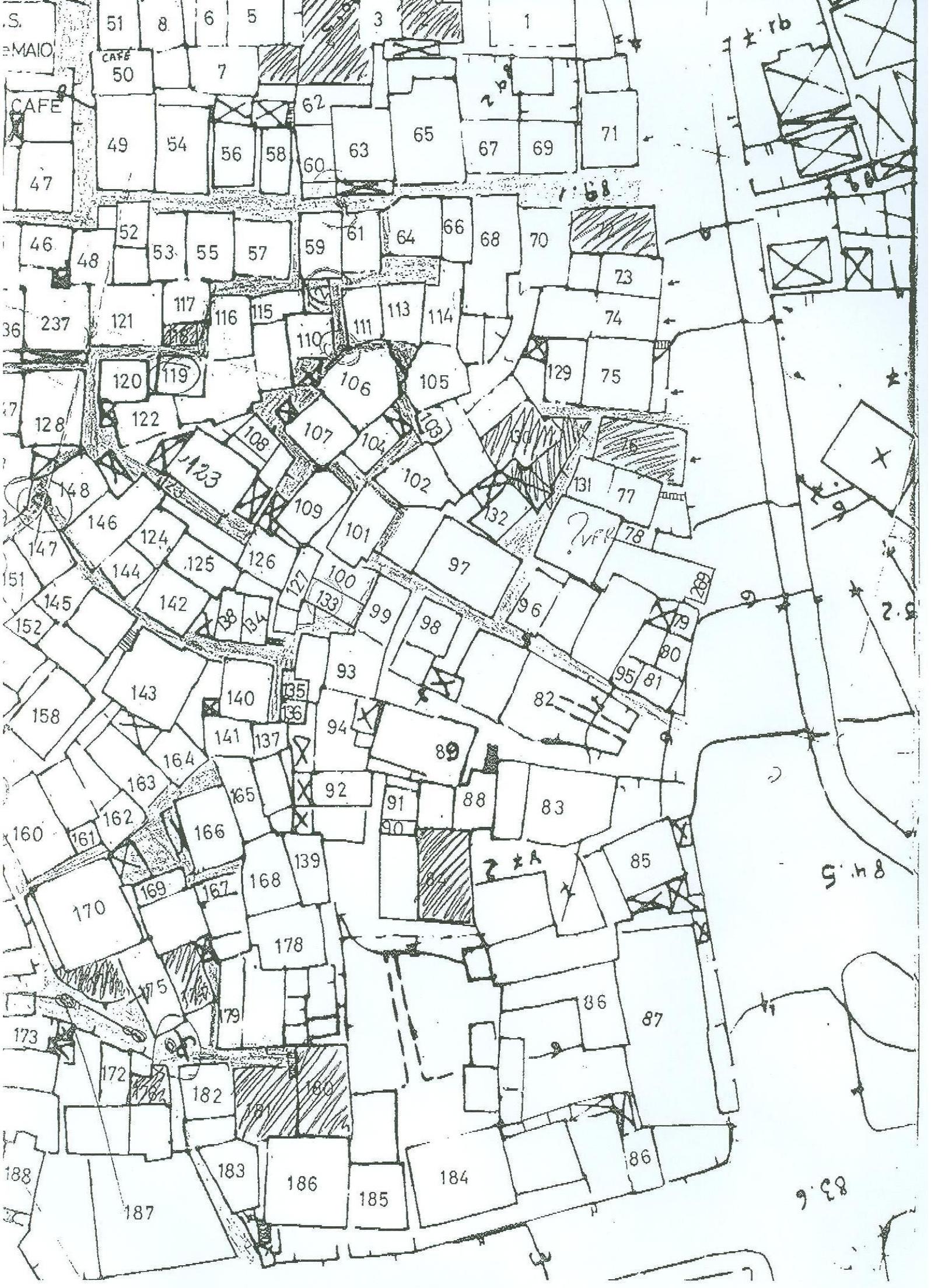
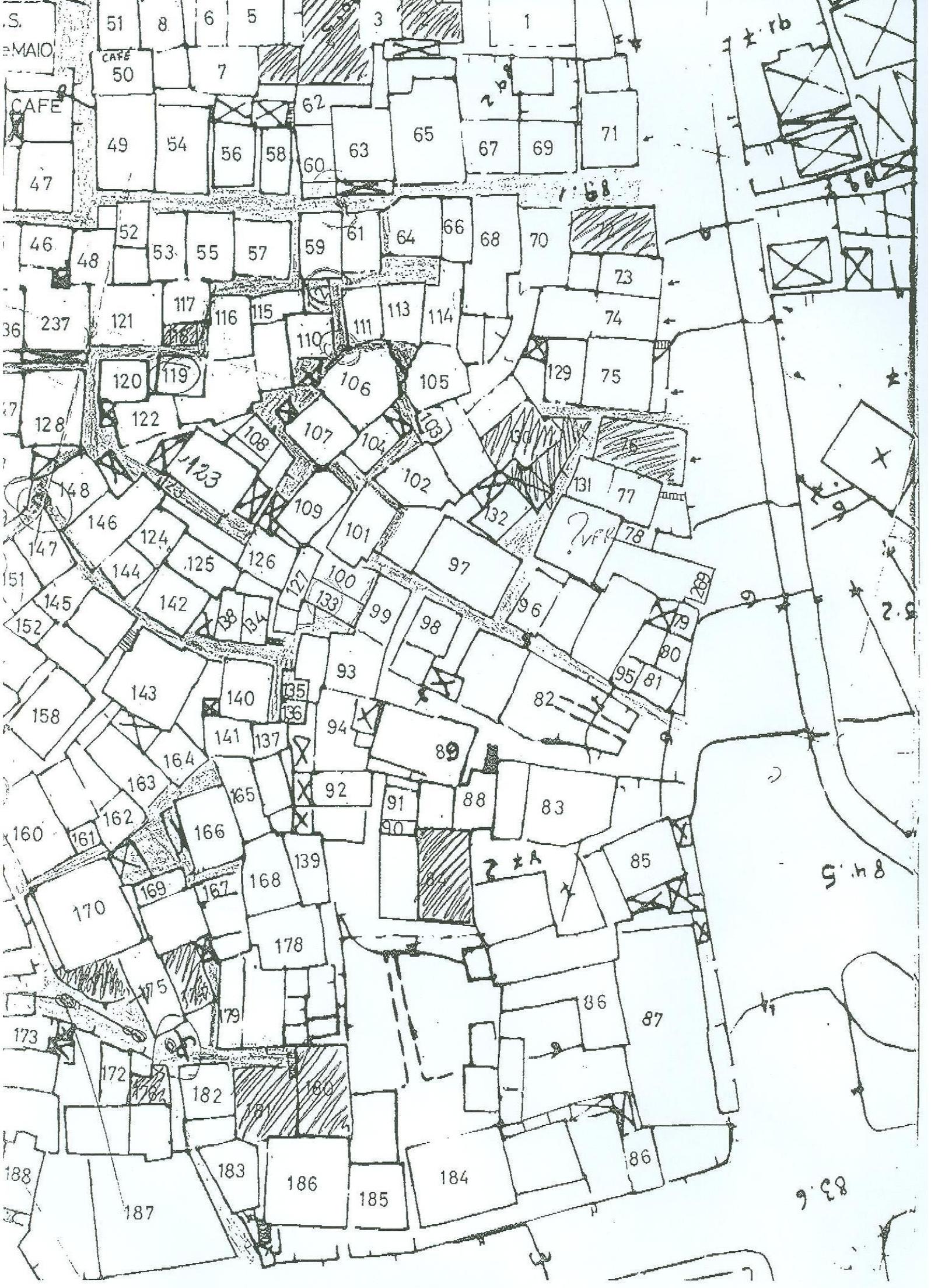
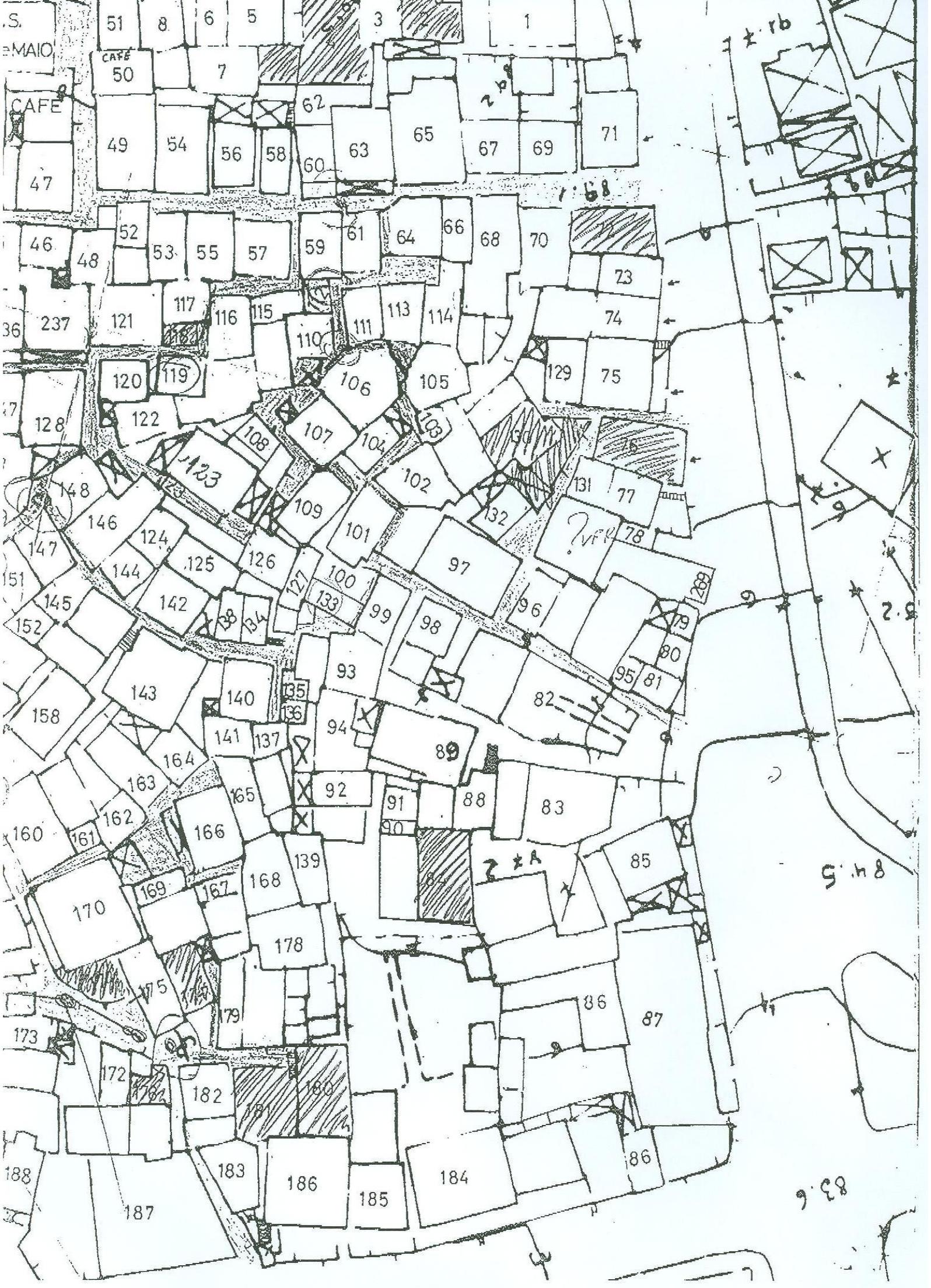
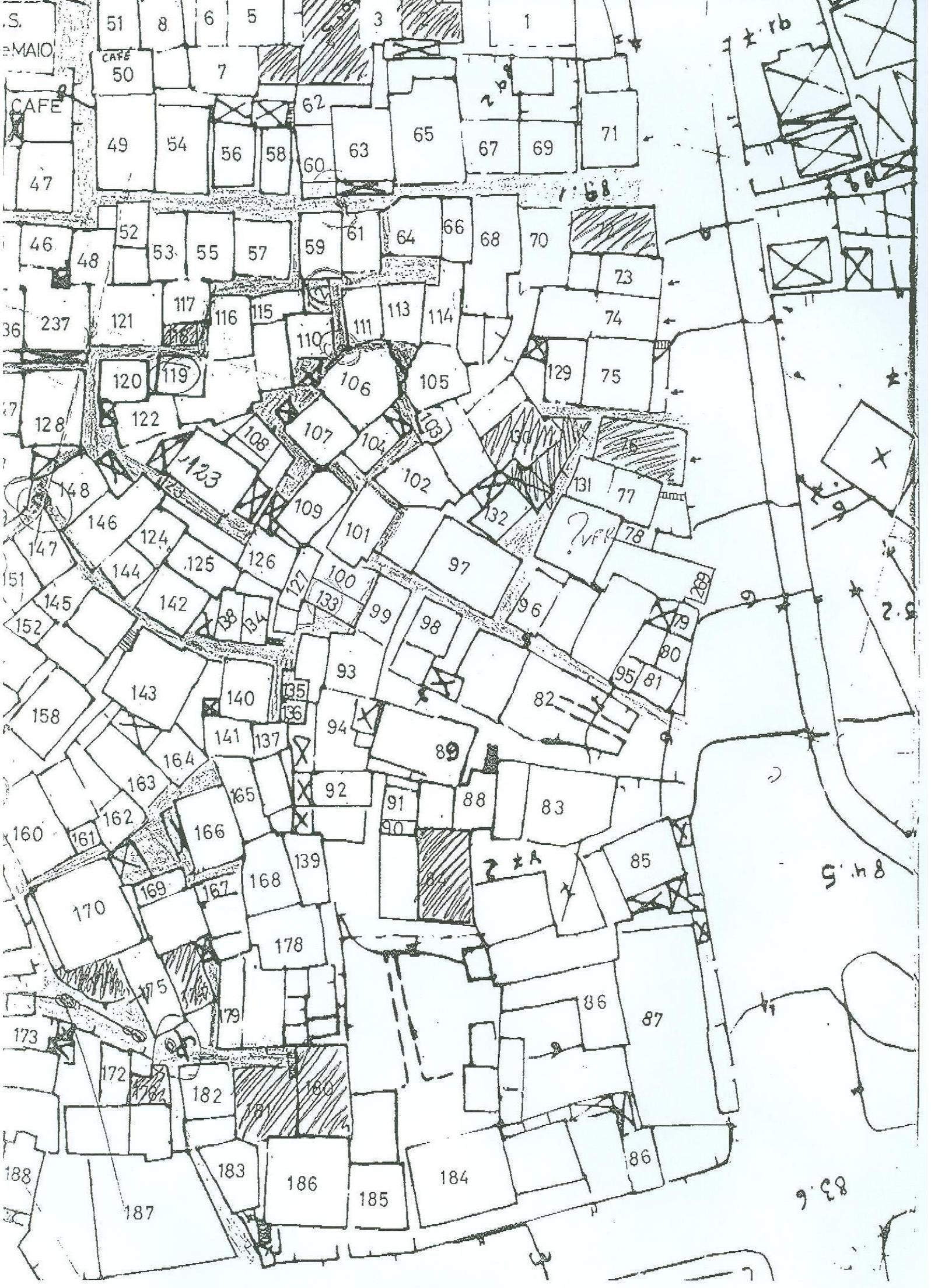
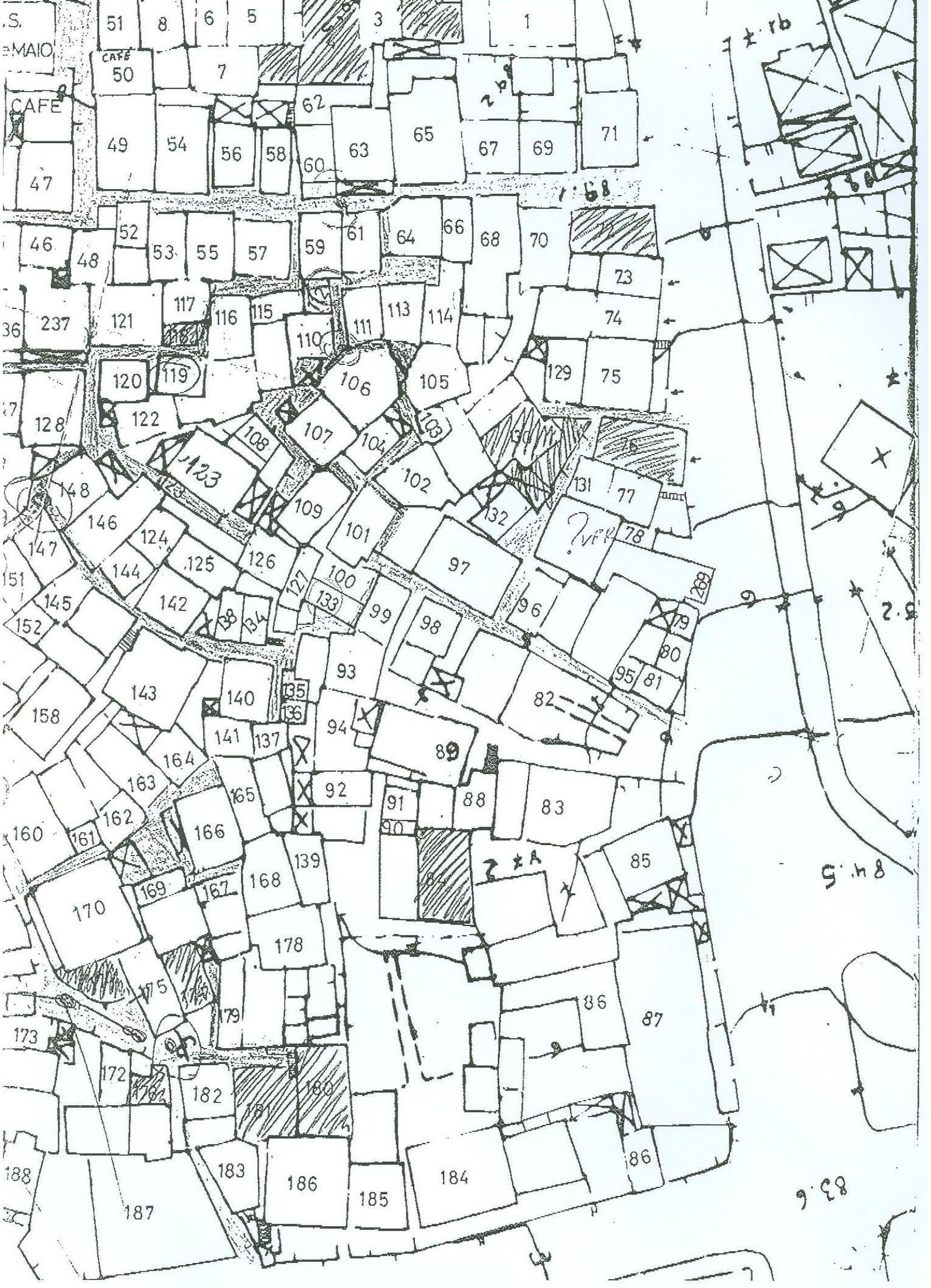
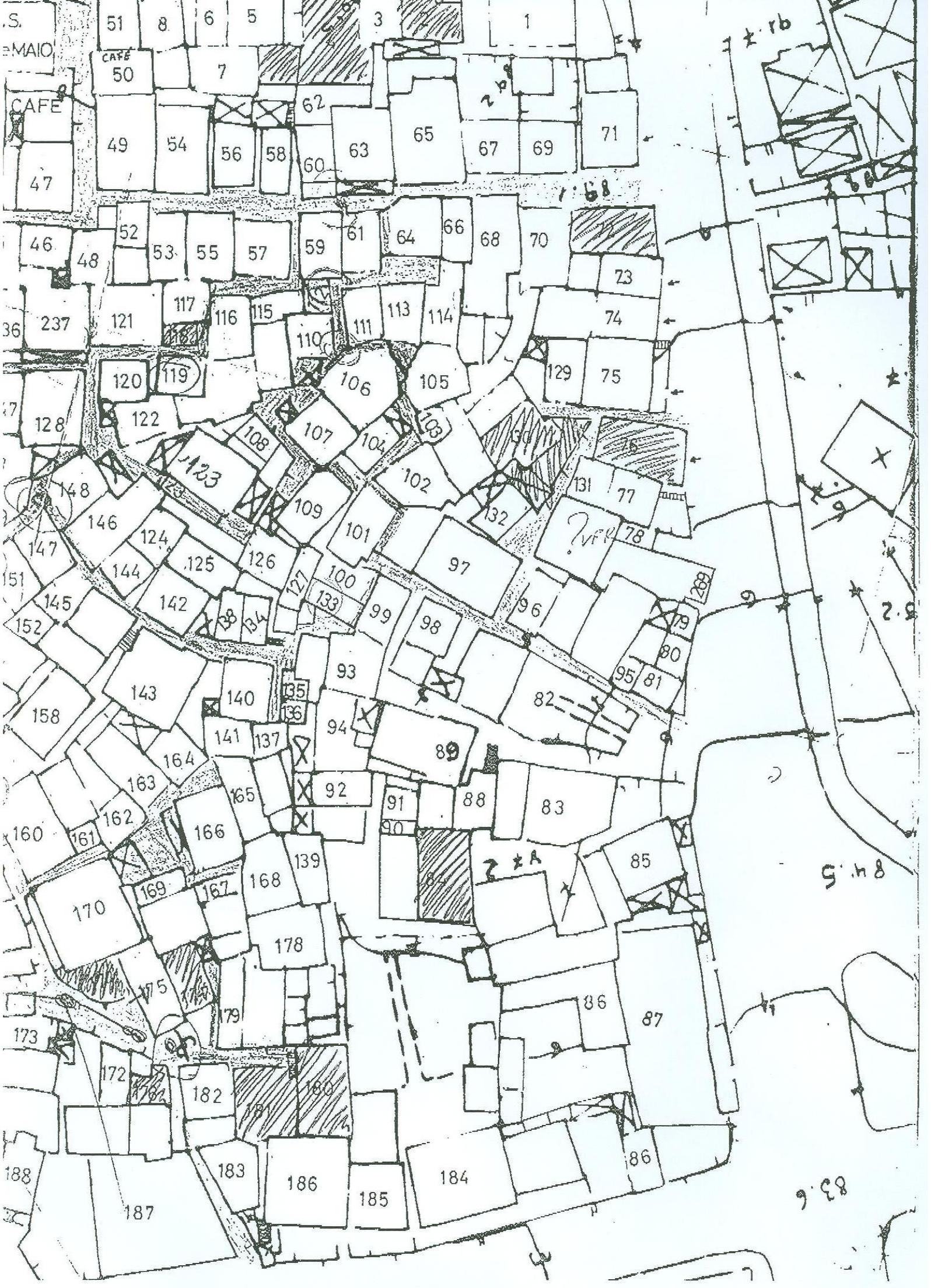
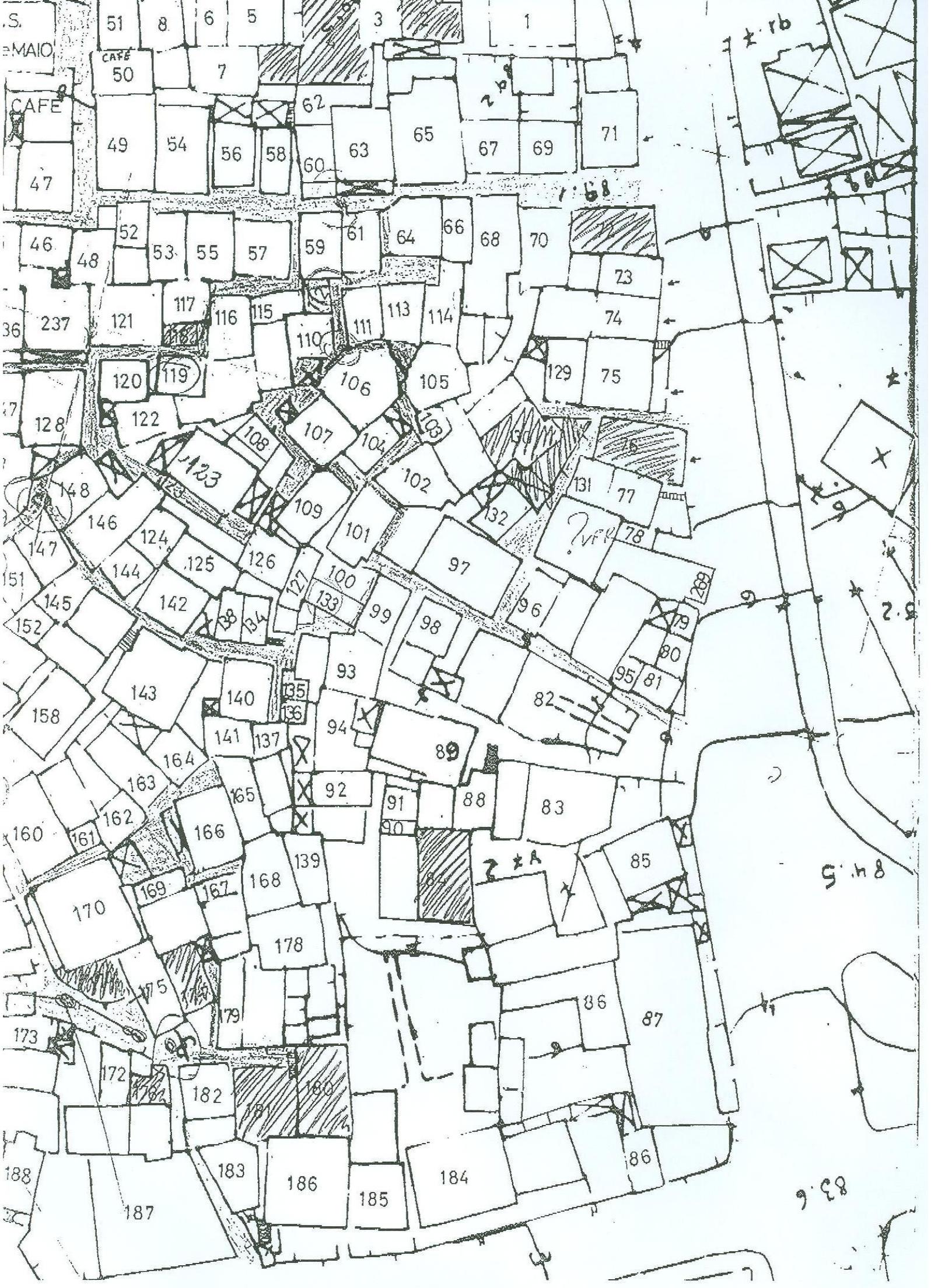
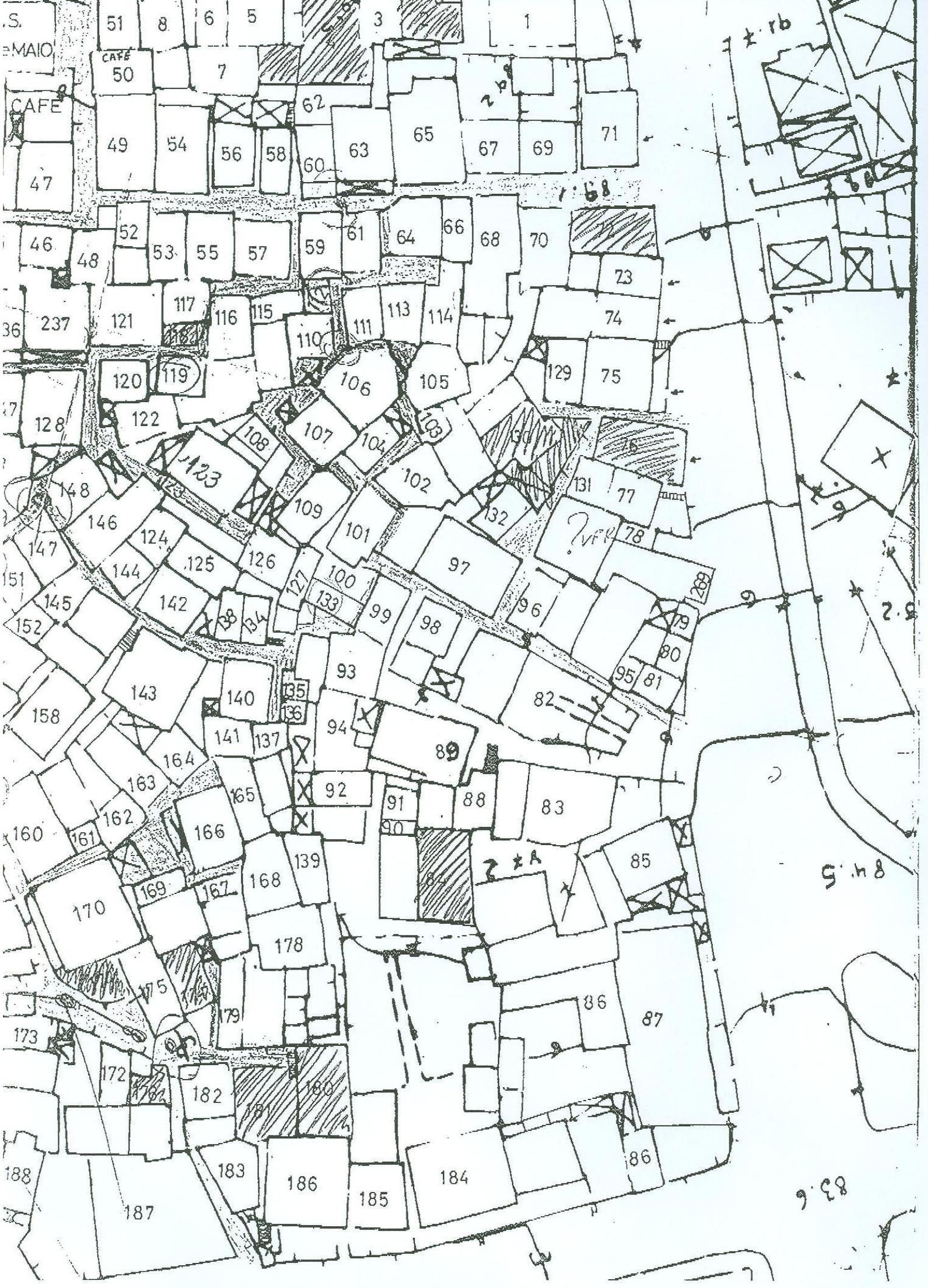
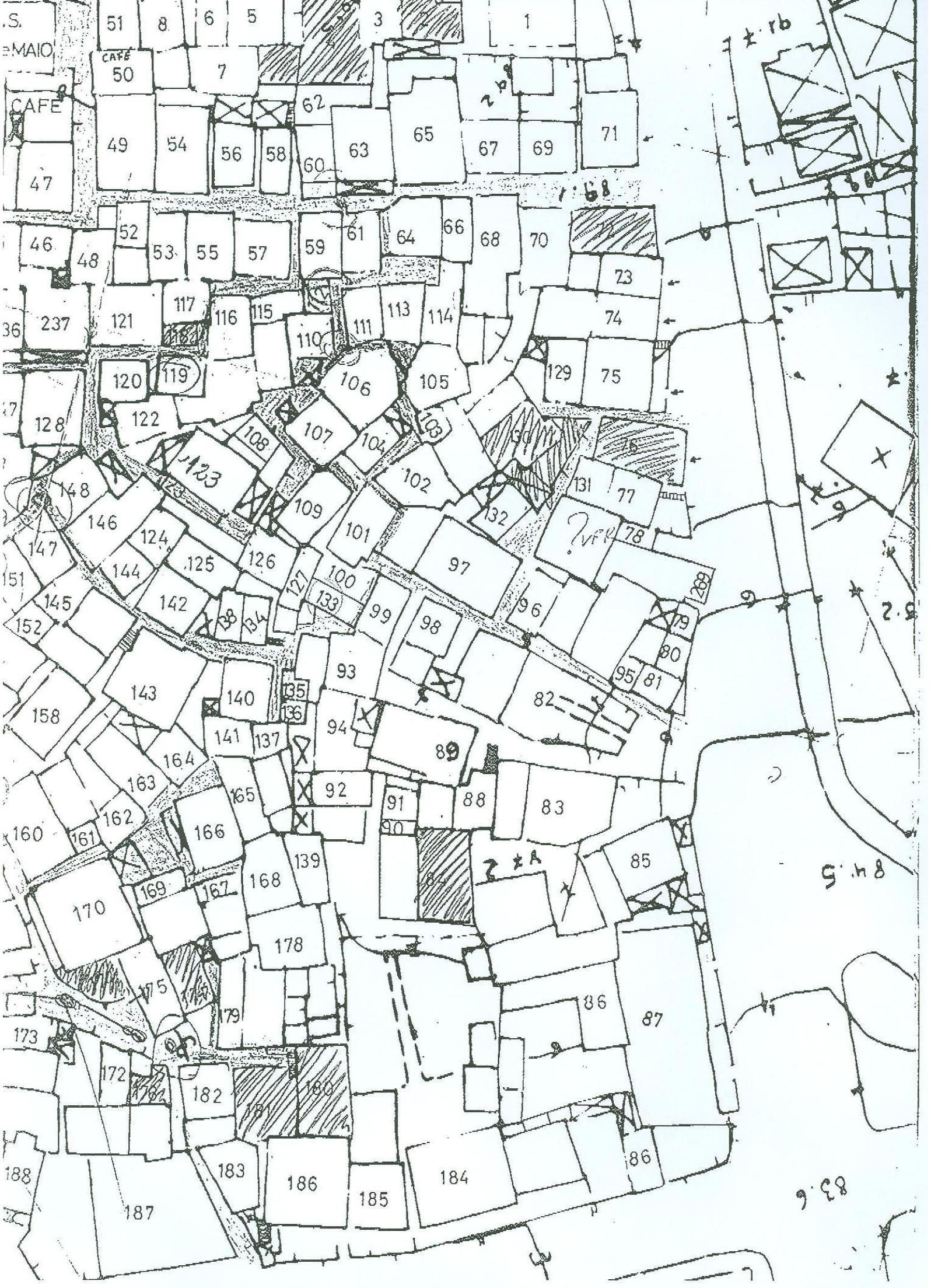
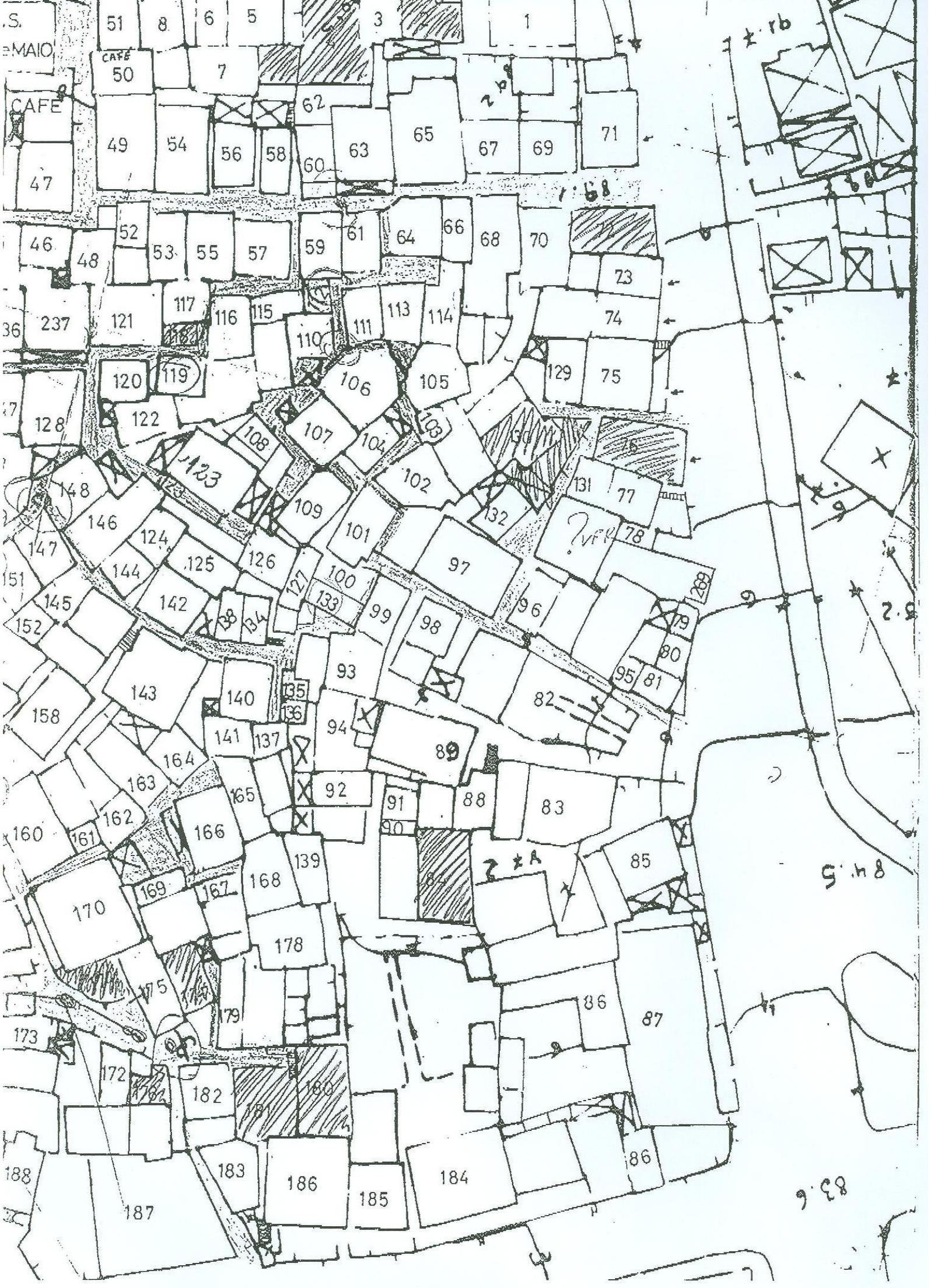
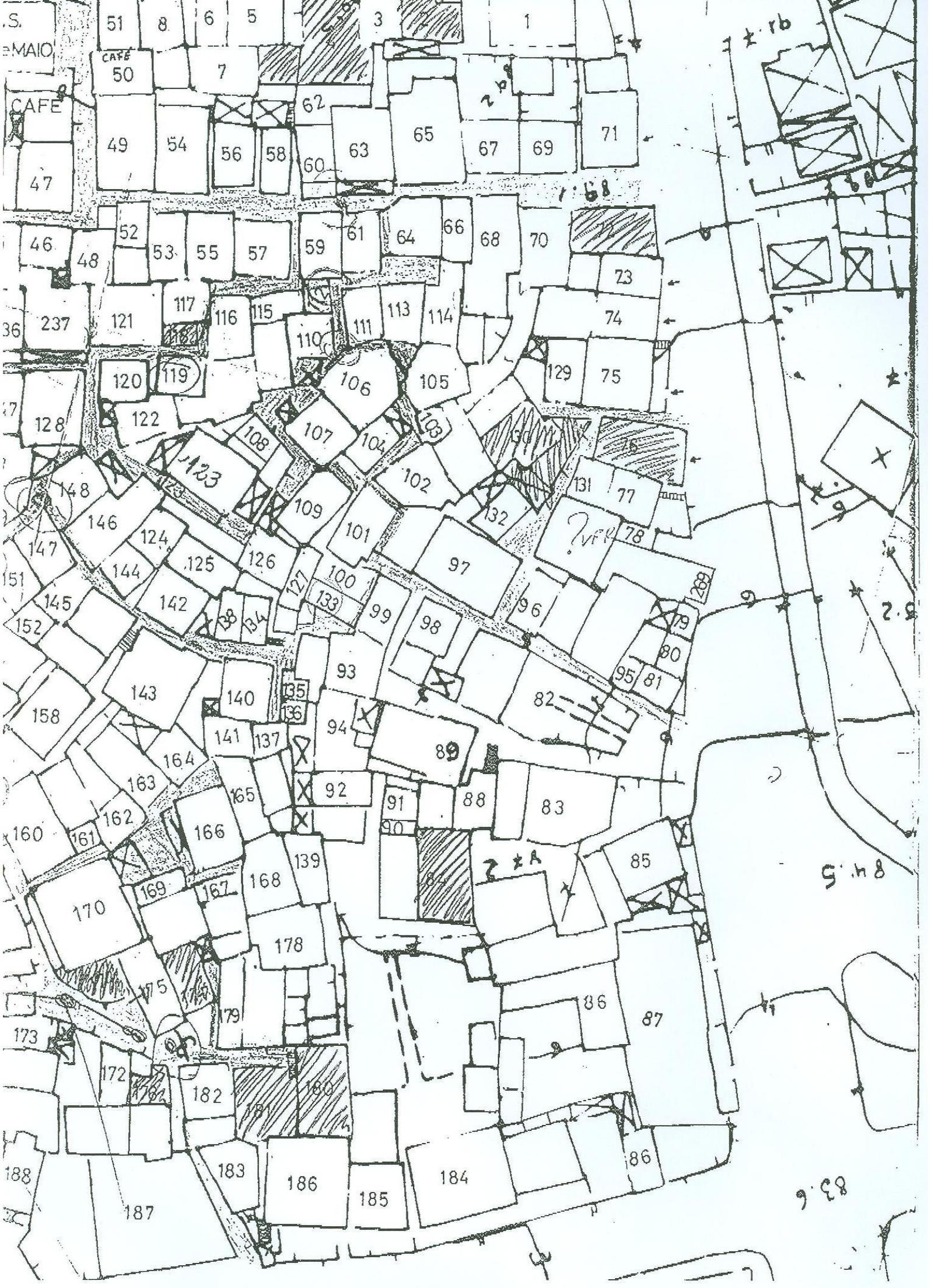
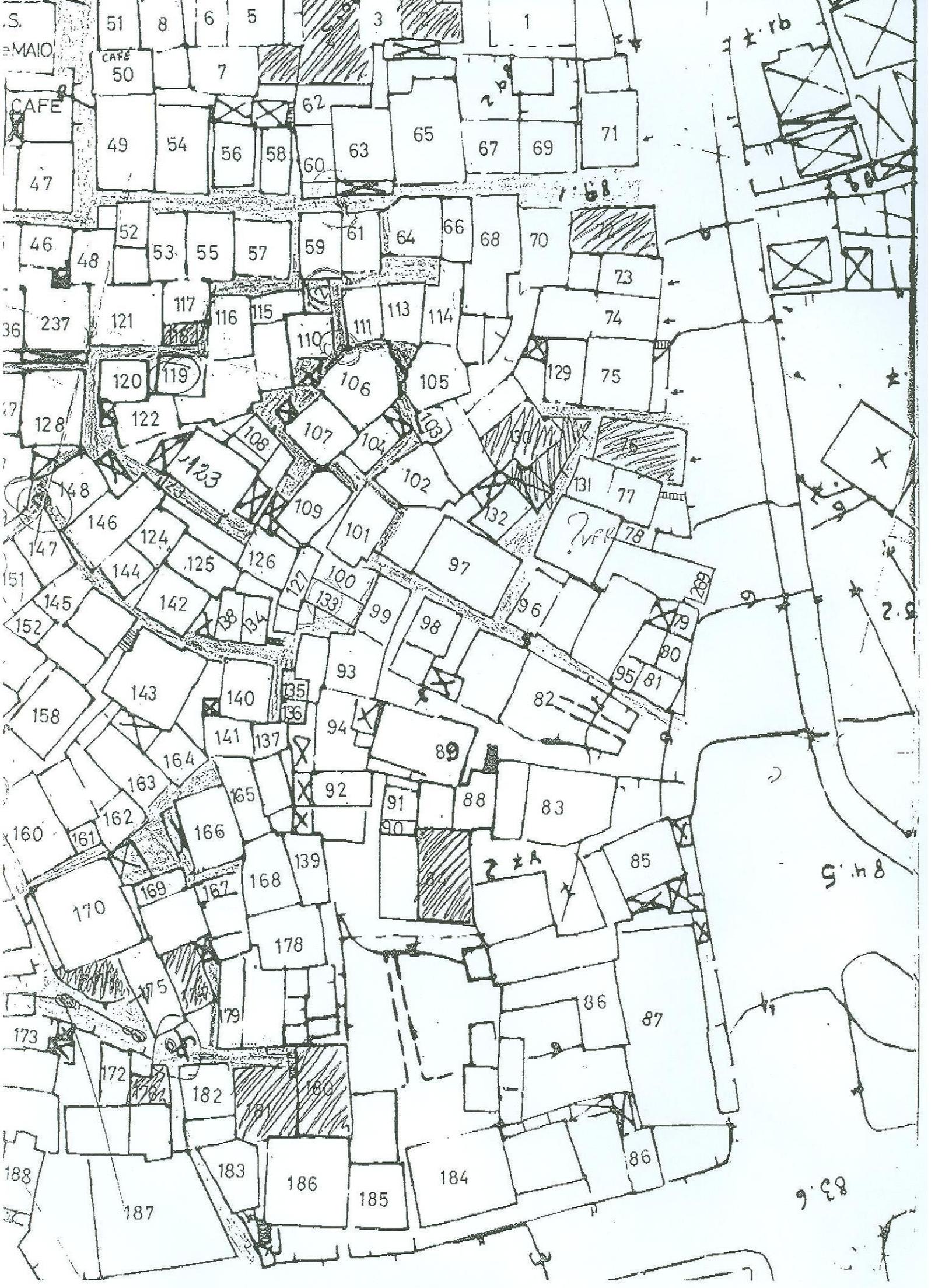
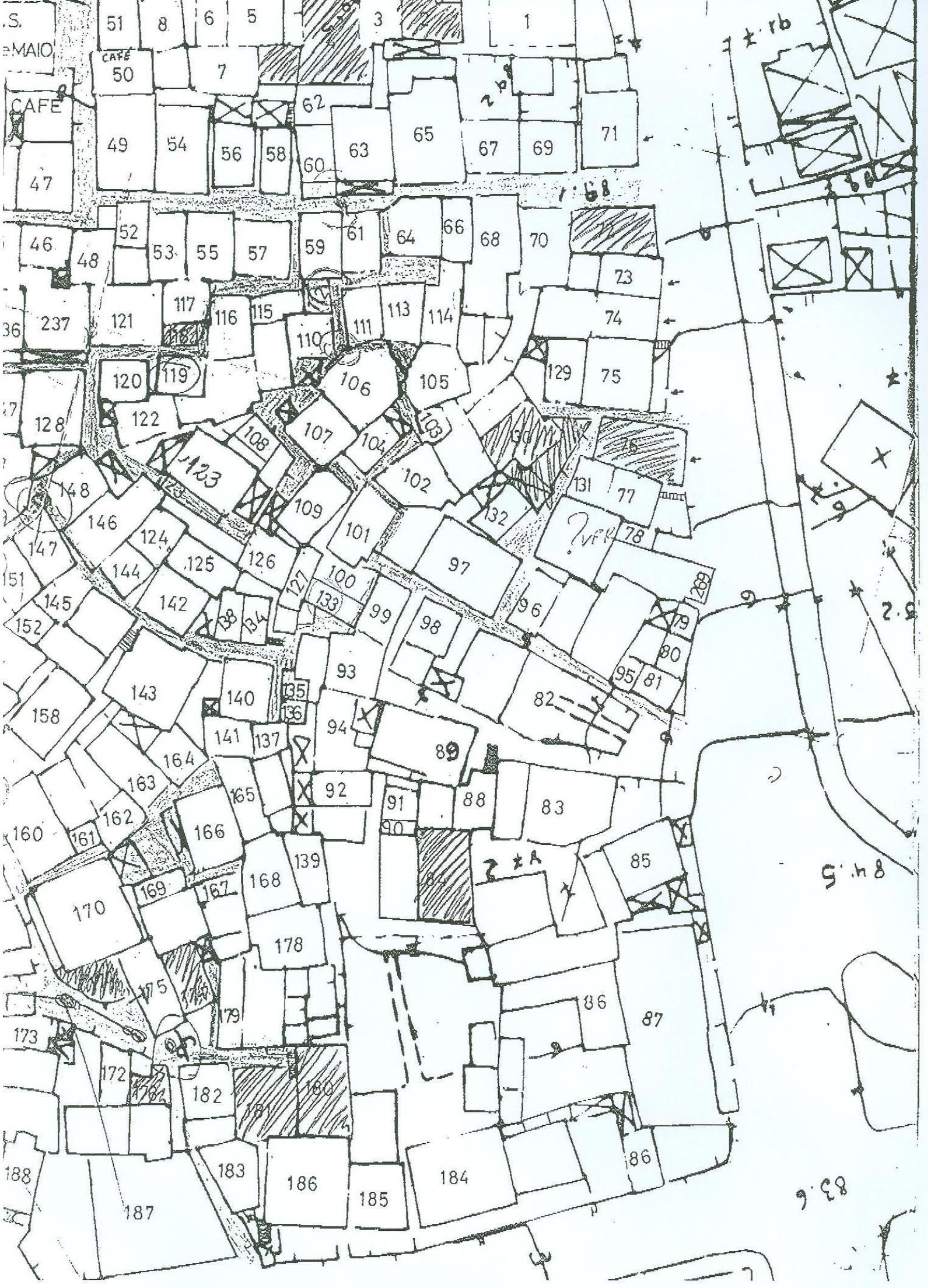
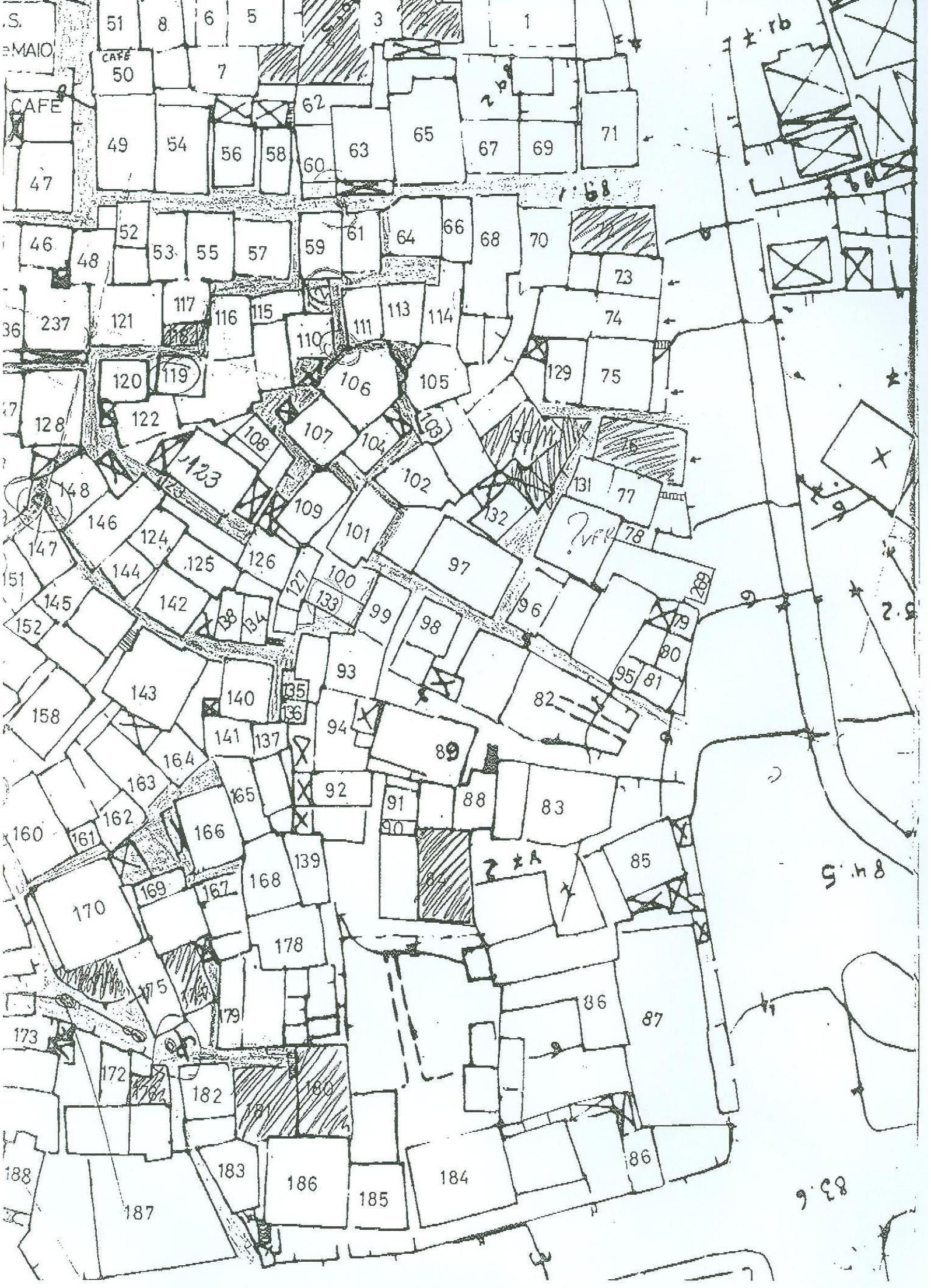
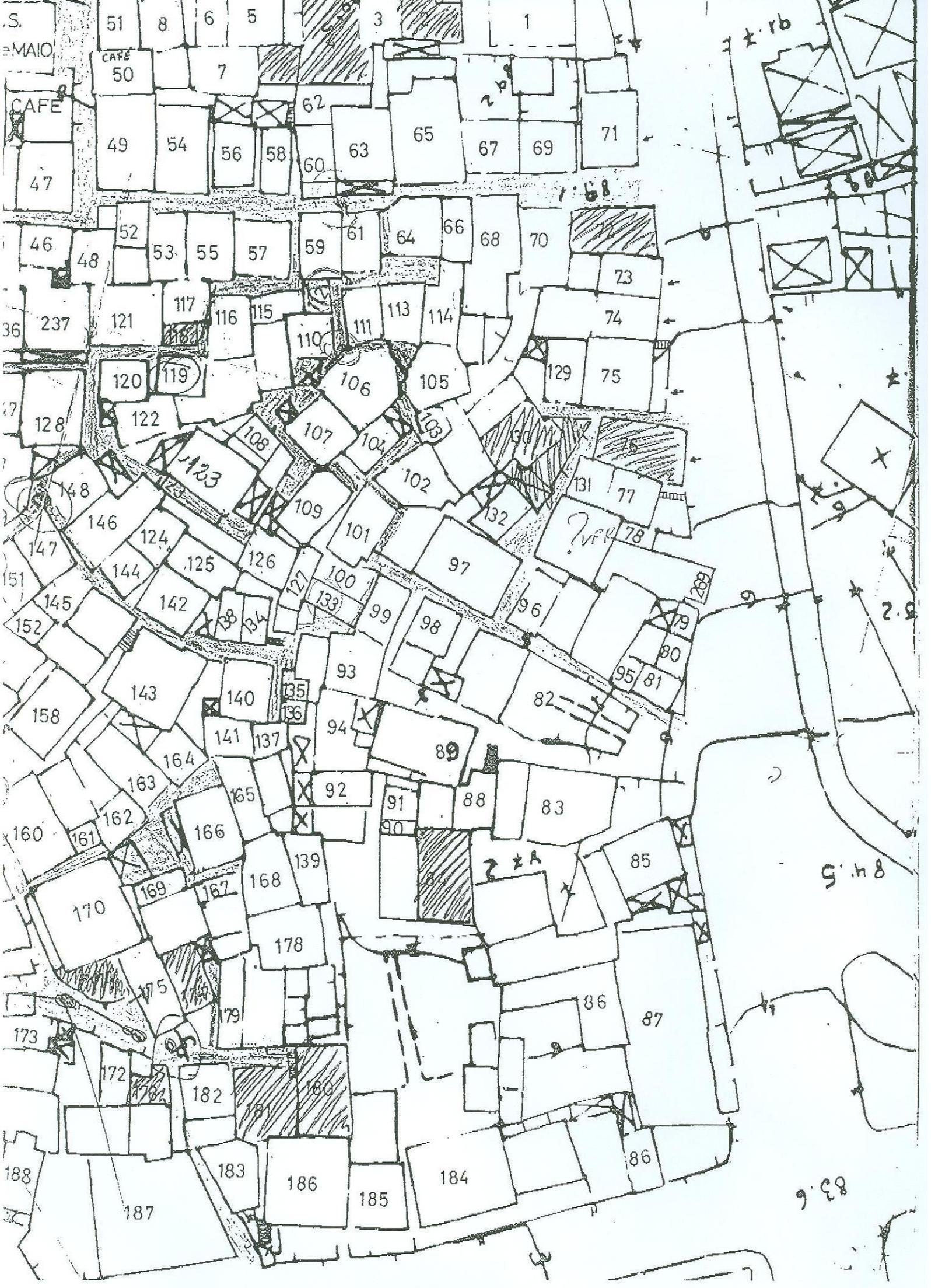
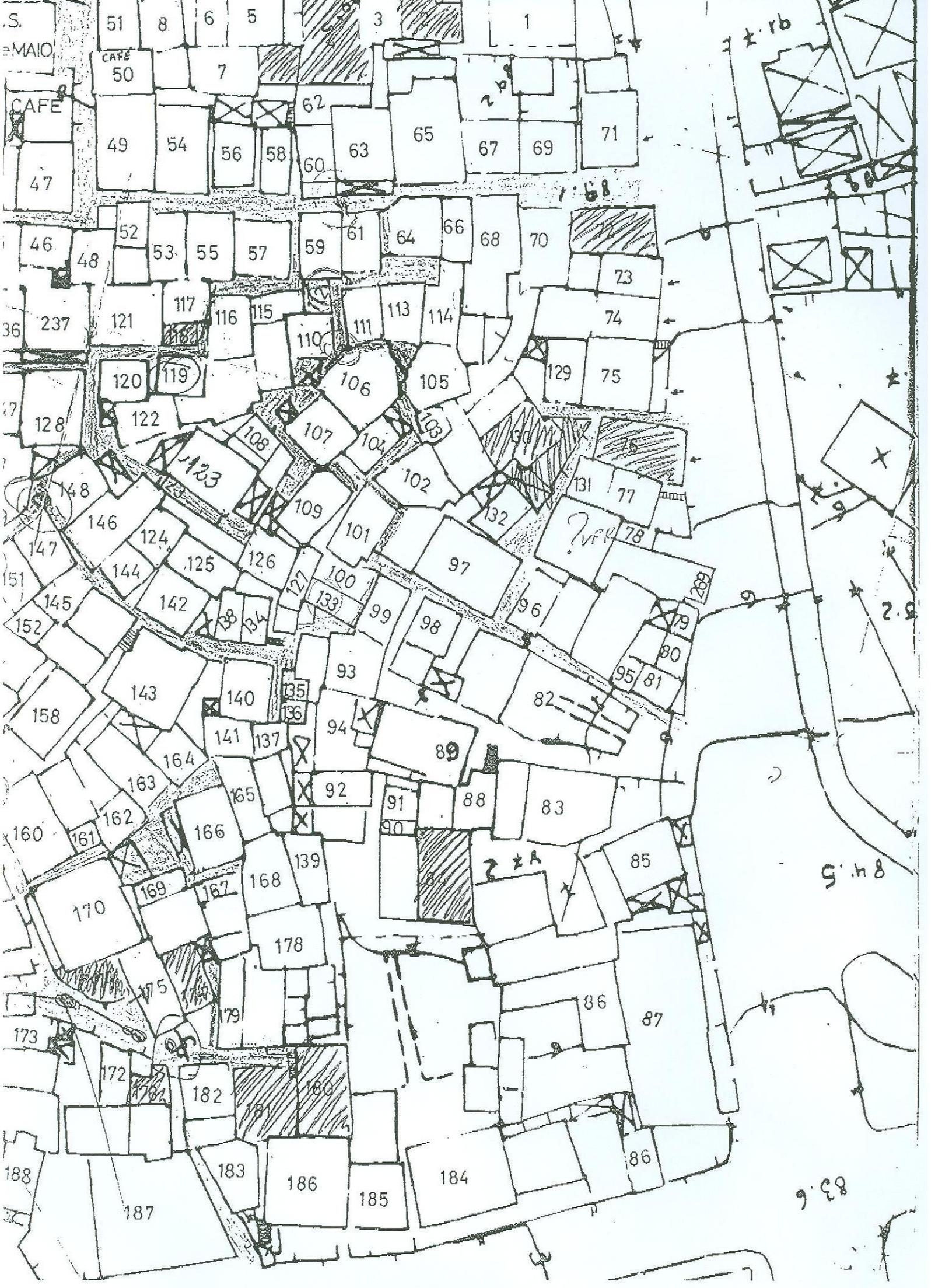
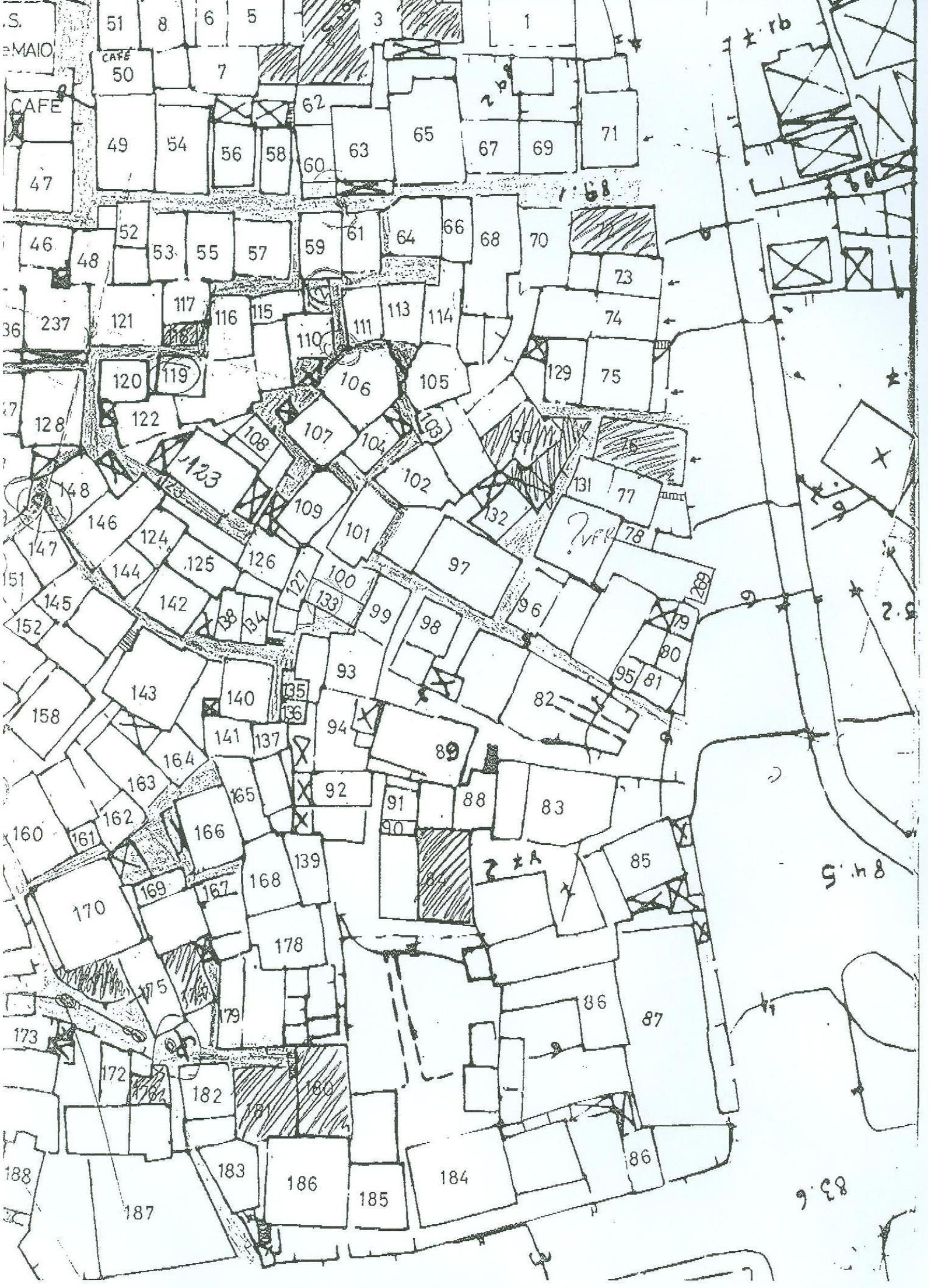
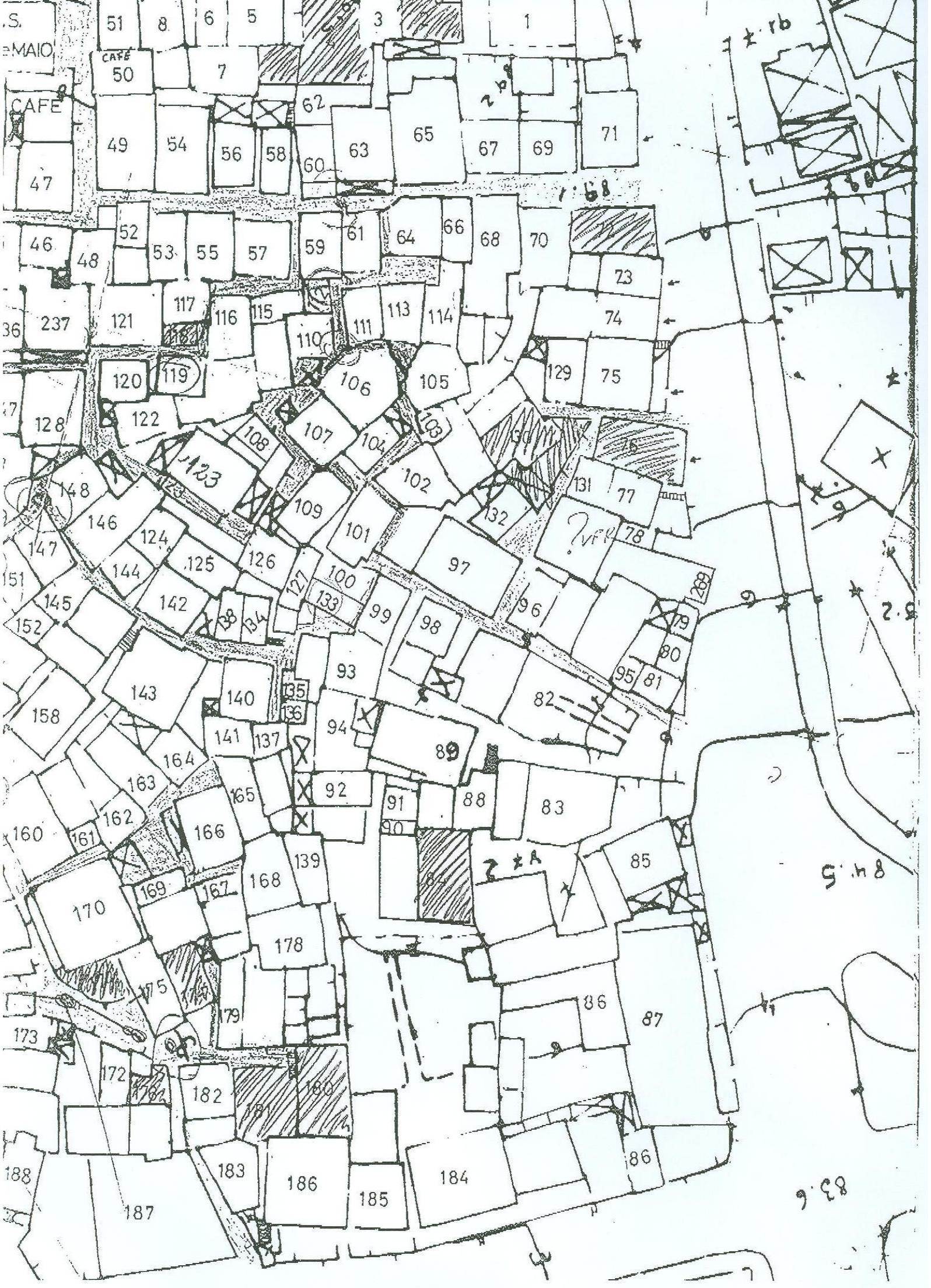
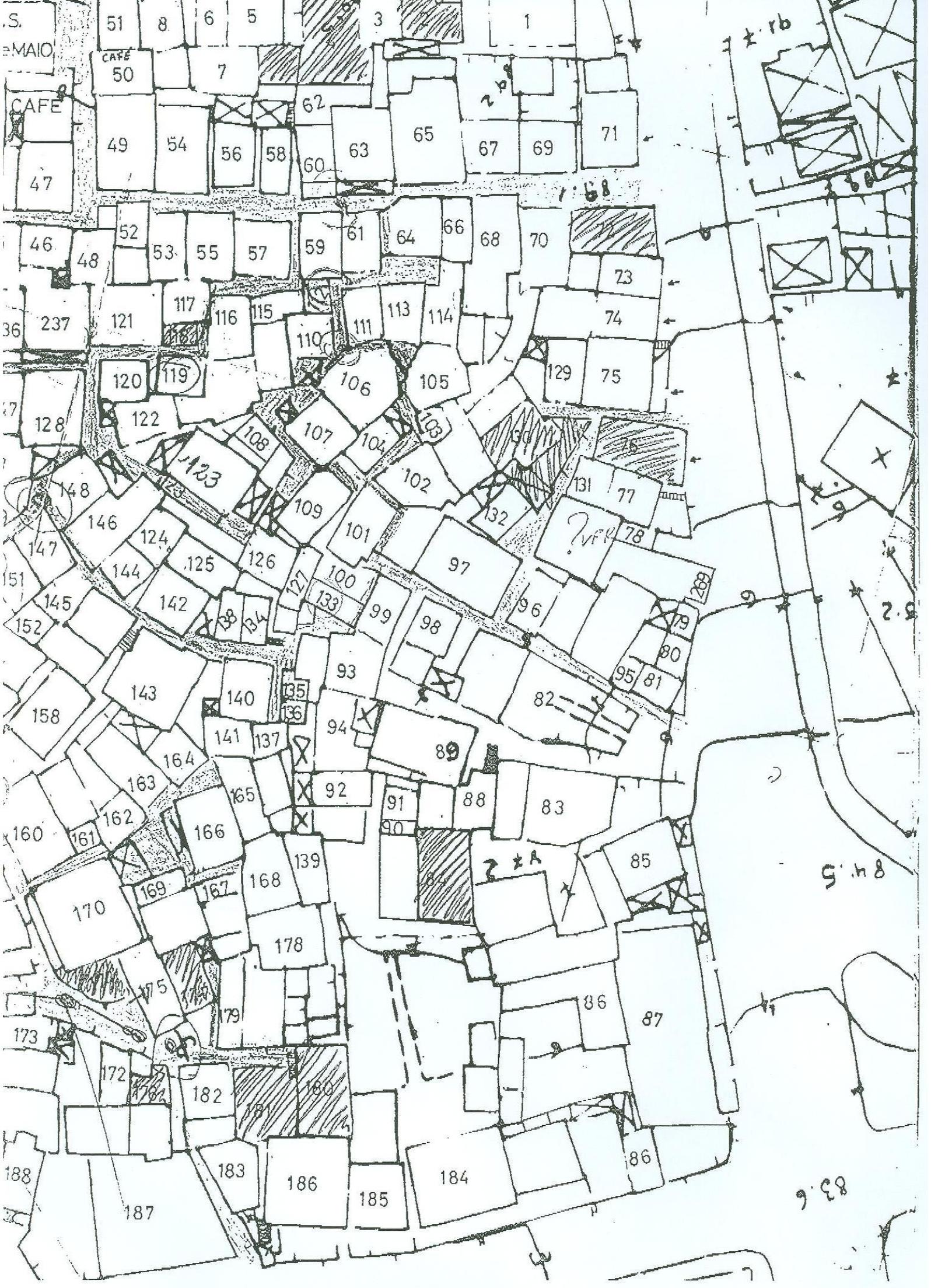
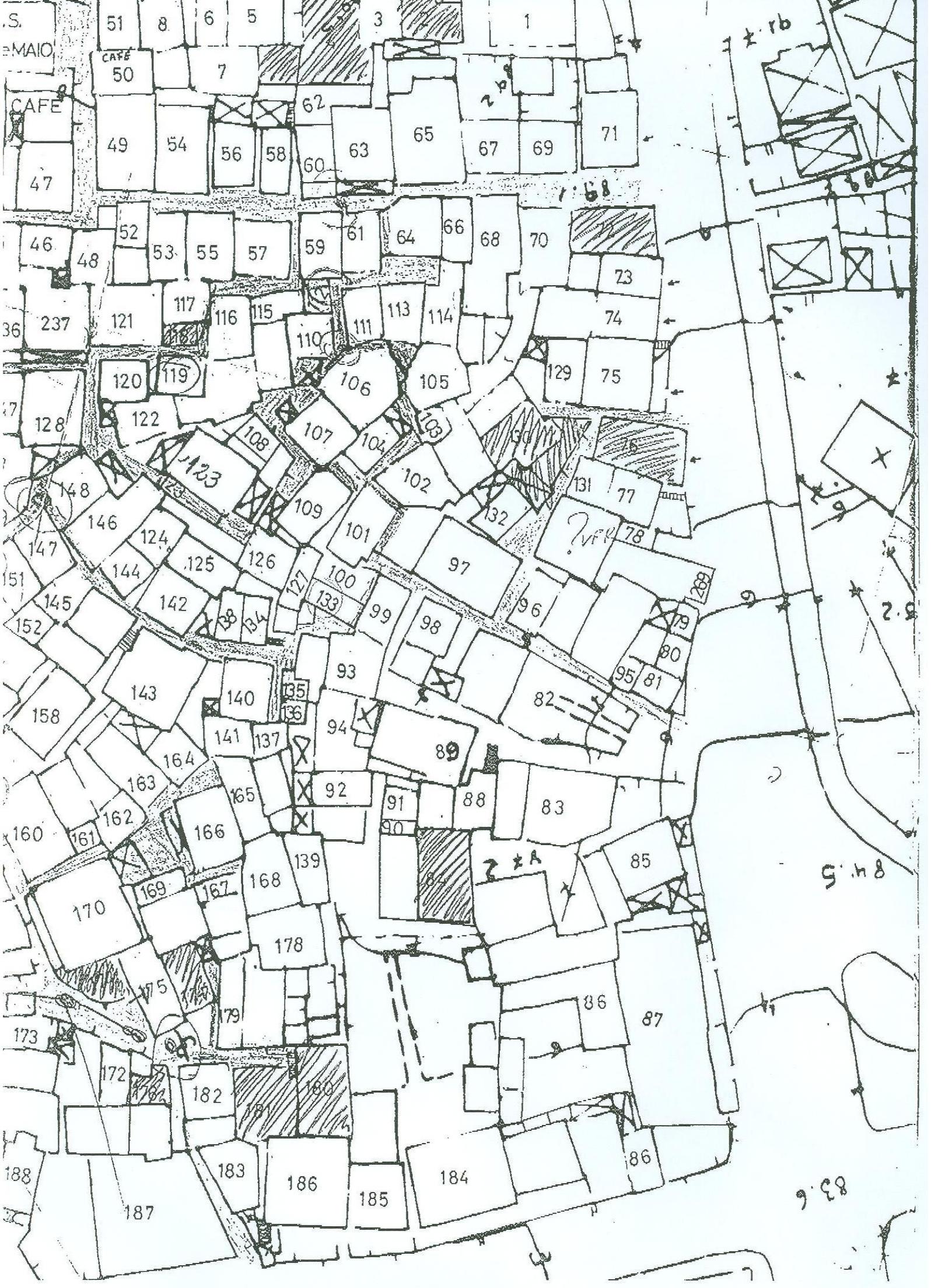
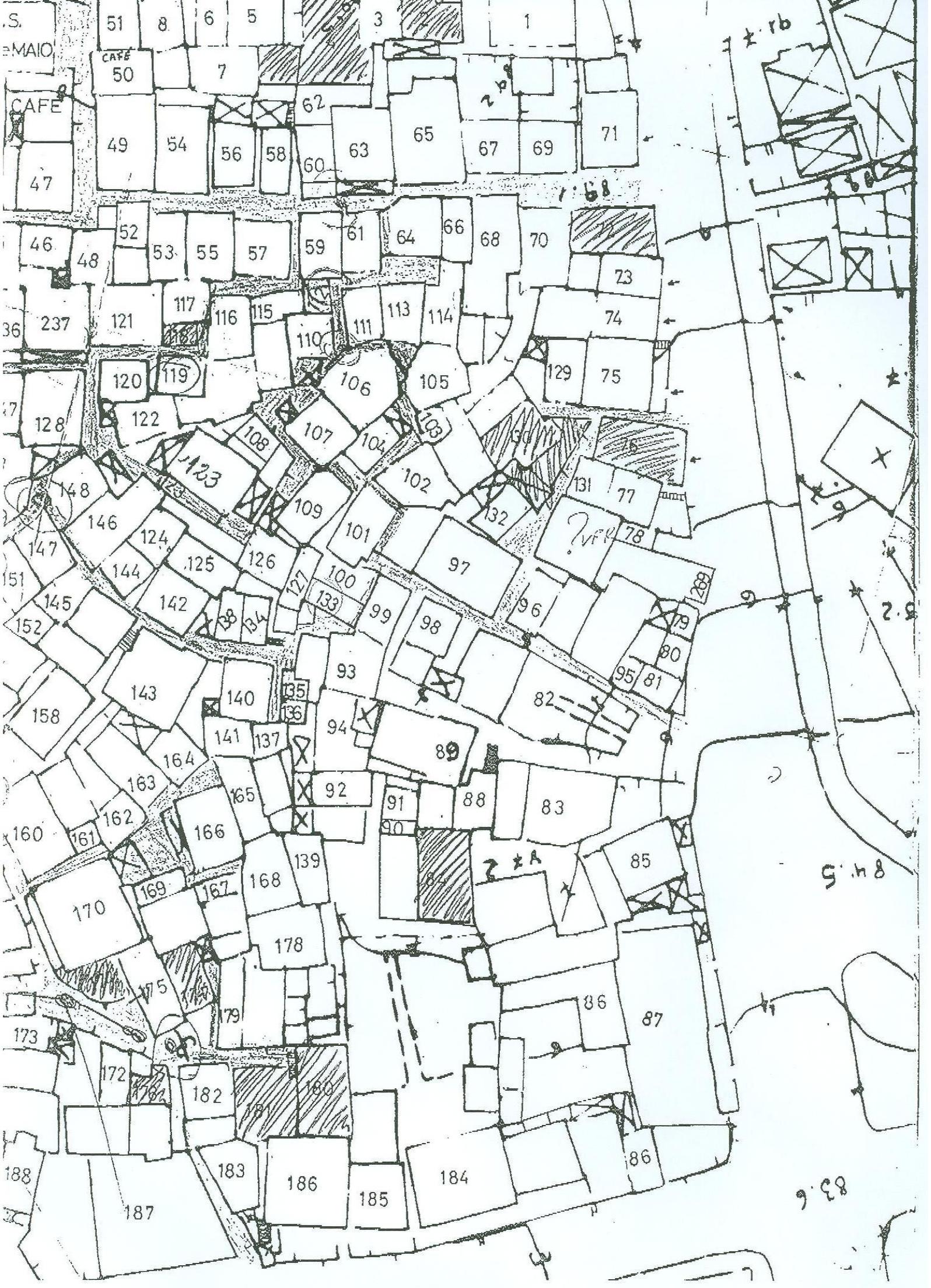
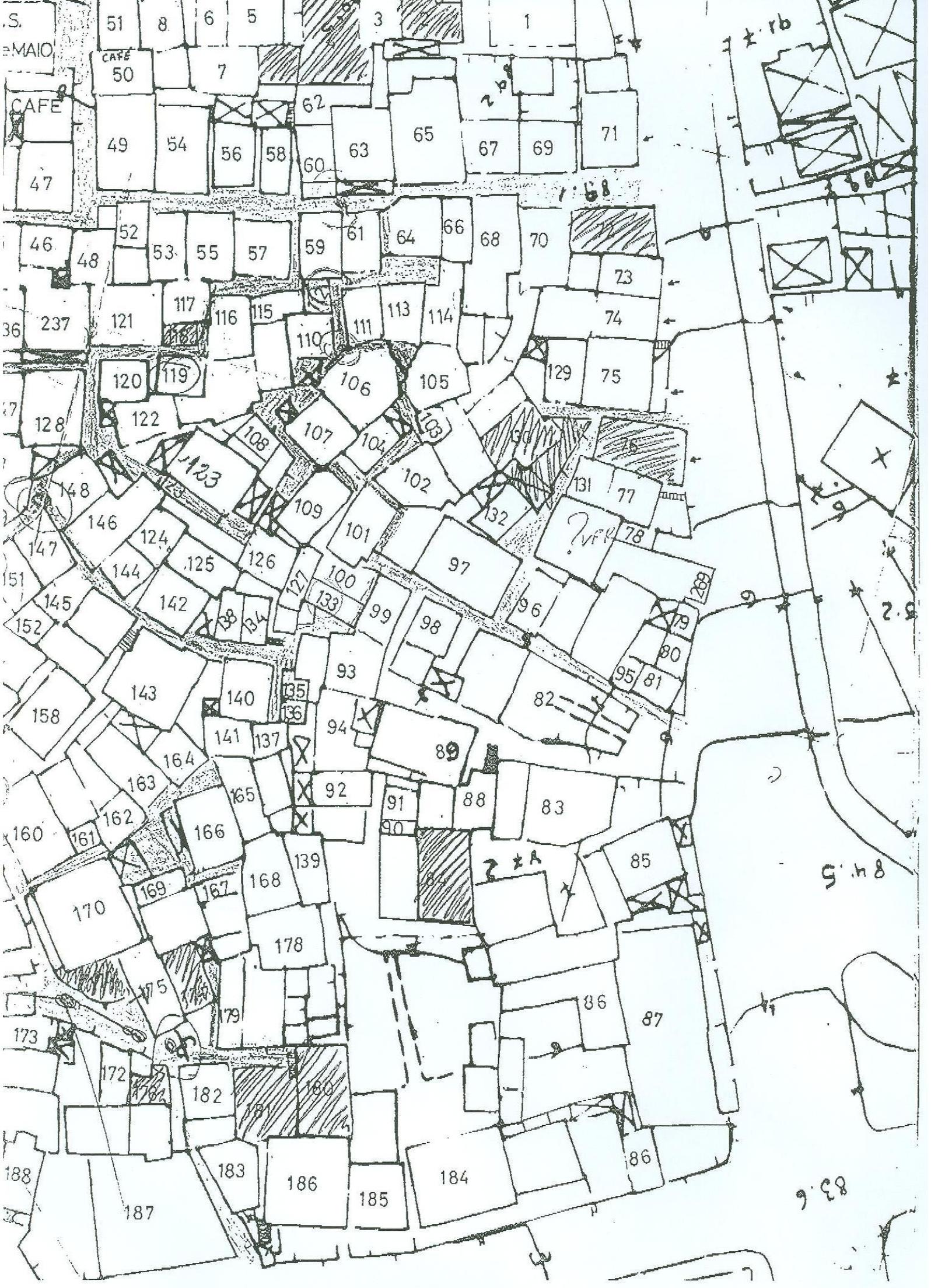
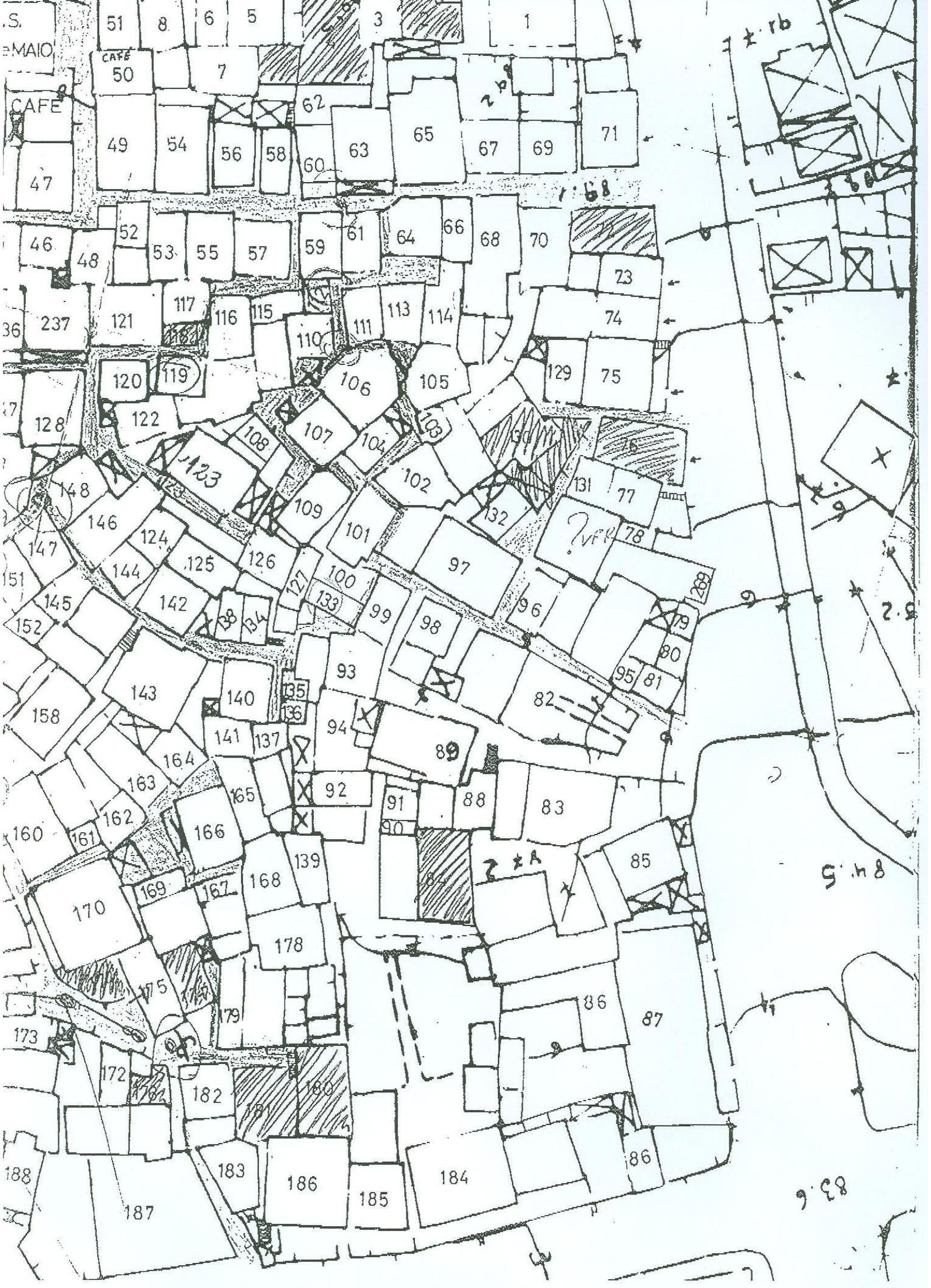
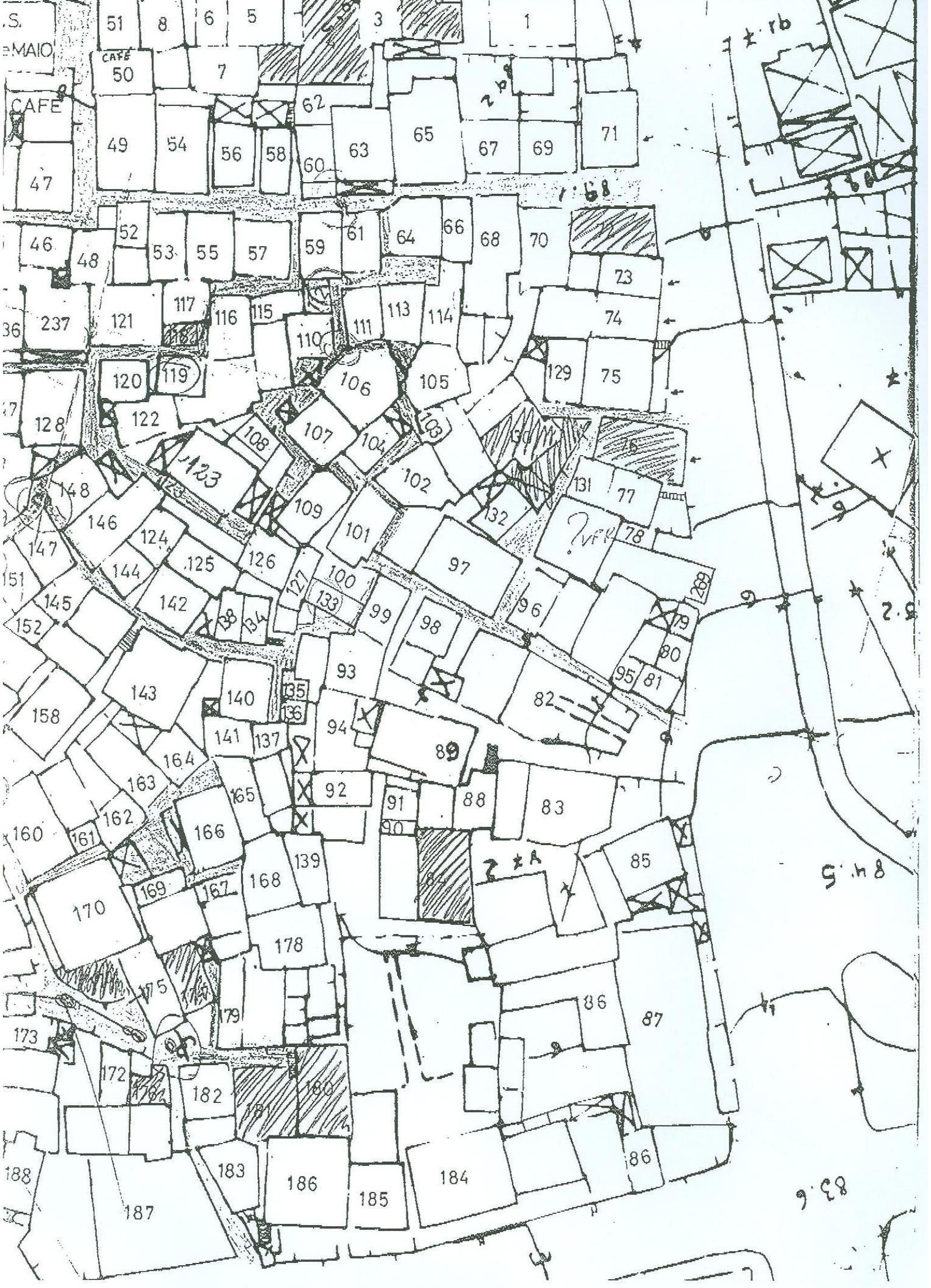
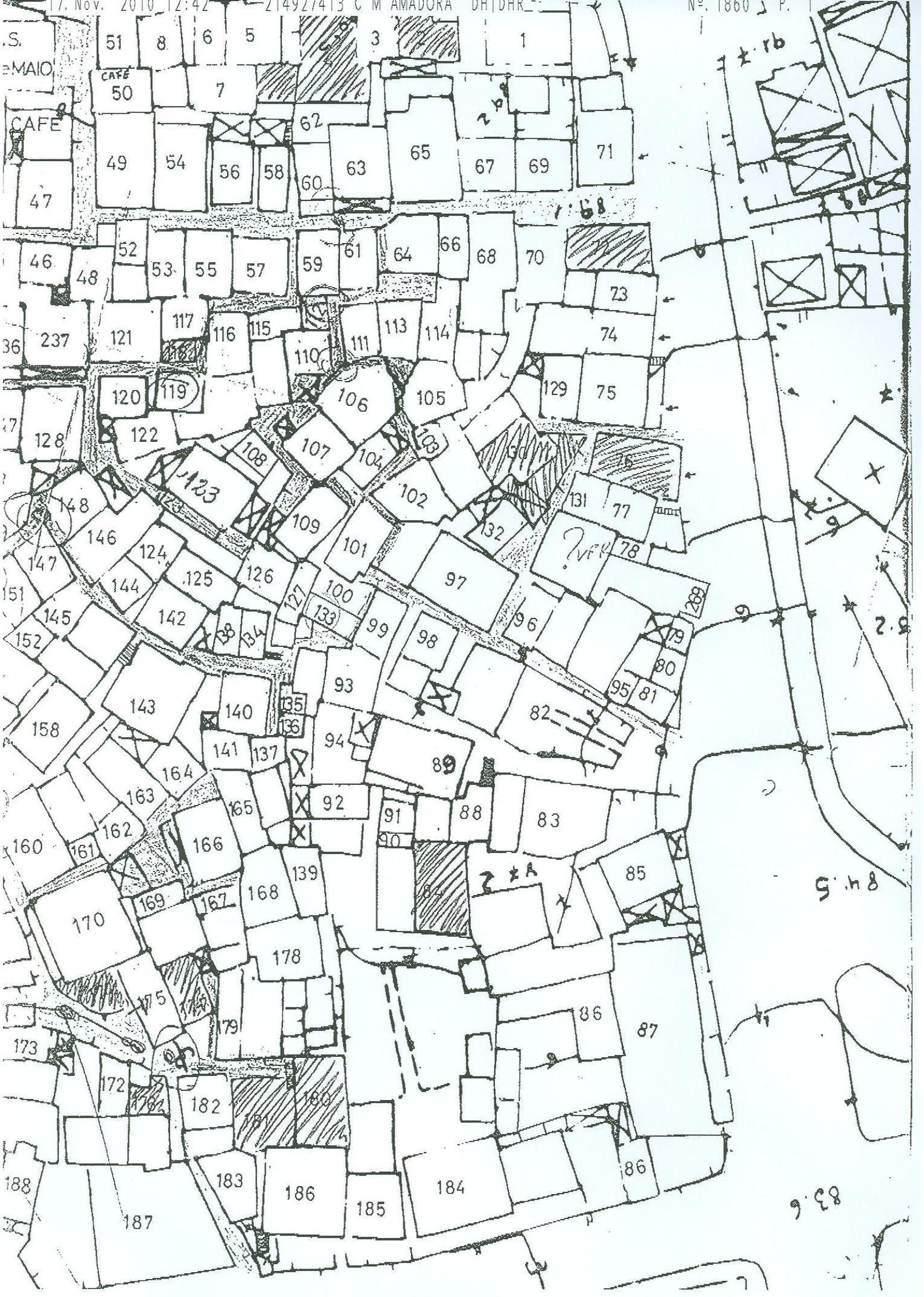
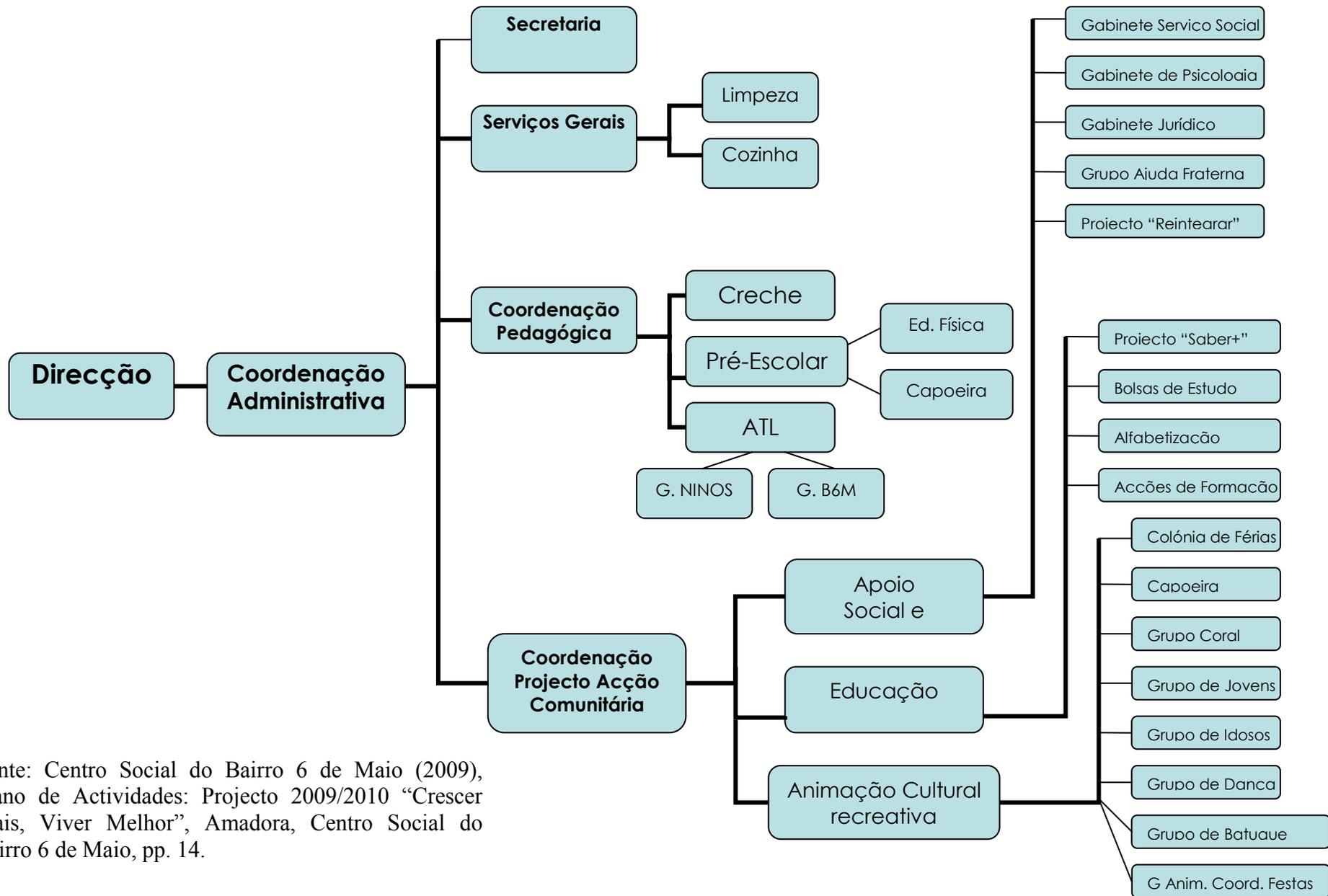


FIG.B.2. ORGANIGRAMA FUNCIONAL DO CENTRO SOCIAL DO BAIRRO 6 DE MAIO



Fonte: Centro Social do Bairro 6 de Maio (2009), Plano de Actividades: Projecto 2009/2010 “Crescer Mais, Viver Melhor”, Amadora, Centro Social do Bairro 6 de Maio, pp. 14.

FIG.B.3. CONVITE PARA A FESTA DO PADROEIRO/INDEPENDÊNCIA DE CABO VERDE

10 "estrelas"

para festejar...

S. Domingos de Gusmão
Padroeiro Bº 6 de Maio
Comunidade União
35 Anos Independência
Cabo Verde Paz Sabura

*Festa do Padroeiro 2010 "S. Domingos de Gusmão" e
 Comemoração dos 35 Anos da Independência de Cabo Verde*

Data | 04 Julho 2010

Programa | 11h00 ■ Celebração Eucarística ■ Igreja da Buraca
 14h00 ■ Almoço Partilhado ■ C. S. B.º 6 de Maio
 16h00 ■ Tarde Cultural ■ C. S. Bairro 6 de Maio

Juízes da Festa | Helena Vicente e José Fernandes

Traga algo para partilhar, alegria e boa disposição!!!

Ainda em junho...
 20/06 - Terço na casa de Niza
 Francisca, Bº Estrela d'África (18h)
 27/06 - Terço no Casa dos Juizes,
 Bº de Maio (18h)

ORGANIZAÇÃO
Centro Social do Bairro de Maio
 Estrada Militar, 48 Venda Nova 2700-588 Amadora
 Tel: 21 476 26 60 • Fax: 21 474 22 71
 csb6maio@gmail.com • csb6maio.eco-gaia.net

COM O APOIO
Embaixada de Cabo Verde
 Av. do Restelo, 33 1449 Lisboa
 Tel: 213 041 440
 www.embcv.pt

Fonte: Cedido pelo Centro Social do Bairro 6 de Maio.

ANEXO C

FOTOGRAFIAS C.1-6. PASSEIO PELO BAIRRO



Fot. C.1.



Fot. C.2.



Fot. C.3.



Fot. C.4.



Fot. C.5.



Fot. C.6

FOTOGRAFIAS C.7. ESPAÇO CULTURAL



Fot. C.7 (Cedida pelo Centro Social do Bairro 6 de Maio)

FOTOGRAFIAS C.8-11. O EXTERIOR DO CENTRO NOVO



Fot. C.8 (Cedida pelo Centro Social do Bairro 6 de Maio)



Fot. C.9 (Cedida pelo Centro Social do Bairro 6 de Maio)



Fot. C.10 (Cedida pelo Centro Social do Bairro 6 de Maio)



Fot. C.11 (Cedida pelo Centro Social do Bairro 6 de Maio)

FOTOGRAFIAS C.12-14. O PÁTIO



Fot. C.12



Fot. C.13



Fot. C.14

FOTOGRAFIAS C.15-17. O INTERIOR DO CENTRO NOVO



Fot. C.15



Fot. C.16



Fot. C.17

FOTOGRAFIAS C.18-21. CAPOEIRA



Fot. C.18



Fot. C.19



Fot. C.20



Fot. C.21

**FOTOGRAFIAS C.22-24.
FEIRA DA ROUPA**



Fot. C.22



Fot. C.23



Fot. C.24

FOTOGRAFIAS C.25-28. TESOUROS DE VIDA



Fot. C.25



Fot. C.26



Fot. C.27



Fot. C.28

FOTOGRAFIAS C.29-30. GRUPO DE MISSÃO



Fot. C.29



Fot. C.30

FOTOGRAFIAS C.31-32. MISSA DOS 50 ANOS DE CONGREGAÇÃO DA IR. ISABEL



Fot. C.31



Fot. C.32

FOTOGRAFIAS C.33-34. DESFILE DE TRAJE AFRICANO



Fot. C.33



Fot. C.34

FOTOGRAFIAS C.35-36. DIA DO BATUQUE



Fot. C.35



Fot. C.36

FOTOGRAFIAS C.37-38. REUNIÃO DO GRUPO DE FESTAS



Fot. C.37



Fot. C.38

FOTOGRAFIAS C.39-42. CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA DA FESTA DO PADROEIRO/ INDEPENDÊNCIA DE CABO VERDE



Fot. C.39



Fot. C.40



Fot. C.41



Fot. C.42

FOTOGRAFIAS C.43-46. ALMOÇO E TARDE CULTURAL DA FESTA DO PADROEIRO/ INDEPENDÊNCIA DE CABO VERDE



Fot. C.43



Fot. C.44



Fot. C.45



Fot. C.46

FOTOGRAFIAS C.47-50. PEREGRINAÇÃO AFRICANA



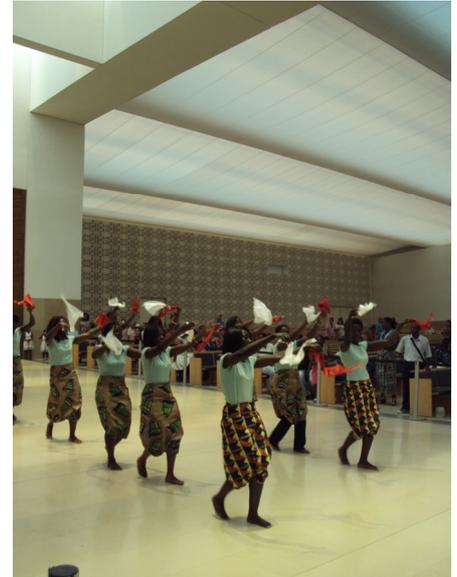
Fot. C.47



Fot. C.48

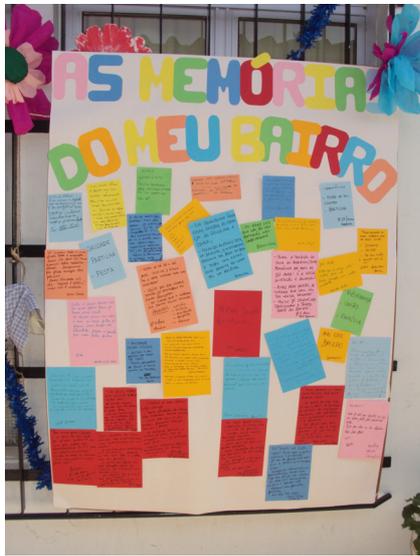


Fot. C.49



Fot. C.50

FOTOGRAFIAS C.51. PLACARD “MEMÓRIAS DO MEU BAIRRO”



Fot. C.51

FOTOGRAFIAS C.52-54. ALMOÇO DO GRUPO DO NUNO



Fot. C.53



Fot. C.52



Fot. C.54